



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**O CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE:  
PRÁTICAS EDUCACIONAIS, CULTURAIS E POLÍTICAS EM CAMPINA  
GRANDE-PB (1945-1964)**

AJANAYR MICHELLY SOBRAL SANTANA

JOÃO PESSOA-PB  
MARÇO DE 2020

AJANAYR MICHELLY SOBRAL SANTANA

**O CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE:  
PRÁTICAS EDUCACIONAIS, CULTURAIS E POLÍTICAS EM CAMPINA  
GRANDE-PB (1945-1964)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (Stricto Sensu), do Centro de Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB como pré-requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado.

JOÃO PESSOA-PB  
MARÇO DE 2020

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S232c SANTANA, AJANAYR MICHELLY SOBRAL.

O Centro Estudantil Campinense: práticas  
educacionais, culturais e políticas em Campina Grande-PB  
(1945-1964) / Ajanayr Michelly Sobral Santana. - João  
Pessoa, 2020.

233 f. : il.

Orientação: Charliton José dos Santos Machado.  
Tese (Doutorado) - UFPB/De Educação.

1. CEC; Movimento estudantil; imprensa; memória. I.  
Machado, Charliton José dos Santos. II. Título.

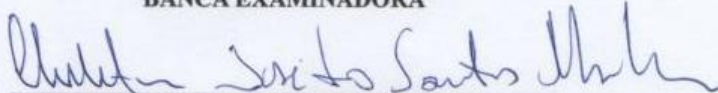
UFPB/BC

AJANAYR MICHELLY SOBRAL SANTANA

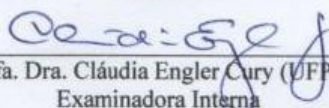
**O CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE:  
PRÁTICAS EDUCACIONAIS, CULTURAIS E POLÍTICAS EM CAMPINA  
GRANDE/PB (1945-1964)**

Tese avaliada em: 23/03/2020

**BANCA EXAMINADORA**



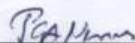
Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado (UFPB)  
Orientador



Profa. Dra. Cláudia Engler Cury (UFPB)  
Examinadora Interna



Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes (UFPB)  
Examinadora Interna



Prof. Dr. Paulo Giovanni Antonino Nunes (UFPB)  
Examinador Externo

Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva (UEPB)  
Examinador Externo

Prof. Dra. Keila Andrade Haiashida (UECE)  
Examinadora Externa

Prof. Dr. Jean Carlo de Carvalho Costa (UFPB)  
Suplente Interno

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (UFCEG)  
Suplente Externo

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho é dedicado à minha mãe, Maria do Carmo Sobral da Silva, pelo exemplo de mulher guerreira, corajosa e valente, e pela paciência, companheirismo, dedicação, amor e confiança. E à minha família, que sempre torceu por mim: Vitória, Amanda, Victor, Arlan e Arthur.

Às minhas filhas peludas, Capitu, Antonieta, Flor e Berta (*in memoriam*), por estarem comigo, dormindo, ronronando e miando, tornando a escrita mais leve.

Ao meu orientador-amigo, Charliton José dos Santos Machado, pelas conversas, risadas, cafés, viagens, orientações dedicadas e incentivos na escrita, e por transformar minha pós-graduação em momentos de alegrias e por deixar esse percurso mais leve.

Aos professores, Paulo Giovani Antonino Nunes, Cláudia Cury, Maria Lúcia Nunes, Keila Haiashida e Ramsés Nunes por aceitaram participar da banca e pelas contribuições neste trabalho.

Aos meus professores e professoras do PPGE: Claudia Cury, Antônio Carlos, Lúcia, Zuleide, Severino, Elizete, Fabiana Sena.

À nossa turma “não é só mais um grupo”, Marília, Raissa, Luís, Rose e Karlinha, pelos maravilhosos momentos que compartilhamos durante os primeiros anos da pós, com risadas, conversas, motivações, cafés e espetos de asinhas de frango no Beíçolas.

A Natan, Elis, Tiago e Cenyra, por transformar finais de semanas de estudos em momentos mais leves, com risadas, vinhos, queijos e mordidinhas de Dila.

Às minhas amigas, Paula, Leninha e Dani, por estarem comigo nos últimos anos, nas horas boas e ruins, sempre pacientes e conselheiras, na certeza de que não estamos sozinhas nesse mundo.

E aos demais amigos e amigas que me arrancaram de casa sempre nas horas de angústia, solidão e “sufoco”: Mayara, Livia, Ediclésia, Dayana Lacet, Shirley Targino, Bruna Gomes, Liélia, Thomas Bruno, Bruno Gaudêncio, Cibele, Alcione e Diego, Jessica, Jhébica, Luís e Dunfley, Heloísa.

E um agradecimento muito especial aos/às ex-centristas Auxiliadora Bezerra Borba, Valda Freire, Josué Sylvestre, José Lucas Filha, Agnelo Amorim, José Moraes Lucas, Juarez Farias, Evaldo Gonçalves e Derly Pereira, que me concederam as entrevistas, pela disponibilidade e atenção com a pesquisa ao abriram a porta das suas casas e escritórios e me contarem suas histórias estudantis.

## RESUMO

Este estudo objetiva investigar as atuações dos/as centristas a partir das suas práticas educacionais, culturais e políticas nas representações de lideranças estudantis no espaço do Centro Estudantil Campinense (CEC), e da formação da juventude campinense com base em discursos sobre ser a referida entidade uma escola de formação extraescolar. Perscrutamos as atividades e lutas dos/as centristas na cidade de Campina Grande-PB entre os anos de 1945 a 1964, apropriada como lugar para o desenvolvimento de suas práticas: eleições, enfrentamentos e aproximações com políticos e órgãos públicos e privados, e as lutas em defesa da educação. Para tanto, analisamos como fonte e objeto de pesquisa o jornal *Formação*, periódico oficial do CEC, e outros jornais que circularam na cidade neste período, que trouxeram notícias sobre os acontecimentos do movimento estudantil campinense e que foram apoderados pelos/as centristas, através, principalmente, das colunas estudantis. Para tanto, nos valem de concepções teóricas e metodológicas da história oral (NORA, 1993; HALBWACHS, 1990; GAGNEBIN, 2009; BOSI, 1994), da história política (SIRINELLI, 2003; HEINZ, 2006; GONTIJO, 2005; MOTTA, 2009) e do método prosopográfico (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013; CHARLE, 2006) através de entrevistas dos/as ex-centristas, de pesquisas bibliográficas, iconográficas (BURKE, 2004), jornalísticas (CAPELATO, 1988; ARAÚJO, 1986) e escritas de si (GOMES, 2004). Conclui-se que, ao problematizarmos as discussões dos/as centristas acerca dos debates em defesa das causas educacionais, os/as mesmos/as estiveram inseridos/as em uma cultura política em que as elites, os intelectuais engajados e os próprios estudantes criaram espaços de sociabilidades destinados à escrita e à leitura, como os clubes literários, os jornais e os grêmios estudantis, com discussões problematizadoras e literárias para criar a ideia de uma cidade politizada e em desenvolvimento através das letras. Desta maneira, para além da criação e organização do jornal *Formação* como um órgão noticioso das ações centristas, divulgação de princípios e ideologias e espaço para as celebrações de aniversários de fundação do CEC, foi também transformado em um lugar de memória para lembrar e enaltecer nomes dos que fizeram parte como sujeitos monumentos. Para que esses fossem possíveis, o CEC foi motivado para ser um espaço de formação intelectual e política da juventude, e que desenvolveu lutas em favor dos estudantes e poder de influência junto à sociedade campinense, mediante o comprometimento com os problemas pelos quais a cidade passou. Destacou-se, por fim, as biografemas de alguns meninos-homens que tiveram atuações relevantes no CEC, por meio das memórias que foram construídas para os centristas, nas entrevistas e na imprensa, onde foram tecidas as imagens de líderes homens estudantis que propiciaram suas ascensões na política paraibana posterior às suas formações nessa entidade estudantil, em que os discursos ampliaram a percepção de lugar de memória para a constituição de lideranças centristas por meio da ideia de ser o CEC uma escola de líderes.

**Palavras-chave:** Centro Estudantil Campinense; Movimento Estudantil; Imprensa; Memória.

## RESUMÉ

Cette étude vise à enquêter sur les actions des centristes à partir de leurs pratiques éducatives, culturelles et politiques dans les représentations des leaders étudiants dans l'espace de le Centro Estudantal Campinense (CEC), et la formation de la jeunesse de campinense basée sur des discours sur le fait d'être l'entité référée une école de formation extra-scolaire. Nous avons examiné les activités et les luttes des centristes dans la ville de Campina Grande-PB entre les années 1945 à 1964, appropriées comme lieu pour le développement de leurs pratiques: élections, confrontations et approches avec les politiciens et les organismes publics et privés, et les luttes pour la défense de l'éducation. À cette fin, nous avons analysé comme source et objet de recherche le journal *Formação*, le journal officiel de la CEC et d'autres journaux qui ont circulé dans la ville pendant cette période, qui ont apporté des informations sur les événements du mouvement étudiant campinense et qui ont été saisis par les centristes, à travers, principalement des colonnes des étudiants. Pour cela, nous utilisons des conceptions théoriques et méthodologiques de l'histoire orale (NORA, 1993; HALBWACHS, 1990; GAGNEBIN, 2009; BOSI, 1994); de l'histoire politique (SIRINELLI, 2003; HEINZ, 2006; GONTIJO, 2005; MOTTA, 2009); SIRINELLI, 2003; HEINZ, 2006; GONTIJO, 2005; MOTTA, 2009); et la méthode prosopographique (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013; CHARLE, 2006); à travers des entretiens avec d'anciens centristes, des recherches bibliographiques et iconographiques (BURKE, 2004) journalistique (CAPELATO, 1988; ARAÚJO, 1986); et écrit par vous (GOMES, 2004). On en conclut qu'en problématisant les discussions des centristes sur les débats de défense des causes éducatives, ils s'insèrent dans une culture politique où les élites, les intellectuels engagés et les étudiants eux-mêmes créent des espaces sociabilité visant l'écriture et la lecture, comme les clubs littéraires, les journaux et les syndicats étudiants, avec des discussions problématiques et littéraires pour créer l'idée d'une ville politisée et en développement à travers les lettres. De cette façon, en plus de la création et de l'organisation du journal *Formação* en tant qu'agence de presse pour les actions centristes, la diffusion des principes et des idéologies et un espace pour les célébrations des anniversaires fondateurs de la CEC, il a également été transformé en un lieu de mémoire pour se souvenir et améliorer les noms de ceux qui ont participé en tant que monuments soumis. Pour que cela soit possible, la CEC était motivée à être un espace de formation intellectuelle et politique pour les jeunes, et elle a développé des luttes en faveur des étudiants et un pouvoir d'influence avec la société de campinense, par son engagement envers les problèmes que la ville a traversés. Enfin, les biographies de certains garçons-hommes qui ont eu des performances pertinentes à la CEC se sont démarquées, à travers les souvenirs qui ont été construits pour les centristes, dans les interviews et dans la presse, où les images des leaders étudiants qui ont favorisé leur ascension ont été faites dans la politique de Paraíba après sa formation dans cette entité étudiante, dans laquelle les discours ont élargi la perception d'un lieu de mémoire pour la constitution de dirigeants centristes à travers l'idée de la CEC comme une école de dirigeants.

**Mots-clés:** Centro Estudantal Campinense; Mouvement Etudiant; Presse; Mémoire.

## RESUMEM

Este estudio tiene como objetivo investigar el desempeño de los centristas a partir de sus prácticas educativas, culturales y políticas en las representaciones de líderes estudiantiles en el espacio de le Centro Estudantal Campinense – CEC –, y la formación de la juventud de campinenses en base a discursos sobre ser la entidad referida una escuela de entrenamiento extraescolar. Examinamos las actividades y luchas de los centristas en la ciudad de Campina Grande-PB entre los años 1945 a 1964, apropiadas como lugar para el desarrollo de sus prácticas: elecciones, confrontaciones y enfoques con políticos y organismos públicos y privados, y las luchas en defensa de la educación. Con este fin, analizamos como fuente y objeto de investigación el periódico de *Formação*, el diario oficial de la CEC y otros periódicos que circularon en la ciudad durante este período, que trajeron noticias sobre los eventos del movimiento estudiantil campinense y que fueron incautados por los centristas, a través de, principalmente de columnas de estudiantes. Para esto, utilizamos concepciones teóricas y metodológicas de la historia oral (NORA, 1993; HALBWACHS, 1990; GAGNEBIN, 2009; BOSI, 1994), de la historia política (SIRINELLI, 2003; HEINZ, 2006; GONTIJO, 2005; MOTTA, 2009 ); y el método prosopográfico (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013; CHARLE, 2006); a través de entrevistas a ex-centristas, bibliográficos, icnográficos (BURKE, 2004), periodísticos (CAPELATO, 1988; ARAÚJO, 1986) y escritos por ellos mismos (GOMES, 2004). Se concluye que, al problematizar las discusiones de los centristas sobre los debates en defensa de las causas educativas, se insertaron en una cultura política en la que las élites, los intelectuales comprometidos y los propios estudiantes crearon espacios, la sociabilidad dirigida a la escritura y la lectura, como clubes literarios, periódicos y sindicatos de estudiantes, con debates problemáticos y literarios para crear la idea de una ciudad politizada y en desarrollo a través de las cartas. De esta manera, además de la creación y organización del periódico *Formação* como agencia de noticias para acciones centristas, difusión de principios e ideologías y espacio para las celebraciones de los cumpleaños fundacionales del CEC, también se transformó en un lugar de memoria para recordar y mejorar los nombres, de los que participaron como monumentos temáticos. Para que esto sea posible, el CEC fue motivado para ser un espacio de capacitación intelectual y política para la juventud, y desarrolló luchas a favor de los estudiantes y el poder de influencia con la sociedad de campinenses, a través del compromiso con los problemas que atravesó la ciudad. Finalmente, se resaltaron las biografías de algunos muchachos que tuvieron actuaciones relevantes en CEC, a través de los recuerdos que se construyeron para los centristas, en las entrevistas y en la prensa, donde se hicieron las imágenes de los líderes estudiantiles que propiciaron su ascensión en la política de Paraíba después de su formación en esa entidad estudiantil, en la cual los discursos ampliaron la percepción de un lugar de memoria para la constitución de líderes centristas a través de la idea de que el CEC fuera una escuela de líderes.

**Palabras-llave:** Centro Estudantal Campinense; Movimiento estudiantil; Prensa; Memoria.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CEC** – Centro Estudantal Campinense

**CEC/CE** – Centro Estudantal Cearense

**CED** – Centro de Estudos e Debates

**DIP** – Departamento de Imprensa e Propaganda

**GLMA** – Grêmio Literário Machado de Assis

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases

**PSD** – Partido Social Democrático

**TCE** – Tribunal de Contas do Estado

**UDN** – União Democrática Nacional

**UFPB** – Universidade Federal da Paraíba

**UNE** – União Nacional dos Estudantes

**URNE** – Universidade Regional do Nordeste

## LISTA DE IMAGENS

|                                                                                                                                                                                                                                                           |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Imagem 01</b> – Jornal do Estudante, mar. 1954. ....                                                                                                                                                                                                   | 94  |
| <b>Imagem 02</b> – Matéria <i>Quadro de Honra</i> – Admilson Villarin.....                                                                                                                                                                                | 112 |
| <b>Imagem 03</b> – Matéria <i>Quadro de Honra</i> – Fernando Cunha Lima .....                                                                                                                                                                             | 113 |
| <b>Imagem 04</b> – Matéria <i>Errados...</i> – José Araújo.....                                                                                                                                                                                           | 116 |
| <b>Imagens 05 e 06</b> – Greve dos Estudantes campinenses: Raymundo Asfora e Félix Araújo .....                                                                                                                                                           | 116 |
| <b>Imagem 07</b> – Assinatura para a construção da Casa do Estudante.....                                                                                                                                                                                 | 118 |
| <b>Imagem 08</b> – Homenagem ao CEC .....                                                                                                                                                                                                                 | 121 |
| <b>Imagem 09</b> – Decreto nº 158/1950 autorizado pelo Prefeito Elpídio de Almeida concedendo verbas aos centristas: “custeio das despesas da Delegação do Centro Estudantal Campinense ao Congresso Nacional de Estudantes realizado em São Paulo” ..... | 133 |
| <b>Imagem 10</b> – Decreto nº 109/1949 autorizado pelo Prefeito Elpídio de Almeida concedendo verbas aos centristas: “Aumento da subvenção concedida ao Centro Estudantal Campinense” .....                                                               | 134 |
| <b>Imagem 11</b> – Histórico das atividades da viagem ao Rio de Janeiro-RJ .....                                                                                                                                                                          | 144 |
| <b>Imagem 12</b> – Decreto nº 118/1949 regulamentando a concessão de bolsas de estudo, na gestão do prefeito Elpídio de Almeida .....                                                                                                                     | 156 |
| <b>Imagem 13</b> – (Continuação) Decreto nº 118/1949 regulamentando a concessão de bolsas de estudo, na gestão do prefeito Elpídio de Almeida .....                                                                                                       | 157 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                      |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1 TRAJETÓRIAS DA PESQUISA ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS SOBRE O CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE .....</b>                     | <b>12</b>  |
| <b>2 CAMPINA GRANDE: DISCURSO DE CIDADE POLITIZADA .....</b>                                                         | <b>43</b>  |
| 2.1 O ensino secundário e a construção de projetos para a educação .....                                             | 43         |
| 2.2 Espaços de debates estudantis: discursos educacionais e culturais .....                                          | 68         |
| <b>3 O JORNAL <i>FORMAÇÃO</i> COMO ESPAÇO DE MEMÓRIAS .....</b>                                                      | <b>90</b>  |
| 3.1 Jornal <i>Formação</i> como espaço de formação estudantil pelas escritas jornalísticas .                         | 90         |
| 3.2 As imagens fotográficas como espaços de memórias .....                                                           | 111        |
| <b>4 HISTÓRIAS DE LUTAS, MEMÓRIAS ESTUDANTIS.....</b>                                                                | <b>126</b> |
| 4.1 Entre amizades e “alianças”: os centristas e suas práticas de aproximação com o poder público-privado local..... | 126        |
| 4.2 A favor da educação, contra Plínio Lemos: os enfrentamentos políticos dos centristas .....                       | 154        |
| <b>5 A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE CAMPINENSE: UM ESTUDO PROSOPOGRÁFICO .....</b>                                          | <b>172</b> |
| 5.1 A construção discursiva do espaço do Centro Estudantal Campinense: diálogos com uma educação extraescolar .....  | 172        |
| 5.2 Os líderes estudantis: um estudo prosopográfico .....                                                            | 190        |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                   | <b>204</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                              | <b>210</b> |
| <b>FONTES.....</b>                                                                                                   | <b>217</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>                                                                                                   | <b>219</b> |

## 1 TRAJETÓRIAS DA PESQUISA ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS SOBRE O CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE

### *Porque devemos pertencer ao Centro Estudantal Campinense*

- Algumas perguntas, por estarem divorciadas dos líderes da classe, e outras por ingenuidade – é comum entre os menores – para que serve o CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE ou quais suas finalidades. Fundado em 6 de outubro de 1935, por uma turma de jovens idealista, o CEC, desde os seus primórdios tem defendido intransigentemente os direitos da classe estudantil. E isto não é tudo. Há outras vantagens que oferece, o Centro, previsto em seus Estatutos. Nossa agremiação sempre estimulou a cultura no seio da juventude, promovendo conferências e dando aos jovens oportunidades de demonstrarem seus conhecimentos e sua evolução intelectual, através da expressão do seu pensamento, das suas ideias [...].

Na assembleia reside o poder máximo da entidade. Seus membros já proporcionaram momentos inesquecíveis que honraram a gloriosa trajetória do Centro Estudantal Campinense [...] Conterrâneos ilustres, advogados, professores, médicos, guarda-livros, comerciantes, etc..., ontem integrantes, nos dias da juventude, as fileiras do CEC. Escrevi depois sobre o eficiente desempenho desses primeiros centristas, cuja inolvidável dedicação serve de estímulo a todos nós que conduzimos a facha do Ideal que eles nos entregaram.

Mostrei a razão de ser do CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE, sua utilidade e sua atuação. Sei que omiti algumas cousas. Impossível caber tudo nas linhas de um artigo. Mas, terminando quero dizer que, acima de tudo, a agremiação da nossa classe é uma escola. Uma escola sim, formadora de caráter pregadora de civismo, ajudando a preparar os homens de amanhã, servindo à coletividade. Todo estudante deve pertencer ao CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE (FORMAÇÃO, dez. 1950, ano 15, n. 01, p. 02)<sup>1</sup>.

Ao considerar “estranho” um jovem fazer tal pergunta do por que pertencer ao Centro Estudantal Campinense – CEC –, os editores do jornal *Formação* (jornal oficial desta entidade estudantil) inseridos em discursos sobre “união”, “pertencimento” e ideais de “civismo”, marcaram os significados identitários dos centristas que conduziram o movimento de estudantes secundaristas, meninos e meninas na faixa etária entre 14 e 18 anos aproximadamente, na cidade de Campina Grande-PB<sup>2</sup> entre as décadas de 1930 a 1960.

<sup>1</sup> Alguns dos jornais pesquisados não mencionam a data exata da publicação, mas apresentam o ano e número.

<sup>2</sup> Cidade situada na região do Planalto da Borborema, interior da Paraíba, a 134 km da capital do estado, João Pessoa.

Fundado em 06 de outubro de 1935, sua criação foi inspirada através das ideias trazidas por uma turma de alunos/as concluintes do Colégio Alfredo Dantas que em visita à cidade de Fortaleza-CE no mesmo ano, em uma missão de cultura e cordialidade<sup>3</sup>, conheceram uma entidade estudantil, o Centro Estudantil Cearense – CEC-CE<sup>4</sup> –, que incentivou estudantes campinenses a fundarem uma organização estudantil politizada inspirada nas ideias dessa entidade.

Questionado o senhor Josué Sylvestre do por que do termo *Estudantal* em vez de *Estudantil*, o mesmo nos contou que, por ter sido fundado no período da Era Vargas, década de 1930, aquele termo teria sido substituído por esse numa forma de “burlar as amarras desse governo e poder ser registrada como uma organização legítima e reconhecida” (Josué Sylvestre, entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013), já que muitas das manifestações estudantis foram consideradas como pertencentes à “esquerda radical”<sup>5</sup>. Contudo, esses dois termos são relativos a estudantes e que, portanto, ao fundarem o CEC, os centristas colocaram o nome desta entidade estudantil semelhante ao do CEC-CE, que justificaram essa escolha na tentativa de se “diferenciarem” de alguns movimentos estudantis atuantes naquele contexto. Para isso, os centristas campinenses seguiram a mesma linha de objetivos para a fundação do CEC.

Esses/as integrantes, dentre os 21 representantes escolhidos/as nas eleições estudantis a cada um ano para exercer as funções nas diretorias (a exemplo da diretoria cultural, esportiva e jornalística), secretarias e tesoureiros, vice-presidente ou presidente, eram chamados/as de *centristas*<sup>6</sup>, termo usado para se referir a todos/as aqueles/as estudantes que ingressaram no CEC como sócios/as efetivos/as. Para tanto, compreendemos que a identidade centrista serviu como nexos para caracterizá-los/as e diferenciá-los/as de outros/as estudantes,

---

<sup>3</sup> Foi prática comum, na década de 1930, turmas de concluintes secundaristas dos colégios privados da cidade de Campina Grande “saírem” para comemorar em outras cidades, em uma forma de socialização com outros estudantes. Assim, os/as que foram para essas viagens, “rapazes e moças, deu muito casamento e esse pessoal foi para o Ceará, nesse ano de 1935” (Josué Sylvestre, entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013).

<sup>4</sup> O Centro Estudantil Cearense foi fundado em 11 de agosto de 1931, na cidade de Fortaleza-CE, integrando tanto estudantes secundaristas quanto universitários. Foi inspirada em outra entidade, a Casa do Estudante do Brasil, fundada em 13 de agosto de 1929 no Rio de Janeiro. Nas pesquisas sobre CEC-CE encontramos questões sobre a colaboração político-partidária desta entidade com políticos locais, em que seus participantes elegeram e se elegeram vereadores e deputados na década de 1930/1940. Como uma entidade estudantil, recebeu auxílio junto com outras instituições do Estado do Ceará. Também foi construída a Casa do Estudante Pobre, fundada pelo CEC/CE em 1933. Cf.: <<http://www.uece.br/mahis/dmdocuments/capituloaltermar.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

<sup>5</sup> Sobre as correntes políticas e ideológicas dessa entidade estudantil e suas aproximações e distanciamentos com o comunismo e o nacionalismo, cf.: SANTANA, 2015.

<sup>6</sup> Retomamos essas discussões sobre a identidade centrista nos próximos capítulos, por considerarmos pertinente para discutir sobre a formação da juventude campinense e os discursos em torno de “escola de líderes”.

pois, apesar de muitos desses/as atuaram nos jornais e no movimento estudantil, nem todos/as eram membros do CEC e com isso não poderiam ser chamados/as de centristas. Para tanto, discutimos nos capítulos seguintes, como essa identidade centrista foi construída, apropriada e colocada nos jornais e entrevistas como uma forma de legitimação de lideranças estudantis.

O CEC possuiu várias sedes em prédios do centro desta cidade: Venâncio Neiva, Cardoso Vieira, Vidal de Negreiros, Maciel Pinheiro. Essa mobilização ocorreu devido às dificuldades nos pagamentos dos alugueis e de um espaço disponível que comportasse os centristas e outros estudantes em suas reuniões e eventos.

Apesar de ter sido criado em 1935<sup>7</sup>, o recorte temporal desse trabalho foi os anos entre 1945, período de maior atuação do CEC e produção de jornais na cidade<sup>8</sup> e consequentemente de maior acesso às fontes jornalísticas e memórias dos/as ex-participantes dessa entidade, a 1964<sup>9</sup>, ano que foi marcado pelo encerramento das atividades do CEC por conta do golpe civil-militar quando, devido à intervenção de militares, o governo determinou o seu fechamento com cassação de mandatos, limitação de direitos, prisões e interrogatórios de líderes estudantis e invasão da sede do CEC, ocasião em que foram levados todos os seus arquivos.

Este recorte se justifica, também, como período de grandes e importantes movimentos sociais e participações políticas de diversos grupos, inclusive de estudantes, se expandindo à participação e representação política da população<sup>10</sup> (GOMES, 2009, p. 49). Outro motivo seria o da pouca produção do jornal *Formação* e de indivíduos (vivos) que atuaram antes de

---

<sup>7</sup> Retomamos esse contexto nos capítulos por considerarmos pertinente para discutir sobre esse período devido à atuação de outros estudantes, a criação do jornal *Formação* e de outros jornais estudantis.

<sup>8</sup> De acordo com Gaudêncio (2012), a produção de jornais em Campina Grande na década de 1940 não foi significativa devido ao período da II Guerra Mundial. O jornalismo campinense somente voltou a funcionar com publicações mais ativas no início da década de 1950, quando “houve a volta do crescimento e da circulação dos materiais impressos” (GAUDÊNCIO, 2012, p. 183), desta vez “com a experiência da inovação tecnológica e da melhor qualidade da produção textual, com o modelo norte-americano de jornalismo chegando ao Brasil” (GAUDÊNCIO, 2012, p. 183).

<sup>9</sup> Muitas das entrevistas marcam este ano como o do encerramento das atividades do CEC, ano do golpe civil-militar de 1964. Contudo, apesar do “fechamento” da sua sede, muitos centristas continuaram a atuar, sendo publicada uma edição do jornal *Formação* após o golpe (FORMAÇÃO, mar. 1967, ano 20, n. 01). Localizamos também outras fontes que historicizam sobre as atividades dos centristas no período da ditadura militar, como uma carteirinha de estudante emitida pelo CEC e um certificado de um curso intensivo de cinema, proporcionado pela secretaria cultural do mesmo (ver anexos 01 e 02). Além disso, existem dois trabalhos de dissertações de mestrado em História sobre os movimentos de estudantes na Paraíba no período militar, que mencionaram as atuações de estudantes integrantes do CEC, mas não aprofundaram quais foram as atuações dos centristas após o golpe. Cf.: SILVA, 2014; RAMOS, 2013.

<sup>10</sup> Esse período é considerado como o da experiência liberal-democrática, em que a “sociedade brasileira viveu sua primeira experiência de eleitorização da política. Ou seja, o período em que conheceu partidos políticos nacionais e de massa; em que experimentou eleições sistemáticas para o executivo e o legislativo (federal, estadual e municipal), enfim, em que realizou o que se chama ‘aprendizado do político’ eleitoral, e novos e mais amplos marcos” (GOMES, 2009, p. 36).

1945. Além dessas justificativas, o CEC esteve presente em momentos históricos distintos, o que dificultaria a tentativa de mapear os vários momentos desse grupo de centristas.

Portanto, fundamentado nesse período, analisamos a formação e a atuação política estudantil campinense a partir do ano em que circularam as conquistas expressivas para o movimento democrático brasileiro e que compreende este recorte temporal, uma vez que antes desse período não se podia levantar questionamentos sobre movimentos estudantis *mais* organizados e *mais* atuantes nas cidades brasileiras, “com grande capacidade de mobilização de massa e com uma direção política crítica e contestadora em relação ao Estado” (ARAÚJO, 2007, p. 62). Isso aconteceu porque uma vez que os movimentos sociais, e principalmente os estudantis, foram limitados devido à luta “contra a ditadura do Estado Novo em defesa das liberdades democráticas” (PEREIRA, 2009, p. 185), sendo que, após a “queda” desse governo, fez “renascer o movimento de massa, ampliando a participação política e permitindo que as reivindicações de parte da população, antes renegada ao segundo plano, viessem à tona” (PEREIRA, 2009, p. 185).

O interesse em pesquisar sobre as ações dos/as centristas e a história do CEC, partiu da monografia de graduação em História<sup>11</sup>, em que pesquisamos as colunas femininas nos jornais *Formação* e *O Momento*, escritas por Terezinha Brasileiro Souza<sup>12</sup>, estudante e centrista, que discutiu assuntos relacionados ao feminino. Pelo desejo de percorrer os itinerários desse movimento de estudantes, demos inícios as pesquisas sobre essa entidade estudantil e desenvolvemos uma dissertação de Mestrado em História<sup>13</sup>, quando discutimos as influências e os posicionamentos políticos de estudantes secundaristas e as construções dos códigos de masculinidade entre os sujeitos no espaço do CEC. Também fizemos um estudo mais direcionado para as participações femininas, com outras meninas que atuaram no CEC, juntamente com a citada escritora, em que problematizamos como foram as suas atuações e as várias experiências e apropriações de mulheres nesse espaço a partir das memórias das ex-centristas Maria Auxiliadora Borba e Valda Freire<sup>14</sup>, onde também discutimos os vários discursos que envolveram o feminino nos jornais campinense.

---

<sup>11</sup> SANTANA, 2010.

<sup>12</sup> Terezinha Brasileiro Souza foi estudante, centrista, escritora e poetiza. Nasceu na cidade de Piancó, sertão da Paraíba, no ano de 1929. Em 1945, se mudou para Campina Grande/PB para concluir os estudos secundários como interna no Colégio Imaculada Conceição – Damas. Escreveu para os jornais *Formação* e *O Momento*, entre os anos de 1948 a 1952. Sua história como escritora ilustra as várias experiências da vida de mulheres e a diversidade e contradições dos limites, acessos e exercícios da escrita feminina no jornalismo, tradicionalmente masculino. Idem, 2010.

<sup>13</sup> Idem, 2015.

<sup>14</sup> Traremos informações sobre essas entrevistadas no decorrer dos capítulos, quando as mesmas forem citadas.

Desta forma, pensando na ideia de que um objeto de pesquisa não se esgota em um trabalho de dissertação, apresentamos um projeto junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal da Paraíba – UFPB – na linha de pesquisa em História da Educação, com novas (re) leituras sobre o CEC e o movimento de estudantes campinenses. A nossa pesquisa se insere nessa linha ao trazermos discussões educacionais através das atuações dos/as centristas/as, que nos possibilitaram pesquisas no campo da educação e dos meios que foram utilizados para se discutir os projetos educacionais para a cidade de Campina Grande.

A construção desse objetivo de pesquisa no campo educacional se apresentou em perscrutar a atuação dos centristas, integrantes que constituíram e construíram o espaço do CEC, nas suas várias manifestações estudantis. Assim, primeiramente, iremos problematizar qual o lugar que o CEC ocupou na cidade, como um espaço físico, mas principalmente discursivo, de influência sobre as políticas educacionais desenvolvidas para os estudantes e as políticas de incentivo à formação política e intelectual dos mesmos. Como um espaço em que se operacionalizaram discussões em torno dos estudantes campinenses na defesa por melhores condições de educação à *classe estudantil*, esta linha de pesquisa nos possibilitou um diálogo com a relação entre educação e modernidade, que ganhou maior nitidez quando identificamos os problemas educacionais considerados na imprensa local como um dos principais obstáculos para que a cidade seguisse seu caminho de progresso e de desenvolvimento.

Estas discussões no campo da história da educação foram consideradas pertinentes para Vieira (2007) quando o mesmo traz que “o discurso que associa educação e modernidade nas páginas da imprensa periódica pode ser compreendida como estratégia de legitimação do projeto de poder que contou com a participação ativas dos intelectuais” (VIEIRA, 2007, p. 34). Juntamente com esses intelectuais, estudantes campinenses se fizeram presentes nessas discussões e colocaram nas páginas dos jornais suas questões com relação à educação e modernidade.

Portanto, para que essa pesquisa fosse possível no campo da história da educação, investigamos o que os centristas estiveram discutindo em favor da instrução, inseridos em um contexto mais amplo às necessidades dos projetos educacionais para aquele contexto histórico, e da formação dos estudantes campinenses, através das influências que tiveram

juntos aos intelectuais locais, em conformidade com a cultura política da cidade, com os espaços de sociabilidades<sup>15</sup> destinados à leitura e à escrita.

Para tanto, discutimos de que forma o espaço do CEC foi um elemento importante para as discursões referentes ao campo da educação, devido principalmente às suas relações de aproximações e enfrentamentos com políticos locais, uma vez que o pensamento desses e dos intelectuais, durante as primeiras décadas do século XX, esteve ligado pela ideia de modernidade que tinha na educação a ferramenta do progresso, que levaria as sociedades para o conhecimento, viabilizando em Campina Grande-PB um projeto de cidade que se queria instaurar: politizada e avançada intelectualmente (AGRA DO Ó, 2006; MONTENEGRO, 2003).

A educação foi tema central nas discussões que fundamentaram as atuações e lutas dos centristas no final da década de 1940 e início da década de 1960, como também de outros movimentos estudantis que se interessaram e participaram das discussões/construções das (novas) leis para a educação no país naquele contexto, a exemplo da União Nacional dos Estudantes (UNE), em que os seus militantes estudantis se envolveram em questões no campo educacional. “A UNE discutia prioritariamente com as comissões do Movimento Estudantil as novas leis da educação, buscando encontrar soluções, discutindo os assuntos em pendência. Era um contato permanente” (COLEÇÃO MEMÓRIA SOCIAL, 2005, p. 85).

Os centristas, ao operacionalizarem os projetos educacionais erguidos nesse contexto, se constituíram em torno, sobretudo, de lideranças que incutiram suas ambições e promoções com as questões relativas à educação. Desta forma, desenvolvemos a ideia de que a investida de projetos educacionais inseridos em redes de sociabilidades pela elite política<sup>16</sup> e intelectual campinense<sup>17</sup>, constituíram caminhos relevantes para a formação política dos estudantes, tema que ocupou os espaços e as discussões no CEC.

---

<sup>15</sup> Problematizamos esses espaços de sociabilidades para pensarmos os contatos que os grupos de centristas estabeleceram com outros grupos, perscrutando os interesses e as frequências entre esses grupos para revelar o nível de engajamento intelectual que os centristas buscaram nas suas atuações estudantis (BERSTEIN, 2009).

<sup>16</sup> De acordo com o autor Heinz (2006), elite é “um termo empregado em um sentido amplo e descritivo, que faz referência a categorias ou grupos que parecem ocupar o ‘topo’ de estruturas de autoridade ou de instituição de recursos” (HEINZ, 2006, p. 07-08). Desta forma, pensaremos a elite política, e também intelectual campinense, como de influência na sociedade e tomando posição de poder e de “privilégios inacessíveis ao conjunto de seus membros, ao mesmo tempo [que] compõem o grupo minoritário que ocupa parte superior da hierarquia social e que se arrogam em virtude de sua origem, de seus méritos, de sua cultura ou de sua riqueza, o direito de dirigir e negociar as questões de interesse da coletividade” (Idem).

<sup>17</sup> Inseridos em espaços de influência, principalmente no jornalismo campinense, sendo detentores da criação de diversos periódicos, tomaremos para o texto as ideias de Sirinelli (2003) sobre intelectuais, relacionados à noção de engajamento: “os intelectuais, são, por seu ofício, os detentores do sentido das palavras: eles as forjam e as transmitem e por isso mesmo se encontram nos dois lugares-chave da expressão cultural: a formulação e a

Os discursos de intelectuais, estudantes e políticos na imprensa campinense foram legitimados como aqueles que detinham o poder-saber de “levar” o sentimento de nacionalidade e civilidade à sociedade, enquanto mediadores culturais (SIRINELLI, 2003). Assim, discutiram nos jornais locais acerca da necessidade da cidade investir no setor cultural e educacional.

Para isso, a imprensa campinense deu amplo espaço na divulgação dos problemas educacionais, em que os centristas foram os seus principais “porta-vozes”. Como um lugar privilegiado das manifestações de diferentes vozes, o jornalismo foi um “local que permite [permitiu] um melhor conhecimento das realidades educacionais, uma vez que se manifestou de um ou de outro modo, o conjunto dos problemas dessa área” (NÓVOA, 2002 apud VIEIRA, 2007, p. 13).

Desta forma, inserimos a produção de jornais pelos intelectuais e estudantes em uma cultura política que nos permitiu explicações e interpretações sobre os discursos e comportamentos políticos dos envolvidos, em que imprimiram nessas páginas suas lógicas cognitivas, suas vivências e suas sensibilidades (GOMES, 2005). Para tanto, atinamos para a importância social, cultural e política da imprensa, incluindo os seus impactos na construção da memória, de entendê-la como resultado da visão de mundo desses grupos e das interpretações da realidade de quem as produziu. Assim, investigar os usos dessas escritas nos ajudou a compreender “os modos como uma comunidade constrói as suas representações sobre o mundo, investindo-o de significados plurais” (GONTIJO, 2005, p. 264).

De acordo com Bernstein (2009), a cultura política é entendida como um fenômeno coletivo que “faz com que um grupo de pessoas se sinta mais próximo de uma força política do que de outra, vote a favor ou contra determinado partido, aprove medidas ou proteste contra ela”, que “adote quase espontaneamente a mesma atitude diante de fatos passados ou presentes considerando-os de modo positivo ou negativo” (BERSTEIN, 2009, p. 30). Essa se constituiu em aspecto fundamental nas análises sobre as representações construídas pelo grupo centrista sobre suas próprias histórias inseridas nos jornais da cidade.

Para os intelectuais, a produção de jornais permitiu, em diferentes contextos, marcar presença na cena pública para além dos espaços restritos dos círculos de letrados. Assim, para a intelectualidade, “o jornal representa um ofício, um meio de expressão e uma forma de promoção social” (VIEIRA, 2019, p. 15). Para os centristas, foi na imprensa que eles puderam

---

transmissão. Seu papel na gênese e na circulação tanto das culturas políticas quanto de certos processos de memória constitui, pois, uma realidade histórica inegável” (SIRINELLI, 2003, p. 47).

externar suas defesas em favor da educação, simbolizando compromissos com a formação da juventude campinense como algo necessário e possível às causas educacionais.

Desse modo, os debates dessa entidade estudantil, inseridos no campo da história política, possibilitaram compreender as aproximações e os jogos discursivos na imprensa em relação aos encontros e aproximações dos centristas com os poderes públicos e políticos locais e quais os interesses dos mesmos em se identificarem e agirem em nome de certos projetos educacionais (MOTTA, 2009).

Assim, partimos do argumento de que a criação e permanência do CEC em meio ao desenvolvimento de projetos educacionais perpassaram o cenário intelectual, cultural e político da cidade de Campina Grande. Ou seja, de jovens estudantes que buscaram se constituir naquele contexto como um grupo forte, organizado e politizado de atores engajados nas disputas de projetos partidários muito além dos interesses e pautas específicas da luta estudantil.

Nessa perspectiva, também argumentamos que coube ao CEC, na cidade de Campina Grande-PB, ocupar um lugar no cenário intelectual discutindo assuntos relacionados à cultura, à política e à literatura. Nesse cenário, influenciaram comportamentos de outros estudantes em espaços de sociabilidades, a exemplo da imprensa, espaço privilegiado de disputas de ideias.

Nas primeiras décadas do século XX, essa cidade passou por transformações urbanas, cresceu em construções e com ela os intelectuais viram também a necessidade do desenvolvimento cultural. Também se construiu como umas das mais importantes cidades do interior do Brasil e suas mudanças estiveram em sintonia com a modernização e, portanto, com a civilização. Nesse cenário, a política paraibana era marcada pelo coronelismo, em que se faziam alianças com o governo federal. Com um poder centralizado, nepotista e clientelista, os recursos destinados às obras e projetos para as cidades foram usados para beneficiar oligarquias e reforçar o poder dos políticos locais (GURJÃO, 2004).

Nesse cenário, os centristas ao imprimirem representações de líderes estudantis voltados às demandas relativas ao campo da educação, constituíram a imprensa como um espaço discursivo para as suas manifestações. Portanto, problematizamos nosso argumento de tese a partir dos usos e apropriações dos jornais locais pelos centristas, os seus variados discursos, as intencionalidades e suas práticas estudantis, localizando o lugar de onde eles falaram, seus interesses, suas estratégias e suas intenções para com a ideia de uma formação da juventude campinense e da concepção do espaço do CEC como uma escola de lideranças estudantis.

Com relação às pesquisas nos jornais, nas matérias selecionadas para discussão iremos transcrevê-las tal qual foram escritas na época de suas publicações. Ver tabela 01:

**Tabela 01:** Relação dos jornais catalogados e fotografados nas pesquisas (Mestrado e Doutorado).

| Jornais                     | Anos das edições | Exemplares catalogados | Instituições de pesquisa                                                                | Cidade              |
|-----------------------------|------------------|------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| <b>FORMAÇÃO</b>             | 1936-1967        | 19                     | Arquivo Biblioteca Átila Almeida (UEPB)<br>Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB | Campina Grande - PB |
| <b>O COLLEGIAL</b>          | 1935-1940        | 9                      | Arquivo Biblioteca Átila Almeida (UEPB)                                                 | Campina Grande - PB |
| <b>TRIBUNA DO ESTUDANTE</b> | 1951             | 1                      | Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB                                            | Campina Grande - PB |
| <b>JORNAL DO ESTUDANTE</b>  | 1953             | 1                      | Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB                                            | Campina Grande - PB |
| <b>O GRÊMIO</b>             | 19960-1961       | 4                      | Arquivo Biblioteca Átila Almeida (UEPB)                                                 | Campina Grande - PB |
| <b>A VOZ DA MOCIDADE</b>    | 1936             | 1                      | Arquivo Biblioteca Átila Almeida (UEPB)                                                 | Campina Grande - PB |
| <b>O MOMENTO</b>            | 1950-1952        | -                      | Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB                                            | Campina Grande – PB |
| <b>O GLOBO</b>              | 1952             | 9                      | Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB                                            | Campina Grande – PB |
| <b>O REBATE</b>             | 1932-1963        | 8                      | Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB                                            | Campina Grande – PB |

| Jornais                                                           | Anos das edições            | Exemplares catalogados | Instituições de pesquisa                                                                | Local               |
|-------------------------------------------------------------------|-----------------------------|------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| <b>JORNAL DE CAMPINA</b>                                          | 1952-1953                   | 86                     | Arquivo Biblioteca Átila Almeida (UEPB)<br>Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB | Campina Grande - PB |
| <b>GAZETA CAMPINENSE</b>                                          | 1960-1961                   | 4                      | Arquivo Biblioteca Átila Almeida (UEPB)                                                 | Campina Grande - PB |
| <b>A.E.C (órgão da associação dos empregados no comércio).</b>    | 1934                        | 2                      | Arquivo Biblioteca Átila Almeida (UEPB)                                                 | Campina Grande - PB |
| <b>EVOLUÇÃO</b>                                                   | 1958-1959                   | 57                     | Arquivo Biblioteca Átila Almeida (UEPB)                                                 | Campina Grande - PB |
| <b>SEMANÁRIO OFICIAL (Prefeitura Municipal de Campina Grande)</b> | 1955-1958                   | 130                    | Arquivo Biblioteca Átila Almeida (UEPB)                                                 | Campina Grande - PB |
| <b>TRIBUNA DA PARAÍBA</b>                                         | Novembro e dezembro de 1953 | 3                      | Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB                                            | Campina Grande - PB |
| <b>TRIBUNA DE CAMPINA</b>                                         | Outubro e novembro de 1963  | 3                      | Arquivo Biblioteca Átila Almeida (UEPB)                                                 | Campina Grande – PB |

Os estudantes foram responsáveis pela organização de diversos periódicos: o jornal *Formação* foi criado em 11 de agosto no ano de 1936 como o órgão oficial do CEC, trazendo informações sobre essa entidade estudantil e assuntos relacionados à formação dos estudantes campinenses, tendo como primeiro diretor o centrista e então vice-presidente do CEC,

Claudio Agra Porto<sup>18</sup>. Ao todo foram encontrados, catalogados e fotografados por nós 19 jornais entre os anos de 1936 e 1967, tendo como editores e redatores os próprios centristas que eram responsáveis pela escrita, impressão, produção e circulação do jornal. Apesar de o jornal possuir um período longo de existência, sua produção foi esporádica e não sabemos ao certo quantos jornais foram editados, devido ao fato dos números das edições do jornal não seguirem uma cronologia. Acreditamos que esses números das edições foram posicionados quando se formava uma nova diretoria e eram contados a partir da sua primeira publicação. O que prevalecia era o ano da existência do CEC e por isso ficamos impossibilitados de saber quantos jornais de fato foram publicados.

O jornal *O Collegial* (Orgam. da Academia D'Adauto - Estado da Parahyba)<sup>19</sup>, do Colégio Salesiano Pio XI, foi criado em 1935 e circulou até o ano de 1940, possuindo uma publicação mensal com quatro páginas. O seu quadro editorial era composto por estudantes, com a colaboração de professores. Sua equipe técnica foi assim composta: Sebastião de Lyra Ventura como diretor, gerente: Adelino Barbosa de Mello, redação: Collegio Diocesano Pio XI, e colaboradores: Mauro Luna, Raul Córdula, Pe. José Delgado, Menotti Del Pichia, Paulo Ventura, Félix de Souza Araújo, esse tendo chegado a ser gerente desse jornal. Como um prolongamento do ambiente escolar, tinha as seguintes pretensões: “nós, os alunos do Collegio Pio XI, quisemos fundar um jornalzinho que fôsse ao mesmo tempo u'a voz altancera na defesa dos nossos interesses e a arena em que nos expreitassemos nos prélios da inteligência” (O COLLEGIAL, 03 mai. 1935, capa).

O jornal *Tribuna do Estudante* (Campina Grande, 1951) tinha como diretores os centristas Noaldo Dantas e Wallace Figueiredo, como secretários os centristas Evaldo Gonçalves e Juarez Farias, e colaboradores/as os/as centristas Noilton Dantas, Adalgisa Mello e Terezinha Brasileiro Souza. Encontramos apenas um exemplar desse jornal, datado de novembro de 1951, em que trouxe matérias relacionadas aos estudantes campinenses. Ao justificar a sua criação, na matéria *Porque Viemos a Luz*, o referido impresso se expressou não sendo “concorrente do órgão oficial do Centro Estudantal Campinense, o valoroso FORMAÇÃO” (TRIBUNDA DO ESTUDANTE, nov. 1951, p. 03), porém, não deixou de manifestar críticas a este periódico e aos seus editores.

---

<sup>18</sup> Claudio Agra Porto além de ter sido o primeiro diretor do jornal *Formação*, em 1936, também foi vice-presidente da Academia D. Adauto, agremiação literossocial em 1935 e presidente em 1936, vice-diretor do Centro Estudantal Campinense neste mesmo ano. Estudante do Colégio Pio XI, escreveu nos principais jornais estudantis como o *Formação* e *O Collegial*, e atuou no movimento estudantil liderado pelo CEC.

<sup>19</sup> As descrições seguem a descrição original desses impressos.

*O Jornal do Estudante* (Órgão de Interêsse Estudantil) (Campina Grande, agosto de 1953) teve como diretor Nazário Pimentel e como redatores os candidatos nas eleições estudantis a representantes centristas, Josué Sylvestre e Ademar Martins. Apesar de compor esse quadro editorial alguns centristas, esse jornal não fez parte das atividades do CEC, em que os mesmos tiveram outras atuações fora desse espaço, a exemplo da escrita em outros impressos e os próprios centristas ainda manifestaram críticas ao jornal oficial do CEC e a outros colegas centristas. Esse jornal trouxe uma matéria de inauguração intitulada *Aos Estudantes*, em que expôs as seguintes justificativas de criar esse jornal: “Somos dos que vêm numa tentativa como esta uma força a mais a serviço do desenvolvimento cultural dos estudantes campinenses” (JORNAL DO ESTUDANTE, ago. 1953, capa). Essa imprensa estudantil também manifestou críticas ao jornal *Formação*, considerando esse impresso um veículo de exclusão de outros estudantes que almejavam escrever para os jornais da cidade. Desta forma, esse jornal foi editado numa forma de “tirar” a exclusividade do *Formação* com questões que envolviam os estudantes campinenses. E mais, numa forma também de fazer algumas críticas com relação às atitudes de alguns centristas consideradas não condizentes com as ideais de outros estudantes.

O jornal *O Grêmio* (órgão oficial do Diretório Estudantil Doc. e de Campina Grande) foi editado e escrito pelos estudantes do Colégio Estadual de Campina Grande, o Gigantão da Prata, e trouxe notícias sobre os estudantes campinenses, bem como o cotidiano dessa escola. Encontramos apenas um exemplar desse jornal, do ano de 1956.

Afora esses jornais estudantis, foram pesquisados outros que circularam na cidade entre os anos de 1934 a 1963: *O Momento* (jornal independente) foi fundado pelo pernambucano Celso Rodrigues. O seu primeiro número foi editado no dia 17 de setembro de 1950 e pronunciava-se “sem bandeiras políticas ou religiosas” (O MOMENTO, 17 out. 1950, capa). Teve como diretor responsável: Celso Rodrigues, como redator-chefe Jayme Meneses e Nilo Tavares como redator-secretário. Os colaboradores foram: Celso Menezes, J. Leite Sobrinho, a centrista Terezinha Brasileiro Souza, Nilo Tavares, o centrista Evaldo Cruz, Egídio Lima, Adauto Barreto, Cristino Pimentel e Antônio Mangabeira, e teve como principais colunas: *O Momento político*, *O Momento Esportes*, *Fragrantes do Dia*, *De livro em livro*, *Altos e Baixos*, *Homens e Fatos*, *Vida Religiosa*, *Fatos da Semana*, *A coluna do leitor*, *Sociedade*, com poemas da referida centrista. Essas colunas traziam assuntos relacionados principalmente à política e ao cotidiano da cidade. Era impresso na gráfica de Júlio Costa. Na pesquisa encontramos exemplares dos anos de 1950 a 1952.

Possuía também, dentre as colunas principais, a *Coluna Feminina*, escrita pela estudante e centrista Terezinha Brasileiro Souza, destinada ao público feminino e com assuntos sobre o feminino. Nessa coluna, teceu e defendeu nas suas crônicas comentários e opiniões sobre a condição feminina, centrada no trabalho e na educação. Imbuídas de fomentar o papel social e cultural das mulheres em Campina Grande, suas crônicas trouxeram uma visão dos modos de vida femininos, em que escreveu sobre questões relacionadas à mulher e aos livros; a juventude; ao casamento e a família; a mulher e o lar; dentre outros temas, buscando conciliar nas suas escritas às diversas funções desempenhadas pelas mulheres campinenses (SANTANA, 2010).

O jornal *O Globo* (um jornal a serviço de Campina Grande) teve como diretor responsável Francisco Asfora, redator-chefe o centrista José Elmano Cavalcanti, redator-secretário o também centrista Josué Sylvestre e Antonio Miranda como gerente. Possuía as colunas regulares: *Coisas da cidade*, com colaboração de Cristino Pimentel, que discutia assuntos referentes à cidade e seus problemas; *É o seguinte...*, escrita por Josué Sylvestre, que narrava principalmente sobre questões referentes aos estudantes; *O momento político* e *Tricotando*. Era composto por quatro páginas referentes aos assuntos sobre política, economia e esporte.

O jornal *O Rebate* (1932-1963), que tinha como subtítulo “órgão proletário de interesse regional”, foi fundado em 1932 por Luiz Gil de Figueiredo, Pedro D’Aragão e Eurípides de Oliveira, o mesmo grupo que criou em 1929, a *Sociedade Beneficente dos Artistas*. Foi um dos jornais mais duradouros da história da imprensa campinense, pois circulou até o início da década de 1960. De acordo com Gaudêncio (2012), as motivações que levaram à criação desse jornal seria o combate ao comunismo. Assim, sobre essas motivações ideológicas, “em 1929, o Partido Comunista estava organizado em Campina Grande, tinha sede e era muito frequentado. Foi quando resolvi fazer campanha contra. Aproveitei uma dissidência e criei a Sociedade Beneficente dos Artistas” (DINOÁ, 1993 apud GAUDÊNCIO, 2012, p. 176). Apesar de sua vasta duração e números publicados, localizamos e catalogamos apenas oito exemplares entre os anos de 1943 e 1957.

O *Jornal de Campina* que foi um impresso semanário (mas nem sempre foi editado semanalmente) fundado em 17 de agosto do ano de 1952 “de propriedade de Dr. Argemiro de Figueiredo” (ALBUQUERQUE DO Ó, 1999, p. 200) e que tinha como diretor o ex-centrista e estudante de Filosofia William Ramos Tejo, como redatores os centristas Noaldo Dantas e Evaldo Cruz e como técnico Jonatas Barbosa de Arruda, com redação e oficinas à Rua Peregrino de Carvalho, 23, nesta cidade. Os redatores e diretores deste jornal permaneceram

os mesmos durante todas as edições. Outros centristas colaboraram para este jornal, a exemplo de Figueiredo Agra, Raymundo Asfora e Félix Araújo. Foi considerado como um jornal noticioso que levaria “ao povo campinense as notícias de que vai pela cidade e pelo mundo” (JORNAL DE CAMPINA, 26 abr. 1953, p. 02). Catalogamos 86 exemplares entre os anos de 1952 e 1953, e fotografamos as matérias relacionadas à educação, ao CEC, aos centristas e aos estudantes campinenses.

As principais colunas regulares do *Jornal de Campina* foram: *Feira de Livros e Revistas*; *O Momento Político*, *Campina Grande Dia e Noite*, que trouxe assuntos relacionados aos fatos cotidianos e políticos, *Mundo Estudantil*, em colaboração com o CEC, que expôs assuntos relacionados aos estudantes campinenses e às notícias dessa entidade estudantil, e a coluna *Fragrante do Dia* dirigida pelo centrista Noaldo Dantas, que exprimiu suas impressões e opiniões em assuntos relacionados à política e ao cotidiano da Rainha da Borborema. Foi um jornal de oposição e como tal, atacou a gestão do prefeito Plínio Lemos, “dando também algumas alfinetadas no Governador do Estado”, José Américo de Almeida (ARAÚJO, 1986, p. 90).

O jornal *Gazeta Campinense* (órgão noticioso a serviço do povo) foi criado no ano de 1960, de propriedade da Diocese de Campina Grande, tendo como diretor o estudante José Stenio Lopes, que objetivava o “desenvolvimento material e progresso espiritual da região” (GAZETA CAMPINENSE, 19 mar. 1961, p. 01), denominando-se como independente e imparcial. Esta é uma característica de muitos jornais campinenses, que se definem como um jornalismo sem bandeiras políticas, religiosas e/ou ideológicas, tendo como pretensão a veracidade dos fatos e servir a sociedade campinense. Contudo, sabemos que nenhum jornalismo é imparcial, tendo, portanto, suas escolhas políticas. Mas, ao pesquisar sobre as suas intencionalidades, percebemos a necessidade de se afirmarem como um jornal que teria surgido pela necessidade que, segundo o editorial, se encontrava o jornalismo campinense, que seria o de possuir “independência e imparcialidade, exatidão e veracidade, amor e dedicação aos interesses de nossa terra e de nossa gente” (GAZETA CAMPINENSE, 19 mar. 1961, p. 01). Nos seus exemplares encontramos grande número de matérias com assuntos referentes ao ensino e aos estudantes campinenses através da coluna regular intitulada *Pelo Mundo Estudantil*. Catalogamos quatro números deste jornal, fotografando matérias referentes aos assuntos sobre os centristas, o CEC, a educação e os estudantes campinenses entre os anos de 1960 e 1961.

O jornal A.E.C. (órgão da Associação dos Empregados no Comércio) teve como diretor R. N. Magalhães Cordeiro, Arlindo Correia como redator-chefe e como redatores

Antonio Moraes e José Lopes de Andrade. Recortamos assuntos referentes aos estudantes campinenses entre os anos de suas publicações, que foram de 1934 a 1937. Contudo, conseguimos localizar e catalogar apenas dois exemplares desse jornal, que possuía outros assuntos, além do objetivo do impresso que seria o de relatar conteúdos sobre os empregadores do comércio campinense, referentes aos estudantes e à política campinense. Para isso, teve como colaborador o cronista e intelectual Cristino Pimentel.

O semanário (que a partir da edição do número 30 passou a ser diário) *Evolução* foi criado em 1958 e teve como diretor Aristides Lúcio Vilar Rabelo, como secretário Jason Gonçalves de Lima, como redator-chefe o centrista Josué Sylvestre, e redatores os também centristas Odimar Agra, Genaro Souto e Noaldo Dantas, Severino Marinho e Everaldo Veras. Possuiu as seguintes colunas regulares: *O momento Político*, *Problemas da cidade*, *Mundo Estudantil* (também com a colaboração do CEC), *Página do Trabalhador*, *A cidade e seus problemas* e *O mundo em Evolução*, dedicado aos assuntos de literatura e sociais, e dirigido por uma mulher com pseudônimo de Yves (Sevy Nunes)<sup>20</sup>.

O seu corpo editorial era composto por políticos e representantes nacionalistas que defendiam posicionamentos nacionalistas em defesa do “Petróleo é Nosso” e ataques às ideias consideradas entreguistas, com discursos e imagens que se direcionavam em favor dessa corrente política. Catalogamos 57 números deste jornal entre os anos de 1958 e 1959.

Na sua segunda gestão como prefeito de Campina Grande, em 1955 Elpídio de Almeida criou O *Semanário Oficial* (Prefeitura Municipal de Campina Grande) para ser um jornal voltado a divulgar a sua administração municipal. Estiveram à frente deste semanário os centristas Noaldo Dantas e Evaldo Gonçalves. Assim, mesmo depois que deixaram de atuar no CEC, os citados ainda mantiveram vínculos com o referido gestor. Nesta mesma gestão estiveram à frente da Diretoria de Educação e Cultura: Maria Dulce Barbosa e Evaldo Gonçalves. O impresso possuía as seguintes colunas não regulares: *Administração desastrosa*, *Sobre a antiga gestão*, *Como Elpídio encontrou a Prefeitura*. Tendo como assuntos mais citados: construções, energia, telefonia, água. Catalogamos 130 números deste jornal entre os anos de 1955 e 1958, em que nos interessou as matérias referentes aos assuntos sobre educação.

---

<sup>20</sup> Sobre as escritas femininas nos jornais campinenses na década de 1950, tivemos como propósito na pesquisa de pensarmos os desdobramentos das práticas femininas, analisando os espaços destinados à mulher escritora na esfera pública, ao passo que atentamos para as principais questões e temas abordados nas suas escritas com relação ao feminino. cf.: SANTANA, 2010.

O jornal *Tribuna da Paraíba* foi dirigido por Milton Cabral e Adauto Barreto, de propriedade de Estabelecimentos Gráficos Tribuna da Paraíba S/A. Tinha sua redação na Rua Augusto Severo, 91 e oficinas na Rua Augusto Severo, 63, nesta cidade, como secretário e gerente Adauto Barreto, e representante no Rio de Janeiro e São Paulo, Jorge Charlita. Encontramos e fotografamos três exemplares entre os meses de novembro e dezembro de 1953, com assuntos relacionados à política, literatura e educação, através da principal coluna deste jornal: *Política & Política*. De acordo com Fátima Araújo (1986), este periódico foi o primeiro jornal da cidade composto em linotipo. O interesse em pesquisar esse jornal deve-se no escopo de encontrarmos matérias relacionadas aos acontecimentos do ano de 1953, ano de vários episódios significativos para a nossa tese e da publicação do referido impresso. Contudo, não nos deparamos com tais conhecimentos, principalmente relacionados ao assassinato do vereador Félix Araújo, discutidos nos capítulos.

O jornal *Tribuna de Campina* foi composto pelos diretores centristas Agnello Amorim e Josué Sylvestre, redator-chefe F. Maria Filho, direção comercial de F. A. de Souza, tendo sua redação no Edifício João Rique, 6º andar. Catalogamos três exemplares entre os meses de outubro e novembro de 1963, em que recortamos assuntos sobre o movimento de estudantes campinenses, bem como temas que fizeram referências às políticas estudantis e aos centristas.

A partir das pesquisas nesses jornais, levantamos algumas questões sobre a inclusão de discursos dos centristas na imprensa campinense: quais relações sociais, econômicas e políticas envolviam as teias discursivas que permitiram uma apropriação pelos estudantes nos impressos? Em quais relações de poder e saber os atores centristas estavam envolvidos? Tais observações só foram possíveis devido ao contato com os jornais, principalmente, aqueles que possuíam discussões de temas relativos ao campo educacional e cultural, evidenciando a relevância dada a tais assuntos nas colunas estudantis redigidas por lideranças centristas. Neste caso, a temática educacional aparecia com destaque em suas páginas. É imperioso destacar o contexto de criação de cada um dos jornais pesquisados, o considerando-os, também, como “uma linha, uma empresa, uma visão à parte na contextura comunicacional” (ARAÚJO, 1986, p. 334) e, desta forma, sem perder de vista as intencionalidades editoriais dos impressos, cuja presença dos centristas influía no debate educacional.

Para analisar tais discursos nos jornais, fizemos algumas considerações dos seus usos pelos centristas. Primeiro, tomamos os discursos “como sendo em si mesmo um acontecimento, um evento que merece ser interrogado enquanto tal” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 237). E mais, “se um dado discurso foi publicado num dado veículo de comunicação é fundamental nos perguntarmos por que isso ocorreu, e a rede de poder e de

interesse que está ligado esse órgão de comunicação, que relações mantêm com o autor do discurso” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 238). Assim, o/a leitor/a é também partícipe da produção do sentido do que está sendo dito. Contudo, nas entrevistas não foram bem esclarecidas às recepções dos/as leitores/as dos jornais estudantis, até porque os/as entrevistados/as foram também aqueles/as que escreviam e/ou eram os/as editores e redatores dos impressos, e ficamos, desta forma, limitados sobre a recepção dos/as destinatários/as.

Para tanto, analisamos o jornal *Formação* como fonte de investigação, e no terceiro capítulo o exploramos como mais um objeto de pesquisa, na justificativa de que indagamos “suas potencialidades, como documento, como suporte de sentidos, bem como seu protagonismo como agente social” na construção discursiva do espaço do CEC (VIEIRA, 2007, p. 14). Portanto, entendemos esse valioso documento como vestígio de um passado deixado por vários atores sociais e políticos, entre eles, os centristas, pela presença marcante e atuante em prol do movimento de estudantes campinenses.

Como um objeto parcial, os centristas editaram o primeiro exemplar do jornal *Formação* um ano após a criação do CEC, em 1936, privilegiando assuntos referentes às suas atuações e ao campo educacional. No seu primeiro número, vislumbramos as intencionalidades de se criar um jornal para a entidade, constituindo assim um espaço para as discussões de suas ações e práticas. Assim, instituíram seu próprio espaço de informação, envoltos pelos seus propalados compromissos com os interesses dos estudantes. Desta forma, buscamos essas legitimidades inseridas em contextos nos quais esses sujeitos atuaram.

O jornal *Formação* direcionava-se à *classe estudantil* (incluindo os centristas e outros estudantes) como porta-voz dos mesmos e das “necessidades de elevar o espírito na luta contra os inimigos da classe, contra os obstáculos que venham entravar a marcha de nosso progresso – da mocidade” (FORMAÇÃO, 06 out. 1948, capa), se intitulando como aquele que integrava “as mesmas aspirações do Centro Estudantil Campinense” (FORMAÇÃO, 06 out. 1948, capa), como uma entidade “legitimamente reconhecida que tão relevantes serviços vêm prestando a classe estudantil” (FORMAÇÃO, 06 out. 1948, capa), que buscou como retorno que “todos [os estudantes] ajudem com o fim de que ela cresça ainda mais, para lutar por aqueles que constituem a mocidade estudiosa de nossa terra” (FORMAÇÃO, 06 out. 1948, capa).

Esse jornal oficial do CEC também trazia a visão de que os estudantes necessitariam de incentivos ao acesso do saber, algo que seria possibilitado pela referida entidade estudantil

no impresso, criado a partir das demandas dos próprios centristas naquele contexto<sup>21</sup>. Desta forma, a imprensa se constituiu em espaço de gestão e manifestação de suas significações e projetos para o CEC, sendo a produção deste impresso destinada para “dar” legitimidade às suas ações e lutas. Para tanto, buscamos nesse impresso, e em outros apropriados pelos centristas, principalmente os diálogos que foram estabelecidos sobre questões referentes ao ensino e ao movimento estudantil em torno da educação, tendo como fio condutor a formação da juventude campinense.

Desta forma, ao pesquisar os impressos, os evidenciamos como importantes artefatos aos enfrentamentos e debates que envolveram os centristas, haja vista que buscaram intervir no cenário, construindo uma representação na opinião pública e interagindo na dinâmica socioeducacional da cidade de Campina Grande. Assim, a pesquisa nos impressos nos permitiu ampliar os horizontes para novas reflexões e problemáticas no conhecimento do nosso objeto de pesquisa na linha em História da Educação<sup>22</sup>. Sobre essa questão, Capelato (1988) defende que a imprensa oferece várias possibilidades de pesquisa, e que:

A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos permite compreender como viveram nossos antepassados – não só “os ilustres”, mas também os sujeitos anônimos. O Jornal, como afirma Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas (CAPELATO, 1988, p. 21).

Por sua vez, Capelato (1988) vê a imprensa como “um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social” (CAPELATO, 1988, p. 21). Para ela, a imprensa em vez de espelhar a realidade, “passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas

---

<sup>21</sup> Sobre os movimentos estudantis, Mattos (2014) aponta para a ideia de que nenhum movimento estudantil é “homogêneo e nem mutável no tempo e no espaço, e que as entidades e o próprio movimento podem assumir posições diferentes, antagônicas ou mesmo conciliar concepções divergentes” (MATTOS, 2014, p. 20). Para tanto, buscamos as representações singulares que foram construídas sobre/para o movimento estudantil campinense liderado pelo CEC.

<sup>22</sup> As (re)definições no campo da História da Educação nas últimas décadas lançaram um novo olhar para as fontes, com novas documentações. Isso foi possível, principalmente, com os avanços nas análises de fontes e metodologias, que eram até então pouco visitadas ou revisitadas por historiadores/as, que passaram a ganhar visibilidade nas pesquisas históricas com a “Nova” História Cultural. Novas documentações, como por exemplo, os processos-crimes, as fontes literárias, as crônicas, as memórias, as correspondências, as jornalísticas e os materiais iconográficos, vêm sendo utilizadas de maneira inovadora. Segundo Sônia Maria de Freitas (2006), “a Nova História foi um importante movimento que contribuiu para as mudanças dos procedimentos na pesquisa, no uso das fontes para se reconstruir a História” (FREITAS, 2006, p. 42-43).

práticas sociais de uma época” (CAPELATO, 1988, p. 21). Por isso, na acepção desta autora, o/a historiador/a deve pesquisar os jornais como agentes da história, capturando “o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas (suas) páginas” (CAPELATO, 1988, p. 24). Sendo assim, indica a necessidade de pensar os jornais como agentes da história, em que capturamos “o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas (suas) páginas” (CAPELATO, 1988, p. 24), problematizando quais os lugares que essas personagens deram às notícias que fizeram manchetes e os sujeitos envolvidos nas páginas desses jornais, bem como as discussões que defenderam e criticaram em cada contexto histórico.

As possibilidades de utilizar os jornais como fonte histórica são múltiplas: a análise dos conteúdos das matérias (políticas, econômicas, culturais, dentre outras), da forma pela qual são apresentadas as notícias, as propagandas, os anúncios, as fotografias e de como esse conjunto de informações está distribuído nas diversas partes do jornal. Assim, ao trazer os jornais como fonte e objetivo de pesquisa, tivemos o cuidado de problematizá-lo:

Nada é uma fonte por sua própria natureza e é o problema colocado pelo historiador que, identificando um traço que fornece uma resposta, transforma assim um documento em uma fonte histórica [...] Mas é preciso, inicialmente, saber o que esta fonte dizia antes aos outros, como era usada para outra coisa, ou seja, é preciso adquirir conhecimento sobre ela e a partir desses dados obtidos, talvez essa fonte possa fornecer e acrescentar novos ou algumas informações para a pesquisa (MONIOT, 1993 apud BITTENCOURT, 2011, p. 329).

Como mercadoria, os jornais foram/são utilizados com determinados propósitos: informação, divulgação, venda e formador da opinião pública, ligado a interesses variados e, como órgão da denominada “imprensa livre”, fez/faz parte do jogo político e do poder. Para isso, objetivamos perscrutar os interesses dos jornais pesquisados em colocar como colaboradores os/as centristas e seus discursos sobre educação e o movimento de estudantes campinenses.

Desta forma, a imprensa pode ser estudada desde o ponto de vista dos editoriais até às colunas sociais, passando pela diversidade de outros espaços que a compõe:

O editorial é o texto que expressa à opinião do Jornal, ou seja, dos sujeitos que estão por trás de sua produção, e os pesquisadores que se dedicam às análises político-ideológicas privilegiam os editoriais e artigos, que constituem, por excelência, a parte opinativa do jornal. [...] Os jornais oferecem vasto material para o estudo da vida cotidiana. Os costumes, as práticas sociais, o folclore, enfim, todos os aspectos do dia-a-dia estão

registrados em suas páginas. Neste tipo de abordagem o pesquisador pode recorrer às colunas sociais, aos “faits divers”, às ilustrações, às caricaturas e as diferentes seções de entretenimento (CAPELATO, 1988, p. 20).

Assim, compreendemos que em grande parte através da imprensa, circulava uma cultura letrada na Rainha da Borborema, realidade que se intensificou nos anos de 1950, como evidenciado nesta pesquisa.

Sobre a imprensa, é importante ressaltar que Campina Grande ganhou o seu primeiro jornal com estrutura mais inovadora com a criação do *Correio de Campina* (1912-1927), periódico pertencente a Cristiano Lauritzen, então prefeito daquela cidade. Este jornalismo “custou a se profissionalizar”<sup>23</sup>, se constituindo com muitas dificuldades de ordem técnica, econômica e logística, sendo caracterizado pela sua forma fragmentada e descontínua em diversos aspectos” (GAUDÊNCIO, 2012, p. 165)<sup>24</sup>.

Sobre a imprensa, Martins e Luca (2011) afirmaram, ao destacar a importância do periodismo na trajetória intelectual do país, que “a imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira” (MARTINS; LUCA, 2011, p. 08). Sendo assim, “não há como escrever a história da imprensa sem relacioná-la com a trajetória política, econômica, social e cultural do país” (MARTINS; LUCA, 2011, p. 08). Seguindo esse fio condutor, analisamos quais foram os posicionamentos e os interesses subjacentes nos jornais pesquisados. Perscrutamos também quais as relações dos estudantes, em particular dos centristas, na apropriação desses impressos campinenses e a criação de um jornal oficial e voltado aos interesses da entidade.

Nesse sentido, investimos em uma leitura do jornal como espaço onde se operavam as representações dos acontecimentos cotidianos da cidade. Nos debruçamos, também, sobre as subjetividades dos redatores e do corpo editorial responsável pela imprensa campinense. Desta forma, observamos os motivos pelos quais determinados assuntos ganharam destaque na imprensa, buscando vestígios daqueles que se propuseram a colaborar nos impressos e

---

<sup>23</sup> De fato, a imprensa campinense foi cercada por problemas no que se refere ao desenvolvimento de uma cultura impressa, pois “não acompanhou o desenvolvimento da cidade. O progresso no setor comercial, industrial ou bancário, fez com que se transformasse no grande centro de atividades, conhecido em todo o mundo. Contudo, aqui sempre se lutou pelo jornalismo. Nos cem anos de vida de cidade, deve ter surgido em média, um jornal por ano. Muitos, de pouca duração; depois do primeiro número, não aparecia o segundo. Outros iam um pouco além; um mês. E, outros, há um ano” (SOBRINHO, 1950 apud GAUDÊNCIO, 2012, p. 165).

<sup>24</sup> Apesar de Campina Grande-PB possuir características de uma cultura impressa, e possuindo um grande número de periódicos que circularam na cidade nas primeiras décadas do século XX, estas produções foram esporádicas e feitas através de indivíduos e/ou de pequenos grupos intelectuais. Sobre a produção de jornais neste período, cf.: GAUDÊNCIO, Op. Cit.

quais representações se constituíam em torno das lideranças sobre o movimento de estudantes que eles próprios conduziram.

Sobre o conceito de representação, Chartier (1994) considera uma realidade produzida pela subjetividade dos indivíduos, sendo as relações sociais possuidoras de materialidade tão concreta quanto “os dados materiais, físicos, corporais, percebidos na imediatez da experiência sensível” (CHARTIER, 1994, p. 02). Desse modo, as representações construídas nos jornais pelos centristas foram determinadas e determinantes para seus interesses enquanto um grupo de estudantes que as forjavam a seu favor.

Além das narrativas nos jornais, os centristas construíram representações<sup>25</sup> a partir das suas imagens, através das fotografias expostas no jornal *Formação*. Tais fotografias eram publicadas em sintonia com os discursos nas manchetes daqueles que faziam parte da direção do CEC. Para Manguel (2001), as imagens são também narrativas que se dão a ver e a ler. Desta forma, analisaremos as imagens publicadas no jornal e outras guardadas pelos/as entrevistados/as como construção das representações das lideranças estudantis.

O uso da fotografia se disseminou no século XX, significando como um documento de identidade das pessoas. De acordo com Bittencourt (2011), “a difusão da fotografia provocou uma reviravolta no meio artístico ainda no século XIX, pela sua capacidade de reproduzir o real, as situações instantâneas, inicialmente em preto e branco e posteriormente em cores” (BITTENCOURT, 2011, p. 365-366). Assim, “as paisagens e as pessoas puderam ser reproduzidas e transformadas em fotos incluídas em álbuns ou publicadas em revistas e jornais. A fotografia passou a fazer parte do cotidiano e da cultura moderna” (BITTENCOURT, 2011, p. 365-366). Para tanto, exploramos as intencionalidades das exposições fotográficas dos centristas no jornal *Formação* e outras extraídas dos livros de Josué Sylvestre (2013), analisando os momentos e os desejos de serem mostrados, percebendo os posicionamentos em cada fotografia e os efeitos que elas causaram nos seus discursos de lideranças estudantis.

Sobre as imagens como fontes da pesquisa, principalmente as fotografias, Burke (2004) adverte sobre o significado de sua utilização na produção historiográfica, pois, para este, deve-se perceber: “o contexto geral, cultural e político, bem como as circunstâncias exatas nas quais a imagem foi encomendada e também seu contexto material, em outras palavras, o lugar físico onde se pretendia originalmente exibi-las” (BURKE, 2004, p. 255).

---

<sup>25</sup> Concernente à representação dos centristas através das imagens fotográficas, a preocupação está centrada na busca da compreensão dos motivos, das posições das imagens e dos interesses dos mesmos em designar a realidade a partir de suas cosmovisões (CHARTIER, 1990).

Apesar de ser símbolo da modernidade e urbanidade, durante muito tempo os/as historiadores/as que utilizaram das fotografias nas pesquisas tendiam a “tratá-las como meras ilustrações, reproduzindo nos livros sem comentários” (BURKE, 2004, p. 224-225). Como instrumento de documentação que “preserva”<sup>26</sup> o passado, problematizamos as fotografias divulgadas pelos centristas, captadas nos/em momentos de suas trajetórias e intencionalmente inseridas nos impressos como uma forma de dar sentido às suas representações de líderes estudantis.

Com essa mesma preocupação, Lima e Carvalho (2011) afirmam que “as práticas fotográficas devem ser entendidas dentro de um campo de forças” (LIMA; CARVALHO, 2011, p. 43), em que “cada indivíduo ou grupo se posicione e, a partir deste lugar, apropria-se da fotografia como um marcador social, construção de identidades, exclusões, aspirações, status, etc.” (LIMA; CARVALHO, 2011, p. 35). Assim como os jornais, as fotografias não podem ser deslocadas de seus contextos de produção, circulação e institucionalização.

Desta forma, em meio ao contexto de construção das representações de lideranças centristas, as fotografias<sup>27</sup> no jornal *Formação* se colocaram junto aos seus textos para dar legitimação às ações e lutas estudantis. Assim, discutimos, através dessas no jornal, como os centristas construíram suas próprias imagens de lideranças estudantis, sem, contudo, se distanciarem das representações construídas para a intelectualidade engajada, inseridos também em espaços de sociabilidades e círculos intelectuais<sup>28</sup>.

Isto pode ser percebido, por exemplo, através das vestimentas dos centristas. Apesar de jovens estudantes secundaristas, reforçavam estereótipos de um comportamento masculinizado a partir das indumentárias da época, em que foram fotografados usando terno e gravata, ou seja, uma imagem de respeito e dignidade, sinônimo de homens cuja “profissão e

---

<sup>26</sup> Contudo, é preciso indagar sobre as intencionalidades do momento dado na imagem fotográfica, do como e do por que elas foram usadas nos jornais. Não se trata, porém, de considerar as fotografias como “testemunhas do real” ou “reviver o passado”, pois, “há uma descontinuidade, entre nosso presente e nosso passado, que é impossível ser superada” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 238).

<sup>27</sup> Sobre as fotografias em jornais, as autoras Lima e Carvalho (2011) nos dizem que “ao longo do século XX, o mercado fotográfico ampliou-se e especializou-se. A prática fotográfica de caráter documentarista tornou-se a marca da produção fotográfica destinada aos meios de comunicação impressa, especialmente as revistas ilustradas [...]. A revista o *Cruzeiro*, fundada em 1928, poder ser considerada um marco no uso da fotografia na imprensa. O perfil editorial da revista privilegiava a imagem como discurso e o Brasil como tema em materiais fortemente ilustrado” (LIMA; CARVALHO, 2011, p. 34). Contudo, a *Revista Campinense*, criada no ano de 1920, já trouxe “alguns elementos, mesmo que poucos, de uma ‘modernidade’ gráfica em suas páginas, a exemplo do uso de fotografias na capa e em várias de suas páginas internas, além de recursos de linguagens, como piadas, pequenos contos, etc.” (GAUDÊNCIO, 2012, p. 189).

<sup>28</sup> Pensaremos esses círculos como espaços de experiências múltiplas, demarcados pelo universo de muitos personagens e lugares, além de valores e ideias que circularam por uma cidade que teve uma cultura letrada praticamente constituída à margem do crescimento comercial (GAUDÊNCIO, Op. Cit.).

situação financeira permitiam a adoção da indumentária urbana e europeia” (LIMA; CARVALHO, 2011, p. 35). Desta forma, retratavam indivíduos e/ou documentavam um acontecimento, em que estes eram o resultado “de uma linguagem para [suas] práticas sociais específicas” (LIMA; CARVALHO, 2011, p. 52).

Sendo assim, as fotografias expostas no jornal *Formação* fizeram parte do conjunto das comemorações empreendidas pelo periódico e estiveram inseridas nas memórias e histórias construídas sobre o CEC. Nelas, evidenciamos como as imagens eram utilizadas com a finalidade de destacar e monumentalizar os sujeitos. Nas comemorações de aniversário de fundação do CEC, prevalecia a narrativa da idealização das representações dos centristas como figuras públicas, ao tempo em que os mesmos partilhavam seus papéis nos legados comemorativos. Ou seja, o próprio ato de comemorar se constituía “na construção de uma memória coletiva, que requer o partilhamento coletivo de enunciados, imagens, concepções, fotos e personagens” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012a, p. 17).

Ao interpretar essas celebrações de aniversário como de formação de uma identidade para o CEC, foram situadas, também, em “oportunidade para o encontro do outro, como momento de partilha, de convivência, com a alteridade, momento de camaradagem, mas também de afirmação da diferença de interpretação” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012a, p. 24). Para tanto, ao se pesquisar sobre os episódios das comemorações no jornal, de acordo com o autor Albuquerque Júnior (2012a), o/a historiador/a “deve questionar, pois, a comemoração como um mecanismo de construção de identidade e ressaltá-la como momento de afirmação da alteridade” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012a, p. 24), analisando as intencionalidades e os interesses por “trás” dessas comemorações.

Essas comemorações estiveram inseridas nas memórias compostas pelo grupo de centristas, que, além do jornal *Formação*, constituíram representações de suas trajetórias através das memórias dos/as entrevistados/as. Além das entrevistas realizadas no Mestrado em História, em que coletamos um total de sete entrevistas/memórias entre os anos de 2013 e 2014, com os/as ex-participantes do CEC, dentre eles e elas, Agnelo Amorim, José Moraes Lucas, José Lucas Filho, Josué Sylvestre, Léa Amorim, Maria Auxiliadora Bezerra Borba e Valda Freire, demos continuidade nas pesquisas para o doutoramento, entrevistando mais quatro outros atores ex-centristas entre os anos de 2017 e 2018: Evaldo Gonçalves, Derly Pereira, Juarez Farias e Leidson Farias<sup>29</sup>. Fazer uso das falas dos/as entrevistados/as de outras

---

<sup>29</sup> Traremos informações sobre os/as entrevistados/as no decorrer dos capítulos, quando os/as mesmos/as forem citados/as.

pesquisas se justifica pelo fato de que, as indagações levantadas através das memórias não se esgotaram em um trabalho de mestrado, em que surgiram outras questões que se fizeram pertinentes recorrer dessas memórias que não foram “aproveitadas”.

Para tanto, nas duas etapas das pesquisas, Mestrado e Doutorado, procuramos seguir roteiros semelhantes, seguindo as mesmas linhas de questionamentos para todos/as, sem, contudo, não nos distanciarmos de questões específicas para as abordagens da linha de pesquisa em História da Educação, que seria o de levantar discussões sobre a temática educacional.

Ao serem contatados/as expusemos os motivos da importância de suas memórias e explicamos como seriam as entrevistas e que nelas priorizaríamos as histórias e as suas trajetórias estudantis, especialmente quando das suas participações no CEC. Alguns nos receberam em suas residências e outros em seus espaços de trabalho, quando solicitamos que a conversa fosse gravada (gravador digital - MP3). Ao aceitaram as gravações, foram receptivos/as e calorosos/as em dispor do seu tempo para “conversar” sobre suas histórias estudantis e aceitaram a publicação de seus nomes e falas nesta pesquisa<sup>30</sup>.

Ao pedimos para que contassem brevemente como foram seus ingressos, escolhas e versões sobre as participações na política estudantil do CEC, criamos um ambiente favorável à ressignificação das memórias das suas experiências individuais e coletivas, seguindo, quando possível, um roteiro de questões semiestruturadas e elaboradas para fins desta pesquisa. Algumas dessas foram: Como o CEC era representado na cidade; quais foram lutas e ações do CEC para com as questões sobre a educação da juventude campinense; qual o objetivo de construir a Casa do Estudante Pobre; quem escrevia para o jornal *Formação* (edição, circulação, impressão); quais as influências dos centristas com políticos locais; como os centristas pensavam a cidade de Campina Grande; dentre outras.

Além dessas perguntas prévias, elaboradas para as entrevistas temáticas, outras pertinentes surgiram e improvisamos questões na hora do depoimento oral, em que os/as indagamos para que contassem brevemente as suas versões sobre a história do CEC e falassem sobre as suas memórias acerca das experiências individuais, tais quais: como foram as suas participações e ações no CEC. Seguir esse tipo de trajetória nos permitiu ir “direto” nas questões que nos foram relevantes na pesquisa. Para Verena Alberti (2004), diferente de

---

<sup>30</sup> Ver anexos 08 e 09: Parecer Consubstanciado do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa – UFPB) e autorizações das entrevistas.

uma entrevista de uma história de vida, a entrevista temática é menos extensa e nos permite disponibilizar de um tempo mais curto e de “cortar” falas antes mesmo da transcrição.

Para tanto, sabemos da importância que é o primeiro contato com os/as entrevistados/as e da relação de “confiança” que precisamos estabelecer antes de “extrair” informações necessárias à pesquisa. Para isso, tentamos “provocar” essa memória, buscando lembrar de fatos e acontecimentos que marcaram as participações dos/as entrevistados/as nas ações no/do CEC, sempre tendo em mãos o gravador ligado, lápis e papel para anotações.

Assim, apresentamos um quadro “vivo” das cenas de suas histórias estudantis para que com isso pudessem (re) lembrá-las. Escolhemos como mecanismo para essa rememoração levar alguns artigos do jornal *Formação* assinados por alguns deles, possibilitando a recordação de um passado há muito não lembrado. Rememorar tempos e acontecimentos silenciados, ainda nos contextos de vidas estudantis, quando eram jovens estudantes que conduziram as ações do movimento estudantil no cenário do espaço do CEC.

Um caminho investigativo a ser levado em consideração por aqueles/as que se utilizam da história oral seria o de levar mecanismos em que essas memórias fossem estimuladas. Desta forma, através do jornal *Formação*, enquanto lugar de memória<sup>31</sup>, levamos aos entrevistados/as esses mecanismos, em que eles/elas puderam assegurar suas continuidades nas memórias estudantis, ao preservar com o auxílio do jornal, seus reconhecimentos coletivos e de uma geração, tornando possível que essas reconstituíssem suas identidades centristas.

Desse modo, cada um/uma narrou às ações individuais e coletivas, se colocando como aqueles/as que lutaram e que fizeram “a diferença” no movimento de estudantes liderado pelo CEC. Com essas abordagens da pesquisa oral, os/as entrevistados/as se sentiram “envaidecidos/as” com os olhares e interesses voltados às suas trajetórias. Contudo, deixamos claro nas entrevistas que pretendemos não apenas escrever a história do CEC, mas fazer um trabalho acadêmico e nele analisar suas falas de acordo com os métodos e teorias empregadas na pesquisa. Para tanto, problematizamos as lutas, os conflitos, as intrigas, as intencionalidades da criação e permanência desta entidade estudantil, os jogos políticos, os

---

<sup>31</sup> Para Pierre Nora (1993), os lugares de memória são construções históricas, que envolvem conflitos, paixões e interesses de indivíduos que se expressão pela “vontade de memória” (NORA, 1993, p. 21). Para tanto, os lugares de memórias podem ser descritos como: lugares materiais, “pelo seu conteúdo demográfico” (Idem, p. 22); lugares funcionais “por que tem ou adquirem a função de “cristalização das lembranças e sua transmissão” (Idem, p. 21) e lugares simbólicos “caracterizados por um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número ou uma maioria que deles não participou” (Idem, p. 22). Problemataremos, no capítulo três, esses lugares de memórias constituídos pelos centristas através do jornal *Formação*.

interesses e as práticas colocadas em torno da defesa das políticas educacionais, orientadas e arquitetadas por estudantes, estes/as mesmos/as entrevistados/as quando eram jovens centristas.

Essas teias discursivas expressas nas narrativas das entrevistas produziram um “memorável” processo de ressignificação do CEC através de experiências que os/as entrevistados/as consideram significativas sobre aquele contexto. Momento de “provocar” diversas lembranças e saudosismos: eventos, comemorações, atividades políticas, etc. Enfim, episódios da vida estudantil nas páginas amareladas do jornal *Formação* e de outros documentos, como cartas pessoais e jornais online.

Alguns/algumas entrevistados/as escreveram nesses mecanismos de informação para expressar suas participações no CEC. Assim, os consideramos relevantes como fonte de pesquisa para analisarmos as intencionalidades de escrever sobre essas participações e a influência que isso ainda traz nas suas biografias de vida. Assim, utilizamos essas escritas de si (GOMES, 2004) para sintetizarmos a importância de terem sido membros do grupo de centristas e outras questões relevantes que se fizeram necessárias para a narrativa.

Esses discursos falam, ou parecem falar a mesma coisa, ao agenciar a história do CEC de modo que, em vários momentos das entrevistas ainda presenciamos os/as depoentes já preparados com seus próprios “roteiros” de entrevistas, adequados às memórias de outros/as colegas e/ou através das cópias dos livros de Josué Sylvestre<sup>32</sup>, personagem central dessa narrativa como um lugar de memória do CEC.

Para Halbwachs (1990), as memórias dos indivíduos nunca são só suas e nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. As memórias são construções dos grupos sociais, são eles/as que determinam o que é memorável e os lugares de memórias que serão preservados. Desta forma, trabalhamos com essas lembranças construídas para/sobre o CEC e as relações de poder envolvidas nelas.

A importância de buscar essas memórias se configura em trazer para a pesquisa depoimentos de indivíduos que estiveram presentes e que participaram de alguma maneira dos acontecimentos e eventos proporcionados pelo CEC. Contudo, não ambicionamos, com os depoimentos, conhecer o passado tal “como ele de fato foi”, mas “apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1994, p.

---

<sup>32</sup> Josué Sylvestre, ex-centrista, escritor e considerado historiador, escreveu obras sobre a história de Campina Grande-PB e da Paraíba, e nessas obras trouxe algumas poucas memórias sobre o tempo em que foi presidente do CEC (nos anos de 1961-1962). Conhecido entre os estudiosos da cidade como referência dos acontecimentos políticos que marcaram a história local, suas obras são consideradas como “história viva”. Cf.: SYLVESTRE, 1982; 1988; 1993; 2004; 2013.

224). E, mais do que isso, problematizar lugares, espaços e atuações dos/as ex-centristas na entidade através daquilo que consideram como conquistas pessoais, embora junto a outros/as estudantes.

É importante destacar que a entrevista é um dos muitos mecanismos para os/as depoentes recordarem episódios do cotidiano do CEC: viagens, lutas e eventos que empreenderam em nome dessa entidade estudantil. Nas entrevistas vieram à baila fatos de muitos momentos de um contexto estudantil das suas gerações, narrando aquilo que consideram como relevante no “contar” suas histórias. Por outro lado, cabe a nós, historiadores/as, não apenas descrever as memórias dos/as depoentes: “como se pode tentar descrever um objeto físico” (GAGNEBIN, 2009, p. 40), mas, tomamos essas lembranças como resultados de lutas sociais e políticas realizadas por aqueles/as que fizeram parte do CEC.

Ao discutir as atuações individuais e coletivas do grupo de centristas na organização do movimento estudantil campinense, partimos do método prosopográfico para comparar e analisar os perfis de centristas e suas trajetórias estudantis e procurar encontrar nessas trajetórias de vida elementos de regularidades e singularidades.

Para isso, selecionamos algumas histórias e memórias de indivíduos que fizeram parte do grupo de centristas, são eles: Félix Araújo, Raymundo Asfora, Ronaldo da Cunha Lima, Juarez Farias e Josué Sylvestre. A escolha dessas biografemas se deu por terem sido estes atores, além de centristas atuantes no CEC, figuras de proeminência política, além de conterrâneos e os dois últimos terem sido nossos entrevistados<sup>33</sup>. Buscamos nesses sujeitos os episódios marcantes e os traços em comuns em que essas vidas juvenis se cruzaram e se encontraram. Esta escolha significou encontrar “regularidades discursivas, as práticas e os rituais, os costumes, os hábitos, os códigos culturais e linguísticos, que seriam comuns a cada uma dessas existências” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012b, p. 33-34).

Com a seleção desses centristas, em consonância com o método prosopográfico<sup>34</sup>, nosso objetivo foi o de analisar como se constituíram os espaços, narrativas e representações para o CEC a partir de suas trajetórias estudantis. Assim, ao cruzarmos histórias e memórias, comparamos os percursos no movimento estudantil campinense anterior à ditadura civil-militar de 1964, bem como suas singularidades quando comparado a outros movimentos

<sup>33</sup> Os outros três biografados são falecidos.

<sup>34</sup> “Na prosopografia, a vida de cada indivíduo serve de instrumento de mediação do desvio que significa a vida de outro indivíduo que faz parte da amostra definida” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012b, p. 33). Para tanto, a utilização deste método prosopográfico requer do/a historiador/a “a explicitação dos seus pressupostos, dos métodos adotados e a confissão dos silêncios que de saída assumiu” (Idem).

estudantis daquele contexto. Sobre essa questão, Charle (2006) adverte que “a prosopografia é a investigação das características comuns do passado de um grupo de atores na história do estudo coletivo de suas vidas” (CHARLE, 2006, p. 41).

Ao comparar essas vidas em suas narrativas e experiências, o método prosopográfico torna possível não apenas “encontrar regularidades culturais, sociais, econômicas, políticas e ideológicas atravessando e constituindo essas vidas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012b, p. 35), mas, também, encontrar “as próprias regularidades no discurso que as informa e as transformam em biografias” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012b, p. 35). Para tanto, a nossa preocupação não é a de fazer biografias de vida sobre esses indivíduos e lideranças estudantis do CEC, mas biografemas<sup>35</sup> para analisar espaços por eles percorridos e o que cada um produziu sobre suas atuações, principalmente políticas, no contexto dos debates partidários travados pelos centristas em Campina Grande<sup>36</sup>.

Pensando nesta perspectiva, seguimos neste estudo as trajetórias individuais e coletivas dos personagens estudantis, seus enfrentamentos e alianças locais com grupos e partidos políticos, buscando identificar como pensavam enquanto integrantes do movimento estudantil, como construíram suas representações de lideranças estudantis e como ocuparam os espaços dos jornais para a constituição de memórias sobre o CEC. Assim, investigamos as características comuns do passado desses sujeitos enquanto um grupo de centristas, através de um estudo individual e coletivo de suas vidas estudantis (posições, família<sup>37</sup>, educação, ação política).

Para tanto, analisamos essas histórias individuais para se chegar a uma visão mais geral do grupo de centristas e de como esses conduziram o movimento de estudantes campinenses. Desta forma, “o objetivo, como em toda a prosopografia, é apreender, através das biografias coletivas o funcionamento social e real das instituições ou os meios onde agem os indivíduos estudados” (CHARLE, 2006, p. 48).

---

<sup>35</sup> O autor Albuquerque Júnior (2012b) chama de biografemas “os elementos que se repetem com dada regularidade nas narrativas biográficas, que se constituiriam em um dos objetivos da análise prosopográfica [...] numa referência ao papel que no campo da linguagem desempenham os fonemas, tal como os definiu Saussure (2006), ou ao papel desempenhado pelos mitemas nas narrativas míticas, tal como analisadas por Lévi-Strauss (2011) e Roland Barthes (2003)” (Idem, p. 34).

<sup>36</sup> Além das memórias orais, pesquisamos outros estudos já realizados sobre esses ex-centristas selecionados no método prosopográfico, trabalhos que focalizam suas ações enquanto políticos, mas selecionaremos apenas aquelas informações sobre as suas trajetórias estudantis. Cf.: LIMA, 1992; ANDRADE, 1990; 2000; SILVA, 2009.

<sup>37</sup> O estudo da classe social a qual pertenciam esses centristas nos será relevante para pensarmos as questões sobre as ações das elites campinenses, inscritas em ambientes intelectuais, culturais e de sociabilidades em que os estudantes estavam inseridos e que influenciaram – embora alguns desses personagens não pertencessem a tais famílias – nas trajetórias do movimento estudantil liderado pelo CEC.

A partir de tais considerações, a nossa tese foi dividida em mais quatro capítulos, além desse momento introdutório do texto.

No segundo capítulo, *Campina Grande: discursos de cidade politizada*, o objetivo foi o de analisar os discursos voltados para a educação na cidade de Campina Grande-PB entre os anos de 1945 e 1964, coexistindo com as experiências e os projetos educacionais que se organizaram nos colégios da cidade e os espaços de sociabilidades de discussões políticas, educacionais e culturais dos quais os centristas participaram. Desta forma, analisamos como o ensino secundário estabeleceu relações com os projetos educacionais desenvolvidos na cidade pelas elites políticas e intelectuais locais.

Para tanto, dialogamos sobre os apoios dos centristas aos projetos político-partidários através dos discursos e dos debates educacionais voltados para os estudantes campinenses, na confluência de projetos que perpassavam a política de ensino para a cidade, dentre as quais, a criação do primeiro colégio de ensino público secundário. Para esse momento da nossa investigação, utilizamos os jornais para problematizar como os centristas discutiram questões de educação, não ficando apenas restritas à educação formal, mas, para outros lugares educacionais não formais. Assim, elucidamos as práticas colocadas pelos centristas nos jornais sobre a educação dos estudantes, tendo como principais características o incentivo à leitura e à escrita.

Como trilha histórica do CEC, seguimos os congressos estudantis secundaristas que discutiram sobre educação formal e não formal e o Primeiro Congresso de Professores Secundários do Nordeste, todos eles realizados em Campina Grande na década de 1950 e início da década de 1960, sistematizando encontros e reivindicações para a resolução dos principais problemas que enfrentava o ensino de grau médio nesta cidade e no Nordeste.

No capítulo três, *O jornal como espaço de memórias*, discutimos a criação do jornal *Formação* como um espaço discursivo em que os centristas criaram as suas representações de lideranças estudantis, através das comemorações de aniversários da criação do CEC, como se apropriaram do espaço jornalístico como um lugar de formação política da juventude campinense, compreendidas pelas práticas colocadas sobre a educação dos estudantes.

Para tanto, discutimos como o jornal *Formação* foi um espaço de memórias e fio condutor para elaborar o campo discursivo sobre as atuações dos centristas, como se organizaram e utilizaram esse espaço da imprensa e o lugar das suas imagens no jornal como instrumento de interesses relacionados às histórias e memórias dos eventos do/sobre o CEC, além de lançar nosso olhar investigativo ao papel das lideranças estudantis, buscando

identificar como operacionalizaram discursos sobre esse espaço, *locus* de formação política e cultural de uma época.

Objetivamos, assim, investigar a construção do jornal *Formação* como um espaço apropriado pelos centristas para propiciar um lugar de confluência para a construção de suas memórias estudantis. Desta forma, ressaltamos as intencionalidades dos centristas na constituição histórica do CEC como sendo um elemento fulcral na formação política da juventude campinense. Para tanto, esse objeto de pesquisa nos possibilitou narrativas sobre os usos e discursos representados tanto nas imagens fotográficas, quanto nas páginas do jornal, pois estiveram envoltos em significados para o grupo que os publicaram e nas relações de poder daqueles que expuseram e edificaram suas imagens.

No capítulo quatro, *Histórias de lutas, memórias estudantis*, discutimos as trajetórias políticas dos centristas através das aproximações em que os estudantes tomaram partido em campanhas eleitorais, focando suas relações e escolhas partidárias, os enfrentamentos dos centristas com órgãos públicos e políticos locais, a exemplo da acirrada campanha contra a gestão do prefeito Plínio Lemos (1951-1955), sob a justificativa da defesa da educação secundarista na cidade de Campina Grande. Nesse episódio foram destacadas as disputas com a gestão municipal por ocasião da suspensão das bolsas de estudo doadas pela prefeitura aos estudantes carentes nas escolas particulares da cidade, além da suspensão das “ajudas financeiras” da gestão municipal outrora destinadas às despesas do CEC. Neste contexto de conflitos os jornais foram os principais meios ocupados para evidenciar os discursos de ataques dos estudantes contra a gestão de Plínio Lemos.

Em contrapartida à “verdade” estudantil daquele contexto, também analisamos a defesa do ex-prefeito Plínio Lemos através do documentário *Ainda pela Verdade* (1955), o qual busca, através de farta documentação, refutar as acusações desferidas por parte dos centristas.

No capítulo cinco, *A formação da juventude campinense: um estudo prosopográfico*, fizemos uma análise das entrevistas publicadas pelos ex-centristas que tiveram atuação mais efetiva no CEC entre os anos de 1947 a 1962. Cruzamos essas trajetórias estudantis para compreendemos como foram construídos e do por que dos discursos e representações em torno das lideranças estudantis e do espaço do CEC como uma entidade estudantil que conduziu o movimento de estudantes campinenses marcado por intencionalidades e aspirações de projetos políticos futuros.

Desta forma, perscrutamos as relações pessoais, sociais, culturais, políticas e intelectuais para analisar em conjunto alguns traços biográficos relevantes desses sujeitos em

suas lutas e práticas centristas, presentes em narrativas de pessoas que tiveram trajetórias políticas significativas.

Portanto, a prosopografia como ferramenta metodológica nos permitiu realizar um trabalho de cruzamento das imagens de lideranças estudantis e dos perfis que foram desenvolvidos pelos “meninos-homens”, quando ainda estudantes. Por fim, os selecionados para o método prosopográfico pertenciam ao mesmo espaço do CEC e tiveram como semelhanças em suas trajetórias políticas estudantis, formação escolar e profissional, articulações sociais e políticas e espaços de sociabilidades dos quais fizeram parte.

## 2 CAMPINA GRANDE: DISCURSO DE CIDADE POLITIZADA

### 2.1 O ensino secundário e a construção de projetos para a educação

O Centro Estudantil Campinense – CEC – atuou em meio às reformas do ensino, com discursos voltados para a educação em Campina Grande-PB entre os anos de 1945 e 1964. Nesse contexto, coexistiram os projetos educacionais que se organizaram nos colégios, nos espaços de discussões políticas e educacionais e entre a *classe* estudantil campinense. Para tanto os jornais pesquisados, aqueles organizados pelos estudantes, e os que circularam neste período, trouxeram debates e temas que envolveram políticas públicas *para* e *sobre* a educação, expondo discussões e posicionamentos relativos às manifestações culturais na cidade. Esses jornais, mesmo não voltados para questões pedagógicas, contribuíram para compreendermos os diferentes discursos sobre educação e sobre a ideia de uma formação da juventude campinense através da leitura e da escrita.

Estes jornais deram espaços aos centristas e estudantes para exposição dos discursos e ideias, visando, também, uma aproximação com as questões da educação. Bem como disponibilizaram espaços para a divulgação de estabelecimentos escolares de ensino secundário, com informações sobre ofertas de vagas, matrículas e listas de alunos e alunas conluíntes. Essa adesão da imprensa aos debates educacionais pôde ser sentida pelo desejo de uma elite política e letrada em promover a relação entre modernidade e educação, reflexo de uma sociedade que se queria/dizia moderna e cultural intelectualmente.

Para as autoras Souza e Gelbcke (2015), sobre o processo de urbanização no Brasil, nas primeiras décadas do século XX:

Foi característico do desejado progresso nacional preconizado no período, conduziu o poder público e a imprensa a reafirmarem discursos favoráveis à obrigatoriedade escolar. Pautados por um discurso civilizacional e moralizador, as instituições de ensino foram entendidas como espaços privilegiados para consolidar a formação de homens e de mulheres para uma futura atuação profissional na sociedade que se modernizava [...] O sistema educacional, por sua vez, orientava-se no sentido de combater o analfabetismo, instrumentalizar a população para o trabalho e oportunizar a apropriação de um saber intelectual espelhado em nações consideradas mais avançadas (SOUZA; GELBECK, 2015, p. 254-255).

As bases para uma educação neste período foram definidas na forma de como ensinar à juventude em um momento crucial de sua formação como futuros profissionais e cidadãos.

Para Piletti e Piletti (2013), existiam dois tipos de educação: o ensino secundário, destinado às elites, que representava o lugar que conduziria os filhos das mesmas para as universidades. Somente poderiam continuar os estudos em nível superior<sup>38</sup> se completassem também o curso secundário. E tinha o curso profissionalizante pós-primário, que nenhuma “utilidade tinha em termos de continuidade dos estudos”, sendo que “era um curso de segunda categoria, destinado às classes menos favorecidas” (PILETTI; PILETTI, 2013, p. 188). O ensino secundário no país foi modificado pelo Decreto nº 4244, de 09 de abril de 1942, conhecido como Lei Orgânica do Ensino Secundário, que estabeleceu as seguintes Diretrizes gerais:

Conforme o artigo 1º passaram a ser três os *objetivos* do ensino secundário: “Formar [...] a personalidade integral dos adolescentes; acentuar e elevar [...] a consciência patriótica e a consciência humanística; dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial” (PILETTI; PILETTI, 2013, p. 186).

Regulado e fiscalizado pela União, o ensino secundário é assim definido:

O termo escola secundária, no Brasil, em seu sentido técnico, corresponde à segunda grande divisão da escala educacional, de cujo tronco (ensino médio) é o ramo julgado mais importante. Em tempos não muito remotos o seu conceito não era o de escola também destinada às classes populares e sim de escola de classe dominante, preparatória para os estudos superiores de uma elite (ABREU, 2005 apud SILVA, 2014, p. 43).

Em Campina Grande, nas primeiras décadas do século XX, havia uma preponderância de estabelecimentos de ensino secundário particulares, eram eles: Colégio Alfredo Dantas<sup>39</sup>, Colégio Diocesano Pio XI<sup>40</sup> e Colégio Imaculada Conceição<sup>41</sup>. A cidade somente veio a

<sup>38</sup> Os autores Piletti e Piletti (2013) problematizam que o curso superior era “para a elite, para cuja preparação era organizada o curso secundário” (PILETTI; PILETTI, 2013, p. 190).

<sup>39</sup> O Colégio Alfredo Dantas foi fundado inicialmente com o nome de Instituto Pedagógico Campinense, que “de acordo com o Anuário de Campina Grande (1925), foi fundado em 17 de fevereiro de 1919 pelo Tenente Alfredo Dantas Correia de Góes. Essa instituição possuía uma forte orientação de teor militar, uma vez que preparava os jovens para a defesa do país inculcando sentidos nacionalistas nos hábitos cotidianos dos alunos [...] o educandário campinense tinha a disciplina e a obediência como palavras de ordem, a norma era um imperativo no comportamento dos jovens” (SILVA, 2014, p. 59).

<sup>40</sup> O Colégio Pio XI foi fundado em 07 de abril de 1931 pelo vigário José Medeiros Delgado, situando-se em salões anexos da Igreja Matriz, a Catedral, localizada no centro da cidade, sendo transferido, em 1932, para um prédio em construção na Rua João Pessoa, que foi doado por José Joaquim de Castro Leite (José Padre). Neste externato, os turnos eram divididos entre os gêneros: de manhã estudavam os meninos e de tarde estudavam as meninas (José Lucas Filho, entrevista concedida à autora em: 17 mar. 2014).

<sup>41</sup> A fundação do Colégio Imaculada Conceição, Damas, aconteceu no dia 1º de março de 1931, “por solicitação do Arcebispo D. Adauto de Miranda Henriques. Como sendo uma escola para as meninas, as fundadoras e

possuir uma instituição pública desta modalidade de ensino na década de 1950, com o Colégio Estadual de Campina Grande, chamado na imprensa de “O Gigantão”, inaugurado em 31 de janeiro de 1953. De acordo com Silva (2014), foram três os indicativos para a implantação desse colégio e que influenciaram os governantes do Estado à concretização desse feito para o ensino secundário:

a) A política de expansão do ensino secundário público; b) a demanda populacional de Campina Grande e a reivindicação da elite local; c) a expansão da Educação Pública que repercutiu diretamente na necessidade de instauração de uma instituição pública de ensino secundário (SILVA, 2014, p. 75-76).

Isto pode ser sentido pelos investimentos na educação brasileira no ensino público secundário. Assim, os principais motivos pela prioridade a esta modalidade de ensino são: “1) ramo de prestígio e de possibilitar uma ascensão social; 2) acreditada agência de preparo para várias atividades em empregos e serviços semiqualeificados 3) Direção qualificada de acesso ao ensino superior” (SILVA, 2014, p. 49).

Expandir o ensino secundário era um discurso recorrente nos anos de 1940 e 1950. Além dos indicativos expostos acima, tinha a questão da demanda populacional em Campina Grande, bem como as reivindicações da elite local para a implantação de um estabelecimento de ensino secundário público, posto que as famílias de outras localidades do estado se deslocavam para esta cidade em busca de melhores condições de vida e educação. Portanto, após a expansão do ensino primário havia uma preocupação com a instauração do Colégio Estadual<sup>42</sup> e, conseqüentemente, do ensino secundário na cidade.

Com a inauguração do Colégio Estadual foram criadas representações estudantis e estas passaram a enaltecer a tão grandiosa obra de realização para o “progresso” e “desenvolvimento” da cidade através da educação, com divulgações na imprensa da inauguração do referido colégio no intuito de inculcar reconhecimento de ser Campina Grande uma cidade que manifestou tal importância e relevância à educação da juventude.

Recebido com grande entusiasmo pela imprensa local, podemos perceber não apenas a satisfação dos estudantes e da cidade passar a ter um grande colégio estadual secundário

---

diretoras foram às irmãs Dominique, Alice, Livine e Martina”, localizado na Avenida Marechal Floriano Peixoto, centro de Campina Grande, até os dias atuais. Disponível em: <[www.cicdamas.com.br](http://www.cicdamas.com.br)>. Acesso em: 03 jun. 2018.

<sup>42</sup> Para saber mais sobre os indicativos que levaram à construção do Colégio Estadual de Campina Grande, bem como mais informações sobre este estabelecimento de ensino, cf.: SILVA, 2014.

público, mas, principalmente, o que essa realização resultaria naquele contexto, qual seja: o engrandecimento cultural para a cidade e para a formação da juventude campinense. Sua inauguração foi noticiada pelos jornais locais como algo marcante para a história da educação campinense. Desta forma, foram assim publicadas:

**Será inaugura no dia 31 próximo o Colégio Estadual** - No dia 31 deste mês, será inaugurado em Campina Grande a obra magnânima do ex-governador Oswaldo Trigueiro, agora, concluída pelo snr José Américo. O Colégio Estadual de Campina Grande, é uma realização de vulto merecendo a estima de quantos se interessar pelo bem estar da nossa mocidade estudiosa [...] Estávamos necessitando de uma escola, assim, oficializada pelo Estado, onde os estudantes pobres de Campina Grande pudessem continuar os seus cursos, muitos deles já iniciados, mas interrompidos por falta de possibilidades econômicas (JORNAL DE CAMPINA, 25 jan. 1953, p. 06).

**Colégio Estadual de Campina Grande sente nesta hora o significado que tem para ele esse colégio** - Campina Grande sente nesta hora o significado que tem para ela êsse Colégio e por isto está profundamente agradecido aos seus realizadores [...] sendo o curso secundário o grau de ensino mais importante na vida do aluno estamos certos de que a Paraíba soube erigir êsse monumento para oferecer a Campina Grande (JORNAL DE CAMPINA, 01 fev. 1953, capa).

A criação do Colégio Estadual da Prata se configurou como a oferta de um ensino de referência e um ideal que associou qualidade ao progresso da cidade e região. Para tanto, esta instituição escolar se constituiu em importante representatividade por ser a primeira escola secundária pública, fundada em uma época em que os estudantes e a elite política e intelectual campinense idealizavam a fundação de uma escola superior na cidade<sup>43</sup>.

Ainda nesta última matéria citada acima, falou-se da criação do Colégio Estadual como instituição destinada principalmente aos estudantes pobres, aos que não tinham condições econômicas de concluir seus estudos. E finalizou: “estávamos necessitando de uma escola assim, oficializada pelo Estado” (JORNAL DE CAMPINA, 25 jan. 1953, p. 06). E mais, em outra matéria, percebemos essa valorização colocada pelos editores deste jornal, como o fim dos problemas desta modalidade de ensino, ao valorizarem as ações do governador José Américo de Almeida para a instrução pública:

E o ensino secundário? Ora, o problema do ensino secundário gratuito está qual resolvido com a conclusão do Colégio Estadual, em nossa cidade.

---

<sup>43</sup> Sobre a criação da Universidade Regional do Nordeste – URne, cf.: ALEIXO, 2018.

Colégio com capacidade para 2 mil alunos, seria inaugurado em janeiro próximo e em março, suas portas estarão abertas aos alunos de todas as classes sociais, sem distinção de cor ou nacionalidade. Para dirigir o Colégio, S. Excia. mais uma vez acertou escolhendo o nome do professor Milton Paiva que é antes de tudo um idealista, um homem de ação que tem prestado inestimáveis serviços à causa do ensino (JORNAL DE CAMPINA, 05 out. 1952, p. 03).

Contudo, percebemos no jornalismo local, principalmente no *Jornal de Campina*<sup>44</sup>, mais uma exaltação à criação deste colégio e dos políticos que realizaram tal feito, do que propriamente mudanças significativas com relação à melhoria do ensino e ao acesso da população mais carente a essa modalidade, pois, através das entrevistas, vimos que a referida instituição abrigou alunos e alunas oriundas das elites locais com a migração dos colégios particulares para o público. A ex-aluna e entrevistada, Léa Amorim<sup>45</sup>, falando sobre a educação feminina na década de 1950, narrou que “vai ter maior abertura com o Colégio da Prata, todo mundo passou a estudar lá. Principalmente a elite campinense, que saiu dos colégios particulares e foram estudar lá. Porque tinha os melhores professores da cidade” (Léa Amorim, entrevista concedida à autora em 10 abr. 2014).

Essa “abertura”, a qual nos narrou Dona Léa, deveram-se às mudanças que o colégio proporcionou após a inauguração. Entre elas, a junção de alunos e alunas numa mesma sala de aula, diferentes das outras escolas particulares, em que eram separados por gênero. Outros ex-centristas e entrevistados, a exemplo de Juarez Farias<sup>46</sup> e Evaldo Gonçalves<sup>47</sup>, afirmaram que

---

<sup>44</sup> Meses depois, este mesmo jornal noticiou e criticou as atitudes do então governador José Américo de Almeida sobre as nomeações do quadro de funcionários do Colégio Estadual de Campina Grande, alegando que essas indicações seriam feitas “independentes da influência política”. E mais: “Disse ainda S. Excia. que o professorado do Colégio seria escolhido entre os professores locais. Porém tal não aconteceu e o que vimos foi exatamente o contrário: as nomeações foram feitas obedecendo rigorosamente o critério político” (EVOLUÇÃO, 24 a 30 ago. 1958, p. 06). Com discursos forjados sobre a representatividade de ser o Colégio Estadual referência de ensino secundário público para a cidade, depois da inauguração, os jornais trouxeram os problemas que este colégio teve para o ensino e símbolo de modernidade para a cidade. Problemas como falta de aulas e má remuneração de professores e irregularidades no seu funcionamento.

<sup>45</sup> Natural de Campina Grande-PB, Leonília Amorim (Léa) concluiu o curso clássico no Colégio Estadual da Prata, no início da década de 1960. Pouco tempo depois, ingressou no curso de Estudos Sociais da Universidade Regional do Nordeste e, simultaneamente, ao corpo docente do Colégio Estadual da Prata. Filha de Esmeraldina Agra, conhecida como Passinha Agra, que foi uma escritora que contribuiu para a memória histórica de Campina Grande, pertencente a uma das famílias que exerceu influência na cidade durante décadas, os Agras. Atualmente é professora aposentada da Universidade Federal de Campina Grande.

<sup>46</sup> Traremos informações sobre este entrevistado no capítulo cinco, quando discutiremos as biografias dos centristas.

<sup>47</sup> O centrista Evaldo Gonçalves foi representante do CEC entre os anos de 1952 e 1955, tendo participado, junto com o amigo e conterrâneo Juarez Farias, da viagem ao Rio de Janeiro para arrecadar fundos para a construção da Casa do Estudante Pobre. Nascido em 15 de junho de 1933, em São João do Cariri, veio para Campina Grande concluir os estudos secundários, onde estudou no Colégio Diocesano Pio XI e se graduou em Direito pela UFPB e Filosofia pela UFPE. Estreou na política em 1957, sendo eleito vereador nesta cidade, pela legenda do PSP, exercendo o cargo até 1963. Durante o período, atuou também como consultor jurídico do Serviço

deixaram de estudar no Pio XI para estudarem no “Gigantão”, por serem oriundos de famílias humildes e que logo viram a oportunidade de não pagar mensalidades, além de se constituir numa escola de referência, gratuita e de qualidade (Juarez Farias, entrevista concedida à autora em: 01 mar. 2018; Evaldo Gonçalves, entrevista concedida à autora em: 11 ago. 2017).

Assim, durante as primeiras décadas do século XX, a obrigatoriedade e gratuidade do ensino estavam restritas ao nível primário. Nas décadas de 1950 e 1960, houve um aumento significativo de alunos e alunas matriculados/as no ensino secundário, caracterizando o início do processo de democratização da escola secundária no país. Contudo, isso não significou a extensão desse nível de ensino a todos ou à grande maioria da população, pois foram os filhos da elite que ocuparam os lugares no primeiro colégio público secundário na cidade, e os estudantes pobres continuaram, em sua grande maioria, sem o acesso a essa modalidade, chegando a apenas 10% destes, em 1958, que frequentaram o ensino secundário. Como afirma Souza (2008):

No início da década de 1960, cerca da metade dos estabelecimentos de ensino secundário existentes no país pertenciam à iniciativa privada e tanto as escolas públicas como as particulares encontravam-se localizadas em sua maioria, nas capitais dos estados e nos grandes centros urbanos (SOUZA, 2008, p. 145-146).

Muitos estudantes, oriundos das escolas particulares da cidade, vinham de outras localidades do interior para concluir seus estudos, e desses, alguns receberam auxílio para estudar nessas escolas, como as bolsas<sup>48</sup> pagas pela Prefeitura de Campina Grande, a partir da nova constituição para a Educação, de 1946, que tinha, entre as propostas:

Facilitar a expansão do ensino privado, principalmente para os níveis secundários e superiores, ao oferecer-lhes subsídios na forma de bolsas de estudo e auxílio na manutenção da infraestrutura dessas escolas, ao tratar da expansão do ensino em termos de incentivo à escola privada, sem alterações importantes no ensino público (HILDORF, 2003, p. 110-111).

Neste contexto, o país convivia com uma taxa de aproximadamente 40% de analfabetos entre a população adulta. A Constituição de 1946 previa a elaboração de uma Lei

---

Nacional de Assistência aos Municípios (SENAM) e promotor público de Campina Grande e Pocinhos. Além desses, exerceu cargos municipais e estaduais em diversos outros municípios.

<sup>48</sup> Sobre estas bolsas de estudo pagas pela prefeitura de Campina Grande para alunos e alunas de escolas particulares, discutiremos mais detalhadamente no quarto capítulo, quando abordaremos os enfrentamentos dos centristas com o Prefeito Plínio Lemos.

de Diretrizes e Bases<sup>49</sup> da Educação Nacional e, em 1948, o então Ministro da Educação, Clemente Macini, apresentou o projeto de lei ao congresso, que alteraria a regulamentação estabelecida por Gustavo Capanema na sua gestão no Ministério da Educação, entre os anos de 1934 e 1945. Contudo, apesar das reformas do Estado na educação, da tentativa de erradicação do analfabetismo<sup>50</sup> e das disputas pela escola pública de qualidade, a educação continuou apenas a alcançar aqueles/as que podiam pagar pelos seus estudos, sem alcançar o conjunto da população mais carente.

De acordo com Piletti e Piletti (2013), a luta pela ampliação da escola pública referente ao ensino secundário, vinha desde a década de 1930 e “intensificou-se a partir da redemocratização e da aprovação da constituição de 1946” (PILETTI; PILETTI, 2013, p. 198)<sup>51</sup>. Desta forma, a expansão do ensino secundário público tem como fio condutor as novas determinações modificadas pela Carta Constitucional de 1946, tendo a educação como um direito de todos os poderes públicos: “obrigados a garantir na forma da lei, a educação em todos os níveis, juntamente com a iniciativa privada” (SHIROMA, 2000 apud SILVA, 2014, p. 07).

Estas novas determinações reverberaram nos governos locais, em que representantes do Estado tiveram como prioridade os problemas relativos à educação, juntamente com saúde, produção e transporte, como setores fundamentais para melhoramento da condição do Estado.

As reformas do ensino giravam em torno das preocupações de construir escolas como as principais necessidades da época para a educação. Desta feita, com relação ao ensino primário e também secundário, como medidas de maior importância entre os governantes, selecionamos dois exemplos desses gestores em ações a favor da educação. O primeiro foi Oswaldo Trigueiro<sup>52</sup> (1947-1950) que:

---

<sup>49</sup> A LDB depois de 13 anos sendo discutida, foi promulgada em 20 de dezembro de 1961 através da Lei nº 4.024 (PILETTI; PILETTI, 2013).

<sup>50</sup> Em 1958 foi instituída a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, “atendendo à Lei N. 3.327-A, de 1957 por meio da Portaria N. 5-A, que propunha o desenvolvimento de um plano piloto em um município de cada uma das regiões brasileiras” (SOUZA, 2008, p. 145).

<sup>51</sup> Com relação ao número de escolas secundárias públicas no Brasil, estes autores dizem que em 1932 havia apenas 394 unidades de ensino secundário em todo o país, “das quais somente 58 mantidas pelos poderes públicos e a grande maioria, 336, pertencendo à iniciativa privada, ou seja, acessíveis a uma pequena minoria” (PILETTI; PILETTI, 2013, p. 198).

<sup>52</sup> Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Melo nasceu em Alagoa Grande-PB no dia 02 de janeiro de 1905, filho do fazendeiro, agricultor, chefe político e “coronel” Francisco Luís de Albuquerque Melo e de América Trigueiro de Albuquerque Melo. Com o fim do Estado Novo (1945), retornou à Paraíba para participar da campanha da sucessão presidencial, integrando a corrente que apoiava a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, lançada pela União Democrática Nacional (UDN). Tendo sido um dos fundadores desse partido, elegeu-se governador da Paraíba no pleito de 19 de janeiro de 1947, derrotando o candidato do Partido Social Democrático (PSD), Alcides Carneiro. Cf.: <[www.cpdoc.br/cpdoc/acervo](http://www.cpdoc.br/cpdoc/acervo)>. Acesso em: 10 set. 2018.

Encarou, desde logo, o problema do ensino, com a criação de novas unidades escolares e construção de grupos em vários municípios. ‘Inicialmente, como medida de maior importância, tratou o govêrno de concluir as construções de prédios escolares que haviam sido iniciados em administrações anteriores e que se achavam, há longo tempo paralisadas, muitas das quais ainda nas fases preliminares dos trabalhos, e outras em via de conclusão (MELLO, 1956, p. 135-136).

O segundo foi José Américo de Almeida<sup>53</sup> (1951-1956), em que a instrução recebeu deste governador:

Inestimável soma de benefícios. Disseminador de escolas, construtor de grupos, estimulador do ensino rural, de escolas normais e de comercio, de ginásios e de cursos profissionais, animador da educação artística sem contar o estabelecimento de órgãos técnicos que passaram a orientar e dirigir, experimentalmente, as escolas paraibanas, notabilizou-se sobretudo, na campanha do ensino superior (MELLO, 1956, p. 139).

Na década de 1950, as necessidades em torno da estrutura escolar com a reconstrução, a construção e as reformas de escolas e conservação de edifícios públicos foram colocadas como prioridades pelos governos estaduais e municipais. Desta forma, tinha-se como objetivo/problema “a criação de ginásios nas localidades onde o ensino era inexistente, o aumento de matriculas nos ginásios existentes sem a criação de novas unidades escolares, e a implantação de ginásios onde já havia instituições de ensino secundário” (SILVA, 2014, p. 49).

Para tanto, na década de 1950 e início da década de 1960, os jornais da cidade publicaram artigos com assuntos referentes à educação, professores e alunos, situações precárias das escolas oficiais (públicas) e privadas, e as dificuldades do ensino. Essas discussões giraram em torno da defesa da escola e da educação pública, em que estas questões se tornaram o centro de discussões e a busca por um ensino de qualidade.

O centrista Josué Sylvestre (1958)<sup>54</sup> teceu alguns comentários para o jornal *Evolução* sobre a educação no Brasil. Este estudante chamou a educação de “confusa e deficiente” e escreveu que a melhoria do ensino não era apenas um problema do Governo, mas

---

<sup>53</sup> Nasceu na cidade de Areia-PB em 10 de janeiro de 1887 e faleceu na cidade de João Pessoa em 10 de março de 1980. Publicou as obras: *A bagaceira* (1928), *Reflexões de uma cabra* (1922), *A Paraíba e seus problemas* (1923), *O boqueirão* (1935) e *Coiteiras* (1935). Em 1945 foi eleito senador da Paraíba, voltando a ocupar a pasta ministerial de Viação e Obras Públicas em 1951, no governo de Vargas. Também foi governador da Paraíba entre os anos de 1951 e 1956.

<sup>54</sup> Traremos informações sobre este entrevistado no capítulo cinco, quando discutiremos as biografias dos centristas.

“especialmente do movimento estudantil”, pois o grande número de analfabetos atingia principalmente os jovens em idade escolar. Para isso, na sua escrita, colocou a escola privada como a grande responsável pelos problemas enfrentados para se atingir uma escola pública de qualidade:

A anarquia generalizada na maioria dos colégios particulares e a pequena porcentagem de educandários oficiais, concorrem, por sua vez, para a desmoralização do curso secundário. [...] Entretanto, há alguém neste país que se preocupe atualmente com o problema, e está reunindo armas para atacar o mal e destruí-lo. O presidente do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos professor Anísio Teixeira<sup>55</sup> é o estudioso que preconiza a reforma do ensino, denunciando os erros e apresentando as correções [...] Respondam os adversários da Reforma, enquanto nós, cerramos fileiras ao lado do mestre Anísio, fazendo votos para que se renove êsse desmoralizado e caduco de nossa Pátria (EVOLUÇÃO, 22 a 28 jun. 1958, capa).

Essas campanhas nos jornais em defesa da educação pública ganharam intensas discussões na cidade entre os estudantes secundários e centristas logo após a conquista, com a inauguração do Colégio Estadual. Desta forma, se somaram aos órgãos de imprensa, intelectuais e professores no empenho de tornar realidade o preceito constitucional: “a educação é um direito de todos” (PILETTI; PILETTI, 2013, p. 198).

Além da conquista com a inauguração da citada instituição escolar, Campina Grande também foi palco de outras manifestações estudantis de modo que a imprensa buscava ser vigilante com alguns comportamentos e atitudes consideradas “não aceitáveis” para uma cidade que se queria moderna através da educação e do desenvolvimento cultural.

Sobre o título *Educação Doméstica*, os editores do jornal *Gazeta Campinense* (04 set. 1960, p. 05) discutiram sobre a juventude “bossa nova” e os “play-boys”, e os editores se consideraram como observadores imparciais, mas que não poderiam deixar de “dar” a sua opinião sobre “certos” aspectos da sociedade que eles consideram como “negativos” para a cidade, e por isso, tinha como obrigação “levantar a voz contra alguns desses defeitos que são

---

<sup>55</sup> Considerado o “inventor da escola pública no Brasil”, Anísio Teixeira (1900-1971), foi “o principal idealizador das grandes mudanças que marcaram a educação brasileira no século XX, foi pioneiro na implantação de escolas públicas de todos os níveis, que refletiam seus objetivos de oferecer educação gratuita para todos” (FERRARI, 2008, s/p). Os centristas não dispensaram elogios a esse idealizador da escola pública e o colocaram como “o maior educador brasileiro, a difundir o seu pensamento entre a juventude com que ele tanto se identifica” (FORMAÇÃO, set. 1951, ano 16, capa). Na ocasião, Anísio Teixeira era Secretário de Educação e Saúde do Estado da Bahia, e respondeu com uma carta ao convite dos alunos do Colégio Diocesano Pio XI, para ser paraninfo da primeira turma de concluintes deste colégio no ano de 1949.

gritantes em nossa cidade e que, em última instância, traduz uma precariedade de nossa educação doméstica” (GAZETA CAMPINENSE, 04 set. 1960, p. 05).

Dessa forma, os jornais da cidade estiveram “de olho” naqueles que frequentavam os espaços públicos e que, segundo eles, se apropriavam dos espaços da cidade para lutas e manifestações políticas. Assim, vigiados, os estudantes foram colocados como aqueles que deveriam ser educados e disciplinados e que não poderiam “fugir” das regras impostas para esta cidade e daquilo que se esperava para a juventude campinense.

Para tanto, o CEC foi “chamado” para criar uma “polícia de fiscalização” em que os centristas policiariam outros estudantes em lugares públicos. Sua prática consistia em “policiá-los” em todos os estabelecimentos de diversões, agindo como fiscalizadores de condutas considerados “não aceitáveis”, em particular para aqueles/as que desejassem participar das atividades promovidas pela própria entidade:

Na prática, o corpo de fiscais criado pelo Centro Estudantil transformou-se em mais um serviço prestado aos empresários que podiam se livrar dos indesejados estudantes, cuja polícia estudantil tinha autoridade de retirar estudantes do local e confiscar suas identidades sempre que considerasse conveniente (NASCIMENTO, 1990, p. 132).

Com a criação da “Polícia Estudantil”, os centristas foram colocados como aqueles que poderiam disciplinar as atitudes de outros estudantes e se colocaram, além de “vigiadores”, de “policiais” que reprimiam a juventude, considerada como não pertencentes ao que se esperava dos jovens, e os centristas como aqueles que poderiam apontar quais posicionamentos e atitudes estes jovens deveriam seguir.

Para isso, o CEC foi empregado como um instrumento de poder contra os próprios estudantes que tentassem “desviar” das atitudes impostas pela sociedade, como um lugar disciplinador das condutas estudantis. Poderíamos associar essa prática de “policiamento estudantil” ao ideal de cidadão defendido na década de 1950, como aquele dócil e produtivo, atrelados às normas e valores que estimulassem, nos futuros cidadãos, o apego ao trabalho. De acordo com Ribeiro (2012), educar o corpo do futuro cidadão e mantê-lo forte e produtivo significava, ao mesmo tempo, “servir à educação cívica” (RIBEIRO, 2012, p. 31), que os preparava para exercer seu dever como, também, futuro operário. Nesse sentido, cidadão, estudante e trabalhador eram termos quase equivalentes. Para tanto, “como o objetivo da escola era o aperfeiçoamento moral dos alunos” (RIBEIRO, 2012, p. 53), a padronização por

meio do vestuário condizente e do aprendizado das normas da sociedade do trabalho, levaria os alunos a se tornarem futuros operários e cidadãos.

Como o CEC coadunou com as questões da sociedade e foi um espaço extraescolar de formação da juventude campinense, as práticas dos centristas também estiveram em conformidade com as discussões e inquietações políticas, sociais e culturais que englobavam os setores da elite política local, surgindo daí as preocupações com os destinos da cidade com relação à educação dos jovens. Neste sentido, a organização interna do CEC contribuiu para inserir os centristas nas discussões da problemática local, criando oportunidades para o contato mais direto com os reclamos da população, neste caso, com alguns estudantes que não se “comportaram” em lugares públicos.

Para tanto, os centristas se colocaram como aqueles que deveriam ensinar virtudes, veicular valores, repreenderem atitudes consideradas impróprias para uma juventude estudiosa que deveria estar preocupada com a sua formação política e intelectual, que pretendia se representar na sociedade como aqueles intelectuais juvenis engajados politicamente nas causas estudantis. Mas, para isso, os centristas deveriam impor limites a certos jovens que se “desviassem”, e serem eles a referência dessa juventude.

Essa “Polícia Estudantil” foi criada sob argumentos de “a população estudantil de nossa cidade” (EVOLUÇÃO, 02 a 08 jun. 1958, p. 11) teria crescido, em que o seu regulamento “já estava sendo apreciado pelo Govêrno do Estado, para o reconhecimento oficial” (EVOLUÇÃO, 02 a 08 jun. 1958, p. 11). Assim, em consonância com o poder, o CEC tomou posicionamentos para que os estudantes não fossem alvo de críticas por parte de outros setores da sociedade, pois, da desobediência poderia surgir a “rebeldia”, e como alertou o jornal *Gazeta Campinense* para jovens que não se “comportavam” em espaços públicos da cidade “vem à desobediência e começam as rebeldias, surgem as discussões com os pais a respeito das ordens recebidas, aparecem as interpretações (querem saber as razões das ordens dadas)” (GAZETA CAMPINENSE, 08 out. 1961, p. 02-04)<sup>56</sup>, chegam as protelações voluntárias ou mesmo as “rebeldias declaradas que os pais tanto desadoram (não sem razão)” (GAZETA CAMPINENSE, 08 out. 1961, p. 02-04).

Nesta mesma matéria, os editores deste jornal também discorreram sobre a autoridade e a liberdade entre educadores e educandos, colocando essa questão como sendo um ponto que deveria haver equilíbrio, “pois quem usa da autoridade muitas vezes se excede, e os jovens reagem ao oposto disso, porque eles querem é libertar-se do julgo, e não fazer

---

<sup>56</sup> Publicação dividida em duas páginas, comum em jornais campinenses.

precisamente porque foi mandado” (GAZETA CAMPINENSE, 08 out. 1961, p. 02-04). Para tanto, os editores ainda colocaram que seria preciso conhecer os interesses, as necessidades dos jovens, e “a vigilância ostensiva que os pais exercem sobre os filhos é também motivo de desgosto para eles” (GAZETA CAMPINENSE, 08 out. 1961, p. 04), e, discutindo sobre a criação doméstica da juventude campinense e as consequências dessa para a sociedade, ainda acrescentou que “o adolescente ainda não atingiu a maturidade e precisa da ajuda dos educadores. Êstes, no entanto, devem compreender os reclames da sua idade e agir com prudência e moderação” (GAZETA CAMPINENSE, 08 out. 1961, p. 02-04).

Sobre essa compreensão, o centrista Agnelo Amorim expôs na imprensa os perigos de uma juventude que não seguiria as “regras” impostas por aqueles que viam nos estudantes campinenses os significados de posicionamentos que buscavam para um engajamento político e intelectual na cidade. Como exemplo, o jornal *O Momento* (08 out. 1950) noticia que jovens, meninos entre 16 e 18 anos, banhavam-se nus nas águas do Açude Velho sendo este “recanto habitado e ponto de convergência dos transeuntes de diversos bairros da cidade, não devia se prestar à prática do nudismo desses rapazes” (O MOMENTO, 08 out. 1950, p. 02). O tomar banho de açude, nus, feria os princípios de uma entidade estudantil que se integrava as lutas sociais, que iam as ruas em buscar dos seus direitos, portanto, precisavam da “Polícia Estudantil” para colocar “limites” a essas práticas. Os moradores locais chegaram a “apelar” à polícia local.

O jornal *O Líder*, órgão oficial do Centro de Estudos e Debates – CED –, narrou sobre o que considerava como sendo o estudante campinense:

O estudante na atualidade não é simples frequentador de Colégio, para aprender as lições e adquirir seu diploma; é mais do que um soldado, um batalhador incansável, a fim de dar ao povo brasileiro uma melhor condição de vida. Os estudantes politizados e ajustados de hoje serão os adultos realizados de amanhã (O LÍDER, 03 set. 1963, capa).

Este espaço extraescolar, o CED, também fez circular seu jornal, *O Líder*, considerado no seu editorial como aquele que “ressurge com sacrifícios, é um meio de politização e conscientização para todos os estudantes. Através deste podemos transmitir algo dos nossos conhecimentos para que se tirem algum proveito” (O LÍDER, 03 set. 1963, capa). Como meio de comunicação entre os estudantes, este jornal tornou o CED um espaço em que os estudantes puderam debater os problemas enfrentados pela sua *classe* e dar suas contribuições através da participação e das ideias que circularam na imprensa.

Tendo como iniciativa os próprios estudantes, de criarem jornais que pudessem discutir esses assuntos ligados à disciplina e formação da juventude, não apenas o CEC agiu como um espaço caracterizado pelo ambiente disciplinador com o intuito de policiar e politizar os estudantes campinenses, mas o CED também esteve ligado a essas discussões na cidade.

Ao expor essas considerações na defesa da “Polícia Estudantil” e de criar espaços para politização dos jovens campinenses, os centristas colocaram para os estudantes os princípios daquilo que consideravam como sendo necessário à juventude brasileira:

Hoje, mais do que nunca, estamos certos de que o futuro de um país está na sua juventude. Esta merece todos os cuidados dos dirigentes nacionais para que se formar em um ambiente de civismo, de sã patriotismo, de muita disciplina de confiança inquebrável em um Elife (*sic*) que dirigi e a conduza para um grande futuro. Possuindo uma mocidade assim formada e educada, embuída de uma verdadeira mística da Pátria, nós seremos espiritualmente, como já o somo politicamente, um bloco uno e indivisível (FORMAÇÃO, 11 ago. 1940, p. 03).

Desta forma, a cidade passou a ser o lugar onde foram moldados ideários de embelezamento, higiene e de comportamentos como práticas de modernização, arquitetadas pelas políticas públicas das elites locais, haja vista que era o espaço em que as elites habitavam e onde as “invenções” do moderno deveriam acontecer. E, exatamente por isso, tornou-se espaço de “vigilância” sob alguns estudantes considerados como “desviantes” por meio da observação de seus comportamentos e do padrão preconizado pela juventude centrista.

Além de “vigiadora” dos estudantes, a imprensa campinense teve uma grande representatividade nas discussões sobre educação da juventude e sobre a defesa de um ensino público e de qualidade. Esta imprensa, na condição de veículo de informações relativas ao campo cultural, político e educacional, configurou-se como um meio de comunicação capaz de traduzir o contexto social, na medida em que mobilizou opiniões e propagou ideias. Criados muitas vezes com recursos próprios, o jornalismo campinense ganhou espaço de influência política, intelectual e cultural na cidade. Através da escrita, esses discursos nos jornais permitiram que os responsáveis pelas edições e circulações tivessem um poder de não apenas informar, mas, também, de trazer questões e posicionamentos a partir de suas visões, em que se constituíram em um lugar de divulgação de interesses e transmissão de ideias daqueles que estiveram à frente do jornal.

As matérias desses jornais se constituíram como meios pelos quais os que escreveram traziam não apenas as opiniões daqueles/as que liam (ou ouviam), mas influenciariam as decisões de órgãos públicos a partir das “pressões” que eram manifestadas pelos mesmos. Desta forma, esses discursos “também podem ser vistos como algo que decide o próprio destino do personagem que fala, pois este, não só através de seus atos, mas através de suas palavras, garante para si um futuro de glória, de ignomínia ou de esquecimento” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 228-229). Desse modo, pensar o discurso escrito nos jornais pelos centristas, é pensar o que eles queriam ou preconizavam naquele contexto educacional.

Nessa perspectiva, a criação e a escrita em jornais foram vistas como meios “indispensáveis” para o engajamento de intelectuais, elite política e estudantes, para que suas ideias tivessem maior repercussão na cidade, para que tivessem o efeito social e cultural desejado pelos autores, atingindo assim o maior número possível de leitores. De certo que, para que isso fosse possível, defenderam a escola pública, denunciaram certos comportamentos não aceitáveis dos estudantes e colocaram o analfabetismo da juventude como atraso social, econômico e cultural para a modernização da cidade.

Para isso, esses grupos citados acima utilizaram dos discursos da imprensa para impor a defesa de uma educação pública, ou seja, que os jovens da cidade de Campina Grande tivessem acesso à educação. Para este fim, seria necessário ampliar o número de escolas públicas, já que as escolas particulares eram pagas e dessa forma acessíveis a determinadas *classes* sociais. Nesse ínterim, jornais da cidade denunciaram o ensino particular classificando-o como uma “mamata”, um negócio, “empresa rendosa”, sem a “devida fiscalização” (EVOLUÇÃO, 22 a 28 jun. 1958, capa).

É discorrendo na matéria do jornal *Gazeta Campinense* sobre os baixos salários dos professores, que o jornal pretendia como solução a “Escola gratuita para todos” (GAZETA CAMPINENSE, 13 ago. 1961, p. 03), com aqueles recebendo melhores salários e, o mais importante, com “todos os alunos (ricos e pobres) pagos pelo imposto estatal” (GAZETA CAMPINENSE, 13 ago. 1961, p. 03), e mais, que se as escolas deveriam ser “públicas”, as escolas confessionais não deveriam ser diferentes.

Com a frase “para ser pública deve ser gratuita” o jornal *Gazeta Campinense* criticou os atrasos das bolsas de estudo pagas pela prefeitura a alunos e alunas que estudavam em escolas particulares, e que os prejudicados eram, além destes e destas que corriam o risco de ficarem sem as aulas, professores que ficavam sem receber seus vencimentos. E finaliza a

matéria: “não se deve perder a esperança de melhores dias para o ensino brasileiro” (GAZETA CAMPINENSE, 13 ago. 1961, p. 03).

O mesmo jornal anunciou em outra matéria, *Só permitido o Ensino Particular com Remuneração Condigna dos Professores*, que “os professores de Campina Grande estão se movimentando para fundar a sua associação de classe, etapa necessária, prevista na consolidação das leis do trabalho que levará a conquista do sindicato, seu órgão de defesa” (GAZETA CAMPINENSE, 05 nov. 1961, p. 01). Diante da situação dos professores de ficarem sem pagamentos, devido ao atraso das bolsas de estudos pagas aos alunos pela prefeitura, estes mesmos se reuniram para tentar o reconhecimento enquanto *classe social*.

Em outro jornal, o *Evolução*, a matéria fez críticas a outro jornal contra a defesa deste no aumento das anuidades escolares, em que esse mesmo argumentou que “é melhor fazer pouco mais de sacrifício para garantir uma melhor formação dos futuros cidadãos” (EVOLUÇÃO, 07 a 13 dez. 1958, p. 02). Os editores desse periódico rebateram discorrendo que isso já era uma prática antiga de atribuir “as piores qualidades, a todos os serviços de iniciativa e execução do Estado” (EVOLUÇÃO, 07 a 13 dez. 1958, p. 02), e defenderam que o setor educacional oficial é mais eficiente que o setor particular: “todos os estudantes sabem que são os estabelecimentos oficiais os que dispõem de melhores corpos docentes e instalações mais adequadas” (EVOLUÇÃO, 07 a 13 dez. 1958, p. 02).

Mais uma vez, também para esse jornal, o ensino particular usava o lucro, sendo que o oficial seria mais comprometido com as “normas legais”, e fez também uma crítica aos filhos das elites, chamando-os de “filhinhos do papai”, que não possuíam um compromisso sério com os estudos, “o pai pagou, o filho passou”, e que por isso procuraram esses estabelecimentos privados de ensino (EVOLUÇÃO, 07 a 13 dez. 1958, p. 02). Contudo, aponta deficiências no ensino oferecido pelo Estado, que consistia “no reduzido número de ginásios e colégios uma pequena quantidade de vagas existentes, relativamente à população estudantil” (EVOLUÇÃO, 07 a 13 dez. 1958, p. 02).

Essas preocupações com a criação de mais escolas públicas percorreram todo o período democrático e o crescimento da defesa de um ensino público e qualitativo. Ao mesmo tempo em que os estudantes defenderam “O Petróleo é Nosso”<sup>57</sup>, também defenderam a

---

<sup>57</sup> Os/as estudantes participaram ativamente de diversos momentos no cenário político nacional: “na campanha ‘O Petróleo é Nosso’, na luta pela reforma universitária, na campanha pelas reformas de base” (ARAÚJO, 2007, p. 62). Assim, os/as estudantes construíram “forças, identidades e tendências democráticas que criaram raízes e consistência política na sociedade brasileira” (Idem, p. 61-62). Essa campanha também mobilizou os estudantes campinenses, tendo o CEC à frente das discussões e defesas do nacionalismo. Cf.: SANTANA, 2015.

educação pública, numa nítida defesa da democracia como uma das bases para uma melhor educação, tão presente nesse contexto histórico.

Por fim, aplaudiram a medida do Ministro da Educação em congelar os preços das anuidades escolares e finalizou a matéria:

Se as particulares (escolas) são incapazes de executar o encargo, o que devemos fazer é tratar de imediata nacionalização do ensino e não incentivar o enriquecimento de emprêsas particulares as custas dos pobres, numa tarefa, que, pela sua importância, deveria caber exclusivamente ao Estado (EVOLUÇÃO, 07 a 13 dez. 1958, p. 02).

Dessa forma, para além das questões relacionadas sobre a defesa da escola pública, falar em educação esteve relacionado à atividade, à ação, à construção de um tempo de progresso e prosperidade, de transformações para a cidade na busca de um desenvolvimento cultural. Para tanto, esses jornais ao trazerem discursos sobre a defesa de uma educação pública e de qualidade, manifestaram o desejo das elites políticas e intelectuais locais de trazerem a ideia de Campina Grande ser uma cidade politizada, realidade que repercutiu na criação de espaços de debates políticos, literários e educacionais<sup>58</sup>.

Portanto, os jornais trouxeram vozes que defenderam o desenvolvimento cultural da cidade em favor da educação gratuita, pois, “para muitos campinenses, então, a estrutura educacional que lhe servia deveria ligar-se da forma o mais produtiva possível ao processo de desenvolvimento” (AGRA DO Ó, 2006, p. 116). Dessa forma, os anos de 1950 e início de 1960, foram de “efervescência notável em discussões educacionais, fazendo-se de pano de fundo para estes debates a preocupação em conduzir o Brasil ao caminho do desenvolvimento capitalista, autônomo e autossustentado” (AGRA DO Ó, 2006, p. 126).

Nessa mesma perspectiva, como já referido ao longo deste texto, o CEC abraçou também a defesa dos rumos do ensino na cidade e, através do jornal *Formação*, discutiu sobre os riscos do ensino deficitário nas regiões Norte/Nordeste:

Aqui, os homens públicos em seus cambalachos políticos, não se cansam de bradar pelo melhoramento do ensino [...]. Se aqueles que têm interesse no assunto não reagirem de bem perto, o caso morrerá por si próprio. O ensino em estabelecimentos particulares já está sem o seu verdadeiro fim [...]. Temos estabelecimentos que pela sua forma de construção, nos dão uma

<sup>58</sup> Entre os trabalhos que foram produzidos sobre o processo de modernização nesta cidade, levando em consideração as mudanças ocorridas na esfera urbana, pública e educacional, cf.: Aranha (2001), Sousa (2006), Cabral Filho (2009), Souza (2002) e Agra do Ó (2006).

ideia de que temos mesmo um bom colégio. Suposição apenas. Pois não se concebe que um aluno do curso científico, possa terminar seu curso sem que seus olhos vejam um aparelho muito usado em nossos laboratórios; um microscópio. Uma reação química não sabemos fazer. Por quê? Porque o laboratório daquele colégio está no porto do Recife, e, para maior vergonha nossa, não há \$ para transportá-lo, até nossa cidade (FORMAÇÃO, 03 mar. 1954, p. 05).

Nesta matéria, os centristas criticavam a falta de materiais e equipamentos nas escolas particulares e, por isso, entendiam que não se poderia desenvolver uma educação de qualidade sem os utensílios necessários ao bom desempenho do aluno e professor. Assim, na defesa pela escola pública e de qualidade, o CEC discutiu sobre as precariedades do ensino privado e apontou para melhorias que deveriam ser alcançadas. Com lutas e disputas por espaços de representações políticas no jornalismo campinense, os centristas propiciaram debates acerca da importância do ensino público para a juventude, destacando-se algumas preocupações sobre os rumos da educação da época. Com isso trouxeram para o jornal *Formação* os problemas da instrução pública:

Em um país como o nosso, onde não existe unidade de raça, a escola é um fator predominante na formação da mentalidade de nosso povo, tendo ela uma função educacional que não se pode desconhecer. Parece-nos que o ensino além de ser gratuito em seu grau primário, deveria também ter obrigação de matrícula e frequência [...] O estudante pobre que demonstrasse certa habilidade e tivesse ideal definido, deveria ter garantia a continuação de seus estudos nos cursos secundários e superior, pois como já vimos a instrução, além de ser um fator educacional é também um dos principais fatores do progresso de uma nação (FORMAÇÃO, 11 ago. 1940, p. 04).

Discorrendo sobre a formação dos estudantes através da educação, o jornal discutiu a importância do ensino nas escolas para, principalmente, a formação do caráter dos indivíduos e o desenvolvimento do país, pois, sem uma educação para todos e de qualidade, seriam grandes os “prejuízos morais, causados por gerações desnorteadas e mal orientadas” (FORMAÇÃO, 11 ago. 1940, p. 04).

Nas páginas do jornal *Formação* foram colocados artigos dedicados à educação da juventude campinense, ligados ao progresso e desenvolvimento da cidade. Já na sua primeira edição, vemos as discussões sobre o ensino e a preocupação dos centristas com a formação dos estudantes pela educação. Através da seguinte frase: “é o saber a base essencial do progresso” (FORMAÇÃO, 11 ago. 1936, p. 03), este jornal enfatizou a administração de

alguns governantes, deixando claros seus posicionamentos com relação a investimentos políticos na educação:

Desde o governo do Dr. João Suassuna, que a Paraíba vem cuidando da instrução, não só na capital como no interior onde aquele estimado estadista deu início a construção de vários Grupos Escolares [...] Campina Grande, que é uma cidade de numerosa população, sentia a falta de educandários, era insuficiente para abrigar um grande número de educandos (FORMAÇÃO, 11 ago. 1936, p. 03).

Desde a sua primeira publicação, o jornal *Formação* se posicionou como aquele impresso que iria a público para manifestar, embora na defesa de grupos políticos, sua opinião, sua forma de agir e de pensar sobre os rumos da juventude campinense, tendo como fio condutor mudar a realidade da educação na cidade. Desta forma, os centristas se posicionaram nos jornais com temas que consideravam pertencentes aos lugares como estudantes. E mais, esses temas estiveram em conformidade com os estatutos internos do CEC, que seriam:

a) congregar a classe (estudantil) a fim de que haja entre seus elementos a maior solidariedade; b) proteger os estudantes pobres que fizeram parte do Centro; c) resolver questões da classe e defender seus direitos; d) combater o analfabetismo; e) desenvolver a cultura física dos associados; f) prestar ajuda moral e material às associações congêneres que visem à proteção da juventude a critério da Diretoria (SYLVESTRE, 1982, p. 385).

Esses regimentos, que orientaram os centristas nas suas ações e lutas, estiveram em conformidade com os discursos nos jornais, que podem ser sentidos na forma de se representarem como “defensores” de uma educação pública, em que essas defesas deram sentido às suas lutas e práticas estudantis. Para tanto, na ideia associada a esses estatutos, tentaram através de suas palavras, provocar mudanças na realidade precária da educação da cidade por meio das suas ideias e das maneiras de pensar sobre a formação da juventude campinense, que esteve diretamente relacionada com esses estatutos.

O que se esperava das práticas do CEC senão aquelas que envolvessem discussões referentes à educação e aos estudantes? Pelas leis do regimento do CEC, foram colocadas as atividades que esta entidade estudantil deveria prestar à juventude. E aquela foi criada e mantida com essa finalidade, só que também esteve inserido em laços de aproximações com intelectuais e políticos locais, com outros discursos externos que não fugiram das propostas

colocadas nos estatutos, mas que trouxeram outros interesses, atitudes e visões que não correspondiam diretamente ao movimento de estudantes, que discutiremos no decorrer dos próximos capítulos.

Desta forma, as discussões e pressões na imprensa campinense sobre a educação pelos centristas e estudantes permaneceram durante as décadas seguintes, em uma nítida percepção de que as precariedades da educação não foram solucionadas a contento do que esses discutiram. Dessa forma, foram colocadas em outros jornais que circularam na cidade (quase) as mesmas questões e posicionamentos com relação ao ensino. Contudo, estas questões giraram em torno não apenas por mais demandas de escolas, mas principalmente, por uma educação de qualidade, ficando assim expressadas:

**Sem educação é Falha e Pêco (sic) Qualquer programa de desenvolvimento cultural - Sem escolas primarias suficientes e boas, nenhuma cidade pode progredir - Triste e decepcionante a situação dos Grupos Escolares em nossa cidade – Sem recursos, sem assistência, sem estímulo é fraca frequência de alunos. [...]** Os recursos destinados a escola pública elementar tem sido insuficiente sequer para manter em perfeitas condições de funcionamento os estabelecimentos estaduais e municipais de ensino público (GAZETA CAMPINENSE, 20 nov. 1960, p. 01-03).

Em destaque na primeira página com letras grandes, o jornal *Gazeta Campinense* denunciou a precariedade da educação, pois, segundo o impresso, cresceu a população, mas não foram instalados novos grupos escolares na cidade, que passou a abrigar um número crescente de crianças com idade para frequentar as aulas: “nos últimos anos não se instalou nenhum grupo escolar” (GAZETA CAMPINENSE, 20 nov. 1960, p. 03). Outro problema levantado por este jornal foi a baixa frequência dos alunos e alunas e a falta de recursos financeiros para as pequenas despesas, quando “causa verdadeiro desalento saber-se que um Grupo Escolar como o Murilo Braga, do Estado, não tem água, mesmo depois que foi feita há vários meses a instalação interna dos canos” (GAZETA CAMPINENSE, 20 nov. 1960, p. 03).

A baixa frequência dos/as alunos/as também foi tema discutido pelos jornais da cidade, na coluna *Pelo Mundo Estudantil*, do jornal *Gazeta Campinense*, esse trouxe, com o título da matéria *De quem é a culpa?* o baixo rendimento dos alunos e alunas campinenses, sentido nos exames do vestibular:

Nunca, como nos dias que correm, o estudante tem sido mais censurado. Quando se realiza os exames vestibulares para as Escolas Superiores, as reprovações chamam a atenção de todos para o baixo nível cultural da juventude. Nos concursos para empregos públicos, os que não conseguem aprovação, fornecem assuntos para as queixas contra a preguiça e o desinteresse dos estudantes (GAZETA CAMPINENSE, 19 mar. 1960, p. 03).

Desse modo, o jornal pontua alguns fatores em forma de perguntas para consequências do desinteresse e a baixa frequência dos mesmos, como: “Tem os estudantes os professores competentes e bons docentes de que necessitam? [...] Oferecem os estabelecimentos de ensino as melhores condições para o aproveitamento dos alunos?” (GAZETA CAMPINENSE, 19 mar. 1960, p. 03), e também quando a direção da escola, “existe da parte dos diretores, fiscais e professores a preocupação de não deixar cada mês com um horror de horas letivas em branco?” (GAZETA CAMPINENSE, 19 mar. 1960, p. 03).

Colocando todas essas questões, o jornal certamente diz que a culpa não seria do despreparo e nem do desinteresse da mocidade estudiosa, pois estes sempre buscaram o preparo intelectual para “vencer na vida”, só que não encontravam “as condições favoráveis para a realização desses objetivos” (GAZETA CAMPINENSE, 19 mar. 1960, p. 03), e que por isso “estar cada vez mais baixa a formação intelectual e científica dos estudantes” (GAZETA CAMPINENSE, 19 mar. 1960, p. 03).

Em outra matéria, esse mesmo jornal discutiu a situação das faltas de aulas dos cursos do ginásio e científico do Colégio Estadual, em que colocou como causas que:

A maioria dos professores que ganham o salário-aula paga por aulas excedentes do número dos contratos assinados com o Estado, não quer aceitar o preço de cinquenta cruzeiros por aula, que é a atual tabela em vigor para o Colégio Estadual de Campina Grande (GAZETA CAMPINENSE, 15 mai. 1960, p. 06).

O jornal continuou que os alunos “menos conformados” com a situação, querem se reportar ao Governador José Fernandes Lima e comunicar o ocorrido. O jornal, por sua vez, aconselhou a juventude estudiosa desse mesmo colégio a tomar “uma atitude de prudência, dentro dos recursos legais ao seu alcance, sem o extremo da denúncia ao Governador do Estado” (GAZETA CAMPINENSE, 15 mai. 1960, p. 06). A atitude foi a de recorrer ao inspetor estadual para a resolução do problema e que o “remédio poderá ser encontrado sem transtornos para os discentes do estabelecimento” (GAZETA CAMPINENSE, 15 mai. 1960, p. 06).

Como se descreveu de jornal “apolítico”, o *Gazeta Campinense* não quis colocar a política das discussões educacionais que envolviam professores insatisfeitos com os seus salários e alunos e alunas prejudicados/as sem aulas. E sim, tentou resolver esses problemas de uma forma mais “pacífica” para ambos, fazendo a linha de que sempre defendeu um jornalismo que não envolvia questões políticas. Suas matérias denunciavam aqueles problemas relativos ao ensino considerados como “errados” e na defesa de uma “educação de qualidade” para a mocidade estudiosa campinense (GAZETA CAMPINENSE, 15 mai. 1960, p. 06).

A coluna *Pelo Mundo Estudantil*, do jornal *Gazeta Campinense*, era destinada a trazer informações e assuntos sobre os estudantes e sobre o CEC. Através dessa coluna, este jornal colocou que esta seção esteve aberta a todos os estudantes que queriam discutir os seus problemas, desde que “não sejam feitos ataques pessoais ou injustos, suas colaborações serão publicadas, quando se revestirem de interesse para a classe” (GAZETA CAMPINENSE, 29 mai. 1960, p. 02), e por fim, afirma ser essa seção estudantil apolítica, bem como o jornal.

Nessa coluna estudantil, os centristas e estudantes desfrutaram de influências perante grupos de jornalistas e editores do jornal *Gazeta Campinense* e circularam nestes espaços da imprensa, em que os mesmos se colocaram no meio jornalístico e discutiram sobre o ensino e os lugares dos estudantes nesses projetos para a educação. Através dessa coluna, os centristas apresentaram seus argumentos, fizeram suas defesas, exprimiram suas acusações, falaram sobre si mesmos perante os seus leitores ávidos pelas informações e os rumos do movimento estudantil.

Contudo, o diretor do jornal *Gazeta Campinense*, José Stenio Lopes, pôde colocar e afirmar que fazia um jornalismo “apolítico”, mesmo que incluindo a seção estudantil. No entanto, é perceptível que o impresso trouxe condições favoráveis à juventude campinense através da escrita jornalística e dos assuntos que interessavam e os aproximaram em relação à educação. Ao colocar estudantes nesses lugares de debates, estes jornais deram espaço para que os mesmos pudessem se manifestar e falar sobre o seu papel na sociedade da época. E mais, os discursos em jornais deram aos centristas os espaços necessários para expressarem suas opiniões e desejos em/na defesa de uma educação que buscavam: pública e de qualidade.

O jornal *Evolução* e o *Jornal de Campina* também possuíam uma coluna intitulada *Mundo Estudantil*, com a colaboração do CEC, em que foram discutidos assuntos ligados aos estudantes, bem como temas ligados ao ensino. Desta forma, esses espaços reservados para eles se constituíram em lugares de experiências e de influências para os mesmos.

Consequentemente, a imprensa foi um meio que os centristas encontraram para expressar e representar ideias e fazer circular opiniões no território da sociedade letrada. Assim, nestes espaços defendiam bandeiras da educação, mas também de ordem política local e nacional.

Através dos discursos sobre o ensino, na defesa da escola pública, gratuita e de qualidade, contribuíram para esses discursos colocando seus posicionamentos e enfrentamentos contra e/ou a favor de gestores e poderes públicos, assuntos esses que envolveram diretamente o contexto político da época.

Os jornais que circularam na cidade, e dos quais selecionamos alguns para discutir sobre educação, como um espaço de poder/saber<sup>59</sup>, destacamos que estes foram produzidos como meios de sociabilidades intelectuais e políticas com intuito de se inserirem no espaço público e político local.

Como lugar de produção e circulação de ideias, os centristas e estudantes se apropriaram destes espaços para suas atuações. Contudo, não apenas os centristas se apropriaram dos jornais, mas estes se apropriaram das falas dos mesmos para legitimarem certos discursos de grupos políticos, jornalistas e de intelectuais.

Trazer os centristas para essa finalidade é pensar o que estava sendo dialogado e defendido sobre educação à época, ou seja, que ganhava interesse e confiabilidade para um público maior de leitores. Sabemos que os jornais, embora se afirmassem como “apolíticos”, não estavam isentos de posicionamentos ideológicos e para isso, os impressos pesquisados se constituíram em lugares de divulgação de interesses, transmissão de ideias e aspirações para aqueles que produziram, editavam e escreviam.

Esses discursos nos jornais foram possíveis devido ao lugar social que ocupavam os centristas, sendo detentores de uma educação e de uma intelectualidade que os diferenciavam de outros estudantes, dotados de um poder/saber que utilizavam escritas para fazer circular suas ideias direcionadas ao seu público-alvo: estudantes e detentores de poderes públicos locais.

Desta forma, compreendemos que esses discursos nos jornais são testemunhos de indivíduos que se colocaram enquanto um lugar de autoridade, fazendo do espaço do jornal um meio que encontraram para expor seus posicionamentos e defesas com relação à

---

<sup>59</sup> De acordo com Foucault (2008), o saber é um poder, pelo modo como é “aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 2008, p. 17). Desta forma, colocaremos estes jornalistas, estudantes e intelectuais locais, que produziram e escreveram para os jornais selecionados em espaços de poder através da imprensa, pois foi nas escritas impressas que eles fizeram circular suas ideias.

educação. Para tanto, de acordo com Albuquerque Júnior (2011), “todo discurso ou pronunciamento é emitido de um dado lugar que deve ser interrogado pelo historiador: um lugar temporal, espacial, institucional; um lugar de fala ou de autoria, um lugar social” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 235).

Para tanto, pensar o lugar dos centristas é pensar sobre as manifestações estudantis que ocorreram antes do desfecho do golpe civil-militar de 1964. Nesse sentido, segundo Araújo (2007), seria situá-los no ambiente histórico de participação estudantil acerca dos grandes temas nacionais. Participaram ativamente de diversos momentos no cenário político nacional: “na campanha ‘O Petróleo é Nosso’, na luta pela reforma universitária, na campanha pelas reformas de base” (ARAÚJO, 2007, p. 62). Assim, os/as estudantes construíram “forças, identidades e tendências democráticas que criaram raízes e consistência política na sociedade brasileira” (ARAÚJO, 2007, p. 60-61).

Desta forma, não poderíamos colocar o movimento estudantil na cidade como de uma juventude “apática” e “apolítica”, pois taticamente souberam usar dos espaços que lhes foram cedidos e/ou conquistados para se mobilizar em defesa daquilo que acreditavam.

Trazendo assuntos diversos sobre a *classe estudantil* nas suas edições, desde as eleições do CEC a aspectos que envolviam o cotidiano estudantil, o jornal *Gazeta Campinense* se contrapôs a todo o discurso de ser a coluna estudantil “apolítica”, ao trazer na sua matéria a importância dos estudantes na hora do voto para a escolha dos representantes desta entidade estudantil, e ao colocar isso preconizavam “deixar de lado essa indiferença doente e reagirmos contra o que julgamos errado” (GAZETA CAMPINENSE, 29 mai. 1960, p. 02), e que os estudantes que fossem às urnas procurassem escolher por consciência seus representantes, pois eles que conduziram a “classe estudantil”.

Ainda na coluna estudantil *De quem é a culpa*, este jornal colocou o CEC como aquele que estava se ausentando de acontecimentos que envolviam os estudantes, e cobrou uma posição de liderança diante de tais acontecimentos, expondo em forma de aviso que para o CEC:

Já chegou o tempo de colocar em sua direção pessoas que só tenham como propósito cuidar ativamente dos interesses da classe, deixando de lado a política das conveniências pessoais. O Centro precisa torna-se um eficiente instrumento de ação dos estudantes na defesa dos seus interesses materiais e morais. A irresponsabilidade de dirigentes, que nem prestam contas das suas atividades deve cessar. Precisamos de verdadeiros líderes para a classe, fora e acima da política e dos movimentos. Nas próximas eleições para o Centro a classe necessita abrir os olhos e acertar na escolha (GAZETA CAMPINENSE, 19 mar. 1960, p. 03).

Este mesmo jornal também discorreu acerca dos comunicados dos estabelecimentos de ensino informando sobre horários, aulas, matrículas. Tendo sido um impresso conduzido por um padre, como não poderia deixar de ser, discorreu sobre a ausência de estudantes nas missas dominicais e dando um recado religioso expressivo: “nós (os editores dos jornais e os estudantes) que seguimos o preceito dominical não custa nada comparecer aquela (missa) para nós especialmente preparada” (GAZETA CAMPINENSE, 29 mai. 1960, p. 02).

Apesar de falar sobre o seu descontentamento com relação à indiferença dos estudantes para com a fé cristã católica, o jornal defendeu seu afastamento da Igreja expondo que o *Gazeta Campinense*:

Não é órgão oficial da Diocese de Campina Grande. Não representa dêste modo, o pensamento e as opiniões do seus Bispo nem do seu clero. Reflete, porém êste jornal o pensamento e as opiniões dos seus redatores. A responsabilidade dos artigos assinados é única e exclusiva dos seus autores (GAZETA CAMPINENSE, 08 out. 1961, p. 02-04).

Ademais, falaram em outras matérias sobre discussões cotidianas referentes aos estudantes com preocupações em assuntos que envolviam não apenas o ensino, mas referentes à educação sexual:

**O Sr. É contra a Educação Sexual?** - O problema do ensino secundário da juventude tem sido sempre uma preocupação em todos os lugares e em todos os tempos, mormente nos últimos anos. Realmente, os pais, no mais das vezes, sentem um certo temor e dificuldade para tratar de impedir que êles aprendam conceitos completamente errôneos, tanto com os colegas na rua, como principalmente na escola. E o psiquismo do adolescente ainda inexperiente, fica oscilando entre o puritanismo da mãe, a neutralidade do pai e a ação de solapamento que é feito pelos amigos, de idades, condições sociais e educação diferente (GAZETA CAMPINENSE, 09 jul. 1961, p. 02).

No início da década de 1960 o jornal *Gazeta Campinense* mostrou a importância da educação sexual para a juventude como forma de esclarecer e estimular a reflexão dos estudantes sobre questões relacionadas à sexualidade. Diante de tais posicionamentos com relação à sexualidade na adolescência, o impresso colocou a escola como aquela que deveria arcar com a responsabilidade de “transmissão de ideias corretas” (GAZETA CAMPINENSE, 09 jul. 1961, p. 02) sobre o referido assunto, e questionou: “mas como deveria ser

empreendida uma ação sistemática na Escola?” (GAZETA CAMPINENSE, 09 jul. 1961, p. 02).

Para isso, apresentou como solução às escolas de ensino secundário que as cadeiras de Ciências Naturais e Biológicas fornecessem discussões sobre as questões relativas à sexualidade: “muitos desses ensinamentos já estão sendo ministrados atualmente em nossa cidade no Colégio Estadual, pelo Dr. JOÃO PEREIRA DE ASSIS, dêle partiu essa iniciativa, das mais meritórias, de procurar instruir aos nossos estudantes” (GAZETA CAMPINENSE, 09 jul. 1961, p. 02).

É fato que nas primeiras décadas do século XX houve uma vasta produção literária sobre educação sexual, em que médicos, educadores e clérigos se interessavam por questões ligadas à sexualidade e uma educação sexual nas escolas, com publicações de livros que auxiliavam nessas discussões.

Dentre os vários autores da época destacou-se o médico José de Albuquerque, pela iniciativa que teve para levar a educação sexual à população. Pioneiramente viu a escola como o espaço não aproveitado para se instituir a educação sexual, evitado pelos professores que “quando ensinam história natural ou higiene [...] não entram em assuntos morais com seus discípulos” (ALBUQUERQUE, 1930, p. 21).

Para tanto, foi no período de grandes reformas educacionais de introdução de um novo ideário educacional e da crença de que a educação iria resolver os grandes problemas sociais, que as obras de José de Albuquerque foram escritas e publicadas. “Eram propostas que traziam para o campo educacional ‘questões morais e sanitárias’ que, entre outras questões, visavam erradicar os vícios e mazelas sociais da formação de uma saúde biopsíquica do indivíduo que circulava na nova sociedade” (REIS, 2006, p. 70)<sup>60</sup>.

Desta forma, prevaleceu no discurso do jornal a educação sexual nas escolas tendo como referência as obras publicadas por esses intelectuais sobre sexualidade entre crianças e adolescentes em sua formação moral, a exemplo da exibição de filmes que ajudariam os mesmos a ficarem longe dos “vícios da sexualidade” (REIS, 2006, p. 70)<sup>61</sup>, num contexto em

---

<sup>60</sup> Sobre as análises das obras publicadas pelo médico José de Albuquerque no período de 1928 a 1958 e que envolvia a educação sexual, cf.: REIS, 2006.

<sup>61</sup> Sob o título *Como se nasce e como se morre*, a matéria do *Jornal de Campina* expõe a exibição de um filme no cinema, voltado para os meninos e a formação moral e intelectual destes: “abracemos de bom grado, tudo aquilo que venha cada vez mais aperfeiçoar nossas reivindicações patrióticas, sociais e familiares [...] Mostremos que, como filhos de Campina Grande, temos educação, respeito, amabilidade, vendo nos grandes filmes científicos o meio como evitar o vício e suas consequências, aqueles que tiveram de vir ao mundo por nosso próprio esforço criador, uma vida risonha e feliz, respirando um ambiente perfumado pelas rosas da virtude e da moral” (JORNAL DE CAMPINA, 21 set. 1952, p. 02).

que o Estado e órgãos públicos estiveram preocupados com as ideias higienistas e propostas que pretendiam disciplinar o homem e mantê-lo distante dos vícios e costumes lascivos que entregavam a população ao flagelo (REIS, 2006), sem leis específicas que orientassem as escolas para assuntos de sexualidade<sup>62</sup>.

Essa era a realidade que motivou os líderes do CEC, estudantes e alguns setores da sociedade intelectual a discutir, criticar e buscar ações e melhorias voltadas para a educação na cidade. No entanto, as campanhas em prol da educação estiveram relacionadas não apenas à ampliação e melhoramento de escolas, mas, sobretudo, a partir de discussões referentes à leitura e a escrita, em que levantaram outras questões e debates em torno da educação, ao defenderem a leitura, no incentivo e constituição de um público leitor estudantil.

## 2.2 Espaços de debates estudantis: discursos educacionais e culturais

Os discursos de lutas pela melhoria da educação não se restringiram apenas à criação, ampliação e melhoramento de escolas. Alegando a necessidade de integrar a juventude campinense aos espaços de debates de leituras, o CEC através do jornal *Formação* e outros jornais de Campina Grande-PB, discutiu sobre assuntos que envolviam o ensino e a educação na confluência da formação intelectual e política dos estudantes campinenses. Ou seja, temas ligados à leitura e à escrita através de espaços que envolviam questões de educação da juventude campinense como os congressos e eventos proporcionados pela cidade e que promoviam o interesse intelectual.

Logo após a inauguração do Colégio Estadual houve o I Congresso de Professores Secundários do Nordeste sediado nesta cidade: “instala-se, hoje em Campina Grande, um Congresso de Educação ao mesmo tempo em que o governo do Estado inaugura o excelente prédio, onde funciona o Colégio Estadual daquela cidade” (A UNIÃO, 28 jan. 1953, p. 03).

Em um município que acabara de inaugurar um estabelecimento de ensino secundário público, foram discutidos neste congresso a inauguração deste colégio, a situação dessa modalidade de ensino e as dificuldades da educação no Nordeste. Este evento partiu de uma

---

<sup>62</sup> No seu *parágrafo único* - Capítulo II: Do Ensino Secundário, a LDB (Lei nº 4.024, de 20 dez. 1961), colocou que: “além das práticas educativas, não poderão ser ministradas menos de cinco nem mais de sete disciplinas em cada série, dos quais uma ou duas devem ser optativas e de livre escolha do estabelecimento para cada curso” (BRASIL, 1961, s/p). A LDB deixou livres duas disciplinas optativas de escolha da escola, para que esta pudesse escolher falar ou não sobre educação sexual entre os jovens.

iniciativa da Associação de Professores Secundários de Campina Grande, apoiada pelo Governo de José Américo de Almeida, tendo como principais finalidades de realização “o estudo de problemas de maior interesse para a classe [professores secundários] e condição de ensino secundário” (A UNIÃO, 09 jan. 1953, p. 03), bem como “discutir a real situação dos professores militantes do ensino, frente a atual legislação que não mais atende as reivindicações e aspirações do magistério” (A UNIÃO, 25 jan. 1953, p. 03).

Realizado entre os dias 27 a 31 de janeiro de 1953, nas dependências da Sede Social Aliança Club 31 e do prédio do Colégio Estadual, contou na sua programação com a presença de inúmeras autoridades, como Fernando Azevedo, Gilberto Freyre e Carlos Lacerda. O centrista Evaldo Gonçalves escreveu para o *Jornal de Campina* sobre o Congresso de Professores Secundários do Nordeste:

É uma iniciativa de vulto da Associação de Professores local que, ao mesmo tempo, nos vai oferecer a oportunidade de conhecer de perto iminentes figuras do nosso mundo intelectual, como é o caso da vinda do sociólogo Gilberto Freyre, do jornalista Carlos Lacerda e muitos outros e propiciar um intenso movimento de renovação e impulso cultural através de sucessivas palestras e sessões de estudo, onde serão debatidos assuntos e problemas relativos ao ensino e à Educação no seu sentido mais amplo. Deve-se frisar, a bem da verdade, que um conclave dessa natureza diz bem e fala bem alto dos nossos foros de cidade civilizada que graças ao esforço e ao trabalho de um grupo de abnegados e ao estímulo de pessoas de boa vontade, vem se destacando sensivelmente no campo das conquistas da inteligência, se elevando e se intelectualizando a olhos vistos. O progresso cultural de Campina Grande é uma realidade [...] Hoje nossa cidade não surpreende somente pela pujança de seu comércio e de seu parque industrial, mas já edifica pelos movimentos ardorosos e disciplinados voltados para os valores da inteligência e o cultivo [...] O Colégio Estadual, tudo isso atesta de uma maneira o quando Campina Grande tem desenvolvido culturalmente (JORNAL DE CAMPINA, 30 nov. 1952, p. 03).

Nesta matéria, percebemos a importância desse Congresso de Professores na cidade, para se discutir a educação secundária, tão debatida no país, de incentivo ao desenvolvimento dessa modalidade de ensino, bem como ao seu melhoramento. Mas, o que se sobrepõe ao discurso do centrista sobre educação é o que esse congresso trouxe para a cidade, que seria o desenvolvimento cultural colocado por ele a partir dos “valores da inteligência” da juventude estudiosa.

Desta forma, mais do que discutir sobre o ensino secundário, este evento representou a imagem de uma cidade que se queria/dizia intelectualizada, envolvida em questões e

discussões relativas aos problemas do país, graças às iniciativas de indivíduos intelectual e politicamente engajados em causas que consideravam de engrandecimento cultural para a cidade.

Foram discutidos pontos que os organizadores consideraram de extrema relevância para o ensino secundário em um momento de intensa campanha em defesa da escola pública, voltados para a melhoria dessa modalidade de ensino na década de 1950. Algumas temáticas nas sessões foram:

**Sessões solenes:**

- 1- Significação do currículo secundário para a formação intelectual e humana do estudante;
- 2- Influência filosófica no atual conceito do ensino secundário;
- 3- A psicologia do adolescente e a didática do ensino secundário;
- 4- Valorização do magistério como atividade profissional;
- 5- A educação e os regimes políticos
- 6- O atual ensino secundário no Brasil dentro da perspectiva da sociologia educacional (A UNIÃO, 1953 apud SILVA, 2014, p. 90).

O Congresso foi presidido pelo Professor Milton Paiva<sup>63</sup>, presidente da Associação dos Professores de Campina Grande e o primeiro diretor do Colégio Estadual. Os jornais da cidade noticiaram o evento como uma “iniciativa de vulto o qual nenhum campinense poderá faltar com o seu apoio” (JORNAL DE CAMPINA, 18 jan. 1953, p. 06). Movimentando todos os meios de comunicação da época, como rádios e jornais, falaram dos benefícios deste evento para cidade, mas, principalmente, para a juventude estudiosa, gerações vindouras de estudantes e que traria as melhorias para a educação secundária, pois seriam discutidos assuntos de relevância “em benefício da mocidade que se educa” (JORNAL DE CAMPINA, 18 jan. 1953, p. 06).

Essas reivindicações traduziram os princípios necessários para a educação que consideraram essenciais para aquele momento histórico. Para tanto, o I Congresso de Professores do Nordeste foi considerado finalizado com êxito e teve como encaminhamentos:

---

<sup>63</sup> O Professor Milton Ferreira de Paiva nasceu em Pilar-PB no ano de 1923. Formado em Filosofia pelo Seminário Arquidiocesano da Paraíba – 1943. Foi bacharel em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel Nóbrega (Universidade Católica de Pernambuco) – 1950 e bacharel em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco – 1954. Especializado em Linguística – 1975. Dos diversos cargos que exerceu na educação, foi professor de Língua Portuguesa e o primeiro diretor do Colégio Estadual de Campina Grande-PB.

Criação de bibliotecas para alunos e professores; criação de bolsas de estudos para professores se especializarem nas matérias que lecionavam; inclusão de Sociologia no curso secundário; criação de uma Universidade em Campina Grande; obrigatoriedade de existência de sociedades culturais nos estabelecimentos de ensino de nível secundário; criação de gabinetes psicotécnicos junto aos colégios; aumento de estabelecimentos oficiais de ensino; propostas de realização de curso de extensão para professores especialmente os do interior (SILVA, 2014, p. 90).

Além desses encaminhamentos, foi finalizada a realização desse Congresso com a eleição de uma Comissão permanente composta por oito membros que se “obrigará a atuar junto aos poderes legislativos e executivo, federais, estaduais e municipais no sentido de se objetivarem todas as proposições do Congresso” (JORNAL DE CAMPINA, 25 jan. 1953, p. 01).

Assim, percebe-se que a preocupação após o referido congresso foi criar uma comissão que pudesse atuar na fiscalização das propostas e dos encaminhamentos realizados no evento, não ficando apenas nas discussões sobre o aperfeiçoamento do ensino secundário na cidade. Com isso, buscou-se debater as políticas educacionais necessárias ao desenvolvimento econômico e ao investimento estratégico para o projeto de crescimento e modernização da cidade.

Desta forma, os jornais, ao discutirem a importância desses eventos, colocaram aspectos relativos ao melhoramento do ensino campinense como fio condutor das representações criadas sobre a formação política e intelectual da juventude estudiosa, descrevendo as contribuições desses congressos também para o engrandecimento da cidade.

Neste mesmo ano, do I Congresso de Professores, em 1953, foi realizado o I Congresso de Estudantes Secundários da Paraíba, que seguiu a ideia a partir do presidente do CEC, Fernando Cunha Lima<sup>64</sup>. “A iniciativa foi apoiada pelos Srs. José Noujaim e Severino Cabral, que prometeram nos ajudar nesse sentido” (FORMAÇÃO, set. 1953, p. 04)<sup>65</sup>.

Entretanto, antes mesmo desse Congresso Estudantil, já se pensava no apoio do CEC em formar a União Paraibana dos Estudantes Secundários em meio às crises da falta de união

---

<sup>64</sup> Fernando Mauro Cunha Lima (Guarabira-PB, 26/07/1934 – Grumari-RJ, 21/07/1978) foi líder estudantil tendo sido presidente eleito e reeleito do Centro Estudantil Campinense entre os anos de 1952 e 1953. Participou de movimentos estudantis de repercussão em Campina Grande, tanto pela construção da Casa do Estudante, como pela inauguração do Colégio Estadual da Prata. Era presidente do CEC na época da morte do ex-centrista e vereador Félix Araújo, em 1953.

<sup>65</sup> Até o momento da pesquisa, não encontramos mais informações sobre este primeiro congresso.

da *classe* estudantil referentes aos problemas da educação e que teve como objetivos e fundamentos:

a- estimular toda iniciativa que venha trazer o bem à classe estudantina quer no social ou desportivo; b- levantar o colegial paraibano deste estado de insegurança e descalabro moral em que está mergulhado; c- unificar a Classe de curso, de colégio em colégio, de cidade em cidade, de estado em estado, formando assim na máquina uma, e forte para a grandeza e glória de nossa gente, para maior compreensão do problema da Educação e cultura do nosso povo; d- dar ao estudante as consciências de si, para que cada um seja um soldado da Educação; e- educar o jovem dentro de sua orbita estudantil, para que na sua vida futura ele saiba lutar, vencer; f- acudir sempre que possível, as necessidades mais angustiosas do estudante pobre, para que seja mais suave a sua tarefa (FORMAÇÃO, nov. 1952, ano 17, n. 07, capa).

O movimento estudantil campinense agiu em torno dessas questões, em formar uma *classe* coesa e solidária às causas estudantis, com discursos de união e pertencimento criaram relações de afetividade, de lutas e ações que colocaram o CEC no centro dessas questões, e os estudantes como aqueles que os apoiariam. Para que isso fosse possível, criaram estratégias de convencimento por meio dessas reuniões estudantis, com congressos, grêmios e grupos que manifestassem o ideal de engajamento.

De modo que dois anos antes do I Congresso de Estudantes Secundários, o CEC discutiu sobre a crise da civilização na esfera educacional numa conferência pronunciada pelo professor Milton Paiva, na sede social dessa entidade estudantil no dia 06 de outubro de 1951, data do aniversário de sua criação:

O culto acadêmico, após a leitura do seu lucido trabalho, manteve acalorados debates com algumas pessoas da numerosa assembleia que o assistiu, notadamente com os Drs, Cláudio Porto, Aluísio Campos e o jovem sábio José Lira. Prosseguimos a série de conferencias programadas pela atual diretoria, no próximo dia 20 o universitário José Lucio falara sobre “O EXISTENCIALISMO” (FORMAÇÃO, out. 1951, ano 16, p. 03).

Assim, antes mesmo de serem realizados esses congressos, o CEC já discutia juntamente com professores e universitários sobre os rumos da educação e o melhoramento do ensino na cidade, haja visto que até a realização daquela conferência, em Campina Grande ainda não existia uma escola pública de ensino secundário. Nesse sentido, as ações realizadas pelo CEC envolviam as principais preocupações de órgãos públicos sobre a educação, notabilizando não somente estudantes, mas também segmentos da sociedade em espaços

criados para debates que demandaram estas discussões dando um sentido à ideia de representação de uma formação da juventude estudiosa campinense através desses embates educacionais.

Em meio a essas discussões sobre educação, os centristas colocaram suas visões no jornal *Formação*, pautando o ideal de vida dos estudantes e de como os mesmos iriam buscar sua consolidação:

É um ponto luminoso que a alma fixa, notabilizar a personalidade do homem. Os únicos ideais dignos do homem são aqueles que ele afere pelo medidor de sua intelectualidade. Para isso, o ideal dos jovens estudantes estaria na busca do conhecimento, e para que isso fosse possível, precisariam de uma bôa educação (FORMAÇÃO, 05 nov. 1949, p. 04).

Em outro artigo, ainda sobre o ideal educativo da juventude, diz que esse “deve ser da harmonia” (FORMAÇÃO, mar. 1951, ano 16, n. 02, capa), pois “a nossa época é terrivelmente medíocre porque caracterizada pela fragmentação do saber e pelas visões parciais das coisas e do homem” (FORMAÇÃO, mar. 1951, ano 16, n. 02, capa). A partir desses questionamentos sobre o homem e sua existência, os centristas colocaram como questão principal a liberdade da juventude através do ideal de educação, pois somente assim se libertariam “da escravidão das ideias” (FORMAÇÃO, mar. 1951, ano 16, n. 02, capa).

Em 1958, o jornal *Evolução* anunciou a vinda do II Congresso de Estudantes Secundários da Paraíba, proporcionado também pelo CEC e que teriam como discussões os seguintes pontos: “reforma do Ensino; Reforma da Constituição; Nacionalismo; Federação e Confederação Nacional dos Estudantes Secundários” (EVOLUÇÃO, 02 a 08 jun. 1958, p. 11).

Neste contexto histórico, os centristas manifestaram ideias nacionalistas discutidas na década de 1950 como necessárias às suas atuações políticas junto à sociedade campinense, como formação política a partir do nacionalismo e como grande motivador das lutas dos mesmos. Esse II Congresso teve como principais pontos a defesa do nacionalismo, ficando declarados como princípios:

1 - SOMOS pela Paz e Amizade entre todos os povos do mundo, e condenamos as medidas de opressão, usadas pelos Países imperialistas contra os Povos subdesenvolvidos, no sentido de cercar as liberdades democráticas; [...] 4 - SOMOS pela Reforma do Ensino em nosso País, consubstanciadas nas seguintes bases: a) Estatização concreta e imediata do Ensino Primário; b) Estatização gradativa dos currículos escolares,

afim de instituir-se o Monopólio Estatal do Ensino, abolindo a influência da Iniciativa Privada aos Poderes Públicos, o que possibilitará posterior abolição do exame vestibular; c) Ampliação da rede de educandários gratuitos, especialmente das Escolas Primárias e técnicas sôbre o interior do País; 5- SOMOS pela execução integral do Programa MOVIMENTO NACIONALISTA BRASILEIRO; [...] 7- SOMOS pelo voto do analfabeto por compreendermos que a Democracia é o Gôverno da Maioria o que está é a única forma de realizar e consubstanciar os postulados democráticos do Regime [...] Campina Grande, 17 de agosto de 1958. Evaldo Góes – Presidente (CEC) (EVOLUÇÃO, 07 a 13 set. 1958, p. 07).

As ações dos centristas em torno dos projetos para a educação foram determinantes para suas representações de lideranças estudantis na confluência para a formação da juventude campinense. Participando de espaços de sociabilidades políticas, como o apoio e aliança ao nacionalismo, mostraram mais uma vez a defesa da escola pública e gratuita e a abolição da iniciativa privada. Ao levantarem a bandeira nacionalista, aproximações e negociações foram estabelecidas entre os centristas e políticos locais, fazendo com que aqueles pudessem “negociar” certas reivindicações às necessidades dos estudantes naquele período. Tais negociações foram sentidas, cobradas e discutidas através desses congressos, que expuseram suas ideias, defesas e melhorias para o ensino. E a imprensa foi o veículo fundamental na divulgação e disseminação dos valores sobre educação defendidos pelo CEC.

No *Simpósio de Educação Primária para o Estudo dos Problemas Escolares*, autoridades educacionais, diretores de grupos, professores e estudantes se reuniram para discutir assuntos relativos à educação, tendo como objetivos: “estudar e analisar as deficiências do ensino primário entre nós, do ponto de vista quantitativo e qualitativo e apresentar as sugestões práticas para a sua melhoria” (GAZETA CAMPINENSE, 12 nov. 1961, p. 01).

Neste mesmo artigo, os editores do jornal *Gazeta Campinense* discutiram como “tem dado sempre ampla margem em seu noticiário aos assuntos de educação” (GAZETA CAMPINENSE, 12 nov. 1961, p. 01), e de como sempre promoveram não apenas os anúncios desses eventos, mas os apoios necessários para as suas realizações e apoio em questões sobre educação.

Desta forma, tanto o jornal *Formação*, quanto esses jornais que circularam na cidade, discutiram eventos direcionados à arte e cultura, práticas escolares, usos de livros, reformas de bibliotecas, através da escrita jornalística de inventivo à leitura e à escrita e na defesa da formação da juventude campinense a partir das contribuições em torno da leitura e aquisição de livros literários e escolares.

Esses incentivos à escrita podem ser sentidos pelos concursos realizados pela Secretaria de Cultura do CEC que elaborou, dentre muitos, o Concurso Sete de Setembro, que objetivou contributos à escrita entre os estudantes:

Dentre todos os alunos dos cursos regulares dos trez colégios locais, aquele que melhor escrever um trabalho sobre o GRITO DO IPIRANGA, será premiado com livros gentilmente doados pelas livrarias da cidade e [...] com uma bolsa de estudos concedida pelo Departamento de Educação da Prefeitura Municipal (FORMAÇÃO, ago. 1952, ano 17, n. 05, p. 04).

As comissões de avaliações dos textos ficaram a cargo dos professores de Português e pelo diretor das referidas escolas e de uma comissão central de intelectuais da cidade, representada nas figuras de Hortênsio de Souza Ribeiro e Virgínius da Gama Melo, e os ex-centristas e acadêmicos Fernando Arruda e Raymundo Asfora<sup>66</sup>.

O incentivo à cultura e à arte na cidade foram manifestados por lideranças intelectuais e estudantes preocupadas em levar aos campinenses as bases para a cidade avançar culturalmente, mas também contou com a ajuda e colaboração da prefeitura de Campina Grande na gestão do então prefeito Elpídio de Almeida<sup>67</sup> para aperfeiçoamento cultural e desenvolvimento na educação. Dentre as principais medidas desta gestão, estão:

- O Prefeito Municipal sentido as deficiências de funcionários capazes de organizar as Bibliotecas do Município, entrou em entendimento com o Instituto Nacional, órgãos de difusão cultural, com a finalidade de conseguir uma bolsa de estudos no curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional no Rio [...] Desta forma, a Prefeitura Municipal colaborou com a cultura do Município e contribuindo o alevantamento espiritual do povo campinense (SEMANÁRIO OFICIAL, 07 abr. 1954, s/p).

- Faço saber que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono a seguinte lei: Art. 1º - Fica o Prefeito dêste Município autorizado a criar Bibliotecas nos bairros e distritos de Campina Grande, cuja organização e manutenção ficarão a cargo da Diretoria de Educação e Cultura. Art. 2º - Vetado. Art. 3º - As despesas para o cumprimento da presente lei correrão por conta das datações orçamentárias específicas. Art. 4º - Revogados as disposições em contrário esta lei entrará em vigor na data de sua publicação. Campina

<sup>66</sup> Traremos informações sobre este centrista no capítulo cinco, quando discutiremos as biografias dos centristas.

<sup>67</sup> Elpídio de Almeida (Areia-PB, 01 de setembro de 1893 - Campina Grande-PB, 26 de março de 1971) foi um médico, historiador e político. Formou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1918 e veio para Campina Grande em 1924. Em 1929 foi eleito Conselheiro Municipal (vereador). Elegeu-se prefeito desta cidade para a gestão de 30 de outubro de 1947 a 30 de novembro de 1951, pela UDN. Foi prefeito novamente de 30 de novembro de 1955 a 30 de novembro de 1959.

Grande, 14 de junho de 1956. Elpídio de Almeida. Prefeito (SEMANÁRIO OFICIAL, 23 jun. 1954, s/p).

- Curso de preparação de 30 dias, a fim de atender os candidatos ao Magistério Municipal, que não possuam ainda certificados de outros cursos, ginasial, básico, técnico ou diploma normal, ou mesmo de concursos já prestado neste Município ou Estado (SEMANÁRIO OFICIAL, 28 jan. 1956, s/p).

- Convênios entre Instituto Nacional do Livro e a Biblioteca Municipal de Campina Grande. Remessa periódica de livros e assistência técnica ao órgão cultural da Prefeitura [...] Dando cumprimento às Instruções recebidas do Instituto Nacional do livro, o Prefeito Elpídio de Almeida já providenciou o devido registro da Biblioteca Municipal, tendo assinado a respeito importante convênio, que já entrou em vigor, destinado a remessa de livros e assistência técnica, a ser prestado pelos órgãos próprios do Governo da República (SEMANÁRIO OFICIAL, 09 nov. 1957, s/p).

- A Biblioteca Municipal tem sido alvo das atenções deste Diretoria. Foi feita a aquisição de várias obras de interesse geral. É grande a afluência de pessoas àquele recinto, donde se conclui que tem contribuído para desenvolvimento cultural da cidade. Está nos nossos planos, para o próximo ano, a criação de uma Biblioteca Pública Infantil, que ficará subordinada a Biblioteca Municipal e que contará com pessoal especializado (SEMANÁRIO OFICIAL, 09 nov. 1957, s/p).

- A Livraria Pedrosa colabora com a Biblioteca Pública Municipal. Ofertadas pelo livreiro José Pedrosa 30 obras escolhidas – Grande Contribuição para o aumento do acervo da Biblioteca “Félix Araújo” (SEMANÁRIO OFICIAL, 02 ago. 1958, s/p).

Todas essas medidas estiveram em conformidade com aquilo que era discutido nos jornais referentes à educação e incentivo à leitura, com melhoramento e criação de bibliotecas públicas para a cidade, o que incluía convênios com instituições nacionais e locais. Neste contexto histórico parece que as necessidades para o desenvolvimento cultural estiveram em torno da formação de uma sociedade letrada. Assim, em se tratando de uma cidade do interior da Paraíba, com altos índices de analfabetismo, políticos e intelectuais consideraram urgente criar um público leitor, principalmente os jovens, segmento carente de educação e cultura, ou seja, investir na formação intelectual da juventude seria o caminho ideal para o desenvolvimento da cidade.

Para isso, promoveram também congressos culturais em Campina Grande, com a participação de intelectuais, estudantes e professores e dirigido pelo Grêmio Literário

Machado de Assis – GLMA<sup>68</sup> –, criado em 1953 por Manoel Joaquim Barbosa<sup>69</sup>. A entidade estudantil realizava reuniões aos domingos pela manhã para debates, agindo como uma extensão das atividades do CEC e era considerada pelos centristas como a principal agremiação cultural da cidade. O I Congresso de Grêmios e Associações Culturais do Nordeste<sup>70</sup> foi realizado no ano de 1958, entre os dias 18 a 20 de julho e contou com a ajuda do Estado, do Município e do Governo Federal, ficando assim descrito no jornal *Evolução*:

A iniciativa do Grêmio Machado de Assis merece os aplausos e a ajuda de todos os campinenses, porque projetará a nossa cidade no cenário cultural do país, dando provas do nosso progresso intelectual sempre crescente [...] As entidades lítera-culturais do Nordeste já estão enviando respostas aos nossos convites e, segundo a correspondência em nosso poder, mas de 30 agremiações estarão presente ao I Congresso de grêmios. Pernambuco mandará uma representação considerável, Recife e Caruaru enviarão cerca de 12 delegações, além de Goiana e Gravatá, João Pessoa, Natal e Fortaleza. Campina Grande, por ser sede do conclave, estará bem representada. O CEC, o Diretório Estudantil da Escola Técnica e os Grêmios Augusto dos Anjos, Rui Barbosa, Euclides da Cunha e Castro Alves serão algumas das nossas delegações. Vale acentuar que o Diretor de Educação do Município, Dr. João Viana, estará colaborando com os gremistas em tudo que fôr necessário. Com essas coberturas modestas, porém eficientes, confiamos no pleno êxito do Congresso, o qual, sem dúvida, trará notável contribuição à cultura do País e particularmente da Região Nordeste (EVOLUÇÃO, 22 a 28 jun. 1958, p. 07).

As manifestações estudantis também foram presenciadas através de grêmios estudantis e escolares, posto que as lideranças estudantis pensavam criticamente uma cultura extraescolar e, conseqüentemente, buscavam através de discussões políticas e literárias,

<sup>68</sup> Nas pesquisas, localizamos duas sedes principais: no salão do antigo Grupo Escolar Sólon de Lucena, na Rua Floriano Peixoto e na Escola Técnica de Comércio (antiga Faculdade de Administração), na Rua Getúlio Vargas, no centro da cidade (AMORIM, 1988).

<sup>69</sup> Manoel Barbosa foi enfermeiro que à época da morte do vereador Félix Araújo cuidou dos seus primeiros socorros. “Ganhou”, através desse episódio, representatividade entre a sociedade campinense, pois dava as notícias sobre o estado em que se encontrava o vereador após o atendado. Fundou o Grêmio Literário Machado de Assis ao lado da elite cultural campinense. Também, “apoando-se” na morte do “mártir-vereador”, foi candidato a vereador para o pleito de 1955 (ALBUQUERQUE DO Ó, 1999).

<sup>70</sup> A Declaração dos princípios do I Congresso de Grêmios e Associações Culturais do Nordeste também esteve em conformidade com o que os estudantes campinenses discutiam nos jornais da cidade sobre educação pública, gratuita e de qualidade: “Nós, representantes dos de Grêmios e Associações Culturais do Nordeste, reunidos em Campina Grande, no primeiro congresso deste gênero fazemos a seguinte declaração de princípios: I – Somos entre todos os povos, condenando todos e quaisquer formas de opressão, representados pelo despotismo de governos autoritários e pelas influencias imperialistas de países que buscam o domínio das demais nações; [...] III – Somos pela democratização da cultura, ponto de partida para o desenvolvimento intelectual do país, através do combate ao analfabetismo, da reforma do ensino, da criação em larga escala de bibliotecas públicas, e da ampliação da rede de educandários gratuitos” (EVOLUÇÃO, 03 a 09 ago. 1958, p. 02).

fortalecer suas lutas cotidianas em relação às manifestações por melhorias na educação. Por meio das leituras, os centristas e estudantes eram incentivados a escreverem artigos para o jornal *Formação* e outros periódicos que circulavam na época, bem como nas páginas de poesias e contos. Com esses grupos e grêmios literários e os encontros estudantis como espaço de circulação de ideias, o CEC possibilitou a mediação, o acesso e a socialização de livros, incentivando a escrita entre os estudantes através da circulação de textos escritos por gremistas e publicados nos jornais.

É importante ressaltar que os espaços destinados para práticas de leitura e escrita foram criados desde as primeiras décadas do século XX em Campina Grande. Esses se constituíam em incentivos à “criação” e expressão de leitores/escritores sob o comando da elite letrada da cidade e órgãos públicos.

Os congressos organizados pelos centristas e estudantes projetavam o movimento estudantil campinense no ambiente de uma cultura política existente na cidade, pois em meio a esses congressos, percebemos a preocupação dos editores do jornal *Gazeta Campinense* em colocar Campina Grande como uma cidade politizada e que se esforçava para o “alevantamento cultural e artístico” (GAZETA CAMPINENSE, 11 set. 1960, p. 03) por meio de lugares considerados de debates e socialização de ideias: “aqui estão os bons colégios, as faculdades, as estações de rádio, os jornais, as entidades que se voltam para as questões menos materialistas da existência” (GAZETA CAMPINENSE, 11 set. 1960, p. 03) e Campina Grande “vem mostrando franca evolução no setor cultural” (GAZETA CAMPINENSE, 11 set. 1960, p. 07).

Ao considerar o município como uma cidade que cresce culturalmente, esse jornal mostrou que Campina Grande não deveria ser apenas um lugar do desenvolvimento comercial e econômico, mas também “espiritual, cultural e artístico” (GAZETA CAMPINENSE, 11 set. 1960, p. 07). Desse modo, tentou demonstrar através da matéria intitulada *Gritos para ninguém ouvir*, como era desenvolvida, naquilo que eles, os editores do jornal, consideravam como sendo de importância para o desenvolvimento cultural:

Campina Grande é sede Episcopal. Conta com número consolador de estudantes secundários (com 8 ginásios e um e perspectiva); temos 4 faculdades e ensino especializado de francês, inglês e matemática. Por tudo isso excelentes professores compõe nosso quadro magisterial. Um centro de cultura artístico que o campinense precisa tomar conhecimento para não se tornar injusto: a Associação Campinense Pró-Arte. A **Pró-Arte** é uma dessas coisas que honram a cidade. Associa-se a ela não é favor, é quase uma obrigação cívica. A PRÓ-ARTE mantém atualmente cursos de Piano e Ballet. Logo mais, novas obrigações, com o ensino de violino e Artes

Plásticas [...]. Querer efetivamente seu progresso é aspirar ao desenvolvimento de nossa gente (GAZETA CAMPINENSE, 11 jun. 1961, p. 02).

Na década de 1950 e início da década de 1960 foi significativo o desenvolvimento para essa cidade, cuja população ultrapassava o da capital João Pessoa-PB. Somando a sua importância de polo do comércio de algodão, fazia dessa um centro econômico muito importante. Para tanto, isto fortaleceu as representações expressas no imaginário coletivo de “Rainha da Borborema” e “polo de desenvolvimento”. Por conseguinte, foram construídos discursos e imagens, principalmente nos impressos locais, em favor da cidade moderna e avançada, não apenas economicamente, mas também culturalmente, cabendo todos os títulos que reafirmassem a “grandeza” real e imaginária de “futuro de prosperidade” (MONTENEGRO, 2003, p. 02).

Assim, incentivaram a criação de espaços de cultura, principalmente nos colégios existentes, a exemplo da *Sociedade de Estudos Culturais*, criada pelos alunos do Colégio Estadual, tendo como presidente o estudante Severino Machado para o “o desenvolvimento cultural e artístico da mocidade campinense” (EVOLUÇÃO, 16 a 22 nov. 1958, p. 03), promovendo reuniões e eventos destinados a debates literários e também políticos, pois discutiam assuntos ligados aos rumos da educação secundária e às ideias nacionalistas da época, tema recorrente nos meios intelectuais e no jornalismo campinense.

Era de interesse tanto dos estudantes quanto de intelectuais em projetar Campina Grande em um desenvolvimento cultural. Desde as primeiras décadas do século XX esta cidade sempre procurou desenvolver atividades a exemplo do grande número de academias de literatura que existiram (Clube Literário, Grêmio de Instrução, Fruteira de Cristino Pimentel, Caldo de Cana do Hortênsio, Gabinete de Leitura 7 de setembro, entre outros), com nomes destacados a exemplo de José Pedrosa, Cristino Pimentel, Epitácio Soares, Hortênsio Ribeiro, Nilo Tavares, Severino Pimentel, etc.<sup>71</sup>

Em outros espaços de leitura trouxeram exposições de revistas e livros estrangeiros:

– Por gentileza da Associação cultural Franco-brasileira seção desta cidade de que é Presidente o snr. Protásio Ferreira, recebemos o Journal Français du Bresil, em língua francesa, editado no Rio de Janeiro, e O Condenado – Graham Greene – Pertence ao grupo dos romancistas católicos voltados para a aventura do espírito do homem até ser tocada pela graça [...] o romancista

---

<sup>71</sup> Cf.: GAUDÊNCIO, 2012.

inglês é aceito por qualquer grupo de leitores<sup>72</sup> (JORNAL DE CAMPINA, 28 set. 1952, p. 03).

Exposições como essas foram uma prática de grupos de leitores e estudantes locais nas suas representações de intelectuais engajados em espaços destinados à leitura. Nessa perspectiva, o *Jornal de Campina* anunciou que essas exposições se realizaram na “‘Livraria Modelo’ a Rua Monsenhor Sales, 51 nesta cidade, por iniciativa de Livrarias e Editoras Reunidas (LER)” (JORNAL DE CAMPINA, 28 set. 1952, p. 03), e contou com exposições de livros em espanhol, francês e inglês, importados e distribuídos pela referida livraria da capital da República.

Além de livros estrangeiros, também eram expostos os considerados de “alta cultura”, que eram os de Arte, Sociologia, Psicologia, Filosofia, História, Economia, Direito, Geografia, Pedagogia e Literatura. Ao final, a matéria deste jornal anunciou que a exposição de livros seria um acontecimento de grande interesse para os professores e estudantes, pois “promove maior venda de livros num país como o nosso é tarefa meritória, que deve receber o maior estímulo possível” (JORNAL DE CAMPINA, 23 set. 1953, p. 01).

Neste mesmo ano foi anunciada a inauguração das novas instalações da Livraria Pedrosa, no moderno Edifício do Livro<sup>73</sup>:

Essa arrojada iniciativa do Livreiro Pedrosa, intelectual de mérito, trará benefícios incalculáveis à nossa cidade. A nova casa de livros apresenta em suas modernas vitrines, as ultimas novidades, salientando-se a coleção <<Pensamento Vivo>> de autores consagrados e <<Obras completas de Pe. Leonel França>>. Campina Grande está de parabéns. O <<Jornal de Campina>> associando-se ao regosijo dos campinenses, envia ao livreiro José Pedrosa os mais sinceros parabéns, desejando-lhe êxito completo em seus futuros negócios (JORNAL DE CAMPINA, 10 mai. 1953, p. 04).

A Livraria Pedrosa, localizada na Rua Maciel Pinheiro, no centro de Campina Grande-PB, foi fundada em 1946 pelo poeta e livreiro José Pedrosa. Já nas primeiras décadas do século XX operaram outras livrarias na cidade como a Livraria Moderna (localizada na Rua

<sup>72</sup> Na coluna *Mundo Estudantil*, do *Jornal de Campina*, foi anunciada a chegada do curso de Francês a esta cidade, ministrado pelo professor Luc Chamant, catedrático da Faculdade de Filosofia da Paraíba: “O ilustre mestre vem inaugurar o curso de Francês, criado em Campina Grande, sob os auspícios da Sociedade Franco-Brasileira” (JORNAL DE CAMPINA, 17 ago. 1952, p. 03).

<sup>73</sup> O Edifício do Livro foi inaugurado em março de 1953, localizado na Rua Maciel Pinheiro, e foi considerado um dos prédios mais modernos do centro de Campina Grande em estilo *art déco*, semelhante a um ferro de passar (GAUDÊNCIO, 2012). Sua inauguração foi considerada uma grande festa (JORNAL DE CAMPINA, 12 abr. 1953).

Monsenhor Sales, no centro desta cidade), a Livraria Campinense (localizada na Praça Epitácio Pessoa, centro) e a Casa Brasil (localizada na Cardoso Vieira, centro), sendo a Livraria Pedrosa a que permaneceu por mais tempo em atividade no acesso de livros e circulação de pessoas, centralizando o “processo de comercialização e em alguns casos também o de produção de artefatos impressos para o uso no comércio e divulgação de produções intelectuais, como livros, folhetos e jornais” (GAUDÊNCIO, 2012, p. 107).

As livrarias citadas acima, agindo como espaços de leitura são, ainda, segundo Gaudêncio (2012), “mais do que lugares de convivência entre letrados, estas livrarias se constituem formalmente no que se refere à sua função primordial, enquanto espaço predominante de impressão, vendagem e divulgação de livros” (GAUDÊNCIO, 2012, p. 107).

Os interesses dos estudantes com os problemas relativos ao ensino, enfrentados pelas escolas e sobre os livros didáticos, são expostos na matéria a seguir do jornal *Tribuna do Estudante*:

Os compêndios escolares de inglês e de francês estão cheios de defeitos que se tornam inaptos para finalidade a que são destinados [...] Ao nosso modo de pensar, tal fato só se explique por duas razões ou os autores desses livros não são nunca foram professores, mas sim, homens exclusivamente teóricos e de gabinete, ou esses autores criminosamente se deixam arrastar pela ganância do lucro fácil transformando-se em negociantes de livros e exploradores da mocidade estudantil (TRIBUNA DO ESTUDANTE, nov. 1951, ano 1, n. 01, p. 03).

Nessa matéria, os estudantes expuseram reformas nos livros escolares e na qualificação de professores e o preço elevado do livro didático. Aqueles que escreveram em jornais criaram as condições para que suas críticas com relação à educação fossem reveladas, pois pelas análises que fizemos desses jornais estudantis, a prática de escrever em periódicos foi uma linguagem e instrumento não apenas dos jornalistas locais, mas como ferramenta de poder-saber dos estudantes e centristas, tendo o lápis e papel impresso como instrumentos<sup>74</sup>. Desta forma, a criação de jornais pelos estudantes se tornou um instrumento de legitimação, de distinção e de divulgação de textos literários e políticos (ELEUTÉRIO, 2011 apud GAUDÊNCIO, 2012, p. 184).

Outro jornal, o *Tribuna da Paraíba*, também discorreu sobre esse preço elevado dos livros didáticos:

---

<sup>74</sup> Para Michel Certeau (2007), “escrever é uma atividade que consiste sobre um espaço próprio, a página, em construir-se um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado” (CERTEAU, 2007, p. 225).

É um esforço supremo o que o pai pobre brasileiro, nos dias de hoje consegue educar os filhos. Tudo é caro [...] O ultimo recenciamento apurou que o índice de analfabetismo de nosso povo é quase de 65%. Parece até uma pilheria ser o livro tão caro num país de tantos analfabetos! [...] o Deputado Rui Santos declarou na Câmara que ‘o livro didático é um caso de polícia’... acrescentando que ‘o conluio entre editores, autores e professores é outra calamidade que dispõe contra a moralidade do ensino, estando a merecer dos poderes públicos providencias emergiras (TRIBUNA DA PARAÍBA, 14 nov. 1953, p. 03).

Um problema colocado nas discussões sobre educação é a grande quantidade de analfabetos na Paraíba, considerada uma das maiores falhas dos governos, pois em um contexto em que se discutiu sobre os melhoramentos do ensino, da criação de mais escolas e a defesa da escola pública, essa questão era um ponto que não havia melhorado a contento. Diante dessa situação em todo o país, os/as estudantes campinenses, aqueles/as que tiveram acesso à educação no período, expuseram através das matérias supracitadas, melhoramento nos livros escolares e a defesa de um ensino público e gratuito. Apesar das reformas do Estado na educação, na tentativa de erradicação do analfabetismo e das disputas pela escola pública de qualidade, a educação, como sabemos, continuou a ser privilégio daqueles/as que podiam pagar pelos seus estudos e/ou pelos seus livros didáticos, sem alcançar o conjunto da população mais carente.

Apesar de todas essas dificuldades expostas nos jornais sobre os absurdos do preço do livro didático, o Projeto de Lei nº 857/56 facultava os meios para a compra de livros e outros materiais didáticos destinados à distribuição com estudantes pobres, “autorizando para a abertura de crédito especial de Ur\$ 50,000,00” (SEMANÁRIO OFICIAL, 24 mar. 1956, p. 02), a Prefeitura, que deveria custear essas despesas e que vetou tal projeto, alegando que:

Conforme tinha salientado em vetos anteriores, a situação do cenário municipal não comporta o custeio de despesas extraordinárias antes da cobertura do deficit orçamentário previsto. A Prefeitura, na medida das possibilidades de suas dotações normais, já vem auxiliando numerosos estudantes pobres, não só com a doação de livros e cadernos escolares, como com bolsas de estudo e a manutenção de grupos escolares e da Escola Técnica de Comercio Municipal, o que representa parcela bem apreciável das despesas do Município. Pelas razões expostas, veto o projeto de Lei em referencia, Campina Grande, 15 de março de 1956, Elpídio Josué Almeida, Prefeito (SEMANÁRIO OFICIAL, 24 mar. 1956, p. 02).

O *Semanário Oficial* como porta-voz da Prefeitura de Campina Grande, pareceu não colocar como prioridade para essa gestão os materiais fundamentais à educação, para a distribuição a estudantes dos Cursos Primário, Ginásial, Básico, Comercial e Pedagógico e que necessitavam da ajuda de órgãos públicos.

Apesar de ter colocado no mesmo *Semanário* que iria reorganizar a Secretaria de Educação e Cultura, “com a inspiração no alto espírito da administração de V. Excia” (o referido prefeito) “no firme propósito de bem servir a causa pública na defesa dos direitos da coletividade” (SEMANÁRIO OFICIAL, 28 jan. 1956, s/p), colocando essa iniciativa como um “exame minucioso de base que colocasse o magistério municipal ao nível de preparação intelectual compatível com a importância do município” (SEMANÁRIO OFICIAL, 28 jan. 1956, s/p), é possível observar que essa reorganização da Secretaria não beneficiou os estudantes que necessitavam de livros didáticos. Desconhecemos quais principais pontos da educação foram beneficiados por esta reorganização.

Ainda no início dos anos 1960, os editores do jornal *Gazeta Campinense* discutiram sobre a mudança de livros didáticos nos colégios e escolas existentes na cidade que somente seria “rendoso e divertido” para os editores e livrarias, mas já para os pais dos alunos “é uma pequena catástrofe” e se perguntaram do motivo dos professores mudarem tanto de livros e do “porquê não se adotar a mesma série de livros didáticos para os diversos anos do currículo” (GAZETA CAMPINENSE, 19 mar. 1960, p. 02). A grande rentabilidade desses que não serviria para outros anos e outras crianças, dizendo aos pais que compravam todos os anos livros novos: “por que não adotar a praxe de manter os mesmos livros, se todos são elaborados de acordo com os programas oficiais pelo mesmo colégio”? (GAZETA CAMPINENSE, 19 mar. 1960, p. 02).

A preocupação com o preço dos livros didáticos mereceu destaque em matérias de alguns jornais da cidade, haja vista que editores e redatores, apoiados pelos discursos de professores e alunos, posicionaram-se contra as questões relativas ao custeio e ao elevado preço, conduzindo nas suas matérias a valorização de uma educação acessível a todos. Para isso, professores, alunos e os editores dos jornais colocaram o livro didático como um fator principal para se conquistar uma escola pública e de qualidade.

Assim, estudantes do Diretório Estudantil do Colégio Estadual, juntamente com a Secretaria de Educação e Cultura, empreenderam uma campanha de material de ensino, que entre outras questões, visou “facilitar aos estudantes e ao povo em geral a aquisição, ao preço de custo, de livros escolares” (O GRÊMIO, nov. 1956, ano 02, n. 02, p. 02). Colocaram à venda livros considerados como necessários ao aprendizado escolar: “Dicionário Escolar de

Português, de Silveira Bueno por Cr\$68,00. Dicionário Escolar Latim-Português de Enesto Farias, por Cr\$84,00” (O GRÊMIO, nov. 1956, ano 02, n. 02, p. 02).

Desta forma, o desenvolvimento da leitura, através das críticas em torno do elevado preço do livro didático, foi uma das preocupações que mobilizou as opiniões dos centristas e estudantes. A partir destas discussões sobre a utilização e valorização do livro, os mesmos manifestaram, também, a preocupação com a aquisição de livros. Para isso, empreenderam a *Campanha do Livro* destinada à aquisição para a biblioteca interna do CEC, chamada *Biblioteca Edson Sales*: “o CEC conta com o decidido apoio das Emissoras locais e da Livraria Pedrosa, e espera a colaboração dos estudantes campinenses, para a esta meritória campanha, que busca elevar o nível cultural da mocidade estudiosa” (JORNAL DE CAMPINA, 24 ago. 1952, p. 03).

Através dessa campanha os centristas colocaram como fator importante na formação estudantil o estímulo à leitura. Assim, incentivavam a partir de matérias no jornal *Formação*, a valorização do livro para o conhecimento e o gosto pela leitura, colocando-o como “nosso amigo”, o “mais certo dos amigos no mais incerto dos locais” (FORMAÇÃO, set. 1953, ano 18, n. 03, p. 04), o meio das certezas do conhecimento, da fuga da ignorância e da ameaça “no oceano da incultura e do êrro” (FORMAÇÃO, set. 1953, ano 18, n. 03, p. 04).

Essa mesma matéria do jornal mostrou que o livro “tornou-se o estante científico e arquivica dos reflexos intelectuais do homem, quando este não haveria de permanecer séculos e mais séculos por sôbre a terra” (FORMAÇÃO, set. 1953, ano 18, n. 03, p. 04). Dessa forma, o livro seria o bem mais útil de todos os bens, pois “sua utilidade tornou-se um dos fatores profícuos no aprimoramento dos bons costumes sociais, elevando, instrutiva e educacionalmente a personalidade de seus valores” (FORMAÇÃO, set. 1953, ano 18, n. 03, p. 04).

Como as leituras dos livros eram fundamentais na vida dos estudantes, esses poderiam se tornar autodidatas a partir dos métodos fora da sala de aula, sem com isso precisar recorrer à educação escolar. Para isso, os centristas ensinaram, anos antes dessa matéria do jornal *Formação* citada acima, que os estudantes poderiam possuir o “*auto-didatismo*” através do dicionário e da leitura de livros:

Um bom método (sirva como sugestão ao leitor) é o seguinte. Primeiro, aprender a língua. Uma boa gramática, um bom dicionário, á mão. Simultaneamente ler escritores modelos: Machado de Assis, Euclides da Cunha, por exemplo. Estudar os textos. Excitar a escrita literária. Procurar ter modos pessoais, próprios, de expressão. Nada de imitar, ou copiar.

Depois, ler com cuidado, um compendio de História da Civilização. Não há cultura, sem razoável contingente de conhecimentos históricos. Se sobrar algum tempinho, ler uma pequena exposição de lógica e passar os olhos com atenção, num dêses exemplos, que por aí existem, de vulgarização da psicologia moderna [...] O método, enfim, mais eficiente é o que começa por um bom estudo da língua vernácula. Poder entender o que os outros escrevem com clareza quer quando ler ou escreva, é o primeiro passo no caminho da cultura (FORMAÇÃO, 05 nov. 1949, p. 02).

Segundo os centristas que escreveram essa matéria, para uma iniciação segura ao autodidatismo através da leitura de livros seria importante o conhecimento da história, da cultura e da lógica. Mas, essas leituras somente fariam efeito com o conhecimento da Língua Portuguesa. Sobre esta disciplina, na matéria intitulada *Língua Portuguesa*, a centrista Nazaré Rodrigues já havia discutido a importância do conhecimento desta língua para a formação da juventude e criticou aqueles/as estudantes que se aperfeiçoavam em idiomas estrangeiros: “a maioria da mocidade de hoje vive completamente absorta na aprendizagem do inglês, quando nem ao menos sabe falar a língua do seu torrão. O descuido pelos estudos do português está se tornando cada vez maior” (FORMAÇÃO, 06 out. 1948, p. 04). Disto, escreveu que a educação cultural dos estudantes e o progresso do Brasil deveriam vir, primeiramente, pelo estudo da “língua que falamos” (FORMAÇÃO, 06 out. 1948, p. 04).

Os espaços destinados às práticas em torno da leitura frequentados pelos centristas e estudantes foram, além da Livraria Pedrosa, a Biblioteca Municipal. Esses espaços serviam para as convivências de debates literários e políticos dos mesmos. A Biblioteca Municipal foi criada em março de 1938 no governo de Bento Figueiredo<sup>75</sup> e dirigida por intelectuais campinenses. A criação da Biblioteca pública foi realizada com o auxílio do Ministro da Educação e do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) como políticas de incentivo à educação através do regime autoritário do Estado Novo (1937-1945), que articulou uma dupla estratégia de atuação na área cultural com a criação de espaços destinados à leitura.

Considerada como grande enriquecimento para uma cidade que se queria/dizia moderna culturalmente, a Biblioteca Municipal foi elogiada no ano de sua inauguração, em 1938, como “grande feito, engrandecimento e entusiasmos e como lugar de cultura” (VOZ DA BORBOREMA, 14 ago. 1938, capa), merecendo destaque nesse dia no jornalismo local:

---

<sup>75</sup> Bento Figueiredo foi irmão do político campinense Argemiro de Figueiredo. Foi prefeito da cidade de Campina Grande-PB de setembro de 1937 a dezembro de 1937, após ter sido secretário da prefeitura. Voltou a ser prefeito entre os anos de 1938 e 1940. No seu mandato, implantou a Biblioteca Municipal, o Mercado Público Municipal e o Matadouro Público Municipal. Cf.: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Bento\\_Figueiredo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bento_Figueiredo)>. Acesso em: 02 set. 2014.

É de ver, pois, que a culta população de Campina Grande, tão bem compreende a magnitude dessa nobre idealidade, dispense a Biblioteca Municipal todo o seu apoio”, concorrendo assim para que ela se tornasse “opulenta e correspondesse plenamente a sua finalidade. Deixamos vasado, aqui, a expressão sincera do nosso entusiasmo em face do gesto tão bem compreendido do Sr. Bento Figueiredo (VOZ DA BORBOREMA, 14 ago. 1938, capa).

Como obra destinada a um lugar de leitura, com o passar dos anos foi defendida pelos centristas e por intelectuais locais que discutiram seu funcionamento e melhoramento nos jornais da cidade, colocando a Biblioteca Municipal como um espaço de leitura fundamental para a juventude estudiosa. No entanto, mesmo reconhecendo sua relevância como espaço da intelectualidade, com o passar dos anos, depois de sua inauguração, os poderes públicos não cuidaram da instituição que criou, levando os centristas a expor os principais problemas desse espaço na matéria intitulada *Sobre a Biblioteca Municipal*:

O nosso companheiro missivista (Ronaldo Sindou Ramires) principia por lamentar profundamente o estado em que se encontra a Biblioteca Municipal. Diríamos, se fôssemos rigorosos no assunto, que praticamente não possuímos um centro de divulgação cultural desta natureza. Atualmente o que se vê alí, continua o colega Ramires, são livros cujo peso dos anos já recomenda um novo encadernamento... Os vidros das estantes, que se fazem tão necessários pela proteção que podem oferecer contra a poeira, os insetos, etc, estão em sua totalidade quebrados...Refere-se ainda, Ramires, à fraquíssima percentagem de livros didáticos, que absolutamente não satisfaz a procura valiosa dos estudantes esforçados; quanto as obras clássicas, seria um outro motivo para lamentações [...]. Desta maneira ficamos nós estudantes e demais frequentadores da Biblioteca, na expectativa de uma breve resolução dos nossos homens públicos. Nesse ponto, nós suspiramos, e alimentados por velhos e imorredouras esperanças, perguntamos resignadamente: - Até quando, ó prefeitos que passam, esperamos nós pela tão almejada Biblioteca Municipal? Não vêdes que esta é a Rainha da Borborema, a Capital dos Sertões Nordestinos? Eu, cá com meus botões fico pensando: sim, talvez seja Rainha, mas uma Rainha em cuja côroa traz um ocioso símbolo do comercio. Talvez seja uma capital, mas pela simples razão de habitar em seu seio, um avultado numero de capitalistas... (FORMAÇÃO, out. 1951, ano 16, s/n, capa).

É perceptível que a cidade ainda não possuía uma biblioteca que satisfizesse as exigências do público leitor. Desta forma, colocaram os problemas da biblioteca como um discurso principal para se pensar sobre o desenvolvimento cultural da cidade, algo que atingia o meio intelectual campinense e que era debatido por estudantes e letrados. Esse espaço de

leitura não estava correspondendo aos anseios de estudantes e centristas e, com isso, várias matérias foram impressas sobre a insatisfação dos mesmos, apontando o descaso dos órgãos públicos para com este espaço. Assim os centristas, mais uma vez, criticaram o funcionamento desta, na matéria *Biblioteca Adjuncta*:

A Biblioteca Municipal de Campina Grande, entregue a direção da Secretaria de Educação e Cultura Municipal, não parece merecer a atenção daquela repartição, pois que há muito vive desprezada, de uma maneira como não se despreza, nem uma pervertida. De Biblioteca só tem mesmo o nome, porquanto os moveis são decrépitos, os livros rasgados e empoeirados, e o barulho ensurdecedor em que o sujo, a poeira, e as aranhas com suas teias, são quem mandam. Não seria preciso, que a Secretária de Educação e Cultura Municipal, dotasse Campina Grande de uma Biblioteca semelhante a o Vaticano ou a Municipal do Rio de Janeiro. Bastaria apenas, uma que atendesse as necessidades dos estudantes campinenses que assim poderam se deliciar com as leituras de autores nacionais e estrangeiros. Aí, o estudante poderia familiarizar-se tanto com Balzac, com Camões. Familiarizar-se-ia também com Humberto Campos, Joaquim Nabuco e Machado de Assis (FORMAÇÃO, out. 1953, ano 18, n. 03, p. 04).

Nas condições descritas, a biblioteca não apresentava o incentivo aos estudantes que frequentavam tal espaço de leitura. Desta forma, esse mesmo espaço ganhou grande atenção dos centristas, que colocaram no jornal *Formação* suas insatisfações diante dos problemas. E mais, como um lugar que seria destinado à leitura, como grande incentivador para a formação intelectual e literária dos estudantes, não traria tais possibilidades.

] Como a biblioteca dentro do CEC era pequena e precária de livros, eles dependiam de doações de terceiros, os livros eram escassos e seria esse espaço de leitura que deveria oferecer aos estudantes mais publicações e “as mais antigas obras já consagradas pela literatura universal e nacional” (FORMAÇÃO, out. 1951, ano 16, s/n, capa).

Considerada como um espaço importante do conhecimento das letras e conseqüentemente, de formação dos estudantes, a Biblioteca Municipal que fora criada “para o engrandecimento cultural da cidade” (FORMAÇÃO, out. 1951, ano 16, s/n, capa) precisava ser “usada pelos estudantes e teria que possuir as condições necessárias para obrigar os mesmos” (FORMAÇÃO, out. 1951, ano 16, s/n, capa). Por isso é que provavelmente foi, com o passar dos anos, alvo de intensas reclamações entre centristas e estudantes pelo abandono e mau funcionamento do espaço físico, a falta de livros, a ausência de público e os barulhos que incomodavam os estudantes que frequentavam o espaço:

**Uma restauração justa e oportuna** - Pretendemos expor aqui os mais degradantes aspectos da biblioteca municipal notadamente o lugar onde está localizado este estabelecimento e as suas condições internas. Num dos mais deficientes edifícios de nossa cidade está instalada este estabelecimento. Pois o prédio do 'POSTO DE SAÚDE' se verifica uma verdadeira promiscuidade ruídos, procedentes da fábrica do 'CAFÉ SÃO BRAZ', na rádio que lá em cima se concerta, etc, perturbando dessa maneira os que consagram uma parcela do seu tempo a boa leitura (FORMAÇÃO, ago. 1952, ano 17, n. 05, p. 04).

Pequena, é verdade, comportando em suas estantes apenas 1000 livros, mas que supera em todos os pontos de vista, a Biblioteca Municipal. Biblioteca está abandonada por tudo, procurada apenas por estudantes folgadões, que ali vá passar a tarde lendo histórias de Carochinha, e contos policiais. O que esta Biblioteca precisa é de dirigentes e de livros, não livros de carochinhas, nem tão pouco policiais e sim, livros instrutivos (...) Quem é o culpado por Campina não possuir uma Biblioteca Municipal a altura do nível cultural de seu povo? Seja você o juiz (JORNAL DO ESTUDANTE, nov. 1953, ano 01, n. 01, p. 03).

As reclamações dos estudantes e centristas com relação à Biblioteca Municipal também foram presenciadas em outras matérias de jornais da cidade<sup>76</sup>. Quando do fechamento dessa, os editores do jornal *Evolução* procuraram o Diretor de educação, Prof. Evaldo Gonçalves (ex-centrista que outrora tinha reclamado do mau funcionamento da biblioteca junto com seus companheiros), para esclarecimento. O referido diretor, por sua vez, afirmou que o fechamento se deu em função das reformas, “catalogação e registro de todos os livros da Biblioteca, cerca de mais de 3.000 volumes” (EVOLUÇÃO, 23 a 29 nov. 1958, p. 04), mas garantiu na reportagem que os estudantes poderiam continuar seus estudos e leituras neste espaço e que “não é do nosso interesse, nem do propósito do Sr. Prefeito Municipal Dr. Elpídio de Almeida, em travar o funcionamento da Biblioteca <<Félix Araújo>>, que tanto vem prestando à comunidade campinense” (EVOLUÇÃO, 23 a 29 nov. 1958, p. 04), e garantiu a melhoria da mesma com a atual gestão municipal.

Em uma sociedade que se dizia/queria moderna, com discursos sobre a defesa da escola pública, dos melhoramentos do ensino e sobre o desenvolvimento cultural da cidade, os

---

<sup>74</sup> Na década de 1950 encontramos constantes matérias sobre o mau funcionamento e reclamações dos estudantes para as reformas do poder municipal sob a Biblioteca Municipal e de outras existentes na cidade, sendo uma prática constante nos jornais se buscar melhorias para mesma, dando a entender que tais melhorias não foram realizadas, ou não efetivadas a contento. Dentre algumas matérias: *Destino das nossas Bibliotecas* (O MOMENTO, 24 set. 1950, p. 03) e *O sentido dos nossos apêlos – Biblioteca* (O MOMENTO, 30 set. 1950, p. 02); *Reforma Geral na Biblioteca Pública* (SEMANÁRIO OFICIAL, 21 nov. 1958, p. 03).

centristas estiveram inseridos nestas redes discursivas projetando ideias de formação da juventude campinense a partir do ideário de constituição de um público leitor estudantil.

Os centristas, também inseridos em redes de discussões intelectuais como aqueles que conduziam o movimento de estudantes, posicionaram-se enquanto intelectuais engajados politicamente na ideia de lideranças estudantis que usaram de suas imagens expostas no jornal *Formação* para se autopromoverem nas lutas e ações desempenhadas no CEC.

### 3 O JORNAL *FORMAÇÃO* COMO ESPAÇO DE MEMÓRIAS

#### 3.1 Jornal *Formação* como espaço de formação estudantil pelas escritas jornalísticas

O jornal *Formação*<sup>77</sup>, organizado, escrito e produzido pelos estudantes centristas, atuantes no Centro Estudantal Campinense – CEC –, tinha como objetivo principal relatar os acontecimentos mais importantes do movimento estudantil campinense. Para tanto, foi criado para ser um espaço<sup>78</sup> discursivo e noticioso da política centrista, trazendo não apenas aspectos das notícias que fizeram manchete no dia, mas, também, discursos relacionados à divulgação das práticas estudantis na cidade de Campina Grande-PB entre os anos de 1936, ano de criação, até à década de 1960, em que esteve ligado à própria existência e continuidade desta entidade estudantil. Assim foi descrito no jornal *O Collegial* com relação à sua inauguração:

**Formação** - Circulará no próximo dia 11, dia do Estudante, o orgam do “Centro Estudantal” que terá por diretor o nosso digno colega Claudio Agra Porto, elemento de realce na roda estudantina de Campina Grande. Ao novo paladino que surgirá como órgão da classe os nossos votos de vida longa e proveitosa (O COLLEGIAL, 05 ago. 1936, s/p).

Na composição de fundos para o financiamento do referido jornal, além dos assinantes e da venda no varejo, “subsistia da venda de exemplares, de colaboradores e da publicidade; sua circulação era mensal, sendo algumas vezes interrompida por problemas financeiros” (NASCIMENTO, 1990, p. 177), combinando-se verbas de políticos locais e confecções de carteirinhas de estudantes. Com relação à quantidade de impressão e à tipografia, procuramos tais informações nas entrevistas com ex-centristas e que foram também editores do jornal. O ex-centrista Juarez Farias nos falou que eram impressos em média 500 exemplares por cada edição e a impressão ocorria nas tipografias existentes na cidade, como a Livraria Pedrosa.

<sup>77</sup> As escritas do jornal *Formação* foram transcritas tal qual como foram escritas na época de suas publicações. Observamos que parece ser uma prática comum desse jornal colocar os nomes de pessoas e entidades com letras maiúsculas no decorrer do texto, no sentido, a nosso ver, de enfatizar qual o sujeito/objeto da reportagem e evidenciar alguns nomes de “importância” para quem escreveu. O nome da entidade do Centro Estudantal Campinense aparecerá com frequência nas reportagens e artigos, seja nos jornais de estudantes e/ou em outros que circularam na cidade, em letras maiúsculas.

<sup>78</sup> Pensamos o jornal *Formação* como transformado em um espaço pelos centristas enquanto um lugar vivenciado, praticado, na medida em que os que produziram o jornal exerceram sobre ele movimentos e usos. Desta forma, o espaço também estaria ligado ao relato constituído por fragmentos diversos, como as lembranças, que são unidas como uma “colagem” no intuito de produzir experiências em um determinado local (CERTEAU, 2007).

Com relação aos artigos e crônicas que eram publicados no jornal, os estudantes e intelectuais da cidade mandavam os seus artigos para a redação do jornal, que funcionava na própria sede da entidade, e estes eram selecionados de acordo com os objetivos que se propunha cada edição. Não sabemos ao certo quais critérios de seleção foram adotados pelos editores do jornal para a seleção dos artigos. Contudo, o jornal *Tribuna do Estudante* criticou os editores do jornal *Formação* sobre seus critérios de seleção, que foram assim colocados por aquele periódico estudantil:

Um estudante quando escreve se aventura a publicar qualquer produção sua é por julgá-lo capaz de publicação ou, vamos dizer melhor, é para experimentar a sensação de ser lido pelos seus companheiros e criticado de fôrma a evoluir intelectualmente. Essa é a verdadeira finalidade do jornal do Centro. A Comissão criada é inoportuna. O trabalho de um principiante deve ser considerado sempre bem. Ele próprio, depois de colaborar por algumas vezes em nosso órgão oficial, adquirirá censo crítico bastante para verificar certos erros e determinadas omissões. É triste para um calouro ver criticados seus enganos e ridicularizados os seus primeiros passos para a ascensão literária. Lembrem-se os senhores da COMISSÃO DE CENSURAS & SEUS ACESSORIGS (*sic*) que um jornal da mocidade deve ser, antes de tudo, um veículo para revelação de valores e elevação do nome da classe. Se desejarem transformar o nosso querido “Formação” em cobaia para as experiências com um novo DIP assume a responsabilidade pelo que a reação a da classe poderá provocar. Apela ainda para a comissão no sentido de não repetir a proibição feita ao companheiro NOALDO DANTAS de responder a um artigo do prezado companheiro Roberto Domingos. Da discussão nasce o esclarecimento e do silêncio cresce o medo (TRIBUNA DO ESTUDANTE, 1951, ano 01, n. 01, p. 03-06).

As críticas feitas pelo estudante Juarez Farias (um ano após essa matéria, o mesmo ingressou como representante e editor do jornal *Formação*) no jornal *Tribuna do Estudante* aos editores do jornal *Formação* foram, supostamente, a criação do que eles chamaram de DIP<sup>79</sup> mirim. A afirmativa daquele jornal ocorria em função de a direção do CEC haver construído uma comissão para revisar os trabalhos a serem publicados nesse impresso, vetando as matérias consideradas “inoportunas”, pois sem “ascendência cultural”.

---

<sup>79</sup> O Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP - foi criado no Governo Vargas e se tornou um órgão coercitivo da liberdade de pensamento e expressão e porta-voz do regime. “De acordo com o decreto que lhe deu origem, tinha como principais objetivos centralizar e coordenar a propaganda nacional, interna e externa, e servir de elemento auxiliar de formação dos ministérios e entidade pública e privada; organizar os serviços de turismo, fazer a censura do teatro, do cinema, das funções recreativas e esportivas, da rádio difusão, da literatura social e política e da imprensa”. Cf.: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/DIP>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

Nesta época, outro jornal também surgiu em oposição ao *Formação*, foi o *Jornal do Estudante*, criado pelos candidatos a presidente e representantes do CEC Josué Sylvestre, Nazário Pimentel e Ademar Martins<sup>80</sup>, para também fazer oposição aos outros centristas ganhadores das eleições estudantis de 1953, Juarez Farias, Zé de Freitas e Fernando Cunha Lima. Desta forma, esse jornal foi editado para não apenas fazer oposição ao *Formação*, mas também como enfrentamento dos estudantes que perderam as eleições do CEC contra os centristas que ganharam.

Assim como o jornal *Tribuna do Estudante* se propôs a criar um periódico que defenderia as “necessidades dos estudantes”, com relação ao “livre” acesso de publicar seus escritos, o *Jornal do Estudante* assim se pronunciou sobre o assunto:

Na sessão do dia nove de agosto a assembleia Centrista se ocupou quase exclusivamente em discutir o aparecimento do “JORNAL DO ESTUDANTE” – E alguns desses conceitos vieram empregnados de inciseridade (*sic*) – Porque essa “onda” de falsa indignação se apossou de alguns Representantes? Será que esses moços querem tollar (*sic*) nosso direito de imprimir um jornal? Não somos divisionistas, o que desejamos é um jornal. Nada mais, nada menos que um jornal. Esse fato desagradável muito nos entresticeu (*sic*). Vimos por exemplo, o Snr. Secretário Geral, num rasgo de incoerência, criticar asperamente, à saída desse jornal. Desaprovamos esse discurso como inconsequente e desleal. Ressaltamos, entretanto, a atitude democrática do senhor presidente que se conduziu de maneira errada, na direção dos trabalhos, se regrando, principalmente pela honestidade de suas palavras (JORNAL DO ESTUDANTE, 1953, ano 01, n. 01, p. 04).

Definindo-se como aquele que tinha como principal objetivo estar a “serviço do desenvolvimento cultural do estudante campinense” (Josué Sylvestre, entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013), esse jornal serviu, principalmente, para as disputas entre os centristas em que o grupo derrotado nas eleições estudantis criou oposição através da imprensa. Esta foi a maneira que estudantes buscaram para se posicionar nas suas ações, sejam elas de aproximação ou de enfrentamento com aqueles que eram contrários às suas ideias.

Posteriormente, um desses editores, Josué Sylvestre, relatou em um de seus livros que “quando o primeiro número do jornal circulou (*Jornal do Estudante*) defendendo ideias novas

---

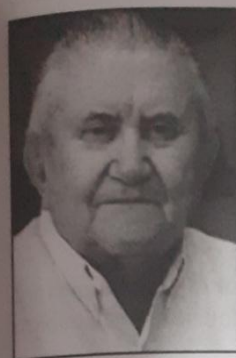
<sup>80</sup> Quando a edição do *Jornal do Estudante*, esses citados centristas ainda não faziam parte como representantes efetivos do CEC.

e maior integração entre a diretoria do Centro e da classe estudantil, Fernando sentiu a pressão e tomou suas providências” (SYLVESTRE, 2013, p. 530).

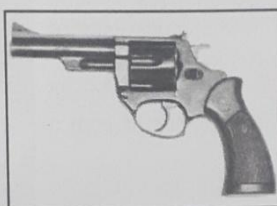
Assim, em suas memórias, esse descreveu um episódio sobre uma reunião entre os dois grupos de centristas citados acima, que na oportunidade os situacionistas que estavam à frente da direção do CEC “[...] pediram para que fechássemos (o grupo perdedor) o jornal e discordarmos. Como não se chegava a um acordo, o encontro foi encerrado e Zé de Freitas recolheu seu trabuco” (SYLVESTRE, 2013, p. 530). E concluiu: “só tiramos uma edição do *Jornal do Estudante*. Não com medo de Zé de Freitas, mas por insolúvel carência financeira. Os comerciantes não se interessam em financiar ‘bate-boca’ de estudantes” (SYLVESTRE, 2013, p. 530). E continuou que, o centrista Zé de Freitas teria ido armado com revólver calibre 38 para a reunião do CEC entre esses dois grupos de centristas. No livro, o episódio é assim descrito por Josué Sylvestre (2013):

Em dado momento, Zé de Freitas, que não havia dado uma palavra sacou um revólver da cinta e colocou sobre a mesa, numa clara atitude de intimidação. O ‘gesto’ belicoso não alterou o nosso posicionamento. Asseguramos que não havia radicalismo da nossa parte e somente a exposição de ideias diferentes (SYLVESTRE, 2013, p. 530).

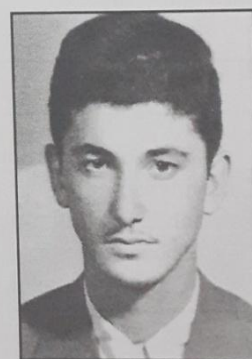
Este episódio também foi descrito, por este mesmo autor e participante do evento, do grupo situacionista que foi composto e liderado por Juarez Farias, Zé de Freitas e Fernando Cunha Lima, como “A ‘ARMA’ DA DIRETORIA DO CENTRO” (imagem de um revólver) e o outro grupo, Josué Sylvestre, Nazário Pimentel e Ademar de Freitas com “A ‘ARMA’ DA OPOSIÇÃO CENTRISTA” (Imagem da edição do *Jornal do Estudante*), em que tentaram simbolizar, desta forma, as ideias de cada grupo: uma através da violência e a outra através da escrita jornalística, ficando assim expressado na imagem 01.



*Juarez Farias, Zé de Freitas e Fernando Cunha Lima*



*"A ARMA" DA DIRETORIA DO CENTRO*



*Josué Sylvestre, Nazário Pimentel e Ademar Martins*



*"A ARMA" DA OPOSIÇÃO CENTRISTA*

**Imagem 01** – *Jornal do Estudante*, mar. 1954  
Fonte: SYLVESTRE, 2013, p. 531

Um ponto que nos chamou a atenção neste episódio foi de um estudante portar uma arma, sendo que este evento não foi um evento isolado entre os centristas, pois, Josué Sylvestre, neste mesmo livro de memórias, narrou outro episódio, em que um centrista, Rafael Timóteo de Sousa, “só comparecia às sessões do Conselho com um revólver 32 na cintura para intimidar o presidente” (SYLVESTRE, 2013, p. 527), e que em uma determinada reunião o então presidente eleito do CEC, Genival Lucena teria gritado alto: “– Tem um representante aqui que só anda armado, mas não tem coragem de atirar” (SYLVESTRE, 2013, p.527). Aquele centrista armado teria atirado por cima da cabeça do presidente, para amedrontá-lo.

Outro episódio também foi narrado por Agnelo Amorim (1988) em que, em uma reunião do GLMA, Ronaldo da Cunha Lima, armado, teria “puxado um revólver e matado um urubu” (AMORIM, 1988, p. 18). Para tanto, concluímos em pesquisas anteriores que esses posicionamentos dos centristas estiveram inscritos em códigos de masculinidade presentes entre os integrantes homens do CEC, em que as relações que os mesmos estabelecem com as práticas associadas ao masculino e como esses códigos foram subjetivados no exercício de suas identidades e de significados relacionados ao “ser homem” (SANTANA, 2015).

Desta maneira, sobre esses episódios, os centristas ocuparam posições que corresponderam aos códigos de masculinidade, interligando suas ações e manifestações estudantis na produção de significados que os qualificavam com o lugar do masculino, relacionando-os ao controle e ao poder, como exemplo o objeto fálico representado pelo revolver (SANTANA, 2015).

Sobre o jornal *Formação* e suas publicações, esse foi editado com interrupções. Devido às dificuldades de mantê-lo, o corpo editorial não foi formado apenas por estudantes secundaristas, mas por intelectuais da cidade, que colaboraram com os artigos nas suas edições. As publicações foram escritas por muitos que já não participavam do CEC e que já haviam ingressado no nível superior e/ou já eram jornalistas profissionais, mas ainda mantinham vínculos com os centristas, a exemplo de Orlando Tejo, Raymundo Asfora, Noaldo Dantas, Oliveiros Oliveira.

O jornal possuía seis páginas distribuídas com assuntos relacionados à política estudantil, às questões relativas ao CEC, à literatura, relacionados ao mundo das letras, com textos literários, poesias, poemas e crônicas, a fotografias, expondo fotos relativas ao CEC e a centristas quando da assinatura de um artigo ou crônica, aniversariantes centristas ou aqueles políticos considerados importantes, e também trouxeram assuntos relativos aos acontecimentos da cidade, do país e do mundo.

O nome do jornal, *Formação*, já indica o projeto maior de “formar” mais “ação”. Isto pode ser analisado a partir da descrição do jornal em sua primeira edição de 1936: “não se poderia compreender uma Sociedade exclusivamente de estudantes, que não tivesse uma arena larga para delinear as primícias ideias oriundas do cérebro estudantil” (FORMAÇÃO, 11 ago. 1936, s/p).

Através deste primeiro número do jornal, o nome *Formação* esteve inserido na ideia de formar os estudantes nas suas “primeiras” visões políticas, ideológicas e literárias já que o CEC incluía estudantes secundaristas, aproximadamente na faixa etária entre 14 e 18 anos de idade:

E uma vez que a massa estudantil se agita, se inflama, se entusiasma, nasceu como resultado d'estas consequências, esta folha”. *Formação* também trouxe a visão de que os estudantes necessitavam de incentivo ao acesso do saber, que seriam possibilitados por essa entidade estudantil e transmitidos neste jornal criado em torno dessas necessidades, que consideraram como “agitações estudantis” (FORMAÇÃO, 11 ago. 1936, s/p).

Para tanto, ao publicarem esse jornal, os centristas criaram seus efeitos de autonomia e representação através do nome do jornal, *Formação*, caracterizando-o em elocução privilegiada para as suas estratégias discursivas que visava instituí-lo como porta-voz singular dos interesses desse grupo para demonstrar a preocupação com a ‘formação’ dos estudantes campinenses e os rumos nos seus processos de educação formal.

Assim seguiu a primeira edição de 1936, com títulos e reportagens produzidos por editores que visivelmente demonstraram a preocupação de transmitir o que o jornal propunha e pretendia com essas suas publicações:

A constituição de nossa intelectualidade, e logo que é o órgão de uma agremiação compete também a defesa de seus respectivos interesses, elevação da nossa classe. O estudante ideal é um idealista; é um producto do gosto pelas letras (FORMAÇÃO, 11 ago. 1936, s/p).

Para tanto, nas edições que se seguiram, constituíram o jornal como verdadeiro arquivo do cotidiano dos estudantes e das ações dos centristas, com páginas dedicadas aos sociais, com acontecimentos variados, aniversários e atividades dos centristas dentro e fora do espaço do CEC.

A época em que foi fundado o CEC e criado o jornal *Formação*, estudantes organizaram periódicos e manifestaram em jornais as suas impressões sobre a importância de organizar os impressos estudantis:

**O ideal dos moços** - O aluno não pode e não deve contentar-se com as lições da escola. Porque ali a influência do mestre é grande, mas fica as mais das vozes no plano da teoria. E a prática, a aplicação dos conhecimentos escolares é o que muito vale na vida. Por isso, é que se fundam nos Collegios sociedades literárias círculos de estudos, em que os sociais desenvolvam melhor suas aptidões e orientam com segurança sua capacidade de acção. Alistem-se, pois, os alunos que realmente são, os que consideram sua posição mais elevado do que a de meros estudantes vadios, nas fileiras da nossa Academia (O COLLEGIAL, 15 ago. 1935, s/p).

Antes do jornal *Formação*, os estudantes do Colégio Pio XI organizaram e escreveram o jornal *O Collegial*, em 1935, com assuntos que envolviam os estudantes. Como órgão da Academia D'Adauto, uma agremiação literária e social desse mesmo colégio, foi colocado em seu editorial que o mesmo foi criado como “um prolongamento do ambiente escolar. É o caso de aprender escrevendo. Apareceu como uma folha modesta, em contraste com a grandeza das aspirações estudantinas” (O COLLEGIAL, 03 mai. 1935, s/p).

Entre os anos de 1930 a 1960 “o Brasil assistiu a criação e circulação de impressos estudantis em diversas instituições educacionais, sobretudo relacionados ao movimento da Escola Nova” (CHIOZZINI; SCHWETER; AQUINO, 2019, p. 85), tornando a imprensa um espaço emblemático para a difusão de suas ideias e informações. Nesses jornais estudantis, foi atribuído o papel de proporcionar atividades extraclasse, incluindo a produção de um jornal e envolvendo uma área educativa para além dos muros das escolas. O ponto de partida seria o posicionamento ativo dos estudantes que buscariam “enaltecer” as ações dos mesmos nas suas manifestações políticas e literárias.

Assim, a Academia D'Adauto funcionou como uma agremiação estudantil, dirigida pelos alunos do Colégio Pio XI, que proporcionou discussões extraescolares, principalmente na área de literatura. Nessa academia, eles organizaram o jornal *O Collegial*. Aquela recebeu o nome de Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques (30/08/1855 - 15/08/1935), que foi Bispo (1894-1914) e Arcebispo (1914-1935) da Paraíba. Acreditamos que esse nome foi escolhido por se tratar de um colégio católico e dirigido por padres da cidade.

Foi relevante e importante esse toque explicativo dos editoriais desses jornais de justificarem suas criações, ao divulgaram algo que refletiam nos posicionamentos que os

estudantes buscavam sobre seus acontecimentos e visões de mundo, pois “os leitores gostam que se lhes digam o que é importante e o que não é” (ARAÚJO, 1986, p. 315). Nesse exemplo, o editorial do *O Collegial* manifestou a defesa da educação e a formação dos estudantes através da escrita e de como eles foram “superiores a meros estudantes vadios que não seguiram as fileiras da Academia” (O COLLEGIAL, 15 ago. 1935, s/p).

Esse impresso se posicionou sobre a importância de uma formação estudantil extraescolar através da escrita e da leitura e o que a organização desses periódicos traria para as suas orientações intelectuais e políticas, que seria a busca dos estudantes por mais instruções, “que caminham contra a corrente de lassidão e sensualismo que, sob falsos rótulos de uma falsa ciência, empolga a maioria dos outros moços”, sem ficar apenas nas escolas (O COLLEGIAL, 03 mai. 1935, s/p).

Ao organizar periódicos os estudantes puderam discutir assuntos que consideraram como relativos e importantes à juventude campinense. Para tanto, desde as primeiras décadas do século XX pode-se também verificar a publicação de jornais como práticas estudantis. Assim, em 1915 foi fundado o jornal *Renascença*, por jovens com menos de 20 anos de idade que ansiavam por espaços no jornalismo local, e *A Voz da Mocidade*, fundado pelo estudante José Fernandes Dantas em 1936.

Desta forma, na mesma época da organização desses periódicos estudantis, década de 1930, no jornal *A.E.C* o intelectual Cristino Pimentel<sup>81</sup> narrou sobre a importância da leitura, com a crônica intitulada *Lendo a gente desperta o espírito*, em que falou sobre o despertar da curiosidade e do espírito e de como a leitura seria boa para a formação da juventude campinense:

Lendo a gente desperta o espírito e dá à cabeça como que um banho de sabão expurgando-lhes as curiosidades que, as vezes, ganham as suas brechas interrompendo a marcha e a ação do pensamento [...] Quantas leituras arrancam-nos desse estado penoso e fornecem-nos o material necessário a uma explanação segura e boa (A.E.C., 30 out. 1937, p. 03).

---

<sup>81</sup> Escritor, intelectual e historiador, Cristino Pimentel (1897-1971) foi autor de obras como *Abrindo o livro do passado*, *Mais um mergulho na história campinense*, e o raríssimo *Pedaços da História de Campina Grande*. “Observador criterioso da cidade de Campina Grande, o cerne de seu pensamento exalta palavras como ‘progresso’, ‘civilização’ e ‘mudança’, numa contraposição do que seria a ‘ignorância’ e a ‘incompreensão’. Graças à utilização de termos como estes é possível ao leitor perceber a opção por um pensamento humanista, influenciado por um iluminismo ansioso por um progresso que ao mesmo tempo viabilizasse o desenvolvimento material e intelectual” (GAUDÊNCIO, 2012, p. 35). Para saber mais sobre este escritor e seus escritos sobre a cidade, cf.: SOUSA, 2006.

É neste ambiente de incentivo à escrita e à leitura que o *Formação* foi editado, para ser um órgão oficial das divulgações das atividades e práticas dos centristas, mas também como um espaço que operacionalizou seus discursos e imagens e os colocou na cena pública e política campinense. Esse se constituiu através de uma cultura jornalística de fundamental importância para que o CEC se inserisse neste ambiente cultural da cidade.

Dentro da cena cultural impressa, os centristas colocaram em prática o papel que deveriam desempenhar como um grupo de estudantes ativos na sociedade. Responsáveis pelas tais edições do jornal *Formação* e nas colunas estudantis de outros jornais, ganharam notoriedade não apenas em função do poder que desempenharam através da escrita, mas do poder que de fato detiveram com suas publicações de cunho político e ideológico sobre os assuntos que envolviam a *classe estudantil*. Esses centristas editores, que detinham o poder da palavra, tornaram seus discursos visíveis, públicos e (re) conhecidos de todos que detinham o acesso à leitura impressa, estabelecendo, desta forma, uma distinção entre a quem era delegado esse papel e todos os outros que não possuíam essa função.

Com relação ao poder que os centristas possuíam no espaço do jornal, podemos colocar a partir das ideias de Albuquerque Júnior (2008), que este poder se insinuava, se demarcava e se definia através das escritas impressas, espaço onde foi possível construir fronteiras e criar seguidores/leitores, “definindo pertencimentos e estrangeiridades” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 111). Desta forma, pensamos esse espaço de poder como aquele que estabeleceu proximidades e distanciamentos, que selecionou e que incluiu aqueles que mereceram ter seus artigos publicados, daqueles que foram silenciados, segundo o DIP Mirim, exposto no jornal *Tribuna do Estudante* (nov. 1951, ano 01, n. 01), por não terem seus escritos aprovados.

Sobre os seus posicionamentos políticos, divulgaram notícias sobre o CEC em que expressaram suas visões em assuntos referentes ao “mundo” estudantil. As publicações trouxeram assuntos relativos aos interesses dos estudantes, em que os próprios centristas escreviam, mas também outros colaboradores, como os professores das escolas existentes na cidade, convidados para discutirem assuntos ligados à educação e intelectuais que discutiram assuntos relacionados à política estudantil e às letras.

Como exemplo, temos outra crônica de Cristino Pimentel, em que falou mais uma vez sobre a importância de escrever para o jornal e do conhecimento e reconhecimento adquiridos com essa prática:

**Catedral do Belo** (Cristino Pimentel) - Esse pensamento massiço que burila os conceitos como um fino ouvires, fala nos de uma qualidade de idealistas sem macular, diferentes desses tantos que enchem o mundo e as pequenas sociedades, ditando mal a forma de se conhecer, os carátères humanos na manifestação de suas tendências. Os que ocupam o meu pensamento pertencem ao ginásio sadio da juventude triunfante e estão colocados na parte superior, porque são iniciantes da arte que fez Carlos Dias Fernandes a pena mais aprimorada do terreno paraibano... Intuito falar-lhes do seu ideal, que consiste em manter um jornal para com êle ajudarem o esforço dos seus professores, exercitando-se no manejo da língua para amplitude e solidez dos seus estudos... Sabemos de onde saíram Machado de Assis e Humberto Campos, dos expoentes magníficos da literatura brasileira. Conhecemos o que são no campo do jornalismo Rubem Braga, e Assis Chateaubriand, este reconcheteante da imprensa do Brasil, que tem “o espirito como instrumento de conhecimento” e utiliza a cabeça como um saco mágico doiradas para a luta e o conforto da vida... Aconselho a esses jovens dirigentes de “Formação” a agirem com perseverança, para que a luz dos conhecimentos que tudo aclara provinda dos mestres, se infiltre recemente nos seus corações jovens e aí erga a catédral do belo, e faça badalarem os sinos da razão e da justiça quando terminarem a aprendizagem, e então entrarem no caminho útil da vida humana dado à sociedade, à Pátria e a família, os frutos sadios dos seus esforços com exemplos e obras dignificantes (FORMAÇÃO, 11 ago. 1940, p. 02).

Este intelectual campinense escreveu direcionado aos jovens que considerava ter posicionamentos políticos e intelectuais elevados, diferente de outros estudantes. Assim, transcorreu na sua crônica sobre os centristas e a importância de se criar e manter um jornal para a formação literária dos estudantes campinenses, atribuindo elogios e sendo esse o começo para engrandecimento não apenas no mundo das letras, como também no jornalismo. Desta forma, percebemos a capacidade de vinculação do jornal dentro de uma cultura impressa na cidade, que trouxe uma personalidade pública e de prestígio no meio intelectual campinense para o jornal com a estratégia de levar a credibilidade advindas de intelectuais, como Cristino Pimentel, para as páginas do jornal *Formação*.

Para tanto, quando não se podia colocar esse jornal em circulação, os editores e redatores justificaram suas ausências descrevendo como “período crítico” para as finanças, em virtude da péssima situação financeira pelo qual passou o CEC em alguns períodos, impossibilitando colocar o jornal nas bancas: “nós, porém, com esforços inauditos e incalculáveis, não querendo deixar que este órgão abandonasse o convívio da mocidade, procuramos homens altruísticos e abnegados que salvassem a nossa situação” (FORMAÇÃO, mar. 1954, ano 19, n. 04, p. 04).

Desta forma, percebemos a importância para os centristas de colocar o jornal *Formação* em circulação, recorrendo a estes “homens altruísticos” para ajudarem na produção

desse periódico, e esses em disponibilizaram recursos para tal finalidade. Contudo, nesta mesma edição os editores deste jornal manifestaram outras versões da ausência deste impresso:

**Voltando...** - Voltando ao seio da mocidade <<Formação>> desfralda aos ares da Borborema, a flâmula simbólica do seu ideal. Para no meio da subida, não por cansaço. Fomos ouvir mais de perto sem a impertinência das vozes corriqueiras, os verdadeiros anseios e prerrogativas da classe. Formas auscultar os lídimos reivindicações da mocidade. E agora, quando se inicia mais um período de lutas escolares, êle aparece como legítimo porta-voz estudantil – Imparcial ao extremo, trilhando por um caminho de seriedade, êle desinteressado e honestamente divulgará a classe os fatos, imbuídos de lisura e clarividência [...] Ser arauto das expressões das ideias moças, luz que iluminará as inteligências calouras nos lides jornalísticos; porta-voz altivo dos interesses da classe; eis seu ideal; eis suas intenções. E assim, procurando colimar esse alvo edificante e nobre, conclamamos toda a mocidade de nossa terra, a comungar conosco nesta cruzada de luz, para que unidos, possamos erigir o pedestal da glória, e lá colocamos a Dignidade do homem e o conhecimento da Verdade, pairando sobre as outras coisas (FORMAÇÃO, mar. 1954, ano 19, n. 04, p. 02).

A importância de se editar o jornal não apenas significou colocá-lo em circulação, mas foi como se o movimento de estudantes dependesse disso, pois suas ações e atuações estiveram diretamente relacionadas a esse impresso, como meio não apenas noticioso, mas também como um espaço em se que podia “falar” aos estudantes, de colocar ideias e práticas em movimento. A escrita do jornal trazia como sentido maior seguir os “passos” do CEC, imbuídos na ideia de coesão e união da *classe estudantil* através do periódico. Desse modo, os discursos dos centristas no jornal *Formação* apareceram como aqueles que não apenas conduziram o movimento de estudantes campinenses, mas cuja participação se propunha como protagonistas.

Para além das dificuldades financeiras, os editores e redatores desse jornal justificaram a ausência da publicação em alguns meses, e mesmo em anos, a ideia de “dar” uma melhor qualidade para o jornal, em integrá-lo no desenvolvimento de suas “missões” para com as reivindicações do movimento de estudantes, que seria o de melhor “debater sobre as soluções dos problemas mais sérios e agudos da classe estudantil” (FORMAÇÃO, dez. 1950, ano 15, n. 01, p. 03). Para isso, o jornal retornava sempre no seio das vibrações estudantis, no seu “brado de lutas”, ressurgindo como uma “sentinela endormida e vigilante, a ecoar os clarins das vitórias que advirão, de certo, como premio do nosso esforço e desprendimento” (FORMAÇÃO, dez. 1950, ano 15, n. 01, p. 03).

Assim, seria de fundamental importância que a juventude colaborasse com o impresso, lendo, comprando e ajudando a colocá-lo em *forma-ação*. Para que isso fosse possível, os editores e redatores do jornal *Formação* fizeram campanhas para colocar o periódico em circulação, apelando aos estudantes, para que esse meio noticioso fosse também um meio de comunicação dos centristas para com a *classe* estudiosa da cidade.

A respeito do jornal passar por um período de inatividade, os editores afirmavam que isso era necessário para dar uma melhor qualidade ao impresso. Além disso, expunham as dificuldades da diretoria em dispor de recursos para a sua publicação, apesar da sua relevância e benefícios para a *classe estudantil* da cidade “contando com a boa vontade da juventude [...] ficará satisfatoriamente resolvido este tão importante problema que tem desafiado os gestores de inúmeras diretorias” (FORMAÇÃO, 05 nov. 1949, p. 04).

No quadro de uma cultura impressa em Campina Grande, no que se refere ao processo de escrita e publicação, era centralizada no periodismo nos jornais e revistas. Acreditamos assim, que as intencionalidades dos centristas em produzir um jornal foram para poder discutir aquilo que os interessavam e os uniam enquanto movimento de estudantes. Sobre os jornais, Martins e Luca (2011) nos dizem que é:

Um produto capaz de formar opiniões, (des) estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Eles não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público (MARTINS; LUCA, 2011, p. 11).

Nessa perspectiva, os jornais que circularam nesta cidade até a década de 1950, tinham como características, em suas curtas publicações, um jornalismo informativo, crítico (muitos surgiram em oposições a outros jornais e/ou ligados a algum grupo político de oposição), humorísticos, charadístico, literário e noticioso. Jornais com práticas específicas de lazer com enfoques ligados ao tema do romantismo e ao humor e, principalmente, um jornalismo político. Assim, apesar desses outros temas, a imprensa campinense esteve ligada fundamentalmente ao tema da política, pois de acordo com Araújo (1986), “este assunto ocupou em média mais de 50% do espaço destinado aos editoriais na imprensa da Paraíba, algo que comprova a politização observada desde que aqui foram impressos os primeiros jornais” (ARAÚJO, 1986, p. 332).

Os muitos jornais que foram produzidos por estudantes e intelectuais da época também os consideraram enquanto “lugar de letrados”, interessados na prática de leitura, com

pequenas matérias, poemas e outros textos de natureza literária. Também tinham os jornais desportivos que tratavam dos times de futebol da cidade, a exemplo do *Treze*, ligado ao Treze Futebol Clube, ou ainda o *Lidador* (1922), como o primeiro jornal “classista” da cidade, pertencente à Associação dos Empregadores do Comércio Campinense.

De acordo com Bruno Gaudêncio (2012), os jornais que circularam em Campina Grande até à década de 1950, eram formados:

De maneira geral, salvo poucas exceções, com folhas impressas de quatro a seis páginas, com duas a quatro colunas, constituído por pequenos grupos, formado por dois ou três sujeitos, com seus escritórios e redações, adaptados em suas casas, bares, escolas, sindicatos e associações diversas (GAUDÊNCIO, 2012, p. 261).

Assim, sobre o fazer jornais nesta cidade nas primeiras décadas do século XX, se percebe:

A identificação de um jornalismo boêmio, ativista e idealista, fora dos padrões profissionais, feito de maneira artesanal, muitas vezes, com jornais produzidos à mão ou compostos de caixas, à maneira primitiva e prensados aos impulsos pedal ou braçal (GAUDÊNCIO, 2012, p. 259).

É importante destacar que com a profissionalização dos jornalistas, o advento da propaganda como fonte de renda, além da modernização da tipografia, só seriam vivenciadas de maneira consistente na década de 1950<sup>82</sup> a partir da inauguração do *Diário da Borborema*<sup>83</sup> em 1957, quando uma equipe de jornalistas estabeleceu uma forma profissional e moderna de fazer jornal.

Para tanto, o fazer jornal foi uma das atividades centrais de grêmios escolares, das associações recreativas, de grupos literários e de colégios secundários existentes na cidade, a exemplo do Colégio Estadual de Campina Grande, que fundou seu jornal – *O Grêmio* –, em 1956, e o Colégio Pio XI, que criou o jornal *O Collegial*, em 1935, citado anteriormente. As

---

<sup>82</sup> De fato, foi a partir da década de 1950 que o jornalismo se afirmou como “fala autorizada em relação à constituição do real. O discurso jornalístico se reveste da aura de fidelidade aos fatos, o que lhe confere considerável poder simbólico” (BARBOSA, 2007, p. 151).

<sup>83</sup> O *Diário da Borborema* “foi criado em 2 de outubro de 1957 como resultado de uma promessa feita por Assis Chateaubriand ao povo campinense. Pertencentes aos Diários e Emissoras Associados desde o final dos anos 1950, esse órgão de imprensa teve importância fundamental na História de Campina Grande nos mais diversos aspectos, econômico, social, cultural e político” (MONTENEGRO, 2017, p. 69).

folhas impressas circularam em poucos números, em periodicidades mínimas, com poucos deles chegando a se afirmar dentro do campo jornalístico, exceções feitas aos jornais políticos e partidários como o *Correio de Campina* (1912-1927 – pertencente ao grupo político ligado a Cristiano Lauritzen, prefeito da cidade) e *O Rebate* (1932-1963), que funcionaram durante três décadas cada um (GAUDÊNCIO, 2012).

As sociabilidades intelectuais em Campina Grande se impuseram em forma de impressos, que projetaram na cidade as ideias de diferentes grupos políticos, círculos intelectuais e estudantes locais. A imprensa se constituiu assim, como espaço de manifestações e projetos políticos, sociais e ideológicos desses sujeitos. Neste contexto, o lazer, o político e o literário se traduziram como temas de seus anseios.

Desta forma, o jornalismo campinense se configurou, nas primeiras décadas do século XX, em espaços de debates políticos e ideológicos por intelectuais, estudantes e políticos locais, como um meio de engajamento da intelectualidade campinense, espaço de circulação da cultura letrada em Campina Grande, grupo que escrevia, expressava opiniões, dramas e concepções sobre a cidade. Os impressos eram também um meio estratégico de narrar em palavras os acontecimentos das vidas cotidianas dos intelectuais através de crônicas e artigos de opinião, suas ideias foram apresentadas por aqueles/as que detinham o poder da palavra impressa e lida por aqueles/as que detinham o poder aquisitivo da compra do jornal.

Assim, a criação de jornais foi um instrumento de legitimação, de distinção, de divulgação e de circulação de textos literários e políticos. Desta forma, os estudantes campinenses, secundaristas e universitários buscaram na imprensa suas formas de agir, transmitindo tudo aquilo que consideraram significativo para as suas ações. Também, transformaram a escrita na imprensa como de formação intelectual e literária dos estudantes campinenses, lidas nas páginas do jornal *Formação* com a ideia de união e pertencimento da *classe estudantil*, e/ou se constituindo como a porta de entrada na vida partidária local para aqueles que almejavam essa carreira, a exemplo dos centristas que buscaram nesse espaço uma “autopromoção” política.

Foi nesse contexto jornalístico que o jornal *Formação* esteve inserido como aquele que narrou e discutiu assuntos relativos aos interesses dos centristas, principalmente as suas ações no movimento estudantil com campanhas em prol dos estudantes, em um espaço feito de discursos e de memórias, daqueles que não apenas o criaram, mas que elaboraram suas próprias representações sobre um movimento de estudantes que eles próprios conduziram.

Com relação ao espaço, Albuquerque Júnior (2008) nos diz que “qualquer espaço é feito de sucessivos extratos construídos por nomes, símbolos, ícones, textos, mapas, ditos e

formas de ver e de fazer ver” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 85). Dessa forma, transformado em espaço desejado, preenchidos pelas vivências dos centristas e por eles delineados, onde escreveram suas histórias de lutas e de glórias, o jornal *Formação* se constituiu em um lugar de memórias, registro das reminiscências coletivas dos mesmos. Para que isso fosse possível, esse grupo de estudantes construíram nos discursos deste periódico figuras que representariam as lideranças estudantis através da exposição de “feitos” em nome de um lugar de realizações e manifestações em torno do CEC como uma “escola de líderes”.

Para tanto, as discussões de serem eles, os centristas, os responsáveis pela formação política e intelectual da juventude campinense, através de discursos de como ser o jornal “escola do saber” e “escola de líderes”, onde se desenvolviam as capacidades de oratória e escrita e discutiam sobre política e literatura, diferenciada dos currículos escolares, têm as reportagens produzidas pelos editores do jornal que visivelmente demonstravam a preocupação de transmitir o que esse propunha e pretendia com suas publicações.

Além da criação do jornal *Formação* para expor suas ideias e posicionamentos políticos, os centristas também criaram as possibilidades de produzirem suas narrativas sobre suas atuações no CEC, apropriando-se, desta forma, como um instrumento de divulgação e transmissão de seus discursos sobre eles e sobre o movimento de estudantes campinenses.

As folhas do jornal *Formação*, escritas e narradas com letras maiúsculas, correram sobre as defesas dos valores desempenhados pelos centristas:

*História do Centro Estudantal Campinense - UMA SINCERA E JUSTA HOMENAGEM A TODOS AQUELES QUE COLABORARAM NA FORMAÇÃO DO “CENTRO”, HOJE, COM DEZESSETE ANOS DE VIDA GLORIOSA E ÚTIL AOS ESTUDANTES CAMPINENSES: [...] poderia, ainda, escrever centenas e centenas de nomes. Preferi, porém, citar os vinte primeiros e escolher, ao acaso, folheando o velho livro de Registro já amarelecido pelo tempo, alguns nomes daqueles que, nessa época moços e idealistas e hoje amadurecidos, de consciências delineadas e posições definidas, talvez- quem sabe? Já se esquecera, até, dos seus brilhantes passados quando da fundação do CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE. ONTEM, estudantes pobres e idealistas. HOJE, homens honrados e dignos. Eis aqui alguns nomes: Degmar Fernandes com 15 anos naquele tempo; José Fernandes Dantas- 18 anos; Dr. Vicente Nogueira Filho- 15 anos; João Pedrosa- 19 anos (FORMAÇÃO, 06 out. 1952, p. 02).*

Nesta homenagem presenciamos a valorização do ideário de engajamento daqueles que “fizeram” o espaço do CEC. Mas, não de todos, apenas os que conquistaram o significado de “homens honrados e dignos”. Para isso, quando era publicado, o jornal promoveu artigos e

matérias relacionados à importância das ações dos centristas, na tentativa de sempre reativar as atividades da entidade estudantil e de “chamamento” para a participação de mais estudantes a cada novo impresso produzido.

Contar, registrar, expor os nomes, referir os feitos, produzir memórias, foi o objetivo dessa matéria acima, ratificando nestas páginas a importância que o CEC desempenhou para a cidade e que deveria continuar seus “brilhantes passados” (FORMAÇÃO, 06 out. 1952, p. 02). Também no aniversário de 18 anos da entidade os centristas enalteciam mais um ano de existência do CEC, dando graças aos estudantes campinenses que dele fizeram parte:

TRANSCORREU no dia 6 em maio de festividades comemorativas o 18º aniversário de fundação do *Centro Estudantal Campinense*. É um motivo de satisfação, que renova em cada 6 de Outubro que passa, porquanto temos que foi mais um etapa vencida, de lutas que se reverterem em vitórias, enaltecendo deste e cada vez mais a pessoa do Estudante Campinense [...] Já é fato notório em toda a PARAÍBA, o valor do Estudante Campinense, com seu espírito formado entre as paredes sagradas do *PIO XI* ou *Alfredo Dantas*, do *Imaculada Conceição* ou *Estadual*, aumentando esse valor na razão direta de uma luta que se renova. O *Centro Estudantal Campinense* fundado há 18 anos, por uma plêiade de idealistas, cujos nomes ficaram imperecíveis até nós e continuarão a receber os aplausos dos pósteros, já se acha inserido no grande livro dos fatos evolutivos da Cidade Rainha, não podendo ficar esquecido o valor do mesmo, quando se destaca com ardor e coragem em suas memoráveis campanhas [...] Reverenciamos sempre e sempre os nomes que em 1935, deram início a esta obra que ficará de pé por toda a vida, pois temos certeza de que enquanto Campina Grande existir, existirá sempre o seu *Centro Estudantal* [...] É ele o arauto endormido na defesa da ideal da mocidade que aqui luta, por um Brasil de amanhã. É ele o quartel-general das grandes arrancadas, em busca do bem da classe estudiosa, que faz do livro seu escudo e sua pena a espada. É ele que pretende construir, nem que seja com lágrimas, a casa que obrigará todos aqueles que no futuro não tiverem uma pousada certa, mas que tenham boa vontade [...] Que o CENTRO continue sempre lutando e vencendo, porque só assim poderemos ser dignos do nome legado por: Lúcia Câmara, Edson Sales, Rubens de Souza Costa, Félix Araújo e outros. AD MULTOS ANNOS (FORMAÇÃO, 06 out. 1953, capa).

Referenciando o papel da luta dos estudantes, tendo nesse processo a confluência na formação política da juventude campinense, nessa citação os centristas marcam como expressiva a atuação dos estudantes e o papel que desempenharam no cenário estudantil local, sem deixar de expressar as suas disposições na luta da *classe estudantil* e marcar presença através da citação dos nomes daqueles que passaram pelo CEC e que foram considerados de relevância para o legado desta entidade estudantil.

Mostrando-se como aqueles que buscaram o “bem da classe estudiosa que faz do livro seu escudo e sua pena a espada” (FORMAÇÃO, 06 out. 1953, capa), os centristas ligaram a escrita do jornal a uma educação extraescolar da juventude campinense através da escrita e da leitura, marcando seus espaços de atuação, de ideologias e de interesses que vivenciaram no movimento estudantil campinense.

Para tanto, os centristas criaram as representações favoráveis para que a imprensa fosse um espaço de formação política da juventude, compreendida pelas práticas colocadas sobre a educação dos estudantes, algo que possibilitou a integração dos mesmos através da escrita, da leitura e das memórias, como sendo dos representantes que deram “certo”<sup>84</sup> em suas formações políticas e intelectuais.

Desta forma, através de discursos e imagens, os centristas se colocaram a partir das representações nas comemorações de aniversários do CEC, como aqueles que não apenas lideraram o movimento de estudantes campinenses, mas como igualmente intelectuais que proporcionariam uma organização coesa e coletiva para a *classe* de estudantes. Para tanto, a produção do jornal *Formação* se tornou uma constante na data do aniversário de criação do CEC, 06 de outubro, trazendo as memórias da entidade estudantil e dos que fizeram parte dela, no sentido de comemoração através da ideia de união e pertencimento, como se pode ver no artigo intitulado *Fidelidade*:

O **Centro Estudantal Campinense** comemora, hoje, o décimo terceiro ano de sua agitada e fecunda existência. Sob os aplausos e a confiança da **juventude**, este aniversário encontra a velha e inexpugnável fortaleza da classe estudantil campinense aprestada para novas e decisivas batalhas. Intensa vibração sacode interiormente o **Centro**. Um empolgante sentimento de fraternidade aproxima e irmana todos os seus membros. As iniciativas florescem com exuberância e o ritmo de trabalho se acelera. Por que motivo, neste radioso dia aniversário, tanta alegria e tanta confiança se estampam no olhar da **juventude**? [...] É que o **CEC** em sua já longa trajetória social, tem se conservado fiel à mocidade, fiel à classe, fiel à **Pátria** [...] Neste dia festa aniversário, o **CEC** sente-se orgulhoso do seu passado, responsável pelo presente, confiante no seu futuro [...] O **CEC** olha com alegria o caminho percorrido, os obstáculos ultrapassados, a etapa vencida, e estende o olhar para a frente sem susto e sem medo [...] No seio generoso do CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE ha lugar para os estudantes de todas as religiões e de todas as filosofias. É a única política que atravessa as suas partes sempre abertas e a nobre e sadia política de respeitar os sentimentos

<sup>84</sup> Muitos estudantes que participaram do CEC, como centristas, ao deixaram esta entidade estudantil, tiveram carreiras promissoras na política campinense e paraibana, dentre eles podemos citar: Félix Araújo, Raymundo Asfora, Ronaldo Cunha Lima, Ivandro Cunha Lima, Fernando Cunha Lima, Figueiredo Agra, Josué Sylvestre, e tantos outros que tiveram suas formações políticas, ainda enquanto estudantes, através da política estudantil do CEC.

da mocidade, defender os interesses da classe Estudantil, a amar leal e sinceramente Pátria (FORMAÇÃO, 06 out. 1948, capa).

O protagonismo social dos centristas para com os estudantes trouxe para a referida matéria o sentimento de coletividade e pertencimento a um lugar de recordação de todos/as aqueles/as que fizeram parte do CEC. Para se comemorar os aniversários de fundação desta entidade, o jornal foi apropriado como lugar de memória, onde colocaram nas suas páginas atos que foram considerados como importantes para se celebrar a “fortaleza da *classe estudantil*”: organizaram celebrações, pronunciaram elogios, noticiaram atos e ações, elevando o nome do CEC à condição de representantes dos estudantes, em que se defendia posicionamentos e ideologias para um grupo que se afirmava como coeso e fiel em suas manifestações estudantis.

Desse modo, aqueles cujos textos eram escolhidos para a publicação no jornal se encontraram inseridos em um projeto maior que se pautava nas ideias do espaço de memórias a partir do jornal, de suas comemorações de aniversários e da exposição de feitos e nomes dos centristas, como narrado pelo centrista Noaldo Dantas<sup>85</sup>:

História do “CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE” - Uma SINCERA E JUSTA HOMENAGEM A TODOS AQUELES QUE COLABORARAM NA FORMAÇÃO DO CENTRO COM DEZESSETE ANOS DE VIDA GLORIOSA E UTIL AOS ESTUDANTES CAMPINENSES - O CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE foi fundando em seis dias do mês de outubro de mil novecentos e trinta e cinco (1935), inspirado, depois de uma visita de professorandas a Fortaleza, em missão de cultura e cordialidade. Recorremos, logo no início, a um jornal da época, fonte bastante pura para pesquisas históricas. Trata-se de EVOLUÇÃO-JORNAL, órgão de caráter estudantil, que publicava em 30 de setembro de 1935, o seguinte:- “De Fortaleza para onde havia embarcado em missão de cultura, regressou no dia 23 do fluente, a embaixada de professorandas de nossa escola Normal [...] O conjunto de itinerantes está bastante entusiasmada com o que viu e ouviu naqueles plagas, principalmente NO SETOR DE ORGANIZAÇÕES ESTUDANTIS cumprimenta cordialmente as néo-educadoras pelo seu feliz regresso”. Assim, sob o idealismo dessas jovéns que inspiradas e

---

<sup>85</sup> Sobre este centrista, sabemos que ele e o irmão, Noilton Dantas, foram representantes no CEC, atuando no final da década de 1940 e início da década de 1950, e que Noaldo Dantas também foi atuante no jornalismo campinense, escrevendo para diversos jornais da cidade, em que possuía uma coluna regular no *Jornal de Campina*, intitulada *Fragrantes do Dia*, onde escreveu sobre política, economia, fatos cotidianos e sobre a cidade. Mesmo depois da saída no movimento estudantil liderado pelo CEC, ainda continuou a contribuir para o jornal *Formação*. Josué Sylvestre (2013) assim o descreveu, em seu livro de memórias: “Fez política no Centro Estudantal, foi vereador na legislatura 1959-1963, secretário do Governo do Prefeito Newton Rique (1963-1964), vice-prefeito eleito em eleição indireta pela Câmara dos Vereadores ao lado do vereador João Jerônimo, após a cassação de Newton (1964)” (SYLVESTRE, 2013, p. 506).

entusiasmadas com o que viram e ouviram em Fortaleza, resolveram fundar em Campina Grande uma sociedade que congregasse os estudantes (FORMAÇÃO, nov. 1952, ano 17, n. 07, p. 03).

Nas memórias salvas através das celebrações de aniversário de criação do CEC, centristas contaram histórias e acumularam vestígios, documentos e imagens como sinais visíveis de suas trajetórias nessa agremiação. Percebemos que essas comemorações estiveram ligadas às apropriações pelos mesmos, para que esses pudessem pôr em questão os seus próprios discursos e práticas que os sustentavam, os legitimavam e os representavam como um grupo que conduziu o movimento de estudantes e colocou em prática suas ações à formação da juventude campinense, inseridas na ideia de comemoração de uma entidade estudantil que “serviu” aos interesses dos estudantes da cidade.

Pensamos as comemorações de aniversários como fazendo parte de um “dever de memória”, em que estas são convocadas a fazerem parte da história do CEC. Assim, de acordo com Albuquerque Júnior (2012a), para essas comemorações “seria necessária a evocação de uma memória, que estaria ligada a fatos, a atos e a pessoas não só dignas de serem trazidas às lembranças, mas que deveriam ser lembradas, que não poderiam ou não podem deixar de ser recordadas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012a, p. 11).

O jornal *Formação* como lugar de memória, espaço onde a ritualização de uma lembrança histórica pode ser narrada através das recordações e dos livros de registros e atas de reuniões, trouxe para o grupo de centristas e para os estudantes campinenses, a identificação de lugares de memórias do CEC, a ser lembrado, comemorado e jamais esquecido, como meio de acesso às reminiscências das gerações vindouras, mas também como formadora e portadora de elementos que constituíram lembranças dos entrevistados/as.

De acordo com Nora (1993), sobre os lugares de memória e do por que desses grupos necessitam consagrar tais lugares, diz que “os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1993, p. 12).

Assim, ao levarmos a matéria do jornal supracitado acima ao ex-centrista Juarez Farias, percebemos a “facilidade” da memória em nos contar detalhes que outros não tinham (re)lembrado, isso é perceptível com a fluidez da entrevista temática sobre aquele contexto. Ao se reconhecer como sujeito que participou do CEC, relendo através dessa matéria de

jornal, o mesmo se identificou como alguém presente naquele contexto e nas histórias do CEC.

Para Nora (1993), os lugares de memórias são espaços criados pelos indivíduos contemporâneos diante da crise dos paradigmas modernos e que, com esses espaços, buscaram se identificar e se reconhecerem como agentes de seu tempo. Ou seja, o autor fala da volta dos sujeitos. Assim, mostrar o jornal, com artigos que também foram escritos pelo próprio entrevistado, não apenas o incentivou a (re)lembrar, mas a (re)encontrar-se em um lugar de pertencimento, reavivar lembranças e histórias juvenis.

Deste modo, o jornal fazendo parte de uma cultura material, serviu como um condutor da memória individual sobre um grupo de centristas que criaram uma memória coletiva a partir da produção de recordações através do jornal *Formação*. Nesse sentido, como instrumento dessa produção, apropriado pelos centristas com suas histórias de comemorações de aniversários do CEC, eles registraram nas suas páginas as “glórias” passadas e mostraram a identidade centrista através desse “passado glorioso”. Ou seja, como um lugar físico o jornal guardaria as lembranças do passado e do presente em sua ressignificação.

Por isso que, a cada ano, em comemoração ao aniversário de inauguração do CEC, se escrevia uma edição quase completa para essa finalidade, funcionando como algo concreto e significativo para aqueles que participaram da entidade e que acabou se transformando em um elemento simbólico da luta dos estudantes campinenses, das ideias dos centristas e um artefato cultural e material de apoio ao movimento de estudantes liderado pelo CEC, na transmissão dos padrões de comportamentos e significados desempenhados pelos mesmos.

Sobre essa questão, Nora (1993) conceitua os lugares de memória como, antes de tudo, um misto de história e memória, momentos híbridos, pois não há mais como se ter somente a memória, há a necessidade de identificá-la, numa origem em um nascimento, algo que ligue o presente ao passado. Assim, “a memória emerge de um grupo que ela une” (NORA, 1993, p. 10). Disto, podemos dizer que as memórias construídas e inventadas sobre o CEC através do jornal *Formação*, foram a manifestação de um grupo de centristas que procuraram “consagrar” seus lugares através da escrita e das suas representações de lideranças centristas.

Ao colocarmos o jornal *Formação* em um espaço que foi constituído como lugar de memória, reconhecemos que este não foi espontâneo e nem movido involuntariamente, pois foi preciso criar arquivos, manter aniversários e organizar celebrações (NORA, 1993). Desta forma, acreditamos que foi isso que os centristas fizeram, criaram um espaço através do jornal onde as lembranças dos mesmos foram preservadas e selecionadas, através da ideia de pertencimento daqueles que fizeram parte do grupo.

Para considerarmos o jornal *Formação* como um lugar de memória, percebemos através de sua leitura as intencionalidades que este jornal deixou em barrar o esquecimento, em fixá-las às gerações vindouras e nos grupos de estudantes que fizeram parte do CEC, como aqueles que fizeram diferença em sua época. Por isso, materializaram em forma de impresso as lembranças que consideraram de importância para a permanência da entidade estudantil. Desta forma, como lugar de memória, o jornal *Formação* deveria fornecer os quadros *a priori* de toda a memória possível construída pelo/para o CEC.

Portanto, o papel da imprensa na construção da imagem dos centristas foi manifestado através dos interesses daqueles que defendiam a entidade, das matérias que os legitimassem como representantes dos estudantes, das representações de lideranças estudantis, das “coberturas” dos eventos proporcionados pelo CEC, destacando as suas atividades e colaborações.

### 3.2 As imagens fotográficas como espaços de memórias

Os centristas escreveram no jornal *Formação* como uma forma de “entrar” na cena pública e política na cidade de Campina Grande-PB, colocando em prática as ideias do movimento estudantil. Desta forma, discutiremos como foram as suas atuações através desse jornal e de como consolidaram suas lideranças estudantis a partir das suas imagens fotográficas<sup>86</sup> ao lado do texto escrito, em que construíram uma narrativa visual que seria consumida por todos/as aqueles/as que liam o periódico.

Para tanto, analisamos de que modo essas imagens foram expostas para retratar um evento ou um acontecimento e as memórias que foram produzidas como maneiras de “preservar” as ações dos centristas. Para isso, esses organizaram lembranças sobre o CEC a partir também de fotografias pessoais e coletivas e nelas imprimiram versões de si nas diversas formas de comemorações do CEC.

De início, é importante ressaltar que os artigos assinados pelos centristas geralmente vinham acompanhados de suas fotografias<sup>87</sup>: jovens estudantes, do sexo masculino, de terno e gravata. Desta forma, indicavam a ideia de “homens sérios”, de líderes em ação diante das

---

<sup>86</sup> Essas fotografias não foram acompanhadas de informações técnicas, sobre onde, por quem e quando foram tiradas. Acreditamos que eram fotografias pessoais, levadas aos jornais pelos estudantes que tiveram suas imagens expostas.

<sup>87</sup> Essas fotografias não informam sobre o autor do registro e por isso acreditamos pertencer a álbuns de família. Para tanto, os álbuns de famílias são artefatos importantes na hora de contar suas histórias e de também preservar suas memórias.

causas conquistadas, das lutas empreendidas em nome do CEC e das “vitórias” conquistadas pelos mesmos<sup>88</sup>.

De acordo com Aires (2015), para se inserir na cena pública política, “é preciso cuidar da imagem do político, da sua retórica, dos seus adereços. O dizível e o visível devem ser elaborados” (AIRES, 2015, p. 14). É pensando nesta perspectiva que analisamos os centristas como personagens inseridos nessa ideia de ter uma imagem que poderia ser “manipulada” com objetivo de usá-la como estratégia de fortalecer as lideranças estudantis, bem como consolidar o “espetáculo político” promovido por estes através do jornal *Formação*.

Tomaremos como exemplo desses “espetáculos políticos” a matéria do jornal *Formação* intitulada *Quadro de Honra*, que constituiu na elaboração de nomes de centristas que mereceram ser citados neste quadro, ficando assim colocados os escolhidos nas imagens 02 e 03.



**Imagem 02** – Matéria *Quadro de Honra* – Admilson Villarin

Fonte: Jornal *Formação* (set. 1953, ano 18, n. 02, p. 03) / Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB

<sup>88</sup> As meninas centristas que assinaram seus artigos no jornal *Formação* não tiveram suas fotografias expostas neste periódico.



**Imagem 03** – Matéria *Quadro de Honra* – Fernando Cunha Lima

Fonte: *Jornal Formação* (set. 1953, ano 18, n. 02, p. 03) / Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB

O *Quadro de Honra* foi um dispositivo muito maior e mais importante do que apenas um quadro de fotografias exposto no jornal, pois além de registrar os ritos sociais, influíam na constituição das imagens públicas dos centristas. O referido quadro sempre apresentava também a exposição das funções ligadas a cada um dos indivíduos envolvidos na organização e hierarquia do CEC. Ou seja, daqueles que atuavam como protagonistas, haja vista que haviam sido escolhidos nas eleições estudantis para ocuparem cargos de presidente em exercício, além das demais questões ligadas ao financeiro, ao cultural ou administrativo. Enfim, ações voltadas para a *classe estudantil* e que se voltavam à defesa de uma educação com foco na formação política e intelectual.

“Entrar” para o *Quadro de Honra* indicava uma colocação de prestígio e, além disso, significava o relacionamento de alguns estudantes, “meninos-homens”<sup>89</sup>, dentro daquela estrutura do CEC. Assim, eram ressaltadas as ações, atitudes e lideranças dos que recebiam tal homenagem, com nomes e rostos expostos no jornal como reconhecimento da instituição, ou

<sup>89</sup> As poucas meninas que fizeram parte do CEC não “mereceram” seus nomes no *Quadro de Honra*. Sobre a participação feminina nesta entidade estudantil, cf.: SANTANA, 2015.

seja, lugar de poder e autoridade<sup>90</sup> em torno do movimento de estudantes campinenses. Assim, o *Quadro de Honra*, com as fotografias dos centristas, tornou-se um lugar de memória a ser comemorado e (re) vivido pelas gerações do presente e do futuro.

Podemos assim dizer que as imagens foram uma poderosa ferramenta dos centristas na construção da memória e da identidade para o CEC. Ao nos debruçarmos nas fotografias de alguns centristas publicadas nos jornais, percebemos o quanto eles se impunham como grupo que conduzia o movimento estudantil, haja vista que construíram uma história para o CEC a partir de suas próprias imagens. Assim, acreditamos que as intencionalidades das fotografias no jornal *Formação* faziam parte da estratégia de levar aos estudantes/leitores um sentimento de pertencimento e união em grupo, ajudando a fortalecer a identidade e a memória de/sobre o CEC.

Para isso, o papel da imprensa na divulgação das imagens dos centristas foi um fator importante na construção do ideário de educação através de uma formação política e intelectual, elaborada pelo CEC e transmitida pelo jornal. Neles se destacavam interesses que eram por eles preconizados: matérias que os legitimavam como representantes dos estudantes campinenses e das coberturas dos eventos proporcionados pelo CEC, destacando as atividades e colaborações.

Mais do que discussões literárias e políticas, o jornal foi um espaço para expor as imagens de líderes estudantis, como aqueles que prestavam e realizavam atividades para a *classe estudantil*. Ao escrever seus artigos, as suas assinaturas estiveram também juntas às suas imagens fotográficas. É o que observamos nos artigos dos centristas Juarez Farias e José Araújo<sup>91</sup>. Este escreveu o artigo *ERRADOS...*, em que narrou sobre os adversários da administração do centrista, à época do então presidente Fernando Cunha Lima:

A desajustada situação financeira do Centro Estudantil. Tudo fizeram para que o ex-secretário de finanças Admilson Villarim apresentasse o relatório referente ao exercício de 1952. Como membro da comissão incumbido de investigar as origens das referidas contas, comissão esta que funcionou sob a presidência do meu nobre colega de representação, estudante Edvaldo Perico, por sinal adversário político, constatamos que não passavam de intrigas e mexericos a que estão acostumados alguns dos que se dizem amigos da classe. E demos o nosso parecer favorável. Portanto, elês erraram [...]. Se houver despesas excessivas, foram aprovadas em assembleia e autorizadas por eles que se julgavam limpos de culpa. Derrotados nas

<sup>90</sup> Sobre os códigos de masculinidade construídos em torno dos “homens” atuantes no CEC, cf.: Idem.

<sup>91</sup> Não conseguimos informações sobre o centrista José Araújo.

últimas eleições, eram êles que compunham o conselho representativo. Alegam ainda que não está sendo feito nada. Sômente neste segundo semestre, temos o Bingo do automóvel, que renderá uma boa soma para os cofres do Centro. Este jornal continua sendo editado mensalmente sob a orientação sadia e esclarecida de Ronaldo Cunha Lima (FORMAÇÃO, out. 1953, ano 18, n. 03, p. 04).

No artigo acima percebemos assuntos que envolviam ações do CEC, no caso específico, colocando “em risco” a imagem do então presidente e, conseqüentemente, do próprio autor, pois o mesmo pertencia àquela gestão que estava sofrendo críticas. O centrista José Araújo assim defendeu a gestão das acusações, rebatendo qualquer irregularidade que pudesse vir a “manchar” o ideário de engajamento esperado por aqueles que conduziram o movimento de estudantes.

“Errados”, o título do referido artigo, em outras palavras, contrapõe-se aos que tentaram duvidar da administração dos centristas. “Errados” aqueles que questionaram a tão nobre causa do Centro Estudantil Campinense. “Errados” aqueles que não confiaram na administração dos centristas, de levar a *classe estudantil* àquilo que consideravam como sendo o que todos os estudantes precisavam. Por fim, “errados” aqueles que colocaram em evidência uma entidade estudantil que agiu através de seus interesses, em nome dos estudantes campinenses.

Ao se colocar, não apenas como defensor das ações de seus companheiros de administração, o centrista José Araújo se expõe, através de sua fotografia, para dar legitimidade as suas próprias causas, buscando com suas palavras legitimar sua posição política. Texto e imagem, completando um cenário de defesa contra as suspeitas e desavenças entre estudantes. É o que podemos ver na imagem 04, a exposição em letras não apenas da “verdade”, mas também daquele que estava falando “a verdade”.

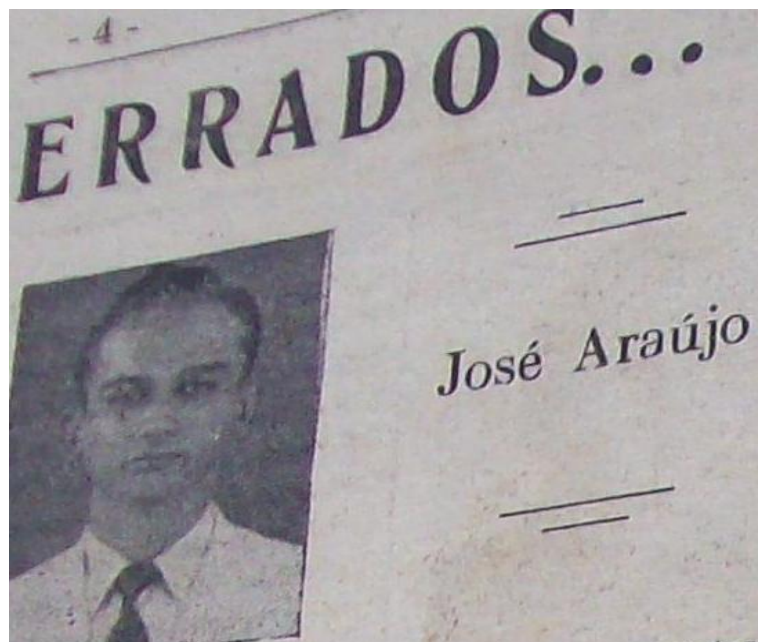


**Imagem 04** – Matéria *Errados...* – José Araújo

Fonte: *Jornal Formação* (out. 1953, ano 18, n. 03, p. 04) / Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB

Para aqueles aspirantes ao exercício do poder, através da liderança estudantil, serem reconhecidos como alguém que falava a “verdade” era um requisito importante para as páginas do jornal *Formação*, mas também para fora dele. As fotografias abaixo ilustram momentos das atividades lideradas pelo CEC, como a aquisição de cargos na entidade, nas greves estudantis e na busca de apoios entre os estudantes.



**Imagens 05 e 06** – Greve dos Estudantes campinenses: Raymundo Asfora e Félix Araújo

Fonte: SYLVESTRE, 1982, p. 388-389

A primeira fotografia, da esquerda para a direita, mostra a atuação do então presidente do CEC, Raymundo Asfora, em um comício estudantil em frente ao Colégio Alfredo Dantas no ano de 1948, quando da greve liderada pelos centristas contra o Cine Babilônia em prol da meia-entrada para os estudantes. Na segunda imagem, destaque para a comemoração do resultado da vitória dos centristas, junto “a direção do Cinema que concordou com a reivindicação do CEC” (SYLVESTRE, 1982, p. 388) e “depois de dois dias de greve, a direção do cinema concordou com a reivindicação” (SYLVESTRE, 1982, p. 388), que não queria conceder abatimento para os estudantes em suas entradas. Nela também identificamos o apoio estudantil à liderança de Raymundo Asfora, ao lado do amigo e companheiro centrista, Félix Araújo, ambos sendo conduzidos nos ombros dos estudantes.

Os discursos nas ruas e praças da cidade caracterizavam as representações de lideranças dos centristas, na imagem acima desempenhada por Raymundo Asfora, que assumiu o protagonismo entre os estudantes. É importante também verificar as expressões desse importante personagem político, as maneiras de portar-se ao público e o gestual (as mãos para cima), bem como a maneira de se vestir, com terno e gravata, algo que destoava da imagem juvenil da época.

O espetáculo político<sup>92</sup> nos comícios estudantis e o encontro promovido pelos centristas com a *classe* de estudantes conferia legitimidade ao CEC. Tratava-se de estratégia de alguns centristas, inclusive a do próprio Raymundo Asfora, em buscar se constituir como agente protagonista no poder local. Ou seja, o CEC, em grande medida, era porta de entrada para a vida pública da cidade de Campina Grande.

Assim, mais do que ilustrações, as imagens traduzem enredos nas páginas do jornal *Formação*, onde os centristas ganhavam importância substancial, em particular nas suas lideranças estudantis no espaço da formação da juventude campinense. Desse modo, a exposição no jornal era uma via de acesso dos centristas ao cotidiano político da cidade.

Desta forma, podemos dizer que as fotografias publicadas no impresso estudantil documentavam os acontecimentos que, conseqüentemente, se transformariam em notícias relevantes na cidade. Contudo, é importante destacar que os acontecimentos noticiados sempre estiveram vinculados às imagens das lideranças do CEC. Assim, se inseriam e se projetaram no cenário político local, dando visibilidade e legitimidade às suas intervenções

---

<sup>92</sup> Aires (2015) faz uma comparação do cenário político paraibano a um palco, onde são encenados os “espetáculos políticos”. Para ele, esse cenário político seria um palco com vários personagens, onde os atores (políticos), “passam a representar papéis, a encenar uma peça para espectadores do outro lado da plateia. Representar no duplo sentido conceitual: estar no lugar de algo/alguém e de procurar uma visão textual parcial para o público” (AIRES, 2015, p. xx).

públicas, a exemplo da imagem abaixo com a notícia da assinatura do contrato para a construção da *Casa do Estudante Pobre*<sup>93</sup>, projeto político idealizado pela diretoria do CEC.



**Imagem 07** – Assinatura para a construção da Casa do Estudante  
Jornal *Formação* (mar. 1954, ano 19, n. 04, capa) / Arquivo Biblioteca Átila Almeida - UEPB

Mais uma vez percebemos as lideranças centristas não apenas como meros personagens dos acontecimentos e eventos do CEC, mas como protagonistas principais, agentes responsáveis pela realização de um feito administrativo de relevância social na cidade. Assim, as imagens das lideranças estampadas no jornal *Formação* representaram uma evidente consolidação da condição de sujeitos monumentos daquela entidade estudantil.

Por isso, o interesse do uso de suas imagens estampadas nas folhas do jornal *Formação* e os retratos daqueles que fizeram parte do CEC, como o presidente Fernando Cunha Lima (imagens 03 e 07), constituiu-se em mais do que um registro, funcionou como um elo entre o passado e o presente, numa forma de perpetuar a história e a memória desta entidade estudantil. Desta forma, todos que expuseram seus rostos neste impresso e (de) marcaram(-se) como lideranças centristas, colocaram em prática estratégias de ação, em que elaboraram seus pontos de vista sobre o movimento de estudantes e sobre a educação da juventude campinense – como a construção da Casa do Estudante Pobre.

<sup>93</sup> A Casa do Estudante Pobre foi um projeto idealizado pelos centristas e apoiado pelos órgãos públicos e políticos locais para a construção de uma casa em Campina Grande que abrigasse estudantes pobres vindos de outras localidades do Estado. Traremos mais informações sobre este assunto quando discutiremos no próximo capítulo sobre os enfrentamentos e as aproximações políticas dos centristas com os políticos locais, por considerarmos que essas discussões serão mais pertinentes na próxima sessão.

Desse modo, as imagens das lideranças centristas veiculadas nas páginas do jornal *Formação* visavam fortalecer o papel político por esses desempenhados na referida entidade, junto aos leitores e mais diretamente aos estudantes. Posteriormente, suas imagens eram consolidadas na sociedade política mais ampla, constituindo-se como interlocutores na cidade de Campina Grande.

É importante também destacar que nos textos e imagens publicadas no jornal *Formação*, as lideranças do CEC buscaram demarcar além da visibilidade, o discurso de pertencimento e identidade com as causas estudantis, como destaque aos processos de formação política estudantil preconizados pela entidade:

JOVENS ESTUDANTES! Atendei ao tremular da bandeira azul e branca de vossa sociedade classista! Atendei! Aos acenos dos que sob ela trabalham! Associai-vos ao Centro Estudantal Campinense. Ele vos chama ele vos convida. Vinde conviver conosco e explorar vossas ideias, afim de que juntos, unidos, possamos realizar-los, cumprindo assim, vosso dever sacrossanto pelo engrandecimento do Brasil (FORMAÇÃO, 11 ago. 1940, p. 03).

Tais discursos conclamavam estudantes campinenses a apoiarem as ações do CEC nas suas lutas como o grande benfeitor da *classe estudantil*. Nesse artigo acima, o jornal transmite o interesse dos estudantes de filiação às suas causas, ou seja, era preciso que os estudantes não apenas colaborassem com o CEC, mas se juntassem e se filiassem às suas motivações na manutenção de um discurso de união e pertencimento à entidade.

Assim, o fragmento do artigo é uma narrativa de “chamamento” acerca do ideário das ações do CEC, suas lutas empreendidas e a necessidade da formação política, intelectual e literária da juventude campinense. Dessa forma, também se via como comum a construção de uma memória da entidade a partir das comemorações em favor de suas representações estudantis. Entre elas, fizeram da data de 06 de outubro de 1935 o marco no calendário e das comemorações, o lugar de memória de existência do CEC.

As homenagens prestadas no jornal *Formação* quando do aniversário do CEC, destinavam-se aos centristas que lutaram em favor dos estudantes ao longo da história da entidade. Assim, a diretoria organizava quadros com fotografias e nomes dos homenageados.

Um destes exemplos foi do então editor do jornal, o estudante Ronaldo Cunha Lima<sup>94</sup>, que expôs através das fotografias dos centristas uma memória apreendida e celebrada sobre a história do CEC.

Sobre essa questão, Halbwachs (1990) afirma que “cada sociedade recorta o espaço a seu modo [...] de forma a construir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças” (HALBWACHS, 1990, p. 160). Assim, como as pinturas nas cavernas, a escrita e os livros – recursos que ajudaram a humanidade a organizar melhor suas memórias, as fotografias no jornal *Formação* funcionaram como um dispositivo para contar as histórias sobre o CEC. As imagens contribuíam na formação e consolidação de uma memória do grupo, materializando as trajetórias dos seus principais protagonistas.

---

<sup>94</sup> Traremos informações sobre esse centrista no quinto capítulo, quando discutiremos as biografias dos centristas.

Outubro de 1953

FORMAÇÃO

# Homenagem ao Centro Estudantal Campinense

No ensejo em que o Centro Estudantal Campinense, comemora seu 18º. ano de existência, "Formação", seu órgão oficial, nascido com ele e vivido sob sua orientação, o saúdo efusivamente, augurando-lhe perspectivas mais amplas e felizes, nos novos horizontes que hão de se abrir.

O Centro, através de sua vida, toda mesclada de lutas incansantes e glórias consecutivas, tem sido para a mocidade, uma centelha viva, um candelabro efervescente, uma tocha ace-



Fernando Cunha Lima  
presidente reeleito.

sa, por onde a juventude se guia e se orienta.

Passando de geração em geração, ele vem se firmando e se credenciando no seio da mocidade, como fortaleza inabalável como arsenal indestrutível, como reduto inatingível, onde ela se prepara e se arregimenta, esperando as lutas porvindouras. É nessa marcha gloriosa, perpetuando louros, ele caminha erectamente sua trilha interminável e



Admilson Villarim. Ex-diretor de Finanças, e atual vice-presidente.

sem meta. Assim como as outras diretorias, nas suas passagens pelo Centro, deixaram registrados os feitos e as realizações que as consagraram, é mister que a atual diretoria também registre suas lutas e suas glórias, para que sirvam de imagem e exemplo aos pósteros e que digam aos nossos antecessores, que na realidade soubemos beber suas lições.

Aqui, parabenizamos a atual Diretoria, e rendemos-lhe uma homenagem, colocando-a em nossas páginas.

Oh! Centro de luzes claras,  
Oh! Centro do meu viver!  
Tua casa é a escola  
Da glória e do saber!



Jorge Ivan Cascudo  
Secretário Geral.

Caso não quizesse título,  
Ou não fizesse carreira,  
Eu passaria no Centro  
O resto da vida inteira



Nilton Dantas - Represt.



Ronaldo Cunha Lima  
Diretor de Imprensa



Benedito Souto - Diretor  
de Finanças



José Araújo - Com. de Desportes



Jaime Florio Ramos  
Diretor de Stud.



Otacília Oliveira - 1.ª Sec.  
de Finanças



Dorisval Leite - Diretor  
Deport. Físicalliação



Kargin'do Cavalcanti  
Sec. Desportes



Aldecy B. Carvalho  
Representante



Osvaldo Pedross - Conselho  
de Administração



Genival Mattias - Bibliotec.



Rui Galdino - Sec. de Cult.



Nazário Pimentel - Represt.



**Imagem 08** – Homenagem ao CEC

Fonte: Jornal *Formação* (06 out. 1953, p. 03) / Arquivo Biblioteca Átila Almeida - UEPB

Como observamos, por ocasião da data comemorativa, o editor e diretor do jornal trouxeram a imagem daqueles que fizeram parte do CEC, demarcando a ideia de união e pertencimento ao grupo a partir da exposição de indivíduos privilegiados na condição histórica de lideranças ou protagonistas da entidade estudantil.

Assim, nas homenagens dos 18 anos de fundação do CEC, em 1953, o editor, além de organizar uma lista com os nomes dos que estavam atuando naquele momento e de outros que haviam participado, posicionou as fotografias em uma hierarquia de importância histórica, segundo seus critérios, em que buscou destacar as ações “gloriosas” destes líderes centristas e suas lutas em favor das causas estudantis em Campina Grande.

Através do quadro com as fotografias dos centristas que compunham a diretoria do CEC no ano de 1953, podemos também perceber a exposição de uma memória sobre/para o CEC por aqueles que estiveram à frente do jornal *Formação*, onde narraram suas próprias histórias e deram um sentido de comemoração através de suas legitimações como lideranças estudantis. Desta forma, as imagens se inseriram no cenário de demonstração das ações dos centristas, sobressaindo seus discursos e ideias sobre a entidade, como podemos observar na matéria abaixo:

Fundado há 18 anos por uma plêiade de idealistas, cujos nomes ficaram imperecíveis até nós e continuarão a receber os aplausos dos pósteros, já se acha inserido no grande livro dos fatos evolutivos da Cidade Rainha, não podendo ficar esquecida o valor do mesmo, quando se destaca com ardor e coragem em suas memoráveis campanhas. E aí está, senhores, o grande sodalício estudantil, com 18 anos de louros de vitórias, trazendo como sempre em sua frente erguida, a corôa da liberdade, honra e democracia, que talvez seja a corôa da Rainha da Borborema, em miniatura (FORMAÇÃO, 06 out. 1953, p. 01).

Nos seus 18 anos de existência, o jornal *Formação* tentou construir um lugar de memória para o CEC nesta cidade através de discursos sobre “liberdade, honra, democracia”, unindo valores de um passado glorioso de memórias e histórias daqueles centristas, jamais esquecidos por este jornal, pois a cada ano do aniversário de fundação do CEC o jornal (re)lembrava-se daqueles líderes estudantis em suas ações e lutas em nome do movimento de estudantes<sup>95</sup>, além disso, tentou atribuir uma visibilidade ao CEC como entidade de relevância para a cidade.

---

<sup>95</sup> Pois comemorar é um ato coletivo que envolveu o diálogo entre os centristas e a sociedade ao qual fizeram parte. Neste sentido, como afirma Albuquerque Júnior (2012a), “comemorar não é apenas trazer à memória,

Portanto, em quase três décadas de funcionamento do CEC, os discursos publicados nas páginas do jornal *Formação* conferiram a esta entidade um lugar privilegiado na formação da juventude campinense, espaço de “glórias” e “lutas” dos estudantes, “lutas” enfrentadas e “vencidas”. Certamente ressaltavam aqueles que dela participaram e tiveram seus nomes na história da entidade e de resto na política da cidade de Campina Grande. Assim, podemos dizer que a existência do CEC e da imagem dos seus protagonistas em grande parte foi sustentada pela sua veiculação no referido impresso. Exemplo disso foi a intervenção do editor do jornal, Ronaldo Cunha Lima:

No ensejo em que o Centro Estudantil Campinense, comemora seu 18º ano de existência, <Formação>, seu órgão oficial, nascido com ele e vivido sob sua orientação, augurando-lhe perspectivas mais amplas e felizes, nos novos horizontes que hão de se abrir. O Centro, através de sua vida, toda mesclada de lutas incessantes e glórias consecutivas, tem sido para a mocidade uma centelha viva, um candelabro efervescente, uma tocha acesa, por onde a juventude se guia e se orienta. Passando de geração em geração, ele vem se firmando e se credenciando, no seio da mocidade, como fortaleza inabalável como arsenal indestrutível, como reduto inatingível, onde ela se prepara e se arregaça, esperando as lutas porvindouras - E nessa marcha gloriosa, perpetuando louros, ele caminha erectamente sua trilha interminável e sem meta. Assim como as outras diretorias, nas suas passagens pelo Centro, deixaram registrados os feitos e as realizações que as consagraram, é mister que a atual diretoria também registre suas lutas e suas glórias, para que sirvam de imagem e exemplo aos pôsteres e que digam aos nossos antecessores, que na realidade soubemos beber suas lições. Aqui, parabeno a atual diretoria, e redemos-las uma homenagem, colocando-a em nossas páginas (FORMAÇÃO, 06 out. 1953, p. 03).

Essa edição foi editada quase por completo para essa finalidade, com matérias e artigos que narravam as “glórias” da entidade estudantil e as ações dos centristas. E mais, Josué Sylvestre definiu a exposição de fotografias na imagem 07 como a “galeria da saudade e da recordação, é a galeria da glória. É uma lembrança que nos encoraja a continuar mantendo essa bela tradição de heroísmo” (FORMAÇÃO, 06 out. de 1953, p. 04). O editor dessa edição, citada acima, irmão do primeiro homenageado e então presidente do CEC, Fernando Cunha Lima, expôs sua versão de comemoração:

---

fazer recordar e lembrar algo ou alguém é fazê-lo com um companheiro, com alguém. A comemoração é, de saída, um ato coletivo, uma ação que só se pode realizar acompanhado, uma ação que convoca e exige a presença de um outro [...]. A comemoração se realiza justamente para criar esse sentido coletivo do lembrar. Comemora-se para que uma memória partilhada coletivamente passo ganhar corpo e sentido” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012a, p. 17-18).

Um tanto diferente de outras. Não foi buscar flores para atapetar sua casa não conseguiu aureola para ornar seu teto; nem ofereceu quitutes aos que lhe visitaram. Não. A maneira de sua comemoração foi mais bela, mais incisiva, mais tocante. Ao envez de bôlos e festas musicadas, ele ofereceu aos seus convivas (os estudantes), uma vitória auspiciosa com saber duma glória, para que eles guardassem-na no sacrário sacrossanto de suas lutas, como marco indelével de uma áurea fase de redemocratização. E ao envez do toque lento e compassivo da valsa de parabéns, se ouviu ao som febril clarins do triunfo, o hino cerimonial de uma consagração. Era o Centro, no dia do seu aniversário, vislumbrante (*sic*) e satisfeito, legando à mocidade a mais cívica das heroicas lições [...] Parabéns, Centro, que tua vida futura seja, com alguns retoques, o retrospecto de sua vida passada! (FORMAÇÃO, 06 out. 1953, p. 02).

Para Le Goff (2003), a memória fez parte do “jogo de poder”. Assim, no caso particular do jornal *Formação*, esse pretendeu ser um instrumento valioso como uma ferramenta política para os centristas que nele tentaram cristalizar suas imagens em relação à própria existência do CEC, no passado e presente, configurando-se como um lugar de memórias e identidades, como narrou o ex-centrista Noaldo Dantas:

**CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE** - Seis de outubro de 1935, “JURO SÔB O PENHOR DE MINHA HONRA, DEFENDER OS INTERÊSSES DO ‘C.E.C.’ E CUMPRIR FIELMENTE O QUE DISPÕEN OS SEUS ESTATUTOS. E O “CENTRO” nasceu. Porfírio Catão, Claudio Agra Porto, José Fernandes Dantas, Ademar Borges, Lígia Câmara. E o “CENTRO” cresceu. Sempre lutando pelos estudantes. Gilda Pimentel, primeira Rainha. Muitas sessões. Abatimentos “taxa centrista” – Reinvidicações. Passam-se os anos. E vai o “CENTRO” sempre lutando, sempre crescendo, sempre vivendo. Novos presidentes. William Tejo é aclamado. Raymundo Asfora idealista, contra os cinemas. Antonio Lucena, Manoel Bezerra, Ivandro Cunha Lima, Raphael Timóteo, Edmundo Barros, desprendidos defensores das causas centristas; Dezesete anos de glórias, de lutas, de vida. Fazendo comícios. Lutando na rua. Pedindo garrafas, caixões usados. Fazendo eleições com boletins e alto-falantes. “CEC, com Assembleias extraordinárias. “V.Excia; me permite um aporte? Com Genival todo poético e Oliveiros todo ardoroso”. CEC de Juarez Farias, Joaquim Lucena, Roberto Domingos, “voz do oriente”. Fernando Cunha Lima e Adalgisa Pessoa de Melo. Trabalhadores. Admsilson Villarim, um grande amigo. “CEC” de Evaldo Gonçalves. Jornal “Formação” de longas lutas, tu merecias, guerreiro “CENTRO”, um bom poeta, para louvar tuas glórias, para saudar tua existência, tão gloriosa, tão conhecida desta cidade. Campina Grande, hospitaleira, onde nasceste e viverás, por muitos anos. Por muito anos tu viverás (JORNAL DE CAMPINA, 05 out. 1952, p. 03).

Os centristas exteriorizaram-se como protagonistas dessa construção do espaço de memória no jornal, buscando dar sentido às histórias que se queriam “oficiais”, “gloriosas”,

repletas de “lutas” e empreendidas por eles mesmos. Assim, ao trazerem os nomes nas comemorações de aniversários, tanto Noaldo Dantas como Ronaldo Cunha Lima, os inseriam como sujeitos atuantes de suas épocas, seja no campo político, seja no campo intelectual. Exemplo disso foi a menção elogiosa do jornal ao ex-presidente e líder centrista, Fernando Cunha Lima, no *Quadro de Honra*, o qual mereceu destaque pelas suas atuações:

Trouxemos para este Quadro de Honra, o nosso presidente Fernando Cunha Lima, que pelo seu empenho e arrojo nas iniciativas tomadas, bem merece esta posição, à título de reconhecimento. Sua vida na política centrista tem sido mesclada de louros e glórias que evidenciam seus desejos de servir a classe. Seus feitos e realizações já são notórios, dispensando comentários. Fazendo justiça [...] que tantas vezes arrastou á praça os estudantes para reivindicarem seus direitos e prerrogativas (FORMAÇÃO, set. 1953, ano 18, n. 02, p. 04).

O referido líder centrista também foi lembrado através dos discursos “eloquentes”, ações, atuações e lutas por ele desempenhadas, guardadas em forma de “agradecimentos” por outros/as que foram seus contemporâneos ou que tiveram atuação posterior: “era um orador incontestável. Reivindicou em nome da classe estudantil [...] Fernando Cunha Lima fez seu aprendizado para a vida pública lá (CEC), junto com o seu irmão Ivandro Cunha Lima. [...] Sempre foi militante. Lutou pela maior participação dos estudantes” (José Morais Lucas, entrevista concedida à autora em: 06 mai. 2014). “Foi um grande orador e líder político” (Josué Sylvestre, entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013). “Grande líder estudantil, que depois se tornou líder político. Então, na formação dele (Fernando Cunha Lima), o Centro Estudantal Campinense, foi, sem dúvida nenhuma, um núcleo de formação de lideranças de Campina Grande” (Evaldo Gonçalves, entrevista concedida à autora em: 11 ago. 2017). Foi um “grande líder estudantil e político, o mais importante dos irmãos Cunha Lima” (Juarez Farias, entrevista concedida à autora em: 01 mar. 2018).

Portanto, percebemos nas reportagens e imagens que as representações “vitoriosas” veiculadas no jornal *Formação*, entre outras questões, buscavam consolidar e/ou impor uma legitimidade dos líderes do CEC no conjunto de uma comunidade política mais ampla, pois não eram apenas estudantes de vida comum, mas sujeitos diferenciados, dotados de uma formação política e intelectual e que influenciavam as opiniões na sociedade, ou seja, sujeitos-monumentos e pertencentes à própria existência do CEC. Por conseguinte, honras e homenagens, nada mais eram do que evidências dessa particularidade humana.

## 4 HISTÓRIAS DE LUTAS, MEMÓRIAS ESTUDANTIS

### 4.1 Entre amizades e “alianças”: os centristas e suas práticas de aproximação com o poder público-privado local

A relação dos centristas com a política campinense difundiu-se no cotidiano da cidade através de eleições estudantis, na apropriação dos jornais locais em que imprimiam suas estratégias de lutas, nos discursos em torno do espaço físico do CEC, que o transformou em lugar de formação de estudantes, e nas campanhas em prol da construção da *Casa do Estudante Pobre*, quando demarcaram espaços e estabeleceram meios de atuação a partir da edificação desse lugar através de apoios conquistados entre os outros estudantes, políticos e a população local.

Transformando-a em um marco da luta do CEC, a construção da Casa do Estudante esteve relacionada à trajetória política dos centristas que entre alianças e enfretamentos com o poder público-político local, fizeram da realização desse projeto um referencial dos discursos em torno das lideranças estudantis.

Idealizada pelo Padre Galvão<sup>96</sup> e apropriada por Raymundo Asfora, em meados da segunda metade da década de 1940, os discursos em torno da sua construção só foram instituídos a partir da década de 1950 quando, em uma matéria do jornal *Formação*, os centristas arquitetaram a sua edificação para os estudantes campinenses:

**Precisamos construir a Casa do Estudante de Campina Grande** - Antes que esta instituição se torne realidade é necessário que cada estudante, no vivo fogo do seu coração a construa solidamente. Dêste modo, pela mentalização constante e nítida do que queremos, ela haverá de se concretizar, pelo nosso esforço e iniciativa. Já temos o terreno escolhido o qual está situado junto do hospital do IPASE e mede mais ou menos 50m2-100ms (*sic*). Assim, com nosso pé já na realidade façamos com ardor artístico e eficiente, à nossa Casa. Cada um seja arquiteto e modele o prédio como julgar melhor. Criemos o modo de ser dos apartamentos estudantis, criemos o salão de arte, o salão de leituras, criemos nossa biblioteca, a nossa discoteca, a nosso ginásio esportivo com seus campos de volebál, de basquete, de tênis, com sua piscina... Criemos com uma imaginação fértil um ambiente agradável e amigável, onde todos os estudantes deverão se reunir como uma família unida e feliz [...] Vejamo-nos vivendo em nossa Casa como se já estivéssemos construído. Sonhemos, sonhemos... Com sofreguidão juvenil trazê-la do sonho à realidade objetiva... Entusiasmo e

<sup>96</sup> Não encontramos nenhuma informação referente ao Padre Galvão, além dessas vinculações do mesmo para a construção da Casa do Estudante no jornalismo local (FORMAÇÃO, 1950; O MOMENTO, 1950).

ação, de iniciativa construtiva e edificante, sejamos um exercito cheio de boa vontade e inteligência. Cada um traga sua contribuição desinteressada, cada um se ofereça espontaneamente, cada um seja um líder cheio de auto determinação, cada um exija que se lhe dê trabalho... Estudante de Campina Grande esta obra é sua (FORMAÇÃO, dez. 1950, ano 15, n. 01, capa).

A construção da casa foi planejada para o bem-estar da juventude estudiosa e suas necessidades básicas como estudo, lazer e cultura. Para a sua concretização, os centristas iniciaram a sua idealização através de discursos nos jornais locais, colocando-a no sentido de pertencimento e união da *classe estudantil*. A ideia de ser o CEC um espaço que se responsabilizou pelas reivindicações estudantis, colocaram os centristas nessa teia discursiva em torno de que projetos realizaram e quais necessidades careceriam os estudantes campinenses em meio aos desafios para a educação naquele contexto.

Sobre o movimento estudantil campinense liderado pelo CEC, o ex-centrista Agnelo Amorim nos contou que “foi formalizado em termos de uma associação que tinha a finalidade de agrupar estudantes em torno de suas reivindicações, seus direitos e de sua participação na vida pública” (Agnelo Amorim, entrevista concedida à autora em: 02 dez. 2013). A preocupação para com a educação acompanhou os centristas em suas práticas, em que os mesmos agiram em favor dos estudantes. Isso pode ser percebido através dos estatutos no regimento interno do CEC, que orientou as ações de seus representantes:

a) congregar a classe (estudantil) a fim de que haja entre seus elementos a maior solidariedade; b) proteger os estudantes pobres que fizeram parte do Centro; c) resolver questões da classe e defender seus direitos; d) combater o analfabetismo; e) desenvolver a cultura física dos associados; f) prestar ajuda moral e material às associações congêneres que visem à proteção da juventude a critério da Diretoria (SYLVESTRE, 1982, p. 385).

Inicialmente, o espaço recebeu o nome de *Casa do Estudante Pobre*, mas com a morte do ex-centrista Félix Araújo, renderam-lhe homenagem colocando como nome *Casa do Estudante Félix Araújo*. Em um sentido atrativo, o primeiro nome reforçaria o intuito protestado pelo estatuto de proteger os “estudantes pobres” e dar condições para que os mesmos estudassem. Para Nascimento (1990), nesses estatutos “há preocupação de cunho imediatista, ao mesmo tempo em que se encontra embutido o antagonismo de interesses que constituem o objeto político que empurra os estudantes para a luta” (NASCIMENTO, 1990, p. 130).

Essa análise nos foi relevante no sentido de pensar os nomes dados para a Casa do Estudante e os interesses para a sua realização. A figura do ex-centrista morto trouxe a concretização para a realização da obra. Essa se expressou na representatividade que os centristas buscaram junto aos estudantes campinenses, levando a frente à luta do CEC que se coadunou com suas próprias lutas. Desta forma, para levantar o primeiro tijolo da Casa, os centristas precisaram “criá-la” em discursos, pois só assim teriam apoio e financiamento para construir suas paredes. Para tanto, projetaram-se expressões sobre eles, colocando-os na cena pública e política da cidade:

Hoje, Dia do Estudante, os moços do **Centro Estudantal Campinense** exultam satisfeitos e vitoriosos. Satisfeitos em todas as direções de suas atividades práticas, construindo, batalhando e exercitando, livremente, todos os companheiros a realizações que acrescentem um marco de trabalho aos empreendimentos heroicos do nosso passado para sermos dignos do porvir. Vitoriosos pela certeza plena do reconhecimento da coletividade ao nosso espírito de ordem e progresso constatado, unânime e incentivadoramente, pela opinião pública de nossa brava cidade, quando das reivindicações dos nossos direitos comuns. A mocidade campinense reencontrou o seu destino (FORMAÇÃO, 11 ago. 1949, capa).

A data do dia do estudante, 11 de agosto, foi utilizada pelos centristas para discutir no jornal *Formação* suas posições de estudantes na sociedade, amalgamando as suas figuras às ideias de lutas e realizações para a educação campinense e seus engajamentos na sociedade, que caberiam a eles serem os porta-vozes das reivindicações dos estudantes.

Em 11 de agosto de 1827, D. Pedro I autorizou a criação dos primeiros cursos superiores no Brasil, em que foram criadas as Faculdades de Direito de Olinda, em Pernambuco, e do Largo do São Francisco, em São Paulo, pioneiros no ensino superior. Em 1927, durante as comemorações do centenário dessa data, o jurista Celso Grand Ley sugeriu que essa celebração fosse mais abrangente, comemorando o Dia do Estudante. Outro fato que reforçou as comemorações dessa data foi à criação da União Nacional do Estudante (UNE), no dia 11 de agosto de 1937<sup>97</sup>.

Assim, a construção da Casa fez também suscitar a ideia quase particular do que os centristas utilizaram como *classe estudantil*<sup>98</sup>. Para conseguir apoio, apropriaram-se desse

<sup>97</sup> Cf.: <[www.mundoeducacao.com.br](http://www.mundoeducacao.com.br)>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>98</sup> Enquanto indivíduos ou categorias de estudantes, os/as centristas ressignificaram esse conceito, pois para a História Social, classe estaria ligada ao movimento operário, ao camponês, dentre outros movimentos sociais (THOMPSON, 1987). Desta forma, de acordo Walter Benjamin (1994), a luta de classe, para os adeptos de Marx, seria uma luta pelas coisas brutas e materiais: “elas se manifestam nessa luta sob a forma da confiança, da

discurso e ressignificaram essa categoria para colocarem em prática a efetivação desse espaço. Para tanto, a categoria *classe* foi utilizada como forma de se autoneomarem, seja no passado, através da imprensa, ou no presente, através das entrevistas, como sendo todo/a aquele/a estudante que teve uma efetiva participação no CEC. Ao usarem esse termo e se assumirem como *classe estudantil*, falaram de si enquanto estudantes que atuaram coletivamente como um grupo social, com lutas próprias em busca de projetos e ideais em comum, construindo, desta forma, uma identidade para o termo *centrista* e uma história de estudantes com rosto, nome e voz.

Mais do que um significado que remete ao Marxismo, o termo *classe estudantil* foi colocado entre os centristas para dar sentido às suas imagens de líderes estudantis, de como se posicionaram para a sociedade, de como criaram em torno deles as representações de lideranças que buscaram com idealização a construção da Casa do Estudante.

Através desse termo surgiram representações que beneficiaram os centristas, não apenas sobre os discursos para a construção da Casa, mas também nas eleições estudantis para a escolha dos representantes do CEC, em que os estudantes foram mobilizados a votar influenciados a partir deste termo, *classe estudantil*, assim colocado pelo jornal *Formação*:

**Alerta Centristas, Vêm aí as eleições** -1º de Setembro se aproxima e com ele na sucessão da atual Diretoria do Centro Estudantil Campinense. Pelo que se verifica as eleições deste ano serão mais concorridas. Os Partidos já em atividade politicam trazendo a mocidade num ambiente de geral expectativa, que ansiosa espera pelos seus pronunciamentos. Enquanto isso ouvimos lá fora as indagações: - Quem será o novo Presidente? – Será possível a reeleição de Raymundo Asfora na chapa do comitê Estudantil Progressista? É verdade que Félix Araújo é candidato pela Ala Reformadora à Presidência do Centro Estudantil Campinense? – Que o Partido Libertador Estudantil, está se reorganizando e tenciona lançar um candidato á sucessão presidencial? – E os nomes dos centristas Josué Martes Pinheiro e Lynaldo Albuquerque também estão cotados entre os estudantes? – Também é verdade que Adriana Pessoa e outras centristas estão organizando uma Ala Feminina<sup>99</sup> que lutará ao lado do Comitê Estudantil? [...] O bom centrista não pode ficar indiferente a este movimento. Da vossa decisão na escolha dos candidatos nas urnas, dependerá o futuro de nossa Sociedade. Que ninguém fuga (*sic*) pois, a este grande dever de classe (FORMAÇÃO, 11 ago. 1949, p. 04).

---

coragem, do humor, da astúcia, da firmeza...” (BENJAMIN, 1994, p. 223-224). São, dessa forma, nomeados de combatentes que não se deixam oprimir, e lhes atribuem o desejo de vencedor. Contudo, os centristas se utilizaram desse termo para se autodenominarem como aqueles líderes estudantis que conduziram o movimento estudantil campinense.

<sup>99</sup> Foi notória a participação feminina concorrendo às eleições estudantis para representantes do CEC, em que as jovens estudantes também manifestaram o desejo de ingressar nessa entidade estudantil e praticar suas lutas junto com os outros centristas (SANTANA, 2015).

O editor do jornal, Elmano Cavalcante, ao trazer para a matéria as perscrutações estudantis sobre a escolha do Presidente, trouxe também as representatividades dos centristas da preocupação com a *classe estudantil*, ressaltando suas capacidades de liderança mediante a inscrição nos partidos estudantis. Também, o processo eleitoral no CEC não ficou circunscrito apenas à categoria estudantil, recebendo apoio de diversos setores da sociedade, ocorrendo polarização entre a formação das chapas que disputavam as eleições para representantes da entidade: “a penetração do Centro era tamanha que a cidade se manifestava com relação às eleições, que eram tão importantes na cidade quanto qualquer outra” (José Morais Lucas, entrevista concedida à autora em: 06 mai. 2014).

Essas eleições não ficaram restritas às escolas, mas movimentou diferentes espaços na cidade, como as ruas, praças, cafés e o Largo da Flórida<sup>100</sup>, usados para os comícios e debates. Esses giraram em torno, principalmente, de discursos sobre “igualdade” e “união” da *classe estudantil* (Valda Freire, entrevista concedida à autora em: 14 mai. 2014), tornando-se um conjunto de cenas para conquistar e convencer seu público eleitor. Mas, o que também estava implícito nesses debates nos palanques improvisados eram as relações de poder que ali se buscavam para os melhores cargos ocupados pelos que ganhavam as eleições. Consequentemente, também mobilizaram diversos setores da população e da política:

Os políticos se envolviam na disputa pela Presidência do Centro, lutando abertamente ou disfarçadamente pelas candidaturas ligadas as suas facções. Havia visitas às salas de aula, debates, comícios à porta dos colégios ou na Praça da Bandeira, passeatas, caminhonetes de propaganda circulando pela cidade, boletins, foguetes e etc. (SYLVESTRE, 1982, p. 387).

De acordo com Nascimento (1990), “muitos dos centristas tinham suas famílias ligadas aos esquemas de dominação na cidade” (NASCIMENTO, 1990, p. 215). Contudo, mais do que laços familiares com políticos locais, os centristas incluíram nas suas lutas e reivindicações melhorias para a cidade, como no abastecimento d’água, nos transportes, na energia, fizeram greves contra empresas de ônibus e cinema, e isso tudo levou a conquistarem certa influência junto à sociedade.

---

<sup>100</sup> O Largo da Flórida, hoje Calçadão, se localiza no centro de Campina Grande, na Rua Cardoso Vieira com a Rua Marquês do Herval, sendo um dos principais pontos de acesso às várias ruas do centro comercial desta cidade. Na entrevista, Josué Sylvestre (entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013) destacou esse lugar como um espaço para falar sobre política, esportes e religião, entre aqueles que se interessavam por estas discussões, onde “paravam” para discutir e saber dos assuntos referentes ao que acontecia na cidade e/ou as notícias que viraram manchetes nas páginas de jornal.

Ao manifestaram-se diante dos problemas pelos quais passou a população, os centristas conquistaram respeito “por suas lutas que, bastava uma falta d’água na cidade para recebermos mais reclamações do que a companhia de água e a câmara de vereadores” (Depoimento de militante estudantil, s/d apud NASCIMENTO, 1990, p. 131). Isso porque “durante o período de sua existência, especialmente na fase de 1948 a 1964, não houve um só problema relevante do país ou do município que não fosse debatido pelos jovens líderes do estudantado campinense” (SYLVESTRE, 1988, p. 573). Desta forma, o CEC marcou sua presença na sociedade civil campinense, transparecendo aos olhos da maioria da população não apenas como uma entidade estudantil, mas também como mediadora dos problemas da cidade.

Essas mediações estiveram ligadas às aproximações de centristas com o poder local, que deram suporte para a concretização de seus discursos em favor ou contra determinadas políticas públicas. Sobre isso, Nascimento (1990) afirmou que:

Há que se levar em consideração que a entidade dos estudantes não era agremiação partidária, mas entidade que congregava representantes de facções diferentes, cujo processo de assimilação de algumas propostas em debate nacional ocorria via Centro Estudantil (NASCIMENTO, 1990, p. 136).

Quer dizer, o CEC não tinha partido político, o que não impedia que centristas pudessem se filiar a algum. Entretanto, em manifestações públicas eles não poderiam falar em nome do CEC em apoios a candidatos. Questionado com relação ao vínculo da entidade com a política local, o ex-centrista Josué Sylvestre nos relatou:

O que havia era o seguinte: a cidade era muito politizada, as diretorias tinham sim vinculação política com o quadro local, geralmente uma chapa era apoiada por um lado e a outra pelo outro lado, tinha chapa que era apoiada pelos adeptos do argemirismo, Argemiro de Figueiredo (governador e senador da Paraíba). Dr. Argemiro nunca tinha assim se envolvido, mas era apoiado por estudantes que participavam do partido do Dr. Argemiro, que era a UDN (União Democrática Nacional), é o caso dos irmãos Cunha Lima [...] a 9 de junho de 1950 na tragédia da Praça da Bandeira, Ivandro (Cunha Lima) foi um dos oradores ligados ao Dr. Argemiro, por um cuidado muito claro, ele não falou em nome do Centro, falou em nome da juventude campinense, mas todo mundo estava sabendo que era a voz do Centro, era o presidente do Centro [...] e havia o pessoal do PSD (Partido Social Democrático), que era Genival Lucena, antes Raymundo Asfora, quando eu cheguei (no ano de 1960), já não havia essa ação assim tão forte da UDN e

do PSD, já havia outros partidos, o Partido Socialista. Eu era do Partido Socialista (Josué Sylvestre, entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013).

Entre discursos em nome do CEC na defesa da educação e na luta pela construção da casa do estudante, os centristas desenharam suas alianças e direcionaram ações coletivas em prol dos estudantes campinenses. Em meio à bandeira de luta do CEC, apoiaram políticos que estiveram de alguma forma contribuindo para os projetos e idealizações dessa entidade estudantil. Assim também as suas aproximações e enfrentamentos se coadunaram com as lutas cotidianas da cidade:

**Dr. Elpídio vem aí... por Noaldo Dantas** - Quando a cidade morre de sede; quando os colégios imploram à Prefeitura o pagamento das mensalidades dos alunos bolsistas; quando os direitos do povo campinense são desprezados em prol de uma minoria; quando o “CEC” não reinicia a construção da “CASA DO ESTUDANTE” por falta de verbas que a Prefeitura não paga (...) quando as casas de mulheres de vida fáceis proliferam no centro da cidade; quando os postos de iluminação pública estão abandonados; quando os pobres funcionários estão ameaçados de não receberem o ABONO DE NATAL (...) quando o preço do pão é aumentado sorrateiramente; quando várias ruas da cidade estão parcialmente as escuras (...) eis que nos chega a notícia que em Dezembro próximo estará entre nós o Dr. Elpídio de Almeida, o maior administrador que esta cidade já teve (JORNAL DE CAMPINA, 16 nov. 1952, p. 01).

Em relações mútuas os centristas aproximaram-se de gestores municipais para subsidiarem verbas para a entidade e esses se acercaram das influências daqueles junto à população para seus interesses em campanhas partidárias. Como exemplo tem-se a estreita relação dos centristas com Elpídio de Almeida<sup>101</sup>, um colaborador de suas causas, destinando verbas<sup>102</sup> para o CEC.

---

<sup>101</sup> Na sua segunda gestão como prefeito de Campina Grande, Elpídio de Almeida criou O *Semanário Oficial* como um jornal para expor a sua administração. Estiveram à frente deste semanário os ex-centristas Noaldo Dantas e Evaldo Gonçalves, esse também exerceu a função de diretor da Diretoria de Educação e Cultura. Assim, depois que deixaram de atuar no CEC, esses centristas ainda mantiveram vínculos com o referido gestor.

<sup>102</sup> Encontramos outras verbas destinadas à educação pela administração do prefeito Elpídio de Almeida. Ver anexos 04 e 05.

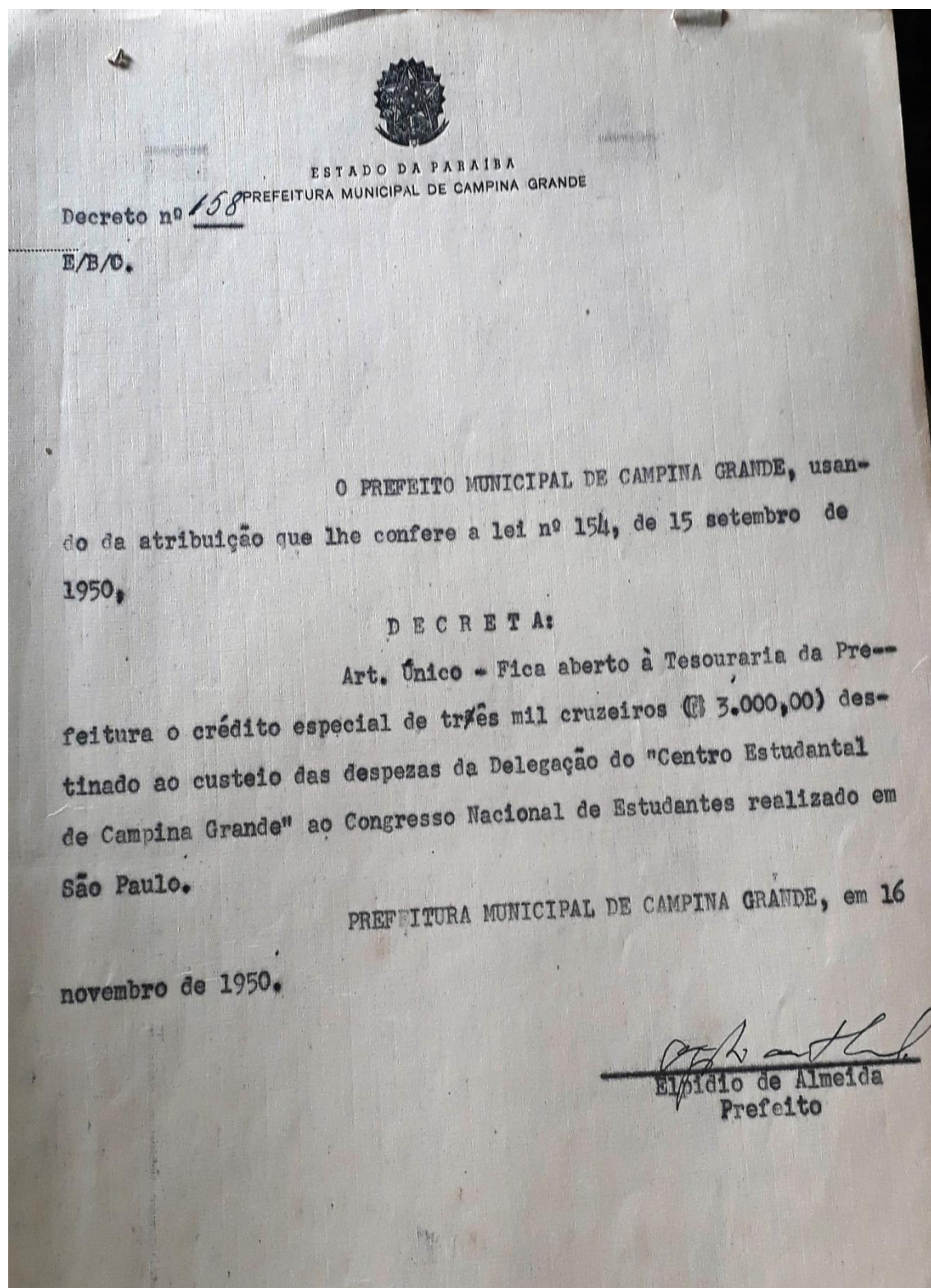


**Imagem 09** – Decreto nº 158/1950 autorizado pelo Prefeito Elpidio de Almeida concedendo verbas aos centristas: “custeio das despesas da Delegação do Centro Estudantal Campinense ao Congresso Nacional de Estudantes realizado em São Paulo”

Fonte: Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB

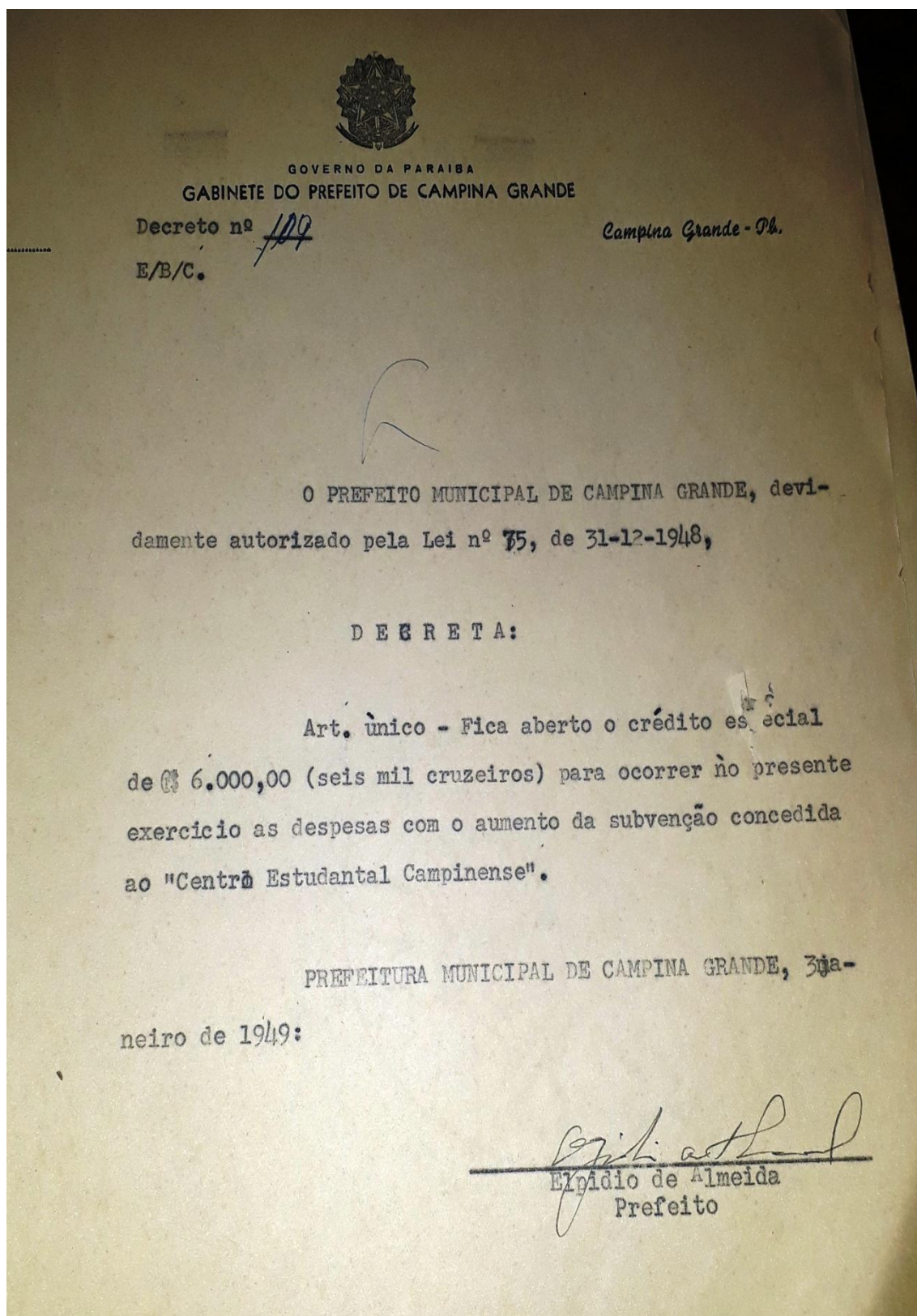


**Imagem 10** – Decreto nº 109/1949 autorizado pelo Prefeito Elpidio de Almeida concedendo verbas aos centristas: “Aumento da subvenção concedida ao Centro Estudantil Campinense”  
Fonte: Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB

Essa aproximação com políticos, partindo de apoios mútuos, foi justificada por Nascimento (1990): “muitos centristas tinham seus estudos financiados pelo poder público; tal fato era estrategicamente aproveitado para pressionar o Centro quando se posicionava contrário a medidas do Executivo Municipal” (NASCIMENTO, 1990, p. 135). Esses financiamentos não foram exclusivos dos centristas, mas também de outros estudantes que receberam bolsas de estudos. Então, mais do que estarem ligados a gestores e partidos, financeiramente ou não, os centristas construíram uma teia discursiva em torno de suas representações de lideranças estudantis a partir desses jogos políticos, o que contribuiu para que se inserissem na cena pública local.

A participação no CEC foi almejada por muitos estudantes campinenses, que se expressou tanto pela maneira de praticar a política, através das eleições estudantis, quanto pela necessidade de manifestá-la, por meio das campanhas em prol dos estudantes. Para isso, os centristas buscaram nas eleições as afinidades necessárias que alimentaram o desejo de lutar pela construção da Casa do Estudante e de outras ações, criando o sentido de união e pertencimento da *classe*. Para estreitar os laços, no pós-eleição fundaram grêmios literários que discutiam, além de obras literárias, assuntos ligados à política local e nacional.

O Grêmio Literário Machado de Assis – GLMA – com reuniões aos domingos pela manhã, agiu como uma extensão das atividades do CEC. Além disso, este espaço foi marcado por enfrentamentos e aproximações entre o poder local, pois para a escolha do presidente desse grêmio literário houve também as filiações, os apoios e enfrentamentos com gestores. Isso refletia nas alternâncias de poder à frente do CEC e dos grêmios estudantis, que (re)definiam as lutas dos estudantes como prioritárias.

Desta forma, através do termo *classe estudantil*, os centristas buscaram seus espaços de lideranças e estabeleceram seus meios de atuação, organizando-se a partir de afinidades comuns com outros estudantes, quando alimentaram o desejo de construir a Casa do Estudante Pobre, em que tornaram suas atividades reconhecidas por seus pares e pela sociedade, legitimando suas ações em prol dos estudantes campinenses.

O contexto social e político da idealização da construção da Casa do Estudante foi erguido no cenário em que intelectuais e a elite local criticavam, em revistas e em jornais, a ausência de uma preocupação por parte das autoridades e mesmo da sociedade, com o desenvolvimento cultural e educacional da cidade, que não crescia na mesma proporção que o crescimento econômico e comercial do município.

As vivências coletivas em Campina Grande agruparam pessoas em espaços de sociabilidades que discutiram os rumos do desenvolvimento cultural na época como

necessários à afirmação de uma elite “armada com suas leituras, com seus modos diversos de pensar, sentir, agir e, sobretudo, de representar o mundo” (PESAVENTO, 2002, p. 14), que se organizou em redes de sociabilidades para expor suas ideias sobre a modernização do município<sup>103</sup>.

Para o cronista e intelectual Cristino Pimentel, faltava à população campinense um desenvolvimento ligado às letras e às artes, que poderia ocorrer em sintonia com o crescimento urbano pelo qual passava a cidade, causado pelo progresso de desenvolvimento material, pelas conquistas e reformas provenientes destas transformações. Como observadores dessas mudanças urbanas nos cenários (ruas, praças, casas, estabelecimentos comerciais) e artefatos modernos (como os carros e telégrafos), esses intelectuais e jornalistas vivenciaram o cotidiano campinense e incutiram, através de periódicos que foram sendo criados ao longo do século XX, as suas visões e ideias de como a cidade deveria crescer nas artes e na cultura a partir de atividades intelectuais.

Exercendo o poder da palavra através dos jornais, intelectuais e estudantes tentaram “traduzir” para a população campinense hábitos e comportamentos ditos como adequados para uma cidade que, segundo eles, “não parava de crescer” (O REBATE, 04 out. 1949, p. 07). Os jornais foram uma das principais fontes de informação e opinião dos habitantes da cidade. Quem neles escrevia, além dos jornalistas profissionais, intelectuais, artistas, estudantes, políticos, poetas, que influenciaram uma variedade de discursos sobre Campina e seus habitantes. Assim, não foram poucas as matérias e artigos proclamando a necessidade de Campina Grande se tornar uma cidade cultural, que fosse reconhecida não apenas pela atividade comercial e industrial, mas também pela produção literária e artística.

Esses discursos coadunaram com as opiniões dos centristas, de construir na cidade um espaço que pudesse abrigar estudantes vindos de outras localidades do Estado e poder proporcionar o que eles consideraram como necessário para o desenvolvimento cultural e educacional naquela época. Desta forma, agregando aspectos planejados para a cidade com a realização desse espaço físico, o jornalismo campinense assim se posicionou para a relevância da construção da Casa do Estudante:

---

<sup>103</sup> Essa modernização foi sentida por boa parte dos intelectuais, políticos e membros da elite econômica nas primeiras décadas do século XX, em que pensaram que somente as mudanças nos cenários e hábitos possibilitaram a inclusão das cidades ao mundo moderno (GAUDÊNCIO, 2012).

**Casa do Estudante** - Campina Grande é uma cidade onde tudo se faz, pois as suas possibilidades são imensas e ainda maior o espírito de colaboração do seu povo [...] Agora mesmo, os estudantes estão empenhados numa campanha que não é deles apenas, mas do próprio povo campinense. Trata-se da construção da “Casa do Estudante”, iniciativa arrojada que bem merece o apôio e o estímulo de elementos de tôdas as classes e de tôdas as crenças. Porque, em verdade, ninguém desconhece a utilidade que a concretização dêsse empreendimento representa para a classe estudantil, principalmente para aqueles rapazes dos diversos pontos da região, que são obrigados a estudar em Campina Grande, lutando para isso com tantos obstáculos. E Campina Grande, como um grande centro estudantil, e cujos educandários funcionam, normalmente, o curso colegial, está necessitando dêsse melhoramento que a projetará ainda mais como cidade progressista [...] Os nossos rapazes estão integrados na solução dos problemas de sua classe, para o que não medirão sacrifícios nem distancias (O MOMENTO, 17 set. 1950, p. 03).

A valorização da construção da Casa nessa matéria esteve inserida nos discursos de cidade moderna. Assim, as relações de poder<sup>104</sup> existentes nesse espaço de informação permitiram a esses grupos sociais<sup>105</sup> cobrar dos poderes públicos melhorias e mudanças na cidade de acordo com seus interesses e anseios. Para tanto, o jornal trouxe a notoriedade dos centristas à frente desse projeto e do “bem” que seria para a cidade e seus estudantes. Para aqueles, esses discursos no jornalismo local contribuíram para idealizar o CEC como uma entidade que conferiria a Campina Grande o símbolo moderno no campo educacional: a Casa do Estudante.

Para isso, foi a partir dessas imagens projetadas sobre a cidade que os centristas buscaram os apoios necessários à realização da Casa. Antes de procurar as autoridades, fizeram um apelo à sociedade para investir nessa construção:

**É necessário prosseguir a Campanha pró “Casa do Estudante” / Os estudantes não devem cruzar os braços – Convencer a população da**

<sup>104</sup> Para Foucault (2006), os jornais também formam uma instância que enuncia uma relação de poder, em torno de discursos que serão considerados como relevantes e verdadeiros para quem estiver lendo as notícias, devido, principalmente, às influências dos editoriais dos jornais. Para ele, o jornal “lhe anuncia alguma coisa, o senhor acredita ou não acredita, mas isso se põe a funcionar na cabeça de milhares de pessoas como verdade, unicamente porque foi pronunciada daquela maneira naquele tom, por aquela pessoa, naquela hora” (FOUCAULT, 2006, p. 232-233).

<sup>105</sup> Esses grupos sociais exerceram influência na cidade entre as décadas de 1950 a 1960 quando, de acordo com Souza (2002, p. 219), “eram separados por enormes distâncias e projetos políticos” do restante da população. Desde as primeiras décadas do século XX já se percebeu uma separação da elite, privilegiada, que detém os meios de comunicação existentes da época e foi ela também que integrou e deu as condições necessárias para que intelectuais se manifestassem por meio de espaços de leitura e escrita, em lugares como jornais, bares, grêmios estudantis, cafés e clubes literários (GAUDÊNCIO, 2012).

**necessidade deste empreendimento** - Os estudantes que integram o <<Centro Estudantal de Campina Grande>> iniciaram, não faz muito, uma interessante campanha que se destina à construção da <<Casa do Estudante>> [...] Como se vê a iniciativa mereceu a melhor acolhida dos poderes públicos, de homens do comércio e da indústria [...] É preciso convencer a população, através de uma campanha intensa pelo rádio e pela imprensa, de que Campina Grande necessita da <<Casa do Estudante>> E para isto são necessárias centenas de cruzeiros e muito esforço daqueles que desejam prestar um benefício tão relevante a Campina Grande [...] Esse campo de batalha pela instrução e educação da nossa gente, aberto pelos centristas de hoje, é idêntico àqueles outros, que dezenas de estudantes enfrentaram e que por falta de acolhida tiveram que arrefecer (O MOMENTO, 30 set. 1950, p. 03).

Quase todos os números catalogados no jornal *O Momento* têm uma matéria sobre as campanhas em prol da construção da Casa, em que os editores, em colaboração com os centristas, fizeram apelos à população e aos poderes públicos para contribuir com os estudantes, através de elogios, incentivos e dos seus esforços. Assim, buscaram moldar os discursos nos meios de informação em torno dessa realização, como sendo algo que nasceu das aspirações estudantis e, claro, necessário à população.

Assim, nessa matéria percebemos que se por um lado tentavam demonstrar a relevância da construção da Casa e a importância desta para os estudantes, por outro manifestaram posições que legitimaram as ações dos centristas e colocaram também à sociedade a responsabilidade por essa realização, haja vista que cabia a todos ajudar a colocar em prática esse projeto modernizador.

Seja por influências desses discursos ou não, a Casa do Estudante recebeu verbas de diversos seguimentos da sociedade, como por exemplo: o Treze Futebol Clube, que ajudou os centristas através da venda de ingressos; os concursos de “Miss Juventude” realizados nos colégios, que arrecadou donativos; exposições de filmes no galpão do Colégio Alfredo Dantas, que destinou à venda de ingressos para a construção da casa (O MOMENTO, 30 set. 1950, p. 03) e a instituição de bingo de um automóvel (JORNAL DO ESTUDANTE, ago. 1953, ano 01, n. 01, p. 02).

Para tanto, a possibilidade que a população fizesse essa leitura foi reforçada através das alianças políticas dos centristas. Assim, as campanhas públicas tomaram corpo com a ajuda financeira na gestão de Elpídio de Almeida como prefeito de Campina Grande, que destinou verbas municipais e doação do terreno para a realização da obra:

Os poderes públicos não ficaram indiferentes ante a forte e decidida campanha dos estudantes. E o prefeito Elpídio de Almeida, sempre interessado na solução dos nossos problemas, já se prontificou a ajudar os estudantes, doando o terreno para a construção da <<Casa do Estudante>> ainda na sua gestão (O MOMENTO, 17 set. 1950, p. 07-08).

**Novas providências para a construção da <<Casa do Estudante>>** - Sábado, 27, reuniram-se para tratar da Casa do Estudante, o Prefeito Elpídio de Almeida, Pe. Galvão, Luiz Mota, Dr. Austro Costa, Prof. Severino Loureiro, Profa. Lindalva, Edmundo Ferreira Barros e Severino Cabral, este representado por Milton Cabral [...]. Discutiu-se com aprovação que o terreno escolhido, doado pela Prefeitura e que fica nas mediações do IPSE, medindo mais ou menos 100x50, terá imediatamente o seu levantamento, o qual será enviado para o Ministério de Educação, que tem um Departamento de arquitetura, para as diversas Escolas de Belas Artes do Brasil, afim de lhes serem enviados projetos da Casa do Estudante, escolhido o melhor, adaptação as suas necessidades (O MOMENTO, 05 nov. 1950, p. 06).

“Leis e decretos de 1951”. N. 240: ‘Abre crédito Especial de vinte mil cruzeiros CR\$20.000,00. Para auxiliar a Construção da Casa do Estudante Pobre de Campina Grande’. N.143: ‘Fica aberto o crédito especial de CR\$5.000, 00. Para pagamento de subvenção concedida a “Casa do Estudante” da Paraíba’ (CAMPINA GRANDE, 1951, s/p).

Além do financiamento direto da Prefeitura Municipal, os centristas receberam outras contribuições, tais como: do Monsenhor Severino Mariano, que procurado pelo então Presidente do CEC, Edmundo Ferreira Barros, concordou em colaborar, ficando assim colocado através de suas palavras no jornal *O Momento*: “não preciso dizer que estou à disposição de Edmundo e de todos os que nesta terra desejam dias melhores para nossa juventude” (O MOMENTO, 29 out. 1950, p. 07).

Outro presidente do CEC, Fernando Cunha Lima, também recebeu contribuições financeiras do deputado Alcides Carneiro, exposto seu telegrama no jornal onde comunicava que “havia incluído no atual orçamento da República a verba de 50 mil cruzeiros para a Casa do Estudante Pobre de Campina Grande” (FORMAÇÃO, set. 1953, ano 18, n. 02, capa). E do Deputado José Gaudêncio, “que obteve [...] mais cinquenta mil cruzeiros para a Casa do Estudante Pobre de Campina Grande” (JORNAL DE CAMPINA, 28 set. 1952, p. 02) e finalizou a matéria na coluna *Mundo Estudantil*: “é este mais um grande serviço que o deputado José Gaudêncio presta aos estudantes campinenses” (JORNAL DE CAMPINA, 28 set. 1952, p. 02).

Esse mesmo centrista obteve ainda “por intermédio da agencia local do Banco do Brasil a importância de cem mil cruzeiros referente à 1ª quarta federal de auxílio para a

construção da Casa do Estudante” (JORNAL DE CAMPINA, 05 jul. 1953, p. 04) e, nessa mesma ocasião, recebeu um telegrama comunicando sobre a emenda orçamentária da República apresentada pelo deputado Elpídio de Almeida na quantia de trezentos mil cruzeiros (CR\$ 300,000,00) para essa realização.

Contudo, essas verbas, seja nas gestões de Elpídio de Almeida ou de outros, originaram críticas por parte da sociedade e de outros estudantes, o que levou o centrista Juarez Farias a se posicionar em favor da sua *classe* e defender esta entidade de possíveis alianças com políticos na matéria intitulada *Assim não é possível...*

**O Governador nada faria pelos estudantes – Precisa de ajuda o Centro Estudantil Campinense e não de padrinhos** - José Américo<sup>106</sup> tem interesse pela classe em Campina Grande. Já auxiliou em diversas emergências. Mas, apesar disso, insistem os politiquinhos de botequim na propagação de boatos tendenciosos que não comprometerão a independência dos estudantes. Pede o Centro Estudantil AOS QUE TANTO SE PREOCUPAM COM OS PROBLEMAS ESTUDANTIS, que prestem a mais eficaz das contribuições ao centro ajudam-no, com recursos materiais e não com palavras inúteis, a continuar no seu trabalho. Com essa onda de boatos, com esse desejo de envolver o Centro na política partidária, é desnecessário dizer que nada faremos e só nos restará exclamar, tristes e decepcionados, “Assim não é possível” (FORMAÇÃO, ago. 1952, ano 17, n. 05, p. 03).

O centrista, rebatendo críticas feitas ao CEC, sob a justificativa que eram infundadas, afirmava que o grupo de centristas nada mais fazia do que o “bem-estar” dos estudantes e, portanto, não estariam ligados à política partidária, mas recebendo ajudas necessárias aos interesses da *classe*. No que pese a essa defesa pública em prol da entidade, percebemos na narrativa do centrista Juarez Farias as flagrantes aproximações estabelecidas entre centristas e políticos locais.

Desta forma, as referidas alianças políticas em prol da construção da casa reforçaram as representações acerca da força e influência das lideranças estudantis com o poder local, fortalecendo o discurso do desenvolvimento cultural da cidade<sup>107</sup>. Assim, como símbolos dessas alianças, astuciosamente jogaram com as ocasiões e fizeram da construção dessa Casa

<sup>106</sup> José Américo de Almeida (Areia, 10 de janeiro de 1887 - João Pessoa, 10 de março de 1980) foi um romancista, ensaísta, poeta, cronista, político, advogado, professor universitário, folclorista e sociólogo brasileiro. Foi governador da Paraíba entre os anos de 1951 e 1956. Cf.: <[www.e-biografias.net](http://www.e-biografias.net)>. Acesso em: 20 mar. 2019.

<sup>107</sup> Esses estiveram comprometidos em pensar os caminhos para a cidade a partir da criação de espaços de sociabilidades, leitura e escrita, na ideia de modernização através da cultura (GAUDÊNCIO, 2012).

do Estudante as representatividades necessárias para aqueles que estariam buscando alcançar posições de destaque na política partidária local.

Depois de posicionados os discursos nos jornais locais sobre a construção da casa e evocados os apoios necessários para essa realização, os centristas colocaram em prática os seus esforços para angariar fundos. Nesse repertório, as campanhas foram das mais diversas, tais como:

**Mundo Estudantil - Campanha da Garrafa** - Alcançou êxito invulgar a campanha da garrafa encetada pelo Presidente do Centro Estudantil Campinense. Destinando-se a renda da campanha à construção da Casa do Estudante Pobre (JORNAL DE CAMPINA, 17 ago. 1952, p. 04).

**Campanha da Garrafa** - Teve início dia 11 deste mês – dia do estudante – a campanha da Garrafa, tendo à frente o nosso Presidente, Fernando Cunha Lima, serenidade pelo esforço de vários representantes e estudantes. Destinava-se a sua renda para a construção da Casa do Estudante desta cidade, anseio supremo de toda classe estudiosa campinense [...] Nossas ruas foram invadidas, nossas casas visitadas e o número de garrafas, caixões, jornais velhos, cresciam assustadoramente, a cada passo [...] Trabalharam igual e valorosamente, salientar o empenho dos estudantes, José de Freitas Ramos, Noaldo Dantas, Juarez Farias, Roberto Domingos, Genival Lucena, Oliveiros Oliveira, Benedito Moraes e outros que não fogem quando tocam os clarins de luta do Centro Estudantil Campinense (FORMAÇÃO, ago. 1952, ano 17, n. 05, capa).

Nessa campanha estudantil percebemos o papel exercido pela imprensa como instrumento estratégico de comunicação e mobilização em favor da realização do projeto da casa. Ou seja, coube à imprensa da época incentivar o apoio público, convocando estudantes e a população em geral para compartilhar desse momento crucial da *classe estudantil*.

Durante essas campanhas em prol da construção da casa, o ex-centrista Juarez Farias nos deixou “escapar” na entrevista um interessante episódio entre os centristas. Esses teriam recebido, por exemplo, doações de bebidas alcoólicas de um importante comerciante local, em reconhecimento pela campanha de recolhimento de garrafas vazias em todos os bairros da cidade.

Nessa “fuga” de memória, o ex-centrista Juarez Farias nos revelou outros momentos e discursos compartilhados pelos centristas contrários àqueles expostos sobre a *classe*. Apesar do entrevistado desdizer e falar que não se recordaria mais dos eventos ocorridos, o mesmo considerou o acontecido como algo “errado” ou desvio do que seria um centrista naquela época que certamente não seria interessante à sociedade presenciar um instante de

descontração entre jovens, pois naquela ocasião eles estariam lutando em prol da construção da Casa.

Nas entrevistas percebemos as continuidades, mas também as descontinuidades, comparadas pelos ex-centristas como passado e presente: “naquele tempo era assim, hoje as coisas mudaram” (Agnelo Amorim, entrevista concedida à autora em: 02 dez. 2013). Essas mudanças estiveram ligadas às imagens sobre o CEC que quiseram construir no presente e às maneiras que consideram como sendo de formação dos líderes estudantes à época no CEC.

Para Gagnebin (2001), “a rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, particularmente a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente” (GAGNEBIN, 2001, p. 91).

Após aceitarem participar como “testemunhas” dessa história, os/as entrevistados/as construíram memórias que consideraram como necessárias à sobrevivência de um movimento político liderado por essa entidade estudantil e se legitimaram, também, como lideranças desse movimento:

Pois lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reapropriação do feito e do ido, não sua mera repetição [...]. O velho de um lado busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos e orais, *investiga, pesquisa, confronta* esse tesouro de que é guardião. De outro lado *recupera* o tempo que correu e aquelas coisas que quando perdemos nos sentimos diminuir e morrer (BOSI, 1994, p. 20-21).

A memória, considerada lembrança e esquecimento, estaria ancorada no presente, que pode responder às necessidades e intenções atuais, que filtram e selecionam suas falas na medida em que as pessoas e grupos mudam. Se, como diz Kofes e Piscitelli (1997, p. 347), “nas memórias, as lembranças pessoais são reconstruídas a partir de um presente que é social” (KOFES; PISCITELLI, 1997, p. 347), uma vez que “as lembranças pessoais estão situadas na encruzilhada de redes de solidariedade múltiplas com os quais os indivíduos estão comprometidos” (KOFES; PISCITELLI, 1997, p. 347), quem narra suas lembranças recria um passado comunicado nas experiências do presente.

Assim, os relatos orais, apesar de fluidos e cambiantes, nos revelaram muitos aspectos desses discursos sobre a *classe estudantil* que, mais do que lideranças estudantis, foram

jovens como quaisquer outros e que à época buscavam desfrutar de momentos desprestiosos. Tal relato, embora apresente lacunas e pontos de esquecimento, avultaram muitas histórias através de “escapadas” não intencionadas do controle da memória que os entrevistados quiseram ocultar, em tentativas de elaborá-la, delimitá-la ou defini-la em favor de suas imagens como ex-centristas.

Nós, historiadores/as, articulamos esse passado, como afirmou Benjamin: “não o descrevemos, como se pode tentar descrever um objeto físico [...] articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como ele propriamente foi. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo” (BENJAMIN, 1974 apud GAGNEBIN, 2009, p. 40). Ao trabalharmos com as memórias, compreendemos que havíamos recolhido um conjunto de depoimentos que se aproximaram de histórias de vida em comum, de um grupo de centristas que vivenciaram as mesmas experiências no espaço do CEC e que buscaram “manter” suas imagens de lideranças.

É importante registrar que os centristas também buscaram outros investimentos fora da cidade de Campina Grande. Exemplo disso foi a viagem à capital do Brasil, Rio de Janeiro – RJ, em busca de apoios e fundos para a realização da operosa obra. Nesse particular, esse intento político a partir da imagem 10 trata do histórico das atividades da Comissão do CEC e os relatos orais com os ex-centristas Evaldo Gonçalves e Juarez Farias, que narram um pouco dessa “aventura” em prol da construção da Casa.

Nós éramos muito assim.... arrojados. É tanto que, nós fomos ao Rio, eu Juarez Farias e Noaldo Dantas. Esse foi sempre um líder, jornalista, que sempre fez militância conosco no CEC. Fomos buscar o quê? Arranjar dinheiro com os paraibanos ilustres para a construção da Casa do Estudante Pobre (Evaldo Gonçalves, entrevista concedida à autora em: 11 ago. 2017). A maior conquista da nossa viagem foi quando nos encontramos, por acaso, na Avenida Rio Branco, com o José Lins do Rego, romancista paraibano. Esse encontro foi formidável, nós o reconhecemos de longe: “- Olha quem vêm ali... Vamos abordá-lo” (*risos*). Ele tinha uma coluna diária n’*O Globo*. Nós o cercamos e ele mesmo falou assim: “- De onde vocês são?”; e nós falamos: “- Nós somos da Paraíba, viemos aqui em busca de ajuda para a construção da Casa do Estudante Pobre. Sabemos que você é um homem muito importante para nos ajudar”. Aí ele falou: “- Olhe, dinheiro vocês sabem que jornalista não tem”, foi logo descartando, né?! (*risos*). Mas depois falou: “- Leiam amanhã meu artigo, no jornal *O Globo*”. E ele fez um artigo sobre a nossa missão no Rio de Janeiro (Juarez Farias, entrevista concedida à autora em: 01 mar. 2018).

# "Formação"

## CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE

Pagina 3a.

Histórico das atividades, no Rio de Janeiro, da comissão do CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE encarregada de angariar contribuições pessoais e auxílio dos poderes públicos para a construção da CASA DO ESTUDANTE de Campina Grande.

(Data da viagem: - - - - 14 de Julho de 1952)  
(Retorno: - - - - - 26 de Julho de 1952)

COMISSÃO  
Fernando Cunha Lima — Presidente  
Noaldo Moreira Dantas — Tesoureiro  
Antonio Juaréz Farias — Relator  
Evaldo Gonçalves e Noilton Dantas — Membros

A falta de recursos locais e a impossibilidade, no momento, da contribuição do GOVERNO DO ESTADO, forçaram a DIRETORIA DO CENTRO a empreender um plano ariscado a obtenção de ajuda para a construção da CASA DO ESTUDANTE POBRE DE CAMPINA GRANDE, a maior e a mais velha aspiração da mocidade estudiosa de nossa terra.

Deliberou o Presidente do C.E.C., depois de auscultar a opinião abalizada dos mais proeminentes líderes da classe, levar para a capital do País, sob sua direção, um grupo de companheiros de boa vontade e acentuada capacidade de trabalho a fim de lutar pela obtenção de recursos para a construção da CASA DO ESTUDANTE. Integraram essa comissão o Presidente do Centro, os companheiros EVALDO GONÇALVES, NOILTON DANTAS, NOALDO DANTAS e o signatário deste Relatório.

Aqui está o resultado da jornada empreendida pelos embaixadores centristas.

### Problema do Transporte:

INICIALMENTE, para que as despesas não vissem afetar, em muito, a reserva financeira do CENTRO ESTUDANTAL, decidiu a comissão pleitear auxílio do Governo do Estado para a viagem. Em face da crítica situação financeira da Paraíba o Governador JOSE AMÉRICO - que sempre se mostrou de boa vontade para com os Estudantes - só pôde auxiliar o Centro com três mil cruzeiros, quantia insuficiente para cobertura das despesas de transporte. A comissão manteve, no entanto, entendimentos com o LOIDE AÉREO NACIONAL e conseguiu abatimento de 50% no preço de três das cinco passagens de que necessitava. Depois de obtidas as passagens ocorreu o cancelamento da viagem de uma aeronave que deveria partir

desta Cidade diretamente para o Rio de Janeiro. Restava aos embaixadores do Centro viajar para a vizinha Capital pernambucana e de lá viajar para o Rio. Assim foi feito, embora com atraso da viagem e aumento das despesas.

### Hospedagem no Rio:

Fomos recebidos, no RIO DE JANEIRO, pelo Deputado ELPÍDIO DE ALMEIDA, nosso principal colaborador. Esse parlamentar, anteriormente, havia solicitado da UNIAO NACIONAL DOS ESTUDANTES hospedagem para os membros da Comissão. Mas a burocracia não permitiu o alojamento da embaixada logo à sua chegada na Metrópole. Tivemos os caravaneiros do Centro de aguardar, em um hotel de péssimas condições higiénicas e alto custo, a satisfação de certas formalidades. Isto deu lugar a uma série de dificuldades e despesas que somente foram superadas quando conseguiu-se, a muito custo, alojamento no INSTITUTO NACIONAL DE SURDOS E MUDOS onde a Comissão obteve lugar para dormir, sendo forçada às refeições avulsas, de vez alguns companheiros não se adaptaram às refeições do SAPS, fornecidas pelo Restaurante Estudantil da Calabço. O problema da hospedagem, de difícil solução no Rio de Janeiro, também provocou a apreensão do Deputado ELPÍDIO DE ALMEIDA que acompanhou os nossos passos e sabe do nosso esforço.

### Contribuições Pessoais:

Ajudados pelo Deputado SEVERINO CABRAL, daquela época no Rio de Janeiro - os estudantes campinenses puderam se entrevistar com o Senador DRAUMT ERNANY que doou a importância de Cr\$ 10.000,00 para a construção da Casa do Estudante e se comprometeu ainda a emprestar

tudo o seu apoio a nobre cruzada estudantil campinense. Esse foi o primeiro auxílio. Depois de muitos sacrifícios, de muita luta ainda e demasiada capacidade de esperar à porta dos gabinetes, os estudantes da comissão ainda conseguiram angariar mais Cr\$ 18.000,00, assim distribuídos: Senador RUY CARNEIRO, Cr\$ 5.000,00; do Senador ASSIS CHATEAUBRIAND, Cr\$ 5.000,00; do Deputado PLÁCIDO ROCHA, Cr\$ 5.000,00; do Dr. DINARTE MARIZ Cr\$ 2.000,00; do Sr. JOÃO VASCONCELOS, Cr\$ 1.000,00. Agora essas contribuições, recebemos de um paraibano com que acidentalmente nos encontramos na Galeria Cruzeiro, a quantia de Cr\$ 100,00.

O recebimento desses auxílios demandou uma série de visitas às pessoas que os forneceram. A contribuição do Senador ASSIS CHATEAUBRIAND foi, sem dúvida, o capítulo mais angustiante de nossa luta. Visitas infrutíferas fizemos muitas aos Diários Associados. Quando já estava quase totalmente esgotada nossa esperança, no fim de uma noite, às duas horas da madrugada, esse ilustre paraibano nos encontrou a espera no O JORNAL. Naturalmente a sua sensibilidade foi tocada pela nossa paciência e então conseguimos sua contribuição pessoal. O recebimento não foi menos trabalhoso mas o fizemos.

Nesta campanha que empreenderam os membros da Comissão, a fim de conseguirem as contribuições já mencionadas, tiveram a colaboração espontânea e valiosa do Dr. JADER MEDEIROS, paraibano dos mais prestáveis e de largo círculo de amizade.

### Contribuição do Poder Legislativo:

A Comissão visitou diversas vezes o Senado Federal e a Câmara dos Deputados. Mais difícil do que a promessa de colaboração era a entrada

nessas casas do Congresso, cercadas por verdadeiras muralhas burocráticas.

No Senado, conseguimos dos Senadores ASSIS CHATEAUBRIAND, VIRGINIO VELOSO BORGES e RUY CARNEIRO, a promessa de que seria apresentada ao orçamento da República, uma emenda do valor de Cr\$ 300.000,00 visando auxiliar a construção da Casa do Estudante. Para isso seria preciso que dirigissemos uma justificativa do pedido, acompanhada de orçamento. A Diretoria do Centro já está providenciando no sentido de ser satisfeita essa formalidade.

Na Câmara, através dos deputados ELPÍDIO DE ALMEIDA, JOSE GAUDÊNCIO e ERNANY SÁTIRO, nos foi prometido que três emendas, no valor total de trezentos e cinquenta mil cruzeiros, seriam oferecidas ao Orçamento a fim de que a Casa do Estudante pudesse ter sua construção abreviada.

As emendas por nós conseguidas - é preciso salientar - dependem de aprovação das Comissões de Finanças do SENADO e da CAMARA. Se elas não forem aprovadas, a culpa não nos terá pertencido, de vez que o nosso trabalho não poderia ter ido além do que seria permitido a elementos estranhos a essas casas do CONGRESSO.

### Visita a Jornais:

A embaixada, a título de propaganda da missão, visitou os jornais TRIBUNA DA IMPRENSA, ÚLTIMA HORA, DIÁRIO DE NOTÍCIAS, O JORNAL.

Fomos carinhosamente recebidos em todos eles.

### Colaboração do Escritor José Lins do Rego:

O Escritor José Lins do Rego, a quem solicitamos ajuda, depois de alegar que não poderia nos ajudar financeira-

mente comprometeu-se a escrever pelos jornais solicitando apoio para nossa jornada. O seu artigo, apesar de ter sido publicado depois de nosso regresso, deve ter animado a colônia paraibana no Rio a continuar colaborando com os estudantes de Campina Grande.

### Relação das Pessoas Visitadas pela Comissão:

Senadores ASSIS CHATEAUBRIAND, RUY CARNEIRO, VIRGINIO VELOSO BORGES. Deputados ELPÍDIO DE ALMEIDA, ERNANY SÁTIRO, PEREIRA DINIZ, JOAO AGRIPIANO, JOSE GAUDÊNCIO, PLÁCIDO ROCHA, ALUIZIO CAMPOS, Escritor JOSE LINS DO REGO. Doutores FERNANDO LEMOS, FERNANDO NOBREGA, SALVIANO LEITE, DINARTE MARIZ, DRAUMT ERNANY. Senhores JOAO VASCONCELOS, DIOCLECIO GONÇALVES, HAROLD BEZERRA, JOAO NUNES, JADER MEDEIROS.

### Balanco da Viagem:

CONTRIBUIÇÕES RECEBIDAS: De particulares, no Rio Cr\$ 28.100,00. Do Governo do Estado Cr\$ 3.000,00. CONTRIBUIÇÕES A RECEBER: Por intermédio do Senado Cr\$ 300.000,00. Por intermédio da Câmara Cr\$ 350.000,00. TOTAL DOS RESULTADOS Cr\$ 681.100,00. Despesas Cr\$ 22.061,90. LUCRO PARA O CENTRO Cr\$ 658.938,00.

### Mensagem da Comissão à Classe

A comissão deseja salientar que o seu trabalho foi executado harmoniosamente. Nenhum membro trabalhou mais que os outros. Todos foram dedicados e dignos da confiança que lhes foi depositada.

Nada exigimos em retribuição ao que foi feito. Queremos apenas que o nosso trabalho seja reconhecido como cumprimento de uma missão por cujo êxito nos responsabilizamos. Queremos, em uma palavra, JUSTIÇA! Desejamos apenas que não apareçam saladores de fim de festa com alegações fúteis e exigências diminutas em face da obra grandiosa por nós realizada.

Campina Grande, 17 de Agosto de 1952  
Antonio Juaréz Farias - RELATOR

**Imagem 11** – Histórico das atividades da viagem ao Rio de Janeiro-RJ

Fonte: Jornal *Formação*, ago. 1952, ano 17, n. 05, p. 03a / Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB

Pela natureza dos depoimentos, percebemos como tais ações e obras em favor da Casa do Estudante Pobre foram propagadas na memória e na imprensa local, ou seja, como portadores dessa luta, os/as entrevistados/as selecionaram nas entrevistas aquilo que parece ser mais significativo em matéria de realizações pessoais e dos feitos das lideranças daquela época.

Para tanto, esses/as não se limitaram a falar com relação ao CEC. Percebemos, contudo, hesitações e silêncios sobre determinados assuntos, que resultaram, para a nossa pesquisa, em quais narrativas queriam transmitir. Para a autora Danièle Voldman (1998), os/as entrevistados/as “são conscientes de ter uma mensagem a comunicar, a testemunhar, falar, apropriando-se do passado do grupo” (VOLDMAN, 1998, p. 40), sendo assim, os/as ex-centristas selecionaram as suas lembranças, “de modo a minimizar os choques, as tensões e os conflitos internos da organização, diminuindo a importância dos oponentes ou então aumentando-as” (VOLDMAN, 1998, p. 40)<sup>108</sup>.

De uma maneira geral, as lideranças do CEC buscavam respaldo na base da *classe estudantil*, para que se sentissem representados e próximos dos pleitos e das reivindicações de interesses coletivos. Para tanto, as reivindicações dos centristas se coadunaram com as dos estudantes no geral, pois foram aqueles que (re) produziram os discursos no período sobre as necessidades educacionais e os problemas imediatos da *classe estudantil*, e foram também os mesmos que circularam pelas diversas colunas estudantis, além do próprio jornal oficial do CEC, que trouxeram notícias sobre os estudantes campinenses.

Assim, destaca-se que a luta em prol da casa tinha forte apelo popular, ao contrário das outras campanhas, como meia entrada nos cinemas, clubes e auditórios das rádios, pouco acessíveis ao conjunto da população mais carente<sup>109</sup>, incluindo estudantes. Na passagem abaixo, um texto de um manifesto do CEC:

---

<sup>108</sup> Após a entrevista com o senhor Evaldo Gonçalves, o mesmo manifestou seu desejo de memória dos anos que atuou junto com outros estudantes no CEC publicando em uma coluna do jornal *Paraíba Online* as experiências que considerou significativas para viagem à época a capital do Brasil: “A maior iniciativa do Centro Estudantil Campinense, nessa época, foi uma viagem ao Rio de Janeiro para arrecadar recursos financeiros, junto aos paraibanos ilustres, que ali residiam a fim de construir a Casa do Estudante de Campina Grande” (GONÇALVES, 2017, s/p). Disponível em: <<https://paraibaonline.com.br/colunistas/centro-estudantal-campinense/>>, acesso em: 13 jan. 2017.

<sup>109</sup> De acordo com Souza (2002), Campina Grande por ser uma cidade interiorana era desprovida de atrativos litorâneos, como o mar, o que fez com que as elites campinenses criassem espaços de lazer e sociabilidades, tendo desenvolvido parte de suas atividades construindo clubes, cinemas, bibliotecas e cafés. Contudo, esses espaços não foram acessíveis aos populares (pessoas de baixa renda), o que diferenciava a elite do restante da população.

Manifesto do Centro Estudantal Campinense

A TODOS OS ESTUDANTES DE CAMPINA GRANDE

AOS COMPANHEIROS DE TODOS OS COLÉGIOS

O CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE, órgão de defesa da classe estudantil em nossa terra, fortaleza da juventude campinense, dando cumprimento ao seu programa de trabalho prático para servir aos legítimos interesses dos estudantes, lança, neste momento, em praça pública, a grande campanha pelo abatimento semanal de cinquenta por cento nos ingressos aos nossos cinemas [...] Entendemos um âpelo público a todas as empresas de cinemas em nossa terra para que atendam, o quanto antes, às legítimas aspirações de centenas de moças e rapazes, cujos direitos estão prejudicados. Queremos o apoio da FAMILIA CAMPINENSE em nossa luta – convocamos a JUVENTUDE de todos os colégios para esta grande campanha de toda a classe!

TUDO PELA UNIÃO DA JUVENTUDE!

TUDO PELO ABATIMENTO SEMANAL OBRIGATÓRIO!

TUDO PELO CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE

Campina Grande, outubro de 1948.

Raymundo Asfora. Presidente (FORMAÇÃO, 06 out. 1948, capa).

A defesa do acesso e melhoramento de espaços de sociabilidades para os estudantes acompanharam as várias práticas dos centristas, o que também se fez influenciar nas suas relações com poder local, pois essas mobilizações apoiadas em greves estudantis foram ouvidas e aprovadas. Essas conquistas em lugares de lazer foram pontuadas pelos centristas como fundamentais para aquele contexto histórico em que estavam atuando, manifestados por eles como também de formação estudantil, haja vista que além de haver a confluência entre os jovens, eram espaços onde se desenvolviam as mais diversas discussões intelectuais em torno da cultura e da arte.

Para esse desenvolvimento foram criados pela organização interna do CEC departamentos de imprensa, recreativo, de desporto, cultura e literatura, em que se tinha um representante para cada um, escolhido pelo presidente entre os 21 representantes eleitos pelos/as estudantes nas eleições. Esses departamentos tinham como função proporcionar atividades relativas à cultura e às artes, congregando aqueles que possuísem a carteirinha de estudante. O *Jornal do Estudante* anunciou uma dessas atividades do CEC na *Página de Esporte*: “está sendo coroado, de êxito o trabalho do Kerginaldo Cavalcante na Secretaria do Desportos do C.E.C. Sob a direção do referido estudante o clube de futebol do Centro foi reorganizado, e já deu o seu primeiro jogo, embora não tenha sido bem sucedido” (JORNAL DO ESTUDANTE, ago. 1953, ano 01, n. 01, p. 04).

Espaços de trânsito de estudantes e conseqüentemente, de influência dos centristas, como aqueles que conquistaram tais benesses e que lutaram por melhores condições de

formação intelectual para a juventude campinense, as greves para o acesso a esses espaços foram aqueles referentes aos problemas e desafios estudantis que consideraram importantes e imediatos para aquele momento em que estiveram à frente do CEC.

Contudo, não foram apenas os centristas que manifestaram a importância para os estudantes desses espaços de sociabilidades. O jornal *Tribuna do Estudante* expressou a necessidade do abatimento nesses lugares de diversão e lazer, principalmente nos domingos, que era o dia que os cinemas cobravam mais caro para a exibição dos filmes e também quando a maioria poderia dispor de tempo para usufruir desses espaços. Assim, o editorial desse jornal lançou um apelo aos centristas: “daqui fazemos, em nome de inúmeros colegas que para isso autorizam, um apelo ao Presidente do C.E.C., no sentido de que este caso se já solucionado sem perda de tempo” (TRIBUNA DO ESTUDANTE, nov. 1951, ano 01, n. 01, p. 04).

Mas, depois de conquistada a meia-entrada nesses espaços de sociabilidades, era preciso possuir a carteirinha de estudante<sup>110</sup>, condição necessária ao acesso, como nos descreveu a centrista Valda Freire<sup>111</sup>:

Nas festas, o departamento recreativo trabalhava muito. Aí toda semana tinha matinal dançante para os estudantes e era superlotado, era feito na sede, que era uma sala grande, afastava as cadeiras, tiravam as mesas, fazia lá mesmo. Só os estudantes podiam entrar com carteiras, porque tinha estudante que não tirava a carteira, então não entrava. Só os que eram associados que podiam entrar com carteira de estudante, os que também podiam votar (*risos*). Era bem político mesmo! (Valda Freire, entrevista concedida à autora em: 14 mai. 2014).

Além de possuir o poder de voto, os estudantes com as carteirinhas nas mãos podiam participar também de algumas atividades no espaço do CEC, como discussões literárias e políticas que envolviam os interesses referentes aos problemas manifestados pelos mesmos.

---

<sup>110</sup> Essas carteirinhas de estudantes (ver exemplos no anexo 06) incluíam a assinatura do Presidente, o nome do aluno com foto e a função desempenhada por ele (caso fosse representante da entidade), o ano de fundação do CEC e o ano da emissão, o endereço do espaço físico, e algumas ainda possuíam a seguinte frase “Estudantes Uni-vos!” (Expressão essa que parece fazer referência ao “slogan” político *Trabalhadores do mundo, uni-vos!*, um dos mais famosos “gritos” de protesto do Socialismo, vindo do Manifesto do Partido Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels. Cf.: MARX; ENGELS, 2006).

<sup>111</sup> Esta centrista foi representante e centrista por volta dos anos de 1955-1958. Elegeu-se para representante do CEC juntamente com a amiga Auxiliadora Borba, eleita junto aos 21 representantes. Estudou no Colégio Imaculada Conceição (Damas), onde teve grande apoio de voto e representatividade, por ser também umas das poucas a representar o CEC naquela instituição. Poucos anos depois deixou a liderança do Centro, entre as mulheres, para se dedicar ao movimento Juventude Estudantil Católica- JECA. Foi professora de escolas primárias e secundárias na cidade de Campina Grande. Depois que casou, na década de 1960, não se envolveu mais em questões políticas (Valda Freire, entrevista concedida à autora em: 14 mai. 2014).

Ainda possuindo tal documento, poderiam aproveitar das conquistas lideradas pelas greves, como jogos de futebol, passagens de ônibus (locais e intermunicipais), descontos de 25% em passagens aéreas<sup>112</sup> e a meia-entrada em cinemas.

Uma dessas conquistas foi anunciada pelo *Jornal do Estudante* como de incentivo por parte dos centristas: “uma comissão do C.E.C., enviada à L.D.C., depois de ligeiro debate, conseguiu do Snr. José Pedrosa, Presidente daquela entidade um abatimento de cinquenta por cento nos jogos de futebol realizadas entre os clubes locais” (JORNAL DO ESTUDANTE, ago. 1953, ano 01, n. 01, p. 06). E assim, “finalmente, no dia doze do corrente, os estudantes Fernando Cunha Lima e Odimar, compareceram à sessão do Treze, tendo conseguido, ainda com dificuldade, o referido abatimento” (JORNAL DO ESTUDANTE, ago. 1953, ano 01, n. 01, p. 06).

Em outro jornal estudantil, o *Tribuna do Estudante*, discutiu-se sobre a importância para os estudantes pobres do abatimento das passagens de ônibus e mais uma vez os centristas aparecem como tendo sido os responsáveis por tais conquistas:

O atual Presidente do Centro, em sua campanha política, prometeu à classe que dentro de poucos dias conseguiria o referido abatimento. No entanto, são passadas três meses de governo e nada foi realizado nesse sentido. É verdade que há um abatimento na linha do Colégio Estadual, mas, há estudantes que moram em José Pinheiro, Monte Castelo e outros bairros distantes que precisam também desse benefício. Apelamos agora para o Sr. Presidente do C.E.C., no sentido de que entre em entendimento com as empresas de ônibus, e consiga o abatimento desejado pelos estudantes e prometido tantas vezes em comícios e boletins (TRIBUNA DO ESTUDANTE, nov. 1951, ano 01, n. 01, p. 04).

Essas benesses foram significativas conquistas imediatistas para a época, pois de acordo com Araújo (2007), “a luta pela meia-entrada nos ônibus e a meia-entrada nos cinemas, teatros e casas de diversão era uma luta antiga dos estudantes secundaristas” (ARAÚJO, 2007, p. 69), se tornando, dessa forma, as bandeiras tradicionais da entidade. Estes espaços eram acontecimentos importantes de manifestação de sociabilidades entre os estudantes, algo que estimulou outros secundaristas a também entrarem na luta pela meia-entrada em espaços de cultura e lazer.

---

<sup>112</sup> Esse benefício foi considerado por Josué Sylvestre como de “uma conquista inédita, aplaudida pelos estudantes de Campina e com enorme repercussão no ambiente estudantil do Estado” (SYLVESTRE, 2013, p. 53).

Desse modo, a emissão da carteirinha de estudante foi um fator primordial para a inclusão nesses ambientes de luta para o movimento estudantil secundarista, como também a própria filiação ao CEC, pois tentaram demarcar uma diferença dos que eram centristas através de representações e inclusões em espaços que os diferenciavam dos outros estudantes que não possuíam carteirinha de sócio.

Além de proporcionar as festas na sede do CEC e a meia-entrada em espaços de sociabilidades, os centristas tentaram construir uma alteridade com outros estudantes que não possuíam a carteirinha de estudante e não conviviam em seus entornos. Para isso, carregavam o livro “embaixo do braço”, frequentavam bibliotecas existentes na cidade, criavam grupos de leitura e escrita como os grêmios literários e andavam nas ruas da cidade de terno e gravata entre conversas no Largo da Flórida, onde construía suas próprias representações de estudantes engajados.

Para o ex-centrista Agnelo Amorim, era comum os centristas se diferenciarem através da aquisição de livros que os exibiam nas ruas da cidade:

Havia muita gente que não lia, mas havia muita gente que lia. Se interessava pelos romances da época, literatura, do tempo, os traços do mundo, se discutia muito. Os centristas do Centro Estudantil Campinense eram tidos na cidade como intelectuais, né?! Tinha uns que eram intelectuais de axila. Quer dizer, que andavam com os livros debaixo do braço, mas não liam, não. Era a cultura do sovaco (Agnelo Amorim, entrevista concedida à autora em: 02 dez. 2013).

Disso, percebemos a necessidade de se “mostrarem” como aqueles que possuíam um conhecimento através dos livros, e que o CEC seria aquela entidade adequada para o preparo de estudantes nas suas formações intelectuais e políticas. Para Araújo (2007), era comum jovens estudantes e ativistas do movimento estudantil ler livros, ver filmes, discutir obras literárias e ensaios filosóficos, pois:

Podemos dizer que cada geração de estudantes é motivada e influenciada por um grupo diferente de artistas, intelectuais, filósofos, ensaístas. Um grupo diferente que, em diferentes conjunturas, inspira e influi no pensamento e na prática, e até mesmo na própria vida dos jovens dessa geração (ARAÚJO, 2007, p. 51).

Os centristas não foram diferentes desses estudantes citados pela autora, pois também se interessavam por ler, escrever e discutir sobre o momento em que estavam inseridos e problemas relevantes para a juventude campinense, demarcando assim seus posicionamentos e influenciando outros estudantes que coadunavam com suas ideias.

A partir das benesses, que era possuir a carteirinha de estudante na cidade e desses ambientes discursivos para o movimento estudantil campinense, foi manifestado o desejo de muitos jovens de fazer parte do CEC. O incentivo para o ingresso se pautava na formação extraescolar, através das letras, criando condições de discussões para que eles pudessem discutir seus próprios problemas e possibilidades de melhoria na educação. Assim, a participação em lutas que os envolviam diretamente, de fazerem parte desses debates educacionais, ou aquilo que consideravam importante de ser discutido neste contexto, levaram a laços de proximidades frente às manifestações daqueles que buscavam as mesmas ideias e interesses. Disto, “era muito difícil um jovem nessa cidade não se interessar por tais aspirações” (Juarez Farias, entrevista concedida à autora em: 01 mar. 2018), de poder conviver com estudantes que buscavam o melhor para a *classe estudantil*.

Assim, de acordo com Mische (1997), “os anos formativos dos jovens não são limitados à família e às Universidades, mas acontece em contextos sociais, culturais e políticos mais diversos, englobando um campo maior de possíveis (e às vezes contraditórios) projetos pessoais e coletivos” (MISCHE, 1997, p. 140). Esses projetos, para os estudantes campinenses, estiveram inseridos dentro do espaço do CEC na ideia de criar um ambiente em que houvesse uma formação diferenciada àquela recebida nas escolas, e de onde os estudantes pudessem ter uma participação mais efetiva em torno das lutas e práticas manifestadas pelos centristas e os apoiassem em suas ações em prol da educação.

Para isso, o CEC funcionou mediante fundamentos para a formação dos estudantes e no discurso de ajudar aqueles que não possuíam recursos. Como espaço de apoio para os que não poderiam comprar livros didáticos ou literários, foi montada uma biblioteca interna dentro da entidade, oferecendo condições para realizarem os estudos. Ou seja, diante das deficiências na educação, os centristas se preocupavam em realizar atividades que pudessem amparar estudantes e de melhorar seus acessos e condições educacionais, ações essas que foram além de suas conquistas pessoais.

Contudo, ao buscarem apoiar e obter melhorias para os estudantes, ao conquistarem seus espaços no CEC, escolhidos nas eleições estudantis para representá-los, ao criarem raízes e consistência política na sociedade campinense, alguns centristas aspiraram ingressar na política partidária local, algo que certamente foi viabilizado diante de suas práticas e lutas em

benefício dos estudantes. Isso não diminuiu as suas ações em torno do ideal da construção da Casa do Estudante e nem de outras lutas, apenas alguns que se destacaram no movimento estudantil e jogaram com as condições conjunturais para se inserir na política partidária.

Conquistar suas representações na política como lideranças estudantis, usar essas ações para a consolidação de suas imagens em busca de interesses próprios ou buscar recursos e apoios para suas lutas e ações, não foi tarefa fácil para os centristas, pois habitavam em uma cidade com problemas urbanos e altas taxas de analfabetismo. E mais, Araújo (2007) sublinhou uma característica relevante para os secundaristas: “só podiam participar do movimento estudantil durante alguns meses do ano, porque tinham um calendário rígido de provas, tinham que estudar muito, passar de ano, encarar um número muito grande de matérias diferentes” (ARAÚJO, 2007, p. 73), por isso foi também importante “o apoio de grupos e partidos políticos que davam suporte e estabilidade aos estudantes” (ARAÚJO, 2007, p. 73).

Para tanto, jovens estudantes se inseriram na cena pública, conseguiram auxílios, foram às ruas e buscaram acesso e melhorias para sua *classe estudantil*. Isso foi possível devido, principalmente, a um movimento organizado e participativo, de estudantes que se posicionaram diante do poder político, enfrentaram os desafios e manifestaram o propósito de conquistar recursos para a juventude.

O movimento estudantil secundarista liderado pelo CEC foi constituído de ampla participação dos estudantes campinenses, com debates dos grandes temas nacionais e locais. Assim, de acordo com o que afirmou Araújo (2007) sobre outros movimentos estudantis, esses se consolidaram “como um movimento organizado, com grande capacidade de mobilização de massa e com uma direção política crítica e contestadora em relação ao Estado” (ARAÚJO, 2007, p. 61-62).

Como um movimento estudantil forte e organizado, buscou melhorias para os estudantes e/ou contestou questões políticas através do espaço física, mas principalmente discursiva, com ideias e posicionamentos em torno da *classe estudantil*, em que protestaram e lutaram em ações participativas na sociedade, construindo, também, um ambiente extraescolar de formação da juventude campinense que congregou estudantes em seus primeiros posicionamentos políticos.

Sendo assim, o CEC foi considerado pelos entrevistados como “a melhor escola política de líderes” (Josué Sylvestre, entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013), devido ao fato de alguns centristas que dele saíram terem se projetado na cena política local, regional e nacional. Esse espaço foi “formado” para que fosse privilegiada a prática da oratória a partir

de uma organização interna, através dos conselhos de representantes para formar “intelectualmente” os que dele participassem, estando envolvidos em debates semelhantes àqueles realizados em instituições públicas: “a mais importante contribuição que o Centro deu a Campina Grande e à Paraíba foi a preparação de sucessivas gerações de líderes que hoje participam na política, na administração, na magistratura e na empresa privada” (Josué Sylvestre, entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013).

Construir essa identidade para o CEC foi importante para alguns que se apropriaram desses discursos de ser o CEC uma “escola de líderes”. Se assumindo como líderes estudantis, buscaram suas representatividades no movimento estudantil como aqueles “responsáveis e capazes de assumir tal tarefa honrosa, respeitada e disputada” (José Moraes Lucas, entrevista concedida à autora em: 06 mai. 2014). Assim, suas aproximações e enfrentamentos foram possíveis diante desses discursos ao assumiram papéis de lideranças, dando outro aspecto ao movimento estudantil campinense, associando suas imagens a intelectuais engajados que criaram um espaço de formação da juventude.

Tomamos para o texto as ideias de Gontijo (2005) sobre intelectuais relacionados à noção de engajamento: “os intelectuais, ao mesmo tempo em que se inserem no campo sociocultural mais amplo, procuram construir diferenças capazes de lhes assegurar identidades individuais e coletivas, demarcar espaços e estabelecer meios de atuação” (GONTIJO, 2005, p. 263).

Manifestando seus posicionamentos em defesa da educação nos estatutos do CEC, nas memórias e nos jornais, os (ex) centristas estavam sempre defendendo a ideia de ajudar a juventude carente e de buscar melhorias para as suas condições de estudantes, o que contradiz com a análise feita por Nascimento (1990), de que essas ações privilegiariam apenas uma pequena parcela de estudantes que tinham condições de frequentar espaços de sociabilidade e de que a construção da Casa do Estudante beneficiaria “filhos de fazendeiros que vinham estudar nesta cidade” (NASCIMENTO, 1990, p. 13).

Para além de questões de interesses próprios, jovens se lançaram como líderes estudantis e abraçaram a tarefa de assumir uma entidade que tinha, acima de qualquer outra ação, a responsabilidade de apoiar e congregar os estudantes. Eram as suas imagens e ações que representaram o espaço CEC. Para tanto, precisaram criá-las de acordo com que o consideraram como necessários para a realização de suas ideias de apoio aos estudantes. Para isso, empreenderam greves, apoiaram gestores, receberam verbas municipais, fundaram um jornal para discutir suas ideias e opiniões, fizeram campanhas para a construção da Casa do Estudante Pobre e foi às ruas manifestar seus posicionamentos políticos e ideológicos.

Todas essas lutas e conquistas para a *classe estudantil* talvez não tivessem se concretizado sem as alianças e apoio mútuos entre centristas e políticos locais. Essas aproximações foram possibilitadas devido à importância de suas colocações na vida pública, no desejo manifestado por alguns de ingressar na política partidária local e suas consequentes representações como lideranças estudantis.

Todavia, os esforços dos centristas nas campanhas para realização da Casa do Estudante no início da década de 1950 não foram suficientes para a sua concretização, sendo esta concluída apenas em 1962, quando da gestão do presidente do CEC Josué Sylvestre (1960-1962). Antes disso, entre os anos de 1955 a 1960, encontramos poucas atuações dos centristas com relação a essa construção. O presidente Figueiredo Agra realizou outra viagem à cidade do Rio de Janeiro-RJ no ano de 1959<sup>113</sup>, mas também não obteve êxito na inauguração e funcionamento<sup>114</sup>.

Orgulhoso da sua conquista, para ele quase pessoal, o ex-centrista Josué Sylvestre narrou e escreveu através de seus livros de memórias sobre a história de Campina Grande esse “grande” feito, trazendo para si os bônus dessa “grandiosa” construção:

Foi uma ideia do então presidente Raymundo Asfora, para abrigar estudantes pobres do interior do Estado. Campina sempre foi um município agregador, como era a maior cidade da região. Na maioria dos municípios ao redor de Campina não havia curso ginasial, só primário. Naquele tempo chamava-se Ginaldão (curso Ginásial), o científico e o clássico que era o pré-vestibular de três anos. Mas o colégio raramente havia, ou ia para João Pessoa, era mais perto mesmo pra cá, e muitos ficavam mal acomodados, em pensões muito, muito deficientes. Então Asfora teve essa ideia. Genival Lucena continuou, o Figueiredo Agra, o Fernando Cunha Lima, eles fizeram algumas obras lá. Mas quando eu assumir em 1960, as obras estavam paradas [...] E aí o que eu fiz? Havia naquele tempo a festa da mocidade: era um festival, como se fosse um grande circo, com várias atividades, né?! E aí com essa festa do estudante, que era apoiada por todos, nós conseguimos o dinheiro para pagar a indenização [...] Recomecei as obras [...] E antes que terminasse meu mandato de dois anos em 1962, em fevereiro, eu reinaugurei a Casa do Estudante, funcionando toda equipada, uma doação do Governo do Estado (Josué Sylvestre, entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013).

<sup>113</sup> O jornal *Evolução* (05 mai. 1959) noticiou essa viagem: “Viajaram ao Rio Diretores do Centro Estudantal Campinense: Para tratar de vários assuntos referentes à atividade do Centro Estudantal e da Casa do Estudante Pobre “Félix Araújo”, viajaram ao Rio os diretores centristas Figueiredo Agra (Presidente) e Edvaldo de Góes (secretário de finanças). Os jovens estudantes, receberam algumas verbas federais votadas por deputados paraibanos para a conclusão da Casa do Estudante” (EVOLUÇÃO, 05 mai. 1959, p. 08).

<sup>114</sup> Pelas fontes orais e jornalísticas, não obtivemos informações concretas sobre os financiamentos e a construção do prédio físico da Casa do Estudante, sabemos, apenas, que sua inauguração e funcionamento foi efetivado na gestão do presidente Josué Sylvestre, em 1962.

Fui ao Rio de Janeiro conseguir verbas do Ministério da Educação, promovi festas populares e reencetamos (*sic*) a construção. Depois de solucionada através de acordo na Junta de Conciliação, a pendência trabalhista com um ex-vigia da Casa. Depois com a ajuda do governador Pedro Gondim, adquiri equipamentos e o mobiliário. Afinal, a inauguração da Casa Félix Araújo, pôde ser efetivada no início de 1962. Era a única entidade municipal estudantil do país a possuir um edifício próprio para abrigar estudantes carentes (SYLVESTRE, 1988, p. 573-574).

Com relação ao êxito da construção da Casa do Estudante, percebe-se que Josué Sylvestre se colocou como aquele que fez acontecer. Ou seja, através da sua pessoa a obra promovida pelo CEC foi concretizada. Ele também expõe nomes de outros centristas que “trabalharam” e auxiliaram nessa realização: Raymundo Asfora, Genival Lucena, Fernando da Cunha Lima, Figueiredo Agra, Juarez Farias.

Por fim, pode-se dizer que a ativa participação política dos centristas pode ser compreendida sob dois aspectos: maior aproximação com políticos locais através de alianças, das campanhas em prol dos estudantes e também nas relações de oposição que concomitante a esse contexto, vinham sendo provocadas contra o então prefeito Plínio Lemos, acusado da morte do ex-centrista e vereador Félix Araújo, e por ter retardado o pagamento das bolsas de estudos, como discorrido anteriormente.

#### **4.2 A favor da educação, contra Plínio Lemos: os enfrentamentos políticos dos centristas**

A Casa do Estudante Pobre foi um projeto idealizado pelos centristas para abrigar estudantes vindos de outras localidades do Estado para realizarem seus estudos em Campina Grande. Para tanto, a construção desse espaço tornou-se uma grande conquista para o CEC e para a educação na cidade, em consonância com os projetos educacionais que estavam sendo constituídos e pensados no contexto da década de 1950 e início da década de 1960.

Como discutimos anteriormente, o CEC recebia apoios do prefeito Elpídio de Almeida, bem como verbas municipais para a construção da Casa do Estudante. Contudo, na alternância de governo para Plínio Lemos<sup>115</sup> houve uma suspensão dessas “ajudas” e atrasos

---

<sup>115</sup> Plínio Lemos nasceu em Areia-PB no dia 03 de abril de 1903. Tornou-se Bacharel em Direito pela Universidade de Recife-PE em 1928. Participou da campanha da Aliança Liberal (1929-1930) e após o Golpe de 1930, ocupou entre 1931 e 1934 o cargo oficial de gabinete no Ministério da Aviação e Obras Públicas na gestão de seu conterrâneo, o paraibano José Américo de Almeida. Foi prefeito de Campina Grande entre 1951 e 1955. Em outubro de 1955 candidatou-se à Câmara dos Deputados. Continuou sua carreira política se elegendo para

no pagamento das bolsas de estudos doadas pela Prefeitura para alunos estudarem em escolas privadas, já que eram as únicas que possuíam o ensino secundário antes de 1953, com a criação do Colégio Estadual da Prata<sup>116</sup>. Na década de 1950 muitos estudantes de outras cidades do Estado concluíram seus estudos nesta cidade, receberam auxílio para estudar nessas escolas particulares através de bolsas de estudo pagas pela Prefeitura de Campina Grande-PB, a partir da nova Constituição para a Educação de 1945, que tinha, dentre as propostas: “facilitar a expansão do ensino privado, principalmente para os níveis secundários e superiores, ao oferece-lhes subsídios na forma de bolsas de estudo e auxílio na manutenção da infraestrutura dessas escolas, ao tratar da expansão do ensino em termos de incentivo à escola privada sem alterações importantes no ensino público” (HILDORF, 2003, p. 110-111) Pelo Decreto lei nº 116, de 17 de fevereiro de 1949, ficou assim autorizado:

---

vários cargos na Paraíba. Ainda em 1954, publicou um documentário *Ainda pela verdade*. Cf.: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br>>; <<http://cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 09 ago. 2014.

<sup>116</sup> Sobre a criação deste estabelecimento de ensino público secundário, cf.: SILVA, 2014.

Decreto nº 118

E/B/C.

Regulamenta a concessão de bolsas de estudo.

\*\*\*\*

O PREFEITO MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE, considerando a necessidade de regulamentar a concessão de bolsas de estudos instituídas pelo art. 13, único, da Lei Municipal nº 68, de 30-12-1948,

DECRETA:

Art. 1º - A obtenção de bolsas de estudos concedidas pela Prefeitura dependerá de requerimento ao Prefeito instruído com os seguintes documentos:

- a) - atestado de pobreza ou família numerosa passado por autoridade competente;
- b) - certificado de exame de admissão ou de conclusão da série do ano anterior com média global superior a seis;
- c) - atestado de boa conduta moral e escolar do estudante para quem se pleiteia a bolsa de estudos;
- d) - atestado de que o estudante e sua família residem no Município de Campina Grande.

Art. 2º - As bolsas de estudos podem ser requeridas:

- a) - pelos pais e tutores do estudante menor perante a Lei;
- b) - pelo próprio estudante quando de maior idade;
- c) - pelo Diretor do Grupo Escolar em favor de aluno concluinte do Curso Primário, reconhecidamente pobre e de excepcional inteligência e amor ao estudo.

Art. 3º - O número das bolsas de estudo concedidas pela Prefeitura é fixado em oitenta, destinando-se as mesmas exclusivamente a estudantes dos Cursos de Ginásio, Colégio e das Escolas de Comércio.

§ 1º - Em caso de falta de vagas para matrícula nas escolas primárias do Município e do Estado, o Prefeito auxiliará eventualmente o estudo de alunos do Curso Primário, em estabelecimentos de ensino particular, observados, porém, os dispositivos dos arts. 1º e 2º deste decreto.

§ 2º - O Prefeito eventualmente auxiliará também o estudo de aluno reconhecidamente pobre de curso superior que se tenha distinguido pela sua capacidade intelectual, observados sempre os dispositivos dos arts. 1º e 2º deste regulamento.

Art. 4º - A concessão de cada bolsa de estudo refere-se a um ano escolar, devendo o aluno contemplado com a mesma

- (cont.) -

Imagem 12 – Decreto nº 118/1949 regulamentando a concessão de bolsas de estudo, na gestão do prefeito Elpídio de Almeida  
Fonte: Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB

Decreto nº 118

- (cont.) -

requerer, no ano seguinte, nova bolsa de estudo até a conclusão do respectivo curso.

Art. 5º - O requerimento ao Prefeito para a obtenção de bolsa de estudo independe de selos, taxas e emolumentos municipais.

Art. 6º - O Prefeito poderá determinar a imediata suspensão da bolsa de estudo concedida ao aluno, cuja situação econômica e social, bem como a conduta moral e escolar, tenham deixado de satisfazer as exigências deste regulamento.

Art. 7º - O aluno reprovado em qualquer matéria de seu curso não terá direito, em hipótese alguma, à concessão de nova bolsa de estudo.

§ único - Fica excluída, para os efeitos do presente decreto, a reprovação do aluno dependente de exames de segunda época, com média superior a seis (6.).

Art. 8º - Não será concedida bolsa de estudo, em cada família, senão a um único estudante.

Art. 9º - Em igualdade de condições com os demais candidatos do mesmo curso, o aluno contemplado com uma bolsa de estudo no ano anterior terá preferência à concessão de nova bolsa de estudo no ano seguinte.

Art. 10º - Os alunos contemplados com bolsas de estudo anteriormente à data deste decreto, são obrigados a preencher as formalidades deste Regulamento para obtenção de nova bolsa de estudo, a partir de 1950.

Art. 11º - As bolsas de estudo concedidas anteriormente à data deste Decreto, cujo número exceda ao fixado no art. 3º, extinguir-se-ão com a conclusão do curso ou a reprovação do aluno contemplado.

Art. 12º - Todo estudante contemplado com bolsa de estudo da Prefeitura é obrigado a apresentar mensalmente, para controle do Departamento Municipal de Educação, o boletim completo de sua vida escolar fornecido pelo Diretor do estabelecimento de ensino onde estudar.

Art. 13º - Revogam-se as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE, em 17 fevereiro de 1949.

  
Elpidio de Almeida  
Prefeito

Imagem 13 - (Continuação) Decreto nº 118/1949 regulamentando a concessão de bolsas de estudo, na gestão do prefeito Elpidio de Almeida

Fonte: Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB

Esses cortes e atrasos nas bolsas de estudos e nos auxílios financeiros para o CEC por parte do prefeito Plínio Lemos, fez surgir oposições dos centristas e outros estudantes contra o referido gestor. Da mesma forma que houve as aproximações dos centristas com outros políticos locais em favor da educação, houve também os enfrentamentos contra aqueles que não apoiaram as lutas e projetos no espaço do CEC. Assim, naquele contexto de poucos incentivos à educação, ser contra os centristas, na visão da entidade, era se contrapor aos estudantes.

Em uma cidade em que existia uma entidade estudantil que possuía influência na política local, os centristas manifestavam posições favoráveis àqueles que de alguma forma estivessem aliados às suas ações, coisa que não foi sentida na administração do então prefeito Plínio Lemos. Disto, sucessivos acontecimentos levaram a confrontos desse grupo estudantil contra esse gestor<sup>117</sup>.

Nesse aspecto, as verbas municipais que foram destinadas ao CEC e, principalmente à construção da Casa do Estudante pelo prefeito Elpídio de Almeida, não foram mantidas pela gestão do sucessor, ficando apenas nas promessas de pagamento:

Segundo afirmação do Prefeito Plínio Lemos, o CEC receberá a partir do próximo mês de outubro, toda quota atrasada a que tem direito, isto é, Cr\$90,000,00, referentes à subvenção concedida pela Prefeitura Municipal à Casa do Estudante desta cidade (FORMAÇÃO, 06 out. 1952, p. 06).

É importante ressaltar esses atrasos não foram pagos e que durante as pesquisas não localizamos nenhum decreto da Prefeitura na gestão de Plínio Lemos referente às despesas do CEC ou mesmo informações sobre verbas destinadas à construção da Casa do Estudante. Na pesquisa identificamos através do livro-documentário do referido gestor (obra destinada à defesa diante das acusações sofridas na sua administração), alguns decretos e ofícios de recursos destinados à educação, tais como material escolar, construções e reformas de grupos escolares, entre outros. Ou seja, no livro o gestor não se refere ao porquê dos atrasos e suspensão das bolsas de estudos, apenas expõe que resgatou uma dívida pública deixada pelos

---

<sup>117</sup> As campanhas anti-Plínio estiveram ligadas aos confrontos políticos partidários na cidade, dentre os quais estiveram envolvidos Félix Araújo e Elpídio de Almeida, cf.: ALBUQUERQUE DO Ó, 1999; SYLVESTRE, 1982; 1988. Essas “brigas” partidárias não nos interessam no momento, apesar de ter havido ligações entre os centristas, consideramos que fugiria aos discursos de enfrentamentos dos centristas em torno das questões referentes à educação. Ainda que esses apoiassem partidos e políticos locais, não eram filiados até aquele momento ou não faziam parte. Para tanto, focaremos nos discursos sobre as oposições dos centristas contra o prefeito e que envolveu diretamente assuntos ligados à educação, aos próprios centristas e aos estudantes campinenses.

seus antecessores, reconhecendo que a prefeitura arrecadava uma quantia inferior do que era gasto nas despesas da cidade (LEMOS, 1955).

A citada obra, sustentada por vasta documentação, constituiu-se numa maneira de Plínio Lemos prestar contas, se defendendo das acusações desferidas por opositores, entre eles, os representantes do CEC:

Reequipei com novo projetor e aparelhagem de som o cinema educativo da Prefeitura. Recuperei, por encadernação, mais de mil livros da Biblioteca e mantive subvenções para o desenvolvimento de órgãos culturais como: Escola de Artes, Instituto Histórico, Associação de Imprensa, Aéreo Clube, Liga de Desportos, “os comediantes”, Associação Cultural Franco-brasileira, Departamento de Ação Social da Mocidade Presbiteriana, Bandas de Música da cidade e das vilas e várias escolas mantidas por entidades particulares. Com essas subvenções fixas despendem os cofres do município quase trezentos mil cruzeiros anuais (LEMOS, 1955, p. 243-244).

Apesar das realizações enumeradas na citada obra, ficaram na memória local os ataques emitidos pelos representantes do CEC, dando conta das suspensões com as despesas da entidade e os atrasos nos pagamentos das bolsas de estudos:

**A Prefeitura é um mercador de votos** - [...] Vinha prefeitura municipal, desde a administração Elpídio de Almeida, mantendo, com religioso interesse, uma bolsa de Estudo para a mocidade pobre nos nossos educandários de Ensino Secundário. Eram centenas de rapazes e moças, desajudados de recursos econômicos, que o Poder Público amparava, na função que lhe é constitucional atribuída de prover à educação do povo. A BOLSA DE ESTUDOS criada pela administração Elpídio de Almeida, continuará, sem qualquer alteração, no Gôverno transitório ao Snr. Pedro Sabino. Assume o poder Snr. Plínio Lemos. E nos primeiros dias de 1952, o Snr. Plínio Lemos surpreendentemente, numa traição aos ideais da Coligação Democrática Paraibana, que o elegera, e num rompimento com a mais salutar das tradições administrativas da comuna cogita em extinguir a Bolsa de Estudos (JORNAL DE CAMPINA, 19 abr. 1953, p. 03-04) (Grifos nossos).

Percebem-se os jogos discursivos com relação as suspensão das bolsas de estudo, pois, no Decreto nº 118/1949 (imagens 12 e 13), ficaram estabelecidos que fossem fixados pela Prefeitura 80 bolsas de estudos, não centenas, como quis mostrar o *Jornal de Campina*, em uma nítida demonstração de colocar a opinião pública contra as medidas do Prefeito. Percebe-se, também, que o CEC assumiu o protagonismo no conflito com a prefeitura em relação à

educação. Nesse revide de reivindicações, o CEC, com apoio de entidades docentes da cidade, ameaçava com greves e paralisações, caso não fossem cumpridos os compromissos da gestão com o pagamento dos bolsistas dos colégios Pio XI e Alfredo Dantas, como sugeriu a imprensa à época: “148 alunos que estão na iminência de perder o ano” (JORNAL DE CAMPINA, 05 out. 1952, capa). E ainda acrescentou:

Pagou, na ultima sexta-feira, apenas Cr\$13, 700, 00 a cada colégio, de uma dívida que monta a Cr\$161, 483, 00. Dívida bem pequena para uma prefeitura que arrecada muito. E porque V.Excía. não paga o restante. Porque a V.Excia. pouco importa que esta benemérita obra criada pelo seu antecessor Elpídio de Almeida, as Bolsas de Estudos para alunos Pobre, vá de águas abaixo. Porque V.Excia. negando tal pagamento mostra possuir um coração de pedra ante o sofrimento alheio. Porque V.Excía., cortando tais Bolsas vái de encontro a Constituição que manda empregar no mínimo 20% da arrecadação para fins educacionais. Tudo isso, V.Exci. póde ter sido um bom deputado, como prefeito é um mau administrador. Um péssimo administrador. Saudações (JORNAL DE CAMPINA, 05 out. 1952, capa).

Para tornar os discursos mais persuasivos, o editorial utilizou dados financeiros e reiterou as ações da administração de Elpídio de Almeida para enfatizar excessivamente o fato. Desta forma, os atrasos dos pagamentos e a consequente suspensão das bolsas de estudos levaram a repetições sistemáticas de matérias desse jornal e do *Formação*, em que evidenciavam legendas com críticas em torno das referidas questões.

Além disso, publicaram matérias em que evidenciavam as reações dos proprietários das entidades escolares e a consequente contraposição dos centristas, expondo um clima de embate público entre a *classe estudantil* e a gestão municipal. Segundo o jornal *Formação*, tanto essa *classe* como a população, os jornalistas e os intelectuais locais, condenavam as atitudes arbitrárias do prefeito, cabendo aos centristas à incumbência de julgar os atos do alcaide contra os estudantes campinenses: “o Presidente do Centro Estudantal, atendendo ao apelo de mais de 150 alunos<sup>118</sup> na iminência de perderem o ano que cursavam, dirigiu-se ao Sr. Plínio Lemos, exigindo as medidas que o caso requeriam” (FORMAÇÃO, nov. 1952, ano 17, n. 07, p. 02).

O nível de beligerância aumentou, isso porque no mês de setembro os diretores dos colégios Pio XI e Alfredo Dantas deliberaram que no mês de outubro os alunos mantidos pela

<sup>118</sup> Não encontramos informações sobre a quantidade exata de bolsas de estudos oferecidas aos estudantes campinenses, se mais estudantes foram contemplados para além dos previstos no Decreto nº 118/1949 (imagens 12 e 13).

prefeitura não mais poderiam assistir às aulas, em virtude de não ter sido paga nenhuma mensalidade do ano em curso, expondo que já haviam enviado ao prefeito dois ofícios comunicando o ocorrido. Como não foram cumpridos os acordos, o *Jornal de Campina* noticiou um *Bilhete ao Snr. Prefeito da Cidade Snr. Plínio Lemos*, representativo para mostrar esse clima de tensão:

Ou V.Excia. fará o pagamento antes do de 15 de novembro próximo, ou prejudicará 148 alunos pobres. Lembre-se, dr Plínio, que os pais desses alunos voltarem em V.Excia. depositando um enorme crédito de confiança pelo que V.Excia, venha a fazer. Não decepcione esses pobres pais de família, gente essa que pertence a sua corrente política. Saudações (JORNAL DE CAMPINA, 26 out. 1952, capa).

O editorial buscou enfatizar a deslealdade e descompromisso do gestor junto a essa parcela da população, provocando insatisfações de pais de alunos, e por consequência, repúdio por parte de eleitores do prefeito. Desta forma, pode-se depreender o papel da imprensa no desenrolar dessa crise, abrindo espaços para os que se consideravam prejudicados (estudantes) e colocando-se como braço em favor da educação.

As divergências políticas do citado órgão de imprensa com o gestor Plínio Lemos tornaram-se ainda mais acentuadas no início da década de 1950, quando da inauguração do Colégio Estadual da Prata em janeiro de 1953, suspendendo em absoluto o pagamento das bolsas de estudos. De modo que assim noticiou: “agora com a criação do Colégio Estadual que será inaugurado no próximo dia 31, o chefe do Executivo municipal cortou abruptamente tôdas as bôlsas escolares que vinham sendo mantidas pela Prefeitura” (JORNAL DE CAMPINA, 25 jan. 1953, p. 06).

Desta forma, o argumento utilizado na matéria sobre a inauguração da instituição escolar pública (Colégio da Prata) indicava que com essa nova realidade a Prefeitura se absteria de continuar investindo em bolsas de estudos para o ensino secundário privado. Todavia, o impresso ressaltava que os cortes de tais benefícios estudantis se efetivaram um ano antes da criação do Colégio da Prata, em 1952, ou seja, já mesmo no início da gestão do referido prefeito. No livro que lançou em sua defesa, o gestor não manifestou interesse em justificar as razões para os cortes e suspensões dos benefícios, apesar dos ataques e acusações desferidas pelo Legislativo municipal.

Na esteira das mobilizações e protestos, a imprensa buscou evidenciar as insatisfações com a suspensão de aulas e as consequentes reações dos estudantes, a exemplo das greves, instrumento utilizado no enfrentamento ao gestor municipal.

Essas greves dos estudantes foram uma das possíveis soluções encontradas pelos centristas para os problemas dos atrasos e suspensões das bolsas de estudo, em que tentaram incorporar o maior número possível de adeptos, ficando assim noticiadas no *Jornal de Campina* (30 set. 1953): “Greve geral dos Estudantes. Hoje, às 20 horas na sede social do ‘Centro Estudantil Campinense’, Assembléia Geral dos Estudantes – A mocidade em defesa dos postulados democráticos – Manifesto do ‘Centro Estudantil’ – A União Universitária apoia o movimento” (JORNAL DE CAMPINA, 30 set. 1953, p. 04).

Pode-se dizer que dar condições de moradia e acesso à escola, como soluções para os problemas educacionais naquele contexto, foram as principais preocupações dos centristas. Mas, tais reivindicações geraram conflitos políticos no cenário local que foram além do previsto, pois suscitaram discursos que envolveram questões relativas aos problemas da instrução e da ineficiência na educação pela falta de incentivos e recursos para vencer os desafios do analfabetismo.

De acordo com Gaudêncio (2012), para os intelectuais campinenses a educação deveria crescer junto com a saúde e a economia, e isso não poderia ocorrer somente com a intensificação de criação de colégios, mas também com a criação de outros espaços de incentivo à leitura e à escrita, como as bibliotecas e grêmios estudantis, que incentivariam o letramento da população.

Por ser Campina Grande uma cidade politizada em relação aos problemas cotidianos, os centristas se inseriram nessa teia discursiva para exprimirem aquilo que consideraram de importância para a *classe estudantil*. E mais, dada a temperatura política da época, de intensa manifestação e participação nos poucos espaços de sociabilidades, estudantes e intelectuais uniram-se em oposição às determinações administrativas do prefeito Plínio Lemos, com relação aos estudantes campinenses, pois, como tal, julgavam nocivas às questões do desenvolvimento do conhecimento, cultura e arte.

Nesse cenário, para além dos enfrentamentos contra Plínio Lemos, os centristas se manifestaram em favor da melhoria no acesso de estudantes à educação. Tal melhoria esteve relacionada à construção da Casa do Estudante Pobre e da manutenção das bolsas de estudos. Para isso ser possível, empreenderam campanhas nos jornais defendendo suas ações como algo legítimo e necessário a ser conquistado em favor da instrução<sup>119</sup>. Não à toa os centristas

---

<sup>119</sup> Nesse contexto, sucederam notícias, matérias e artigos de opinião no *Jornal de Campina* (1952-1954) denunciando as irresponsabilidades da administração de Plínio Lemos, em que expuseram o que consideraram como falta de interesse pela educação e pelos estudantes: *A mocidade contra a corrupção; Plínio Lemos está devendo onze milhões de cruzeiros; Plínio quer cobrar o imposto predial dos colégios; Alerta estudantes*

tiveram apoio do jornalismo local, em especial do *Jornal de Campina*, que os destinou uma coluna regular, *O Mundo Estudantil*. Por sua vez, se apropriaram desse impresso e manifestaram seus descontentamentos, fazendo das suas falas uma expressiva arma política. Para tal, expuseram discursos para tentar desqualificar as ações da Prefeitura através da matéria *Plínio Desvirtua a finalidade do Ensino*, em que jogaram com as ocasiões e colocaram o gestor contra os outros estudantes: “atualmente, entretanto, a degradação do ensino é lastimável. Não servem a criação de mais escolas ou o aumento do quadro de professores, se estes estão sendo aproveitados por imposição dos políticos para finalidades eleitorais” (JORNAL DE CAMPINA, 25 mar. 1953, p. 04).

Nesse “jogo” conflituoso, parte da imprensa campinense foi considerada um braço das ações políticas (GAUDÊNCIO, 2012), tratando através de insistentes matérias sobre os mesmos assuntos e buscando a adesão e sensibilidade da opinião pública. Desta forma, o uso da imprensa pelos centristas como veículo de expressão e defesa de suas ideias e lutas, mobilizou o público leitor para as causas que consideraram relevantes. Para tanto, “o jornal impresso tem proximidade com os acontecimentos de caráter polêmico, relacionando-se com a cidade e dando noção da trama dos conflitos e experiências sociais, gerando assim uma ampla perspectiva da sociedade e de seus problemas” (OSINSKI; BRANDALISE, 2015, p. 191).

Assim, os centristas articularam discursos no *Jornal de Campina*, órgão esse de intensa oposição a Plínio Lemos, em que os leitores visualizariam uma imprensa que teria como papel “alertá-los” a se posicionarem contra a administração do referido gestor. Há ainda que se acrescentar a repetição de um discurso legitimador falando como oradores e portadores de um ideal de verdade com relação às consequências da política situacionista para a educação.

Esse jornal, ao manifestar contraposição ao prefeito, colocou-se como aquele que “defendia” os interesses não apenas dos estudantes, mas também de toda a população, denunciando os problemas pelos quais passava a cidade. Desta maneira, foi considerado como um “forte instrumento de oposição aos governos local, estadual e da República com sua linguagem extremamente agressiva, apaixonada, parcial e concentrava sobre o Prefeito toda a sua força” (ALBUQUERQUE DO Ó, 1990, p. 200).

---

*campinenses; O secretário contra a Casa do Estudante; Plínio não pagou os colégios; Só Plínio não cumpre; Pânico entre os estudantes; Ultimátum dos colégios ao Prefeito Plínio Lemos; Bolsa de estudo; O dedinho dos políticos; Bilhete ao Sr. Plínio Lemos.*

Em contrapartida, os diretores e editores do *Jornal de Campina* receberam críticas de Raymundo Asfora no jornal *O Globo*, através do artigo de opinião intitulado ‘*Jornal de Campina*’ ou *Jornal de Campanha*. Com jogos de palavras e trocadilhos, esse ex-centrista se posicionou da seguinte forma:

Aí meu Deus do Céu amoroso... poderíamos dizer como o Dr. Plínio Lemos, em face da nova folha domingueira dos nossos particulares amigos William Ramos Tejo e Virginius da Gama e Melo. É mesmo uma coisa louca, esse jornalzinho *sthendaliano* (*sic*), pela tonalidade vermelha e preta dos seus tipos. Apolítico, mas nunca apático (não seria uma boa legenda Virgínius?) DANADO DO TIPOGRÁFO achou de misturar a colaboração... Só pode ter sido Wiliam Tejo! Sabe de uma coisa? Foi mesmo. William é contra o Prefeito da cidade...William é contra o Governo... William é do contra... Quando eu vi William como um dos diretores, em vez de ‘jornal de campina’ quase que eu lia ‘jornal de campanha (O GLOBO, 14 jul. 1952, capa).

Esse momento foi compreendido pela simbiose que o *Jornal de Campina* nutriu com os temas relativos à administração do prefeito, expondo na coluna regular *A cidade e seus problemas*<sup>120</sup>, transtornos pelos quais passavam a população, que quase sempre eram os mesmos: ruas esburacadas, falta d’água, animais soltos nas ruas e falta de limpeza urbana. Na matéria *O Povo faz o que Plínio não quer fazer*, ficou assim colocada: “os buracos e as matas não esperam e o povo da região desesperançado do poder público decidiu fazer o que ele não fazia. E construiu a estrada. É a maravilhosa verdade – o povo fez o que o governo não fazia” (JORNAL DE CAMPINA, 28 set. 1952, capa). Induzindo assim, a população a atuar como atores políticos. Na falta de administração o povo foi para as ruas e tomou para si o que seria de responsabilidade dos órgãos públicos.

O jornal *O Globo* (14 jul. 1952) também manifestou melhorias para a população denunciando a falta de limpeza pública: “quem anda pelas ruas da cidade, não pode deixar de observar a sujeira que se espalha pelos seus quatro cantos [...] é visível o descaso por parte da fiscalização e dos funcionários responsáveis pela limpeza e higiene da cidade” (O GLOBO, 14 jul. 1952, capa).

Não é de se estranhar que jornais denunciassem certas irregularidades da administração no contexto ao qual estiveram inseridos. Mas, presenciamos os jogos

<sup>120</sup> Além dessa coluna, o *Jornal de Campina* possuía outra coluna, *O momento político*, com a colaboração de Cristino Pimentel, que discorreu também sobre assuntos relacionados à administração deste gestor. Alguns dos artigos publicados foram: *O Prefeito Plínio Lemos*; *Argemiro de Figueiredo desmascara Plínio Lemos*; *O povo reclama*; *Dois anos de governo*; *Desordeiros armados rasgam o Jornal de Campina*.

discursivos daqueles que estiveram à frente desses impressos e as intencionalidades desses discursos ao denunciarem as irregularidades da gestão de Plínio Lemos no momento em que os centristas lutavam pela concessão das bolsas e pela construção da Casa do Estudante.

Contudo, enquanto o *Jornal de Campina* e *O Globo* denunciavam as irregularidades da administração de Plínio Lemos, o jornal *O Rebate* expôs a ajuda do referido prefeito quando da seca que assolou o Nordeste no início da década de 1950, em que esse teria amparado os emigrantes que se instalaram na cidade de Campina Grande. Chamando-o de “vanguardeiro do ruralismo campinense”, esse impresso assim se expressou diante das atitudes do gestor:

Três anos de seca consecutiva, martirizam o Nordeste refletindo-se com todo o seu macabro cortejo e nosso município que se sentiu privado de água e gêneros alimentícios. E todo mundo corria para Campina pela forma de seu grande comercio e desenvolvimento de sua indústria [...] Tornou-se Plínio um obcecado do problema ruralista, acudindo com amor e espirito de sacrifício às populações campezinas, traduzindo-se essa ação e medidas com eficientes amparos a agricultura pobre (O REBATE, 04 out. 1951, p. 04).

Para tanto, se no *Jornal de Campina* a coluna *Mundo Estudantil* foi editada pelos centristas ou por estudantes ligados ao CEC, também no jornal *O Globo* o editorial foi composto por participantes dessa entidade, a exemplo de Josué Sylvestre e José Elmano Cavalcanti. Assim, diante de toda essa teia discursiva, os centristas participaram, direta ou indiretamente, dos discursos posicionados sobre e contra o prefeito, o que pode ter influenciado nas suas ações em favor da educação. E mais, eram colocadas também as relações de poder existentes entre eles e que manifestaram não apenas oposição ao gestor, como também conduziram tais discussões.

Essas relações de poder mantiveram-se atuantes devido às ligações dos centristas com a imprensa local. Além de possuírem colunas regulares nos jornais, alguns deles escreviam artigos e matérias, a exemplo de Noaldo Dantas, que também exercia a função de jornalista profissional à época como representante do CEC, que se empenhou nas suas escritas na defesa da *classe estudantil*.

Outro exemplo é Josué Sylvestre, que além de redator-secretário no jornal *O Globo*, possuía uma coluna regular intitulada *É o seguinte...*<sup>121</sup>, em que posicionou-se, em quatro dos nove jornais catalogados, a favor de Elpídio de Almeida e contra Plínio Lemos, e trazia

---

<sup>121</sup> Fonte: jornal *O Globo* (28 jul. 1952; 18 ago. 1952; 25 ago. 1952; 01 set. 1952).

notícias sobre as atuações dos centristas. Nas colunas, o centrista se apropriava desse órgão da imprensa para manifestar os apoios e enfrentamentos da sua *classe*, e colocava suas ideias para um número maior de leitores.

Desta forma, a imprensa “não só assimilava interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas se constituía, com muita frequência, em espaço privilegiado da articulação desses projetos” (OSINSKI; BRANDALISE, 2015, p. 187). Para tanto, a articulação dos centristas com os meios de comunicação também tinha relação com a ideia de uma cultura política na cidade. Esse objetivo, de utilizar os jornais para manifestações políticas, foi seguido pelos estudantes campinenses para as suas reivindicações e fizeram das páginas desses impressos suas tribunas privilegiadas.

A criação de jornais na cidade foi constante entre os intelectuais, os estudantes, os grêmios estudantis e os colégios nas primeiras décadas do século XX (GAUDÊNCIO, 2012), auxiliando nas suas manifestações políticas e literárias e atuando como difusor de suas ações e ideologias. De acordo com Motta (2009), os impressos:

São veículos fundamentais na divulgação e disseminação dos valores das diferentes culturas políticas, e são usadas propositadamente com tal fim. Nos textos dos livros e jornais, e também nas suas imagens visuais, desfilam heróis (e, tão importante quanto esses, os desprezíveis inimigos), mitos, símbolos e os valores morais do grupo, e nessas publicações, muitas pessoas encontram motivação para identificar-se e aderir (MOTTA, 2009, p. 24).

Assim, além de um espaço importante de direcionamento de opiniões, os jornais influenciavam nas representações daqueles que estiveram à frente de suas edições, como sujeitos privilegiados, já que suas opiniões e discursos se tornavam “o mundo real para o leitor” (BARBOSA, 2007, p. 186).

Para isso, um personagem foi determinante nesse campo de disputas e enfrentamentos dos centristas contra o prefeito nesse espaço de opiniões: o ex-centrista e vereador Félix Araújo. A lógica discursiva no *Jornal de Campina e Formação* – envolvendo críticas, confrontos e campanhas contra Plínio Lemos – foi marcada pelas ações de Félix, como aquele que deu o primeiro passo ao contestar as contas do referido prefeito<sup>122</sup>, algo que legitimou não

---

<sup>122</sup> Segundo Josué Sylvestre (1982, p. 341), “as divergências frontais do vereador Félix Araújo com o Prefeito Plínio Lemos começaram quando o dirigente do município tentou realizar um empréstimo, de cuja fundamentação e destinação Félix discordou, e culminaram com a análise das contas da Prefeitura relativas ao exercício de 1952”. O *Jornal de Campina* (09 ago. 1953, p. 03), que teve como um dos colaboradores Félix Araújo, trouxe fotocópias com documentos que comprovariam essas irregularidades da administração do referido gestor (ver anexo 07).

apenas a luta dos centristas em favor das bolsas de estudos e da construção da Casa do Estudante, mas também das campanhas anti-Plínio. Em contrapartida, foram publicadas ações que teriam sido da realização do mandato do citado vereador e que beneficiaram a educação na cidade naquele contexto:

Quando Félix assumiu (a Secretária de Educação), criou o Cinema Educativo, levando-o aos bairros e distritos, ampliou o programa de Bolsas de Estudos para estudantes pobres e fazia uma prestação de contas pela imprensa de tudo que era realizado. Com ele, o programa foi levado ao extremo zelo. Mandou vários professores ao Rio de Janeiro para participar de Cursos de Aperfeiçoamento no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP, sob a direção do Dr. Murilo Braga que veio a Campina Grande acompanhar de perto nossa experiência (ALBUQUERQUE DO Ó, 1990, p. 81).

Sobressaindo a imagem daquele que sempre se envolveu no ambiente das letras (além de escritor e jornalista, foi bibliotecário e abriu uma livraria-sebo que vendia livros novos e usados, secretário de educação) e trabalhando na área educacional, as ações de Félix Araújo foram justificadas e apoiadas quando decidiu reprovar as contas do prefeito, tornando, desta forma, um clima tenso na política campinense, o que culminou com o seu assassinato<sup>123</sup>.

O que inicialmente era uma luta em favor dos estudantes se tornou um confronto que tomou proporções políticas e pessoais. No contexto em que os centristas denunciavam a intransigência da prefeitura com os estudantes e os cortes de verbas para o CEC, houve um acontecimento na cidade que culminou com a morte do ex-centrista e vereador Félix Araújo. O jornal *Formação* (ago. 1953, ano 18, n. 01) nas reportagens com relação ao fato, além de denunciar e exigir justiça, colocou a morte do ex-centrista como “bandeira de luta”.

Assim, o assassinato do vereador constituiu-se no principal assunto do jornal de oposição ao prefeito, denunciando e cobrando punição dos culpados pelo crime. Em suas

---

<sup>123</sup> Ao reprovar as contas do Prefeito, Félix Araújo teria protocolado e levado os documentos relativos às contas municipais para a sua residência e no “dia 13 de julho de 1953 ao descer da Câmara, àquela época funcionando no 1º andar do prédio 146 da rua Maciel Pinheiro, esquina da rua Simeão Leal, Félix dirigiu-se a pé, até um ponto de táxi (então chamados ‘carros de praça’ ou ‘carros de aluguel’); [...] na sacada do primeiro andar da Prefeitura [...] estava João Alves de Brito, conhecido como João Madeira. [...] Ao ver Félix indo em direção à praça de carros, João Madeira desceu, atravessou a rua Maciel Pinheiro e dirigiu-se a Félix, a essa altura, já se acomodava no banco dianteiro de um carrinho ‘Perfect’. [...] O diálogo entre Félix e João Madeira foi rápido e duro, pois a intenção inicial do criminoso é possível que tenha sido apenas a de desmoralizar Félix Araújo, arrebatando os documentos que o vereador sobraçava acondicionados em pastas de arquivo. O criminoso consegue retirar Félix do carro e dominá-lo completamente e encosta o cano do seu revólver nas costas de Félix. Nesse momento ouvem-se os tiros” (SYLVESTRE, 1982, p. 342-343). Félix Araújo morreu 14 dias após o atentado.

páginas, o *Jornal de Campina* instigava a população para se posicionar contra o grupo político da situação e diante das eleições municipais que já se aproximavam.

A cidade, segundo esse jornal, sentia-se insultada com o “bárbaro assassinio” e acrescentava: “Saia de Campina, Dr. Plínio Lemos” (JORNAL DE CAMPINA, 14 jul. 1953, capa). Em outra matéria, *Campina Grande ameaçada - massacre em via pública*, o impresso procurou evidenciar a reação da população, generalizando o sentimento de medo e tristeza: “Campina Grande em peso chora a perda do seu querido vereador” (JORNAL DE CAMPINA, 14 jul. 1953, p. 02). E completou: “Ninguém quer se conformar com a morte do bravo” (JORNAL DE CAMPINA, 14 jul. 1953, p. 02).

Apenas com essas matérias percebemos que o jornal procurava de fato incitar as reações populares sobre o assassinato, identificado através do nome da cidade, Campina Grande, a revolta por um crime que deveria ser visto como brutal, bárbaro e revoltante. Desta forma, seguiu-se uma comoção entre a população, inclusive entre os estudantes, que se uniram para acusar o prefeito como suposto mandante:

Os estudantes em praça pública: ACUSAM PLÍNIO - O <<Centro Estudantal Campinense>> ontem, pela voz autorizada dos seus mais legítimos representantes acusaram em comício popular, o prefeito Plínio Lemos, como autor intelectual da morte do vereador Félix de Sousa Araújo. O governador do Estado, Sr. João Fernandes, deu todas as garantias necessárias aos moços campinenses. Hoje à noite haverá um comício da “União Universitária Campinense”; pedimos ao povo campinense para comparecer em peso ao comício de hoje pois, ali serão feitas sensacionais revelações em torno das “escusas” contadas do prefeito Plínio Lemos (JORNAL DE CAMPINA, 28 jul. 1953, p. 03).

Ao longo dos dias foram editadas muitas notas, reportagens e artigos de indignação, solidariedade e tristeza pelo assassinato do ex-centrista e vereador e a busca por justiça. Os discursos sobre o atentado e morte de Félix Araújo geraram um sentimento de indignação entre os intelectuais, a população e os estudantes campinenses. O vereador morto se tornou um ícone do “anti-plinismo”. Assim, as matérias giravam em torno daquele personagem: notícias sobre seu estado clínico, sua morte, os motivos que levaram ao atentado, a comoção da população, a luta dos estudantes por justiça, as acusações ao prefeito, mensagens de apoio e biografias do vereador<sup>124</sup>.

<sup>124</sup> Algumas dessas matérias publicadas no *Jornal de Campina* (1953) sobre o atentado e morte do vereador Félix Araújo, escritas principalmente por estudantes e intelectuais locais, sentenciaram e condenaram Plínio Lemos pelo crime: *Peguem esse bandido de Plínio Lemos que roubou os documentos do povo; Saia de Campina, Dr.*

A imprensa deu ampla cobertura ao fato, contribuindo para que houvesse pressão a fim de que os considerados culpados fossem punidos. O fato assumia maiores proporções à medida que Plínio Lemos era acusado de mentor intelectual do crime. Nesse cenário de beligerância, os estudantes construíram-se numa das categorias mais engajadas no acirramento para que o crime não ficasse impune. O *Jornal do Estudante* assim se declarou diante desse contexto:

**Félix, continuaremos a tua luta** - O povo de Campina Grande chora a perda do seu grande batalhador, chora porque sabe que ninguém será capaz de substituí-lo. Mataram Félix Araújo, afim de fazer calar a voz que dizia a verdade ao povo desta terra, cumprindo com bravura o mandato que o povo lhe confiou. Hoje, está inerte, porém a mocidade permanece viva, nós estudantes continuaremos a lutar pela liberdade. O espírito de FÉLIX, continuará no seio da classe estudantil, incentivando-a esta batalha pela libertação de Campina [...] FÉLIX, defensor intransigente do pobre, amante da liberdade, positivo nas horas precisas, cidadão honesto e pai de família exemplar [...]. Vai FÉLIX, aqui, ficam os teus colegas, os continuadores da tua luta (JORNAL DO ESTUDANTE, agosto 1953, ano 01, n. 01, capa).

Desse modo, a atuação dos centristas e de outros estudantes se norteava prioritariamente pelas denúncias e ativas mobilizações contra a candidatura de Plínio Lemos e seus aliados nas eleições que se seguiram<sup>125</sup>. A crise gerada pelo assassinato de Félix Araújo foi fator determinante para as incursões dos centristas nessas disputas eleitorais. As declarações e posicionamentos dos centristas sobre esse acontecimento demonstravam a força dos seus engajamentos, enfrentamentos e aproximações nas eleições municipais, apoiando opositor Elpídio de Almeida e se posicionando contra o candidato situacionista, Severino Cabral, e nas eleições estaduais, em que estabeleceram forte oposição do candidato ao senado Assis Chateaubriand<sup>126</sup>, apoiado por Plínio Lemos:

O nosso engajamento na campanha do Dr. Elpídio era uma maneira de fortalecer a oposição e derrotar o oficialismo. Não tinha nada contra Cabral, alguns estudantes eram até simpatizantes da sua candidatura e nele votaram,

---

*Plínio Lemos; Criminoso, Criminoso é; Plínio Lemos deve renunciar o mandato; Alto lá, Plínio; A mocidade ao lado de FÉLIX ARAÚJO; Era um brilhante orador, Amaldiçoado !!!; Desfaçatez de Plínio Lemos; Plínio quer lançar a culpa nos outros; Saia de Campina, Dr. Plínio Lemos.*

<sup>125</sup> No pleito estadual de 1954 Plínio Lemos venceu as eleições para deputado federal. Já nas eleições municipais em 1955, Elpídio de Almeida venceu Severino Cabral, esse apoiado por aquele gestor. Cf.: CARNEIRO, 2011.

<sup>126</sup> Nessa eleição estadual de 1955 foi fundado o *Comitê Estudantil Contra Candidatura Chateaubriand*, tendo como presidente Ronaldo Cunha Lima, como vice-presidente Edvaldo Perico, como secretário Orlando Tejo Filho e como tesoureiro Francisco Barbosa Duarte Neto.

mas a maioria lembrava os dias negros de 1953 (Depoimento ex-militante estudantil s/d apud NASCIMENTO, 1990, p. 142).

O envolvimento dos estudantes com o sentimento de comoção da população diante do vereador morto foi sem dúvida o grande momento dos centristas que queriam ingressar na vida política partidária. Para isso, imprimiram um caráter oposicionista contra aquele que foi acusado do assassinato, tomando partido na candidatura de políticos que melhor viabilizassem a derrota dos responsáveis pelo crime. E foi nesse contexto de “revanchismo” que os centristas participaram da campanha política, aliando as forças opositoras a Severino Cabral, candidato apoiado por Plínio Lemos.

Essa oposição foi sentida também nas urnas, no pleito por vagas no poder legislativo municipal: “no pleito de 1955, concorreram e conseguiram vagas na Câmara dos vereadores os seguintes ex-militantes do CEC: Raymundo Asfora, Noaldo Dantas, Oliveira Oliveiros” e Evaldo Cruz (NASCIMENTO, 1990, p. 146). Sendo assim, os centristas e ex-centristas viabilizaram estratégias necessárias para garantir seus esforços no poder político local: “o assassinato de Félix Araújo nos levou num primeiro momento, a tomarmos partido e engajamento nas eleições” (Depoimento funcionário público municipal, s/d apud NASCIMENTO, 1990, p. 161).

Nesse cenário, as eleições de 1954 e 1955 foram marcadas pelo sentimentalismo e revanchismo, que respingaram na derrota de Severino Cabral e na consequente vitória de Elpídio de Almeida para prefeito de Campina Grande, como resposta ao suposto envolvimento de Plínio Lemos na morte de Félix Araújo.

Esse envolvimento nas eleições pôde ser refletido pelas intensas mobilizações estudantis em torno das comissões na Câmara de vereadores para analisar as contas de Plínio Lemos. “Através de reuniões, atos públicos, entrevistas, as lideranças estudantis e os vereadores da oposição se esforçaram ao máximo, a fim de continuar a luta de Félix” (SYLVESTRE, 1988, p. 27). Contudo, em dezembro do mesmo ano do assassinato, 1953, na última sessão da Câmara, as contas do prefeito foram aprovadas por seis votos contra cinco e não houve julgamento criminal acerca do seu suposto envolvimento na morte do vereador.

Findadas as eleições de 1955, período em que também deixou a Prefeitura de Campina Grande, Plínio Lemos escreveu o citado livro-documentário *Ainda Pela Verdade*, em que expôs as acusações sofridas por alguns vereadores. Em documentos e ofícios, buscou elucidar denúncias através de depoimentos, apurações, defesas e entrevistas. Ainda trouxe anexados documentos comprobatórios (por meio de ofícios, cópias, comissão de inquérito

administrativo, certidão, recibos, pagamento em livro caixa, fotocópias), em que buscou se defender e justificar a aprovação de suas contas enquanto prefeito.

Portanto, o ex-prefeito finalizava a obra com uma entrevista concebida ao jornal *O Norte*, em 06 de janeiro de 1955. Depois de aprovadas as suas contas, Plínio Lemos se candidatou a deputado federal nas eleições estaduais de 1954, vencendo como o quarto deputado mais votado na Paraíba, algo que contrariou as expectativas oposicionistas do seu mandato municipal.

## 5 A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE CAMPINENSE: UM ESTUDO PROSOPOGRÁFICO

### 5.1 A construção discursiva do espaço do Centro Estudantil Campinense: diálogos com uma educação extraescolar

O espaço do CEC não foi apenas erguido através dos seus muros, mas também foram construídos discursos e narrativas, principalmente no jornal *Formação* e em outros que os centristas se apropriaram para criar um lugar de pertencimento à *classe estudantil*. Para tanto, aquele jornal foi um espaço em que se constituíram as memórias de lideranças centristas e o CEC como um lugar de formação extraescolar da juventude campinense através de discussões políticas e literárias.

Foi mediante essas representações de lideranças que centristas também puderam se inserir na política partidária local. Não que as suas participações no CEC já dariam essas oportunidades, mas por meio de seus próprios discursos eles/as anuíram e julgaram as suas inserções na política a partir das experiências de formação nessa entidade estudantil.

É o que podemos presenciar nas escritas do ex-centrista senhor José Morais Lucas<sup>127</sup>, ao escrever para o site *Paraíba Online* um artigo intitulado *Tributo ao Poeta Ronaldo Cunha Lima*, narrando suas memórias sobre o que foi essa entidade estudantil para aqueles/as que dela participaram:

O primeiro mandato de Ronaldo Cunha Lima foi conquistado em 1959, quando se elegeu vereador em Campina Grande pelo Partido Trabalhista Brasileiro, que tinha o senador Argemiro de Figueiredo como chefe do partido no Estado e no município. Mas não foi esta a sua primeira experiência com as urnas. Foi no extinto Centro Estudantil Campinense, verdadeira escola de líderes, onde Ronaldo estreou bem ao gosto daquele adolescente que já encontrava com a sua oratória, pedindo votos para o irmão Fernando, duas vezes eleito presidente daquele órgão, bem como para ele próprio, duas vezes eleito para o conselho e representante [...] Além da poesia e da oratória, tinha um charme que facilmente conquistava os votos,

---

<sup>127</sup> José Morais Lucas foi líder estudantil e centrista entre os anos de 1955 e 1960, tendo ingressado no CEC primeiramente como representante, aos 15 anos de idade. Em 1956 foi eleito para o Conselho dos Representantes, ocupando os cargos de Secretário de Imprensa e Diretor do jornal *Formação*. Em 1958, foi eleito vice-presidente, “numa chapa que teve como presidente o intrépido Figueiredo Agra” (José Morais Lucas, entrevista concedida à autora em: 06 mai. 2014). Encerrou suas atividades no movimento estudantil no ano de 1961, quando ingressou na Faculdade de Medicina no Recife. Hoje é médico, jornalista e membro da Academia de Letras de Campina Grande.

principalmente da ala feminina, que costumava ler a sigla RCL como Ronaldo Coisa Linda (LUCAS, 2014, s/p)<sup>128</sup>.

Nesta mesma coluna, ao escrever suas memórias sobre Ronaldo Cunha Lima, o ex-centrista aditou uma pequena biografia dessa entidade e um quadro com alguns nomes, além do citado homenageado, dos que participaram da política paraibana:

O Centro Estudantal Campinense, gloriosa entidade fundada em 1935 e extinta em 1964, por onde passaram outras figuras como Ivandro Cunha Lima, Raymundo Asfora, Juarez Farias, Fernando Cunha Lima, Roberto Chabo, Evaldo Gonçalves, Figueiredo Agra, Juracy Palhano, Agnello Amorim, Auxiliadora Bezerra Borba, Oliveiros Oliveira, Jovaní Paulo Neto, Noaldo Dantas, Noilto Dantas, Edvaldo Perico, Josué Sylvestre, Sócrates Pedro de Melo, José Lucas Filho, Rosandro Aranha Montenegro, José Maria Vital Ribeiro, Orlando Tejo, Joaquim Lucena, Jaime Floro Ramos, Agripino Batista de Oliveira e Jorge Aguiar Leite, entre tantos outros, e também tive a minha modesta participação (LUCAS, 2014, s/p).

Também não deixou de manifestar sua participação ao lado desses “notáveis” considerados por ele como de destaque na política campinense. Assim, tanto José Morais Lucas, como também Evaldo Gonçalves, colunistas do site *Paraíba Online*, publicaram suas trajetórias na política estudantil propiciado pelo ingresso como representantes no CEC, reiterando nomes que consideraram como indispensáveis para a constituição desse espaço, como sujeitos monumentos.

O Centro tornou-se núcleo formador de lideranças políticas de Campina Grande. Por ali passaram e iniciaram sua vida pública: Félix Araújo, Ronaldo Cunha Lima, Raymundo Asfora, Juarez Farias, Noaldo Dantas, Fernando Cunha Lima, Roberto Chabo, Genival Lucena, Oliveira Oliveiros, dentre outros (GONÇALVES, 2017, s/p)<sup>129</sup>.

---

<sup>128</sup> Esta coluna foi editada um dia antes, em 05 de maio de 2014, de o senhor José Morais Lucas nos conceder um depoimento, em 06 de maio de 2014.

<sup>129</sup> Esta coluna foi editada logo após o senhor Evaldo Gonçalves nos conceder um depoimento, em que o mesmo falou da importância da nossa pesquisa frente ao descaso dos órgãos públicos com relação ao abandono do terreno onde funcionou a Casa do Estudante Félix Araújo, fazendo também um apelo para que as autoridades locais resgatassem aquela que foi um importante “abrigo” para os estudantes secundaristas em Campina Grande. Em suas palavras: “enquanto isso não acontece a professora Michelly Sobral escolheu como assunto para a sua tese de mestrado a história da fundação do Centro Estudantal, e das ações por ele protagonizadas, quando certamente destacará todas as lutas da entidade, sem esquecer as decepções com a construção da Casa do Estudante Pobre de Campina Grande” (GONÇALVES, 2017, s/p).

Como cronistas sociais, esses ex-centristas contaram suas participações no CEC através do desejo de preservar uma memória histórica e coletiva a partir de nomes que fizeram parte dessa entidade estudantil. Para tanto, o ato de lembrar depende de uma “dose” considerável de seleção daquilo que é digno de ser lembrado e da “gestão de um equilíbrio precário entre o que deve ser dito e o que merece ser silenciado” (HALBWACHS, 1990, p. 151). Consideramos que os mesmos, ao escrevem sobre o passado, tentaram construir uma coerência com o olhar do presente, atribuindo os seus projetos políticos às suas participações no CEC como líderes estudantis. Assim, consideram que suas atuações nesse espaço estão ligadas à vida que levam hoje, como políticos e ex-políticos da Paraíba, como se a referida entidade fosse uma “herança” que lhes possibilitou atuar nessa esfera.

Nas entrevistas também presenciamos essas manifestações das memórias em buscar suas legitimações na política campinense a partir de suas lideranças estudantis:

O Centro Estudantal Campinense deu mais de um governador, deu Antônio Juarez de Farias, deu Ronaldo da Cunha Lima, deputados estaduais, federais, senadores, vereadores, prefeitos, toda vida, campinense, paraibana e até mesmo do Brasil [...]. Alguns eram parentes de políticos e entraram na política depois. Ronaldo Cunha Lima foi vereador, deputado estadual, deputado federal, senador e governador. Tem muita gente que não entrou na política, mas que entrou na advocacia, no Ministério Público (José Lucas Filho, entrevista concedida à autora em: 17 mar. 2014).

Os depoimentos dos ex-centristas José Lucas Filho e José Morais Lucas são demonstrativos das influências que detiveram no CEC junto à formação de centristas e que muitos assumiram o lugar de autoridades na política, que teriam sido possibilitados pelas experiências no movimento estudantil. Para tanto, logo no início das entrevistas, tentaram construir histórias sobre os antecedentes políticos, com nomes de representantes estudantis e suas respectivas ascensões na política. Estas escolhas, para iniciar a interlocução, se deram no intuito de que conhecêssemos primeiramente os centristas que obtiveram “êxito” em suas carreiras políticas, avultando o CEC como um espaço singular de atuação e formação estudantil na cidade.

Nesse sentido, compreende-se que no ato de recordar a influência do CEC seria, de acordo com as ideias de Foucault (1979), uma forma de “demonstrar” poder “quando começa a falar e a agir em nome dos lugares de autoridades, seja qual for, eles mesmos se impõe uma representação, a falsa representatividade do poder” (FOUCAULT, 1979, p. 73).

Consequentemente, em resposta à coluna do senhor José Morais Lucas, citada acima, a ex-centrista Auxiliadora Borba<sup>130</sup> escreveu uma carta a este amigo e companheiro de militância estudantil, expressando seu agradecimento pelo mesmo ter feito referência ao seu nome como única mulher dentre aqueles que participaram do CEC: “recordar é lembrar, e lembranças nos fazem sonhar” (BORBA, 2012, s/p). Contudo, esta entrevistada não foi a primeira e nem a única mulher a participar como representante e sócia efetiva do CEC, pois a presença de mulheres atuando nesse espaço foi constante ao longo do seu período de funcionamento, apesar de no máximo se elegerem três<sup>131</sup> representantes no total de vinte e um, participando, juntamente com os outros centristas, de outros espaços extraescolares de atuações estudantis (SANTANA, 2015).

A partir da homenagem a Ronaldo Cunha Lima, Auxiliadora Borba também exteriorizou, através de suas escritas de si, o que significou as representações de lideranças dos/as centristas no CEC:

Nossos pais esforçavam-se para assegurar-nos uma melhor educação, enquanto nós fazíamos da nossa parte, o que parecia ser melhor para o nosso crescimento intelectual. Além das aulas, os engajamentos extra curriculares, no CEC e no GLMA, foram para nós verdadeiras escolas de iniciação à vida pública e de um despertar academicista [...] Sob a liderança de Fernando Cunha Lima e de Genival Lucena, dois grandes presidentes do CEC, nós, os representantes eleitos, através do voto secreto, alguns já referidos na sua crônica, parecíamos integrantes de uma corte Real ou de uma Alta Câmara dos Comuns. Praticávamos o exercício Livre da Democracia, ouvindo os anseios da classe estudantil e buscávamos alternativas viáveis para atendê-los (BORBA, 2012, s/p).

Para além dessas comparações, o que nos interessa são esses discursos construídos para o CEC e da ideia que eles/as tinham sobre suas formações, em que buscaram criar esses

---

<sup>130</sup> Maria Auxiliadora Bezerra Borba foi líder estudantil e centrista entre os anos de 1955 e 1958. Nas suas memórias, considerou a sua entrada no CEC como um marco, como a primeira mulher a se candidatar como representante entre os 21 escolhidos nas eleições estudantis. Contudo, localizamos nas pesquisas outras meninas que participaram antes e juntamente com ela como representantes centristas. Mestre em Serviço Social, foi fundadora e professora do curso de Serviço Social em João Pessoa-PB, chefe do Departamento e coordenadora do curso em referência, além de ocupar a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários. Hoje ocupa a cadeira número 28 do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba).

<sup>131</sup> No ano de fundação do CEC, em 06 de outubro de 1935, se candidataram e se elegeram como representantes um total de seis mulheres, que desempenharam diversas funções dentro desse espaço: Srtas Elza Trigueiro, Maria de Lourdes Tavares, Maria de Lourdes Leal, Maria Aires, Adélia França e Lúcia Moura. Durante as pesquisas, localizamos várias outras que igualmente se candidataram nas eleições estudantis. Para citar alguns nomes, além de Auxiliadora Borba: Valda Freire, Terezinha Brasileiro Souza e Adalgisa Pessoa Mello (SANTANA, 2015)

espaços de discussão política e literária com debates acerca das necessidades da *classe estudantil*. Para isso, ainda a carta desta ex-centrista expõe que: “nas manhãs de domingo se encontravam (os/as centristas) para ouvir e/ou participar das conferências e debates sobre diferentes autores das escolas literárias quinhentistas e seiscentistas, bem como dos literatos e poetas brasileiros” (BORBA, 2012, s/p).

Foi-nos doada uma cópia impressa dessa carta e autorizada para publicação. Na ocasião da entrevista, Auxiliadora Borba leu em voz alta e se emocionou com suas lembranças estudantis. Desta forma, percebemos os significados dessas participações para os/as entrevistados/as e as suas memórias individuais sobre o grupo de centristas.

Contudo, como teoriza Le Goff (2003), a memória individual é na verdade a reconstituição ou continuação de uma certa memória coletiva, algo que possibilita aos homens e mulheres guardarem detalhes dos acontecimentos vividos. Quando bem explorada, a memória individual pode nos aproximar dos contextos onde se formou a memória coletiva. Esta carta parece ser significativa a este respeito, pois a mesma buscou escrever suas recordações em forma de carta após o amigo publicar histórias com relação ao CEC em um portal de notícias. Assim, Auxiliadora Borba viu a oportunidade de suas memórias serem também difundidas nesta pesquisa.

Para tanto, essa correspondência foi uma tentativa de constituição de uma memória do grupo de centrista através da narrativa de Auxiliadora Borba, que expressou, juntamente com as entrevistas, significados relacionados às suas próprias vidas estudantis, marcando suas passagens pelo CEC. Diante da pouca presença feminina como representantes do CEC, esta manifestou na sua carta a defesa de sua participação como igual entre os centristas que conquistaram os votos necessários as suas candidaturas.

No entanto, ao mesmo tempo em que ratificou sua militância junto com esses líderes e de não citar outras mulheres que participaram do CEC, reiterou a preponderância dos lugares de poder para os homens, pois, ao colocar-se junto a esses nomes que fizeram parte do CEC, legitimou os espaços de lideranças masculinas, (de) marcando outros espaços para elas. Isto pode ser justificado pelos lugares que foram delimitados entre os gêneros, em que as funções reservadas às mulheres foram aquelas em que não era necessário o uso da força e do poder, como limpeza e organização interna, e os homens ficavam com os cargos de orador, presidente e tesoureiros, como lugares de mando (SANTANA, 2015).

Assim, essa correspondência criou como memória de si e do grupo, dedicada, em sua maior parte, em lembrar as atuações e os nomes de centristas homens, trazendo a importância de lembrar, através da carta, o que a memória traz de sentimento para aquela que escreveu e

aqueles/as que leram. Para Gomes (2004), esses objetos de memória dão “destaque à guarda de registro que materializam a história do indivíduo e dos grupos a que pertence” (GOMES, 2004, p. 11). Esta autora afirmou que isso se dá:

Porque a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a sua “verdade”. Ou seja, toda essa documentação de “produção do eu” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de verdade” (GOMES, 2004, p. 14).

Compondo para ela um lugar de memórias, através de sua carta, Auxiliadora Borba partiu de elementos como as práticas de leituras de gremistas e de centristas para relacioná-las à identidade centrista. Portanto, esta carta constituiu-se como um exercício de legitimação dos/as mesmos/as, mas também pela produção de uma memória de sua atuação, prática que encontrou para manter seu envolvimento e pertencimento, no sentido de chegar a publicá-la e torná-la legível e lida na nossa escrita. Ainda de acordo com Gomes (2004), “escrever cartas é assim, dar-se a ver, é mostrar-se ao destinatário, que estar ao mesmo tempo sendo visto pelo remetente, o que permite um tête-à-tête, uma forma de presença (física, inclusive) muito especial” (GOMES, 2004, p. 19).

Este tipo de narrativa de si, por sua vez, engloba uma variedade de práticas, desde as mais diretamente ligadas à escrita de si, como as autobiográficas e os diários, até o reconhecimento de objetos materiais, como fotos, cartões e/ou objetos do cotidiano, que passam a constituir uma memória de si. Para tanto, tais práticas culturais ganharam sentido com a emergência do “individualismo moderno”, momento em que o indivíduo postula uma identidade singular para si no interior do todo social (GOMES, 2004).

Desta forma, ao nos disponibilizar certos objetos materiais nas entrevistas<sup>132</sup>, como a carta, Auxiliadora Borba possibilitou a personificação de um sentimento de afirmação de sua identidade centrista e, especificamente, a expressão de suas memórias dirigidas a um destinatário específico, um amigo, que militou ao seu lado e com quem estabeleceu relação outrora no CEC e no GLMA. Nisto, as escritas dessa ex-centrista são ricas em imagens que (re)elaboram a dos/as centristas, ao passo que produziu a si mesma. Desta forma, outros/as ex-

---

<sup>132</sup> Nas entrevistas, além da carta de Auxiliadora Borba, nos foram disponibilizados outros materiais, como fotografias, cópias dos diplomas de representantes centristas, carteirinhas de estudantes (ver anexo 01) e os “santinhos” das campanhas eleitorais estudantis (ver anexo 03), que constituíram escritas de si (GOMES, 2004), com significados para eles e elas como pertencentes ao CEC. Esses materiais, repletos de sentimento de pertença, nos ajudaram a construir narrativas sobre suas participações e os caminhos percorridos no CEC e no GLMA.

participantes do CEC similarmente a esta (re) produziram discursos no presente através de escritas de si e das suas memórias os episódios e lutas que consideraram relevantes e que os/as legitimaram como lideranças estudantis.

Além da entrevista e da carta, buscamos outras narrativas de Auxiliadora Borba, na qual externou histórias sobre o CEC. Assim, ao organizar o livro intitulado *Campina Grande nos meados do Século XX*, a mesma convidou conterrâneos do movimento estudantil, como Evaldo Gonçalves, Juarez Farias e José Morais Lucas, para integrar seu livro, fundamentado nas memórias sobre as várias relações dos autores com esta cidade.

Assim sendo, esses escreveram histórias sobre a cidade juntamente com as suas ligações com o movimento de estudantes campinenses. O ex-centrista Evaldo Gonçalves escolheu como tema suas várias eleições na política campinense e paraibana, em que colocou as predileções estudantis para presidente e vice-presidente do CEC no mesmo patamar das outras eleições legislativas e municipais que participou. Para isso, descreveu como aquelas foram realizadas:

As campanhas pela Diretoria do Centro Estudantil Campinense eram acirradas e movimentavam as ruas e os ginásios, numa réplica das eleições municipais para vereadores e prefeitos. Os carros de sons nas portas dos ginásios das Damas, Alfredo Dantas e Pio XI perturbavam, nesse período, a ministração das aulas. Estas eram interrompidas por candidatos a Presidente e vice-presidente, bem como ao cargo de Representantes na busca de votos dos estudantes (GONÇALVES, 2016, p. 100).

Para tanto, expuseram atuações efetivadas no movimento de estudantes campinenses e das quais fizeram parte, tais como protestos em favor da meia-entrada em estabelecimentos privados na cidade e passagens de ônibus, viagem ao Rio de Janeiro para arrecadar fundos para a construção da Casa do Estudante, alertas de fraudes eleitorais que provocaram comícios de protestos entre os estudantes, e a oficialização do Ginásio das Damas para que as meninas pudessem votar e serem votadas nas eleições estudantis do CEC, “tudo isso sob a liderança reconhecida de Félix Araújo” (GONÇALVES, 2016, p. 101).

Assim, a partir dessas atuações, Evaldo Gonçalves descreveu como os quase dez anos de militância no CEC o capacitaram para “os desafios que se impuseram entre os meus sonhos de estudante pobre e modesto homem público” (GONÇALVES, 2016, p.101-102). Os frutos dessa “capacitação” teriam sido colhidos logo após a saída do CEC, em 1958, quando Elpídio de Almeida em seu segundo mandato de prefeito de Campina Grande, o elegeu secretário de educação. As influências e as relações de “amizades” que foram construídas no CEC

perduraram para depois de suas participações nesta entidade estudantil, a partir das quais o mesmo não dispensou elogios a esse gestor<sup>133</sup> e que repercutiu para além dos seus muros.

Ainda no Colégio Pio XI, teria sido atraído pelas lutas estudantis da época, em que citou os mesmos nomes de lideranças estudantis colocados como de importância para a construção discursiva do espaço do CEC e como sujeitos monumentos que influenciaram uma geração<sup>134</sup> de estudantes para a luta e que também induziu sua entrada como representante nesta entidade estudantil:

Raymundo Asfora, Félix Araújo, os irmãos Cunha Lima, Ivandro, Fernando e Ronaldo, Genival Lucena, Josué Sylvestre, Edvaldo do Ó, José de Freitas Ramos, Juarez Farias, Oliveiros Oliveira, Evaldo Cruz dentre tantos outros, fazíamos já na década de cinquenta, o Centro Estudantal Campinense e a União Universitária Campinense (GONÇALVES, 2016, p. 100).

Já o ex-centrista Juarez Farias preferiu narrar sobre o seu crescimento pessoal, intelectual e profissional através de como Campina Grande, uma cidade politizada, teria oferecido, em termos de uma formação intelectual e conscientização para a política, uma maior e melhor instrução. Mas isso tudo teria sido ensinado pelo seu interesse por tais discussões desde os primeiros anos que em residiu nesta cidade. Nas suas palavras, desde os 14 anos de idade, estudante do ensino secundário que pôde “sentir, desde aquela época, como a cidade discutia seu futuro político; como os estudantes aproveitavam a emulação entre os colégios para fazerem jornais e criarem grêmios literários” (FARIAS, 2016, p. 138).

Também citou os mesmos nomes inscritos pelos outros/as ex-centristas que da mesma forma o influenciaram no seu tempo de estudante secundário para ingressar no CEC e na luta pelos estudantes campinenses, como Raymundo Asfora e Félix Araújo, considerados por este autor como homens que fizeram política e empreenderam atividades motivadoras e atraentes para “fomentar soluções criativas e estimular a mocidade a participar desde cedo na vida da

---

<sup>133</sup> Esses elogios foram: “O doutor Elpídio de Almeida fez tudo além da conta. Nunca se conformou com os limites comuns, ultrapassou a todos. Foi um grande médico, excepcional sanitarista, dedicado clínico geral e humanitário, além da sua época. Administrador avançado, deu o melhor que pôde à Saúde de Campina Grande, com duas obras básicas: sua Maternidade e o Posto de Combate à Tuberculose [...]. Todavia não temeu ousar, revelou-se Historiador e Escritor, escrevendo a História de Campina Grande, agora atualizada por iniciativa do Instituto Histórico dali que tem o seu nome, em justa homenagem, certamente reeditada quando das comemorações do sesquicentenário daquela cidade, em 2014” (GONÇALVES, 2016, p. 106).

<sup>134</sup> Entendemos que a noção de geração se refere às relações entre pares, de idades e formações. Sendo, assim, como aponta Gomes (1996), “a noção de geração deve, portanto, transcender a manifestações “externas”, resultado de um trabalho de memória coletiva de grupo, que identifica sua vivência e a transmite aos seus sucessores que não compartilham” (GOMES, 1996, p. 40-41). Portanto, a noção de geração integra-se e completa-se a partir das experiências em comum que influenciaram o grupo de centristas.

coletividade” (FARIAS, 2016, p. 138). Assim, situou como esses líderes estudantis, enquanto representantes do CEC, não apenas inspiraram outros estudantes, mas também construíram espaços de formação para aqueles/as que dele participaram.

Essas influências e iniciativas citadas pelos/as ex-centristas para as motivações de estudantes naquela época para ingressar no movimento estudantil liderado pelo CEC, podem ser perscrutadas a partir de discursos que foram criados no jornal *Formação* e em outros jornais estudantis sobre as ideias do que era ou deveria ser um jovem na cidade. Considerados pelos que produziram esses artigos como aqueles que buscariam “o florescimento do gosto estudantil pelas lêtras, tão raro hoje em dia” (JORNAL DO ESTUDANTE, ago. 1953, ano 01, n. 01, p. 02), enunciaram discursos que objetivavam atrair essa juventude na perspectiva de buscar o melhor para a *classe estudantil*.

Para isso, evidenciaram a importância de criar um espaço onde pudessem usufruir desses mecanismos de influências junto aos outros estudantes. Essas iniciativas foram a criação de jornais estudantis ou outros que os centristas se apropriaram através de colunas estudantis, onde conseguissem de alguma maneira, manifestar o que consideravam como ideais da militância juvenil. Portanto, buscavam principalmente legitimar as suas palavras impressas:

Nossa linha de conduta já estar traçada. Acima de privilégios, acima de tudo, colocamos os altos interesses da classe estudantil, e para isso a nossa posição é de vigilância, aplaudindo virtudes e denunciando erros com justiça e isenção de ânimo. Para nós não existem situacionismos nem oposicionismos. Há exclusivamente o desejo na defesa e exaltação da classe a que pertencemos. Por isso, nos responsabilizamos (JORNAL DO ESTUDANTE, ago. 1953, ano 01, n. 01, p. 02).

Nesse ínterim, como já visto anteriormente, a imprensa foi um instrumento preponderante para a afirmação do movimento estudantil. Ou seja, sua importância pode ser exemplificada pela criação de jornais estudantis, mesmo com as dificuldades de se consolidar sua permanência, a exemplo da manifestação abaixo:

Nós estudantes campinenses também temos a nossa imprensa. Ociosa seria repetir aqui as inúmeras dificuldades de ordem financeira com que nos defrontamos para a circulação de nosso jornal. Ocioso seriam repetir as causas que determinam a periodicidade longa e quase madorrenta com que tiramos as edições de nosso órgão oficial. Não obstante, estamos lutando, nós da Secretaria de Imprensa do CEC, no sentido de conseguirmos fazer circular mensalmente “Formação”. É duro. O trabalho é de equipe e carece da compreensão de todos. Não se trata, porém, de evasivos formais. Antes é

uma demonstração do nosso desejo ardente de realizar algo de novo que exprima a nossa capacidade de iniciativas. Queremos apenas deixar registrada, no momento em que a nossa Sociedade de Classe festejar seu 17º aniversário de existência fecunda, a nossa intenção sincera de servi-la com todas as nossas forças, nos limites de nossas possibilidades e dentro do campo de nossas atribuições específicas (FORMAÇÃO, 06 out. 1952, p. 02).

Como problematizado desde o início deste estudo, faz-se necessário buscar nos referidos impressos as ideias, as atividades e os valores compartilhados pelos estudantes do CEC, suas respectivas atuações e apropriações para as formações coletivas através de discursos sobre e para os estudantes campinenses.

Dentre as matérias impressas e publicizadas, perscrutamos os significados para os/as centristas do que seria o movimento de estudantes, a importância da convivência com os/as colegas e o encanto da vida colegial. É o caso da centrista Adalgisa Pessoa de Mello que escreveu para o jornal *Tribuna do Estudante* suas impressões, que seria “o tumultuar de contentamentos na exaltação da alegria atordoante da mocidade feliz, alvissareira e despreocupada” (TRIBUNA DO ESTUDANTE, nov. 1951, ano 01, n. 01, p. 03). Para ela o “encanto da vida colegial” (TRIBUNA DO ESTUDANTE, nov. 1951, ano 01, n. 01, p. 03) estaria naquela juventude que buscava “outras formas de conhecimento para além dos muros escolares” (TRIBUNA DO ESTUDANTE, nov. 1951, ano 01, n. 01, p. 03).

Também encontramos artigos que caracterizavam os estudantes como atuantes e conscientes frente às “crises de moralidade no país”. Diante disso, o CEC emitiu um manifesto que teria traduzido a “revolta” da mocidade campinense naquela época. O editor do *Jornal de Campina* (02 ago. 1953) aplaudiu a atitude dos estudantes de repudiar publicamente esse “lamaçal que ameaça cobrir a pátria brasileira” (JORNAL DE CAMPINA, 02 ago. 1953, p. 03) e fez um apelo à sociedade para apoiar os centristas em questões relacionadas à política brasileira e em outras que os envolviam diretamente, como as verbas que deveriam ser pagas pela prefeitura para as despesas do CEC e construção da Casa do Estudante Pobre.

Assim, para este editorial, os apoios aos centristas deveriam ser considerados, devido à situação que se encontrava o CEC sem a assistência de órgãos públicos, pois, esse ambiente, que chamou de “perseguição estudantil”, não seria favorável ao desenvolvimento da juventude estudiosa. Sem verbas, levaria a um “clima ostensivamente desrespeitoso” (JORNAL DE CAMPINA, 02 ago. 1953, p. 03) com aqueles que estavam lutando em defesa dos interesses da *classe estudantil*.

Em outra matéria, neste mesmo jornal, o centrista Noaldo Dantas, na sua coluna *Flagrantes do dia* (JORNAL DE CAMPINA, 04 out. 1953, p. 04), também expressou o mérito da atuação dos centristas com a greve em protesto contra a “imoralidade” na política brasileira. Assim, através de suas palavras impressas, este se posicionou em meio à geração de estudantes que lutava “frente aos desafios do seu contexto social e político” (JORNAL DE CAMPINA, 04 out. 1953, p. 04). Os jovens estariam com “os corações sangrando” diante das dificuldades da *classe estudantil*, mas, continua na matéria:

Não há outra maneira de protestar contra a onda de lama que suja a Pátria brasileira. Somo aqueles que não perderam o ideal porquanto jamais ADULAMOS, DESERAMOS (*sic*) OU NOS VENDEMOS aos poderes públicos (JORNAL DE CAMPINA, 04 out. 1953, p. 04).

Para que eles continuassem lutando à frente do CEC, foram importantes as escolhas para os representantes dessa entidade nas eleições estudantis. Desse modo, os jornais noticiaram a considerável opção dos estudantes na hora do voto. Com isso, a qualificação dos candidatos eram requisitos fundamentais. Na coluna *Mundo Estudantil* ficaram assim colocadas às matérias sobre as eleições:

Fomos informados que os líderes dos diversos partidos estudantis, em reuniões constantes, já iniciaram os futuros acôrdos. O maior problema é o da escolha de um estudante inteligente e trabalhador que, na presidência, passa a substituir o sr. Fernando Cunha Lima que se revelou um moço de grandes qualidades. Lembramos aos senhores presidentes de partidos estudantis, nomes como de Evaldo Gonçalves, Juarez Farias, Genival Lucena, Admilson Villarim, Benedito Souto, José de Freitas, Noilton Dantas, Roberto Domingos e outros. A renovação é necessária e há na classe estudantil campinense grandes valores (JORNAL DE CAMPINA, 12 abr. 1953, p. 02).

Assim, o editorial dessa coluna, deliberada e escrita pelos próprios centristas, ainda atribuiu para o jovem presidente que ganharia as eleições de conhecer primeiramente os problemas dos estudantes e que se julgassem “capazes de tudo em prol da mocidade estudiosa” (JORNAL DE CAMPINA, 12 abr. 1953, p. 04). Já o jornal *Formação* designou para os candidatos nas eleições estudantis:

Acredito que a atual direção, não esquecera seus compromissos assumidos perante os que dispensaram energias e não visaram recompensas que não

fosse uma administração sincera, progressista e em prol do interesse comum (FORMAÇÃO, set. 1951, ano 16, s/n, p. 04).

Diante disso, ao equiparar as eleições estudantis a qualquer outra eleição de uma sociedade democrática que elege seus representantes que seguem os pressupostos dos seus interesses individuais e coletivos, compreende-se que a percepção dos centristas acerca da política e a sua compreensão sobre o papel do CEC enquanto instância representativa seria o de buscar atrair eleitores a votarem em um candidato que não fugisse do foco da pauta que caracterizava o CEC e seus estatutos, ou seja, de lutar em favor da *classe estudantil*, e escolhessem aqueles líderes que melhor representariam os interesses dessa entidade.

Desta maneira, para os candidatos, os seus envolvimento individuais em atividades coletivas tenderiam a construir redes de confiança recíprocas entre os outros estudantes e posicionamentos mais efetivos com instituições políticas. Entre discursos sobre a ideia de “igualdade” e “união” da *classe estudantil*, criavam-se relações de afetividade, sentimentos e paixões de um lado e razão do outro (BRESCIANI, 2002), pois um grupo engajado de centristas colaboraria para o desenvolvimento e fortalecimento dessa entidade como um espaço de acontecimentos<sup>135</sup> e pertencimentos do movimento estudantil.

Sobre essa questão, Michel de Certeau (2007) sugere compreender o espaço de realização enquanto um lugar vivenciado, praticado, na medida em que os indivíduos exercem sobre ele movimentos e usos. Também, o lugar está ligado ao relato, constituídos por fragmentos diversos, como as lembranças, que são unidas como uma “colagem” no intuito de produzir experiências em um determinado local. O referido autor afirma que:

O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificada pelas transformações devidas a proximidades sucessivas (CERTEAU, 2007, p. 201-202).

---

<sup>135</sup> A noção de acontecimento (discursivo) em Foucault ((2008; 2007) remete à articulação entre passado e presente, pois o que é dito no passado tem efeitos no presente, causando uma nova interpretação daquele. O presente é, pois, constituído tanto da memória, daquilo que é repetível, quanto daquilo que é inédito (dado pela característica de novidade do acontecimento), rompendo com a continuidade do passado. O acontecimento, portanto, está relacionado às condições de sua aparição e aos efeitos de sentido, mediante as possíveis interpretações que lhe são atribuídas pelos sujeitos na história no momento único da enunciação. Daí remeter tanto ao novo e ao singular, quanto ao velho e repetível (FOUCAULT, 2008; 2007).

Nessa compreensão, o espaço do CEC como um lugar praticado pelos centristas foi transformado em um ambiente de aproximações, de convivências, de conflitos, de tensões, enfrentamentos e, principalmente, de hierarquias, definido pelas relações de forças que ali se estabeleceram entre os líderes nas eleições estudantis.

À vista disto, o jornal *Formação* defendeu a participação de todos/as os/as estudantes na escolha dos/as representantes do CEC, que seriam aqueles/as que estiveram à frente de todas as suas decisões e os rumos que esta entidade deveria demarcar e que implicaria no desenvolvimento da formação dos/as mesmos/as. Assim, levar os/as estudantes a se interessarem pelas ações dos/as centristas tendeu a produzir discursos sobre ser o CEC uma escola de líderes, ou seja, quanto mais os/as estudantes se associassem e participassem, mais eles/as iriam desenvolver o papel formador da *classe estudantil*.

Além das eleições, para os/as centristas, o jovem deveria ser comprometido com a sua juventude, ou seja, percebendo-a como uma fase essencial para a sua formação intelectual e consciência política, que começaria a partir das suas escolhas em participar desse movimento em prol dos estudantes campinenses. Assim, nos anos em que Raymundo Asfora atuou à frente do CEC como presidente, entre os anos de 1947 a 1950, e o seu amigo e representante centrista Félix Araújo dirigiu o jornal *Formação* como diretor e redator, nos anos de 1948 e 1949, trouxeram para este impresso as ideias do que seria conduzir o movimento de estudantes.

Para isso, na matéria intitulada *Ação consciente*, escreveram sobre a importância de grupos de estudantes que se uniam para “levar luz e saber aos jovens através de suas ações” (FORMAÇÃO, 06 out. 1948, p. 02), a partir da exposição das singularidades do movimento estudantil em Campina Grande e a relevância das discussões sobre política voltada à formação estudantil, algo que era chamado de *Estudantismo*:

O estudantismo, movimento cívico de âmbito nacional, é a ação da mocidade de consciência democrática velando pela integridade do regime de respeito e dignidade à pessoa humana. É trabalho humanitário de levar a luz do saber a crianças e jovens, pela generalização e maior popularização do ensino-objetivo primordial do Centro e meio direto de salvar o homem da miséria. É a escola da cidadania, pelo exercício da cultura intelectual dos seus membros que devem em sua sede promover palestras, estudos, fazer jornalismo, teatro, música, literatura e realizar viagens, de intercâmbio com colegas de outras cidades. Quando cada um de nós souber dos motivos inspiradores do Estudantismo, teremos consciência da necessidade de ação e o Centro refletirá nossa expressão individual, manifestando-se socialmente culto e eficiente (FORMAÇÃO, 06 out. 1948, p. 02).

É possível identificar que os discursos de formação da juventude foram seguidos através da imagem que foi operacionalizada para o CEC como uma escola de líderes. Essa denominação remete a uma construção histórica da memória da entidade nos jornais locais, nas falas dos/as ex-centristas como espaço onde saíram os/as “melhores” estudantes oradores, de formação política e intelectual, fato que até nos dias atuais os ex-centristas procuram manter consagrado através da memória.

Assim, os centristas criaram espaços informais para uma educação extraescolar, além do CEC, a exemplo do GLMA, em que procuraram elementos que os integrassem em discussões sobre política e literatura, essas que os mesmos consideravam como fundamentais à formação.

O GLMA<sup>136</sup> atuou como uma extensão das atividades do CEC, com reuniões aos domingos pela manhã. A participação nesse espaço, nos dias considerados como dia de descanso, funcionou de forma educativa, não apenas como espaço de discussão, mas também pela busca do bem estar social dos estudantes, pois suas atividades foram apontadas como também comprometidas com a participação dos estudantes e a “solução dos seus problemas” (Agnelo Amorim, entrevista concedida à autora em: 02 dez. 2013).

Para tanto, as suas sessões poderiam ser presenciadas, discutidas e debatidas por outros/as estudantes que desejassem participar, mesmo não sendo representantes e/ou sócios efetivos do CEC. No seu período de funcionamento<sup>137</sup> foi considerado como um espaço de movimentação de práticas de formação principalmente literária e de circulação de ideias que foi integrado tanto por estudantes como por intelectuais atuantes na cidade.

Além de discussões literárias, o GLMA também proporcionou congressos culturais na cidade em suas dependências, com verbas do Município e do Estado, tendo ficado assim anunciado no jornalismo local:

---

<sup>136</sup> Este Grêmio, assim como o CEC, também recebeu verbas de órgãos públicos e de políticos locais e estaduais para as despesas com seu funcionamento e congressos literários, que ficaram assim colocadas no jornal *Evolução* (22 a 28 jun. 1958): “o Governador Pedro Gondim, recebeu cordialmente uma comissão de gremistas há alguns dias, e prometeu um auxílio de Cr\$15,000,00 (quinze mil cruzeiros) que deveria ser pagos nos primeiros dias de julho. A Prefeitura Municipal também dará a importância de Cr\$10,000,00 (dez mil cruzeiros), conforme projeto do vereador Mario Araújo, que se tem postado como grande amigo do Grêmio. Não tem as dúvidas quanto à aprovação e recebimento desta verba, pois, muitos vereadores e mesmo o Prefeito Elpídio de Almeida são sócios do GMA. Por outro lado, o Deputado José Joffily conseguirá uma ajuda do Governo Federal, que será destinada à publicação dos anais do conclave” (EVOLUÇÃO, 22 a 28 jun. 1958, p. 04).

<sup>137</sup> Assim como o CEC, o GLMA encerrou suas atividades no ano de 1964, quando do início da ditadura civil e militar no país, quando sua sede também foi fechada e saqueada pelas autoridades. Não encontramos outras fontes que historicizem sobre as atuações dos gremistas após esse episódio.

Congresso Cultural em Campina Grande - Dezenas de Estudantes e professores reunir-se-ão em nossa cidade. O Grêmio Literário Machado de Assis, principal agremiação cultural da cidade, programou e patrocinará nos dias 18, 19 e 20 de julho, o I Congresso de Grêmios e Associações Culturais do Nordeste. É desnecessário demonstrar a necessidade e a importância do conclave (EVOLUÇÃO, 22 a 28 jun. 1958, p. 07).

Nesse contexto, em Campina Grande foram criados por intelectuais e estudantes, grêmios escolares e entidades de estudos culturais como espaços destinados às sociabilidades literárias, em torno de leituras e de discussões. Muitos desses grêmios escolares foram desenvolvidos dentro dos colégios da cidade, em que se discutiam literatura e chegaram também a publicar jornais para a divulgação do que era debatido nesses espaços, mas que não tinha relação direta com o CEC, a exemplo de recursos recebidos e da escolha dos seus representantes, pois, esses espaços tinham uma administração própria, com organização interna e funções dos membros, apesar do público quase sempre ser o mesmo.

Sobre a importância do desenvolvimento cultural e intelectual desse espaço de leitura, discussão política e escrita, Agnelo Amorim (2013) assim o descreveu:

Então eu fazia parte também da diretoria. Aí levava as discussões políticas pra lá. Era bem persuado. Agora tinha aqueles que não eram estudantes, os intelectuais de Campina Grande, faziam parte do Grêmio Recreativo, e nós como intelectuais e militantes do Centro Estudantil Campinense faziam parte de lá, faziam parte também dos representantes do Centro e do Grêmio Machado de Assis. Era tudo a mesma coisa, havia tudo isso, a gente ocupava todos os espaços. Eram as mesmas pessoas (Agnelo Amorim, entrevista concedida à autora em: 02 dez. 2013).

Ainda segundo Agnelo Amorim (1988), “grandes nomes das letras campinenses desfilarão na passarela do Grêmio, que funcionava em um salão, no antigo grupo Sólon de Lucena, então localizado na Rua Floriano Peixoto” (AMORIM, 1988, p. 17-18). Nomes como Ronaldo Cunha Lima, Noaldo Dantas, Orlando Tejo e tantos outros centristas citados anteriormente, fizeram parte do grupo. Esses, por sua vez, transformaram o espaço do GLMA em lugar de mediação, acesso e socialização de livros e o incentivo à escrita, com a circulação de textos publicados nos jornais pelos gremistas. Aqueles/as que escreviam crônicas, poemas e/ou artigos que não eram publicados, podiam expor seus escritos no GLMA. Assim, nesse

espaço se debatia literatura, nacionalismo, racismo e política brasileira, sendo os gremistas portadores de visões ideológicas e correntes políticas<sup>138</sup>.

Para tanto, os intelectuais locais atuaram junto aos centristas, sendo estes igualmente engajados no universo letrado da cidade. Na interpretação de Vieira (2007), para a intelectualidade “valorizar a educação era uma forma de torná-los modelos de virtude, uma vez que uma das características desse grupo era a formação na esfera cultural e educacional” (VIEIRA, 2007, p. 22). Por sua vez, atuando juntamente com esses intelectuais locais, os centristas se inseriram e criaram espaços de atuação tendo a defesa da causa educacional como ponto priorizado de discussão e a imprensa como seu palanque privilegiado.

Desse modo, como espaço dos sujeitos públicos coletivos, o jornal foi um espaço apropriado para que os centristas defendessem suas ideias, pois “seria um instrumento para chamar a atenção para as questões sociais” (VIEIRA, 2008, p. 71), além de “deterem competências para operar com a palavra, com o discurso, ocuparam púlpitos socialmente valorizados na imprensa, no Estado, nas instituições de ensino e nos círculos de cultura” (VIEIRA, 2008, p. 71).

Desta forma, a participação política dos centristas, tanto no CEC quanto no GLMA, implicou envolvimento dos estudantes com o que é público, seja por meio dos processos eleitorais estudantis, seja pela representatividade ou pela movimentação social e práticas proporcionadas por essas entidades. Para tanto, nas entrevistas os discursos sobre esses espaços serem lugares de formação extraescolar da juventude campinense e assim cristalizados foram caracterizados pelos participantes como os que “mais geraram quadros para a política local” (Josué Sylvestre, entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013).

Nascimento (1990) se apropriou dos discursos dos centristas e caracterizou o CEC como um espaço que “ficou conhecido como a melhor escola política da Paraíba, apresentando, como características singulares, a formação de quadros com militantes que dele saíram e projetaram-se na política partidária local” (NASCIMENTO, 1990, p. 152-153). Isto se originou porque “o envolvimento dos estudantes ocorria conforme a maneira como os

---

<sup>138</sup> Agnelo Amorim (1988) descreveu um episódio de uma eleição no GLMA: “o ‘Grêmio’ era efervescência, luta – e até no bofete. Teve uma eleição que saiu bala. Ronaldo Cunha Lima era nosso adversário. Eu fazia parte do partido de Manoel Barbosa. Fui eleito vice orador e Ronaldo orador, numa eleição complicada e braba. Ronaldo puxou o revólver e matou um urubu. Foi carreira pr’a todo canto. Orlando Tejo foi para casa somente depois que trocou a cueca e a calça” (AMORIM, 1988, p. 18). Desse episódio, podemos perceber a importância nas disputas pelos cargos de maior relevância no grêmio, ganhando as eleições aqueles que detinham o instrumento relacionado ao poder e à força, a exemplo do revólver, que “metia” não apenas medo nos adversários, mas também os identificavam com a força física e a competitividade em eleições consideradas “brabas” e acirradas.

conflitos locais transparecessem e viessem à tona, envolvendo a categoria estudantil. Os centristas estavam preocupados em mobilizações de cunho imediatista” (NASCIMENTO, 1990, p. 147).

Deveras, os centristas se envolviam em questões que diretamente os envolviam e os colocavam na cena pública local, como os problemas que atingiam a sociedade campinense, a exemplo de falta de água, aumento das tarifas de transporte público, aumento das entradas de cinema, aumento do pão e outros gêneros alimentícios, contra medidas das direções dos colégios, dentre outros problemas da sociedade. Assim, “durante o período de sua existência não houve um só problema que não fosse debatido pelos jovens líderes estudantis de Campina Grande. Os dirigentes do centro escreviam proclamações; lideravam comícios e passeatas, politizavam o povo” (SYLVESTRE, 1988, p. 573).

Também, muitos dos seus representantes ao deixarem a militância nesta entidade, ingressaram na política, pois ao denominarem o CEC como “escola de líderes” surgiam condições favoráveis para se colocarem na cena política local. Contudo, não se pode creditar as vitórias partidárias destes/as ao engajamento e ações no CEC, ou mesmo no GLMA, mesmo que estes atores tenham iniciado suas atividades públicas na referida entidade.

Para que isso fosse possível, o CEC assumiu posturas nitidamente políticas, em parte pela capacidade que adquiriu, seja através de discursos na imprensa, seja por meio de suas ações na cidade, mobilizando e agrupando os estudantes campinenses em torno de lutas e necessidades básicas à *classe*, transformando-se em um movimento estudantil de reivindicações sociais, principalmente contra órgãos públicos que contrariavam suas pautas e agendas políticas.

Os discursos em torno da ideia de escola de líderes foram fundamentais para os/as centristas, uma vez que criaram um ambiente que foi, e ainda é, considerado de formação estudantil. Para eles/as, ler literatura, discutir política brasileira, escrever para jornais e discursar em palanques improvisados em cima de caminhonetes, representaria estarem “preparados/as” para assumir cargos na política local. Desta maneira, ao se candidatarem como presidentes e/ou representantes centristas, eles/as se inseriram em espaços de relações de poder, onde manifestaram as posições que os/as legitimariam como líderes estudantis.

Sendo assim, podemos inferir a partir das fontes impressas e das memórias sobre o CEC, que esta entidade propiciou condições para o primeiro contato de estudantes com a política local, haja vista ter ocupado um lugar substancial nas discussões educacionais no período de seu funcionamento e, principalmente, por ter se inserido nas lutas sociais da população, em particular, dos estudantes. Ao manifestarem seus posicionamentos na luta pela

*classe estudantil*, os centristas auferiram credibilidade junto à sociedade local. Isto pode ter influenciado nas suas deliberações em participar da política partidária campinense, visto que “a participação dos estudantes na política é mais intensa quando a organização estudantil a que estão filiados é mais politizada” (GUILHON, 1977, p. 88).

É importante ressaltar que o acesso de centristas na disputa por cargos públicos não se constituiu em um plano de ação previsto nos estatutos do CEC, mas, consequentemente, representou os anseios individuais daqueles que se apropriaram dos discursos sobre a “escola de líderes” e viram a oportunidade de se projetar no cenário político. Exemplo disso é que nem todos/as tiveram essas pretensões e nem todos/as alcançaram o “sucesso” nas suas carreiras partidárias.

Sobre essa questão, o ex-centrista Juarez Farias (entrevista concedida à autora em: 01 mar. 2018) narrou que logo ao chegar a Campina Grande conheceu o CEC e viu nele um espaço de engajamento político na cidade, onde era possível conciliar os estudos escolares com a militância estudantil. Os anseios em participar dessas manifestações estudantis foram direcionados para o CEC, lugar que se constituiu em um espaço receptor de estudantes, principalmente daqueles que chegavam de outras localidades do Estado para concluírem seus estudos, funcionando como uma premissa do que seriam as mobilizações políticas da sociedade campinense da época.

Para tanto, os discursos sobre a “escola de líderes” e de formação da juventude campinense, vinculados às manifestações e mobilizações em favor da *classe estudantil*, contribuíram para o grau de politização do CEC e da constituição das condições propícias ao projeto político de alguns centristas. Deste modo, muitos jovens julgaram que ingressar no movimento estudantil liderado pelo CEC daria possibilidades de mediação mais direta com a política partidária local.

Assim, as discussões sobre temas políticos, como também literários, ampliaram as possibilidades para que algumas lideranças centristas pudessem se inserir na vida pública, de modo que acabaram se identificando diretamente com atores e disputas locais. Entre os centristas que conseguiram direcionar para si a popularidade que desfrutou junto ao CEC, selecionamos alguns nomes em uma análise prosopográfica: Félix Araújo, Raymundo Asfora, Ronaldo Cunha Lima, Josué Sylvestre e Juarez Farias.

## 5.2 Os líderes estudantis: um estudo prosopográfico

A expressão em destaque no subtítulo deste capítulo faz alusão aos discursos produzidos pelos próprios centristas sobre ser o CEC uma escola de formação política e cultural extraescolar, intitulada “escola de líderes”.

A mais importante contribuição que o Centro deu a Campina Grande e à Paraíba foi a preparação de sucessivas gerações de líderes que hoje partitipam na política, na administração, na magistratura e na empresa privada (SYLVESTRE, 1982, p. 386).

A escolha desses centristas pode ser objetivada pelas atuações relevantes no CEC e seus nomes apareceram com mais frequência nos jornais e nas entrevistas, em que ressignificaram os discursos de líderes estudantis em favor de suas ascensões na política partidária local a partir da ideia de ter sido esta entidade uma escola de formação das novas lideranças estudantis. Tais discursos os colocaram como aqueles sujeitos monumentos que fizeram acontecer o movimento estudantil na Rainha da Borborema.

Não à toa que nas muitas narrativas de memórias buscaram legitimar o CEC como espaço de formação da juventude campinense, principalmente através de atividades que os aproximavam de uma cultura intelectual da cidade de Campina Grande, a exemplo da criação de grêmios literários e dos eventos em favor da *classe estudantil*, sempre reverberado na imprensa local com repercussão das suas ações.

Nesse sentido, para conhecer mais a fundo essa experiência, faz-se necessário enveredar por um estudo prosopográfico, buscando analisar como os “meninos-homens” do CEC operacionalizavam os discursos, estabelecendo entre si laços de união e pertencimento a este espaço de atuação política. Sobre essa questão, cabe indagar: até que ponto “suas trajetórias biográficas se encontraram, se cruzaram?” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 120). Assim, torna-se relevante verificar “os pontos de cruzamento, estabelecer a rede de relações pessoais, sociais, culturais, políticas e intelectuais, que se possa vir a recuperar” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 120), analisando em conjunto alguns traços relevantes desses centristas, “sem que se tenha a pretensão de realizar estudos biográficos profundos de cada um deles” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 120-121).

Trabalhamos aqui a partir de versões biográficas destes centristas já elaboradas previamente, em especial, com suas memórias, através das entrevistas e em momentos de saudosismos, com suas afetuosas e significativas mensagens no presente, sabendo, portanto,

“que elas têm uma grande dose de invenção, de fabricação” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 121).

Essas memórias escritas em momentos de saudosismos e/ou aniversário de morte, poderíamos chamar de estratégias do reconhecimento. Nesses escritos eles se identificaram mutualmente, notadamente como centristas engajados que lutaram em favor da *classe estudantil*, se reconhecendo por pertencerem ao mesmo ambiente social, político e cultural dentro do espaço do CEC, em um contexto em que Campina Grande girava em torno dos discursos de cidade avançada. Ou seja, como jovens atores políticos se diferenciaram nessas circunstâncias para além dos que participaram dessa entidade, por serem pessoas que tiveram suas trajetórias de vida muito semelhantes.

Sendo assim, as atuações dos citados personagens se cruzam com as memórias coletivas sobre o grupo de centristas, em que eles se reconheceram não apenas como aqueles que pertenceram ao CEC, mas como aqueles que transcenderam as atuações estudantis naquela entidade. Sobre essa questão é necessário reforçar que tal memória é fruto de “escolhas, submetidas aos jogos da lembrança e do esquecimento” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 121).

Diante disso, foi sendo colocada nesta pesquisa a possibilidade de realizar um cruzamento de dados individualizados, buscando assim, verificar nas imagens e narrativas o perfil que foi sendo construído para esses “meninos-homens” quando de suas atuações no CEC. Para tanto, nos deteremos aos traços biográficos mais “objetivos” que narram suas trajetórias na época em que eram estudantes e suas ascensões na política paraibana, logo após a saída do CEC.

Através de biografemas construídas a partir de suas imagens de líderes estudantis e o que essas trajetórias de vida tiveram em comum, pudemos traçar um perfil desses centristas de maior destaque na atuação do CEC, evidenciando suas projeções na política de Campina Grande e de resto, na Paraíba, bem como suas singularidades quando comparadas a outros movimentos estudantis no país. Desta forma, comparamos as histórias de cinco lideranças centristas, avaliando suas trajetórias estudantis e, conseqüentemente, suas inserções na vida pública.

Raymundo Yasbeck Asfora nasceu em Fortaleza-CE no dia 26 de novembro de 1930, chegando à cidade de Campina Grande-PB juntamente com seus pais, aos 12 anos de idade. Aos 17, aluno do ensino secundário, iniciou sua vida pública e política ingressando no CEC, onde teve relevante atuação junto com outros estudantes. Após concluir o ensino secundário, ingressou na Faculdade de Direito do Recife e formou-se advogado no ano de 1954.

Em Campina Grande “iniciou a sua vida pública atuando em grêmios estudantis. Ele foi um dos fundadores na cidade da ‘União Estudantil de Campina Grande’<sup>139</sup> ao lado de Félix Araújo” (BERNARDINO, 2017, s/p). “Aos 18 anos já militava nos movimentos estudantis, atuando bravamente na restauração de um dos maiores instrumentos de defesa da classe discente, o Grêmio Estudantil Campinense” (RETALHOS HISTÓRICOS..., 2018, s/p).

Logo após a sua participação no CEC e quando concluiu seus estudos secundário e superior, exerceu mandatos na política paraibana, tendo sido eleito vereador em 1955, deputado estadual em 1958, suplente de deputado federal em 1964, vice-prefeito de Campina Grande em 1977 e, por fim, eleito vice-governador em 1987, cargo que não chegou a ser empossado, dado seu falecimento nove dias antes da cerimônia de posse. Apesar dos laudos médicos sustentarem a tese de suicídio, amigos e parentes de Asfora ainda negam esta versão médica e não aceitam esse parecer, alegando que o político foi assassinado, o que concorre para estas duas versões dos fatos relacionadas à sua morte em suas biografias.

Conhecido como “Tribuno de Campina”, seus discursos eloquentes foram/são elogiados no meio político campinense. Asfora foi/é considerado um “orador incontestável e animador de plateias” (Josué Sylvestre, entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013). Além da carreira pública e política, era conhecido pelas suas poesias e por sua atuação como advogado. “Entre seus poemas, o mais conhecido é ‘Tropeiros da Borborema’, feito em parceria com o também poeta Rosil Cavalcante” (BERNARDINO, 2017, s/p). Até hoje este poema é “considerado um hino extraoficial de Campina Grande, cuja versão mais conhecida apareceu na interpretação do Rei do Baião Luiz Gonzaga, gravada em 1980” (BERNARDINO, 2017, s/p)<sup>140</sup>.

Félix de Sousa Araújo nasceu na cidade de Cabaceiras-PB, em 1922, e veio concluir seus estudos secundários no Colégio Diocesano Pio XI em Campina Grande, onde passou a residir até a sua morte.

---

<sup>139</sup> Não encontramos informações sobre essa *União Estudantil*, e por isso acreditamos que o colunista do Jornal da Paraíba, Tiago Bernardino, estivesse se referindo ao Centro Estudantil Campinense. Para tanto, este Centro não foi criado pelos amigos Raymundo Asfora e Félix Araújo. Estes participaram desta entidade estudantil como presidente e representante, respectivamente, entre os anos de 1947 e 1950. Assim, acreditamos que esta associação, com a suposta *União Estudantil*, esteve ligada à importância da participação de Asfora ao CEC, em que percebemos em suas biografias as referências dessa atuação e do que este Centro representou para a cidade de Campina Grande. Cf.: SANTANA, 2015.

<sup>140</sup> Não localizamos pesquisas que historicam sobre a vida pública de Raymundo Asfora. Os dados que utilizamos na pesquisa foram às reportagens online, quando de alguma data comemorativa, no caso desta referida matéria, se comemorava os 30 anos de sua morte. Como político e intelectual campinense, carecia de um estudo sobre sua trajetória política, suas obras literárias e vida intelectual.

Quem era Félix Araújo? Era um jovem poeta, cronista, jornalista e mestre da oratória. Nasceu em um lar humilde [...]. Desde tenra idade, Félix demonstrou tendência para a oratória e para a poesia. O seu genitor sabia que seu filho tinha propensões para grandes voos, e cuidou de encaminhá-lo para estudar em Campina Grande, no Colégio Pio XI, então dirigido na época pelo padre Odilon Pedrosa. O Cabeceirense fez-se depressa. A sua extraordinária capacidade intelectual, em termos de assenhorrar rapidamente dos conhecimentos. Em 1941, com dezenove anos de idade, terminou o ginásio, e, aos vinte e dois anos, o Curso Clássico. Em 1949, com vinte e sete anos de idade, submetia-se ao vestibular de Direito, na Universidade do Recife (ANDRADE, 1998, p. 58-59).

Também foi poeta, tribuno, secretário de educação, ensaísta, crítico literário, escriturário, livreiro, radialista, jornalista e conferencista. Elegeu-se o vereador mais bem votado em Campina Grande no ano de 1951 pelo PL (Partido Libertador). Rompeu com o então Prefeito Plínio Lemos, e fez duras críticas à administração desse gestor no *Jornal de Campina*, e do governador José Américo de Almeida. Em 13 de julho de 1953 foi baleado por João Madeira, guarda-costas do referido prefeito. Félix Araújo não resistiu aos ferimentos e veio a falecer no dia 27 de julho, aos 30 anos de idade<sup>141</sup> (SYLVESTRE, 1982).

Sobre o cargo de Secretário da Educação que Félix Araújo exerceu, Josué Sylvestre (1982) assim o descreveu: “foi muito mais do que um Secretário [...] Foi um assessor super-valioso para o Dr. Elpídio, verdadeira sombra do prefeito campinense, correto e leal para com o amigo que lhe dera oportunidade de servir ao povo; de uma dedicação à coisa pública praticamente inigualável” (SYLVESTRE, 1982, p. 314). Vemos aqui, mais uma vez, as alianças estabelecidas pelos centristas com o político Elpídio de Almeida. Também, podemos supor as origens dos confrontos de Félix e os ataques no *Jornal de Campina* contra Plínio Lemos, discutidos no capítulo anterior, pois, consideramos que, mais do que denunciar as irregularidades da administração desse gestor, os laços de amizade e favoritismo em cargos públicos prevaleceram.

Ronaldo José da Cunha Lima nasceu em Guarabira-PB no dia 18 de março de 1936, residindo em Campina Grande na década de 1940, onde estudou no Colégio Pio X e no Colégio Estadual da Prata. Trabalhou como vendedor de jornais, depois como garçom, no restaurante do seu irmão Aluísio, na Associação Comercial dessa cidade, na Rede Ferroviária do Nordeste e no Cartório de Dona Nevinha Tavares para custear seus estudos. Em 1951

---

<sup>141</sup> Após sua morte, recebeu várias homenagens em forma de nomes de rua, avenidas, praças e escolas, creches, em cidades paraibanas: Cabaceiras, Boqueirão, Cajazeiras, Caturité, João Pessoa, Patos, Souza, Teixeira e em Campina Grande, onde foi homenageado como Patrono da Câmara Municipal de Campina Grande, Casa de Félix Araújo e Patrono da Cadeira nº 13 da Academia Campinense de Letras.

ingressou no CEC ainda como estudante secundarista, por influência de seus irmãos Ivandro Cunha Lima e Fernando Cunha Lima. Foi líder estudantil, tendo sido vice-presidente do CEC e diretor do jornal *Formação* entre os anos de 1951 e 1955.

Depois dos anos de atuação nessa entidade estudantil, bacharelou-se em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba, atuando como advogado, promotor de justiça, professor, poeta e político, onde exerceu os cargos de vereador e prefeito de Campina Grande por duas vezes – a primeira em 1968, sendo cassado pelo AI-5 e a segunda em 1982 –, além de ter sido deputado, senador e governador da Paraíba. Morreu em 07 de julho de 2012. Foi membro da Academia Campinense de Letras e Academia Paraibana de Letras, em que escreveu diversas obras<sup>142</sup>, quando mesmo atuando na política campinense não deixou de lado o mundo das letras. Sua morte teve repercussão nas redes sociais, amigos e políticos da cidade e do estado prestaram homenagens em forma de escritos, que narraram sua trajetória como estudante-centrista, poeta e político campinense<sup>143</sup>.

Josué Sylvestre nasceu em Carpina-PE em 16 de julho de 1937, vindo residir nesta cidade no final da década de 1940. Como estudante e militante, foi representante do CEC entre os anos de 1953 e 1955, retornando sua atividade como presidente nessa mesma entidade entre os anos de 1960 e 1962. Participou de congressos da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas – UBES –, quase chegando à sua diretoria, levou o CEC para as reuniões da AESP (Associações dos Estudantes Secundários da Paraíba), sendo o CEC a única entidade municipal, e inaugurou a Casa do Estudante Félix Araújo em 1962.

Sua atuação no movimento estudantil foi até o ano de 1963 quando ocupando o cargo de vice-diretor da UBES, teve seu mandato cassado no Conselho Nacional dos Estudantes por ausência de atividades na diretoria. Considerando como graves seus pensamentos e sua atuação na vida pública como estudante, foi indiciado e prestou depoimentos pelos Inquéritos Policiais Militares – IPM –, instaurados pelo governo militar, que se prestou às apurações sumárias de fatos que nos termos legais configurou-se como crime militar devido às atuações em movimentos estudantis no período anterior ao golpe de 1964<sup>144</sup> (SYLVESTRE, 2013).

---

<sup>142</sup> Ronaldo lançou diversos livros, para citar alguns deles: *50 canções de amor e um poema de espera* (1955), *Alice Carneiro: Imagem da Mulher Paraibana a Serviço das Grandes Causas* (1977), *Perfil do Município* (1984), *13 Poemas Pinturas de Carlos Furtado* (1986), *Estado e Município na Reprodução do Espaço* (1991), *Poemas de sala e quarto* (1992), *A Serviço da Poesia* (1993), *Versos gramaticais* (1994) e *A Seu Serviço* (1995).

<sup>143</sup> Para mais informações sobre a vida política de Ronaldo da Cunha Lima, cf.: SILVA, 2009.

<sup>144</sup> Josué Sylvestre chamou de “IPEEMÃO da UNE/UBES”: “Assim, no dia 6 de setembro de 1965, pela manhã, atendendo a uma convocação do major José Correia de Macedo, vindo do Rio de Janeiro, compareci ao 15º Regimento de Infantaria, em João Pessoa, para prestar depoimento. Ao chegar ao quartel, o major me atendeu e disse que só iria me ouvir às 20:00hs, porque outras pessoas já estavam convocadas para interrogatórios durante

É membro da Associação Nacional de Escritores, da Academia Evangélica de Letras do Brasil (Rio de Janeiro), da Academia de Letras de Campina Grande e do Instituto Histórico de Campina Grande. Historiador e escritor, escreve obras memorialistas sobre a política partidária campinense e seus políticos<sup>145</sup>, atuando também como conselheiro das campanhas eleitorais da família Cunha Lima.

Juarez Farias nasceu na cidade de Cabaceiras em 1933, tendo ido para Campina Grande aos 12 anos de idade, no ano de 1945. Trabalhou dos 10 aos 16 anos como escrevente de cartório, para custear seus estudos. Também ocupou os cargos de gerente de fábrica e secretário de escritório entre os anos de 1948 e 1953. Ingressou no CEC em 1948, onde exerceu as funções de representante, orador e editor e colaborador do jornal *Formação*. Participou dessa entidade estudantil até 1954, quando nesse mesmo ano se mudou para a cidade de Fortaleza-CE. Advogado e economicista, foi vice-governador do Estado da Paraíba, com exercício do governo entre julho de 1970 e março de 1971. Atualmente é advogado e conselheiro aposentado do Tribunal de Contas do Estado – TCE, além de presidente da Academia Paraibana de Letras (APL)<sup>146</sup>.

Para tanto, partindo desses dados biográficos, podemos vislumbrar elementos de confluência entre as trajetórias de vida desses centristas no sentido de estabelecer um perfil em conjunto que nos permita visualizar o lugar social de produção do espaço do CEC como escola de líderes e daqueles que se utilizaram dessas narrativas para se inserir na cena pública e política local.

Quase todos pertenceram à mesma geração, entre os anos de 1947 a 1962, atuando no principal período de atuação e intensa mobilização do CEC, que foi a década de 1950, com as questões referentes às principais lutas estudantis já discutidas em capítulos anteriores. Todos nasceram em outras cidades do estado da Paraíba, com exceção de Raymundo Asfora que nasceu em Fortaleza-CE, e Josué Sylvestre que nasceu em Carpina-PE, e foram para Campina Grande concluir seus estudos secundários, mudando para esta cidade, com ou sem os seus familiares e ainda muito jovens.

Estudaram nas principais escolas particulares secundárias da cidade, que eram o Pio XI e o Colégio Alfredo Dantas. Sendo que em 1953, da inauguração do primeiro colégio

---

o dia” (SYLVESTRE, 2013, p. 75). No ano de 1964, com o golpe civil-militar, a repressão foi imediata contra o CEC, quando esse espaço invadido, muitos centristas fugiram e não tiveram condições de oferecer resistência naquele momento da “invasão”: “a repressão não foi tão forte no meio universitário, que era menos politizado, mas, o Centro Estudantil que era politizado, eles invadiram logo” (LEITE, 2013 apud RAMOS, 2013, p. 102).

<sup>145</sup> Obras citadas nas referências bibliográficas.

<sup>146</sup> Cf.: <<http://aplpb.com.br/component/k2/item/99-ant%C3%B4nio-juarez-farias>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

público secundário, os centristas Ronaldo Cunha Lima e Juarez Farias se transferiram para essa instituição escolar pública. Apesar de trabalharem para custear seus estudos, conseguiram ter acesso aos restritos diplomas em cursos superiores, todos como bacharéis em Direito. Ainda como estudantes de escolas privadas, já demonstravam naquele contexto o interesse em “abraçar” a ideia de ser Campina Grande uma cidade politizada e intelectualizada.

Assim que chegaram a esta cidade todos eles se interessaram e se engajaram nas lutas estudantis, obtendo contato direto com líderes estudantis e grêmios escolares, espaços que propiciaram o ingresso no CEC e também nas páginas dos jornais locais. De acordo com Agnelo Amorim (entrevista concedida à autora em: 02 dez. 2013), “era muito difícil um jovem nessa cidade não se interessar em participar do CEC”. Segundo esta afirmação, tal questão pode ser reflexo de uma cidade que sempre foi considerada como um lugar onde estudantes interagiam em igual monta com grupos de intelectuais, debatendo ideias relacionadas à cultura, política e literatura na imprensa local.

Quatro dos centristas citados participaram diretamente da vida política partidária, foram candidatos, venceram eleições e, conseqüentemente, exerceram cargos e funções legislativas, municipais e estaduais e no Executivo. Com exceção de Josué Sylvestre, que chegou a se candidatar a deputado estadual ainda como integrante do CEC, mas não obteve êxito político. Todavia foi nomeado como diretor do Senado Federal e ainda hoje mantém relações com a política campinense.

Quando passaram a residir na cidade de Campina Grande, os centristas encontraram espaços que reuniam homens de letras em suas manifestações políticas e culturais. Grande parte era constituída de personalidades ligadas às elites campinenses, estudantes e intelectuais e expoentes da imprensa<sup>147</sup>. Não à toa que a militância na imprensa se constituiu como uma forma de apropriação de lugares de sociabilidade intelectual, bem como do exercício cotidiano de divulgação das suas práticas no CEC e das manifestações e lutas em prol dos estudantes campinenses.

Josué Sylvestre, por exemplo, ainda como estudante, chegou a participar da criação de outros jornais que circularam na cidade, como o *Jornal do Estudante*, sendo posteriormente um dos principais editores dos jornais *Evolução* e *O Globo*. Foi também redator do jornal

---

<sup>147</sup> Como observa Luca (1999), o jornal foi para a intelectualidade brasileira na década de 1950, período também em que os centristas mais atuação na imprensa campinense, “a principal mercadoria da nascente indústria cultural, ditava modos e estilos, impunha ao cotidiano seu ritmo nervoso, apressado e superficial, consagrava certos autores e relegava outros ao ostracismo” (LUCA, 1999, p. 36). Para tanto, esse jornalismo será mais uma vez fundamental para historicizar os percursos desses centristas, pois eles se apropriaram do mesmo para expor os cotidianos de suas ações no CEC.

*Tribuna Campinense*, além de possuir colunas regulares em que escrevia acerca dos assuntos relacionados às lutas políticas estudantis. Juarez Farias e Ronaldo Cunha Lima também tinham colunas regulares no jornal *Formação* e foram editores e redatores deste impresso estudantil. Félix Araújo, ainda como estudante do Colégio Pio XI, escrevia com frequência para o jornal *Voz da Borborema* e foi por algum tempo editor do jornal *Cruzeiros*, além de colaborar com o *Jornal de Campina* e esporadicamente com outros órgãos da imprensa local.

Enquanto estiveram à frente do CEC, Raymundo Asfora e Félix Araújo foram responsáveis pela organização de quatro edições do jornal *Formação* (entre os anos de 1948 e 1949). Neste impresso buscaram expor ideias que consideravam necessárias sobre união e pertencimento da *classe*, escrevendo, por exemplo, sobre assuntos voltados à prestação de “serviços” e outros temas nacionais do movimento estudantil.

Os centristas pesquisados também atuaram em programas radiofônicos da cidade, levando a efeito ao microfone da amplificadora todos os domingos às 20 horas o Programa *Voz de Campina Grande*, em que discutiam assuntos relacionados aos estudantes e às ações dos centristas (FORMAÇÃO, 06 out. 1948).

De uma maneira geral, o jornal *Formação* foi destinado a se constituir em um lugar de memória e edificação de alguns nomes que teriam contribuído decisivamente para as conquistas do CEC, como discutido anteriormente, de modo que o citado impresso se transformou em porta-voz das ações, conquista e celebrações, sempre valorizando o espírito “guerreiro” da juventude campinense da qual fizeram parte. Este espaço também serviu como empoderamento dos citados “meninos-homens”, pondo-os em evidência como aqueles exemplos a serem seguidos por outros jovens nas gerações vindouras do movimento estudantil liderado pelo CEC.

Desta forma, de acordo com Albuquerque Junior (2013), o jornal indiscutivelmente tornou “estas vidas em monumentos, ou seja, dando a eles perenidade e evitando que elas fossem esquecidas, tornando-os, portanto, imortais, livres do caráter corrosivo e destrutivo da história” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 133). Assim, a busca por essa influência social e política no interior do espaço do jornal *Formação*, bem como em outros jornais, foi se constituindo num universo privilegiado da cultura impressa na cidade, espaço de prestígio e poder a partir da repercussão de ideias e legados.

Após um período de inatividade do CEC, particularmente entre os anos de 1940 e 1947, Raymundo Asfora e Félix Araújo reativaram as atividades desta entidade e colocaram em prática as ações cotidianas do movimento de estudantes. Entre as iniciativas à frente do CEC, eles foram protagonistas da criação do projeto de fundação da Casa do Estudante Pobre

que tinha como objetivo primordial abrigar estudantes que vinham de outras localidades para realizarem seus estudos primários e secundários, mas que não tinham condições para se manter na cidade.

Juarez Farias, Ronaldo Cunha Lima e Fenando Cunha Lima deram continuidade ao projeto para a construção desse espaço, com campanhas e viagens nacionais para arrecadar fundos. O projeto foi consolidado somente em 1962 sob a liderança do então presidente do CEC, o centrista Josué Sylvestre. O espaço recebeu o nome de *Casa do Estudante Félix Araújo*, em homenagem a um dos seus idealizadores, assassinado em meio ao auge das campanhas em favor dessa realização e pelo mandante, que segundo algumas narrativas da época, mais teria dificultado a edificação desta obra.

Com relação a Félix e Asfora, a diferença de oito anos de idade não impediu que esses dois jovens se encontrassem nas suas trajetórias políticas. Ambos, vindos de outras localidades ainda muito jovens, encontraram em Campina Grande a oportunidade de um engajamento intelectual e político, possibilitados pelo CEC, que “acolhia” jovens estudantes que tinham por intenção e disposição a luta por aquilo que consideravam como de importância para a *classe* de estudantes.

Juarez Farias e Ronaldo Cunha Lima, conterrâneos de escola e militância no CEC, tiveram suas trajetórias cruzadas na luta em favor da construção da referida Casa do Estudante Pobre e nos enfrentamentos contra o prefeito Plínio Lemos, gestor responsável por suspender as bolsas de estudos de estudantes em escolas particulares na cidade. Perante alianças e enfrentamentos com o poder público e político local, a beligerância travada contra o referido prefeito deu visibilidade a estes atores estudantis na política partidária campinense.

Em suas memórias, Josué Sylvestre (entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013) se (re)apresenta como um ex-centrista efetivamente engajado no movimento político, alguém que conquistou e efetivou, quando da retomada das atividades do CEC, em 1960, pautas e ações que não haviam sido conquistadas, tomando como principal exemplo a construção da Casa do Estudante Pobre, considerada por ele como grande feito e de importância para os centristas, principalmente por abrigar estudantes de baixa renda. Em suas narrativas de memória, Josué Sylvestre constrói uma imagem de centrista que “lutou” para o seu “engrandecimento”, pois, segundo ele, a luta por essa construção teria durado nada menos do que 15 anos, tendo o desfecho em sua gestão como presidente da citada entidade estudantil.

Em 1960, quando assumi a presidência do Centro, encontrei o Casa do Estudante com a construção paralisada e o imóvel penhorado à justiça do

trabalho. A pedra fundamental e os alicerces haviam sido lançada por Raymundo Asfora; as paredes foram erguidas nas gestões dos presidentes Fernando Cunha Lima e Genival Lucena, mas tudo estava abandonado sob a alegação da falta de recursos financeiros (SYLVESTRE, 1988, p. 573-574).

Com a ajuda do meu amigo deputado federal José Joffily Bezerra e as providências urgentes e de reconhecimento do nível profissional adotados pelo nosso Secretário de Finanças, o estudante Israel Fernandes de Souza, resolvemos as pendências no então Ministério da Educação e Cultura – MEC em tempo recorde e, no dia 8 de agosto de 1960, menos de dois meses após a nosso posse, conseguimos, na junta de conciliação e julgamento, um excelente acordo com o ex-vigia (SYLVESTRE, 2013, p. 53).

Ainda segundo Josué Sylvestre, o CEC por ter passado por outro período de inatividade, entre os anos de 1955 e 1957, teria certamente dificultado a falta de interesse dos centristas, principalmente em mobilizar ações para concretização da tão sonhada obra. No entanto, Josué não deixa de criticar as administrações dos antecessores líderes da entidade que não priorizaram esse projeto. O centrista revela também as campanhas que desenvolveu junto às entidades públicas dos governos municipal, estadual e federal, com destaque para as subvenções conseguidas através do senador Argemiro de Figueiredo, juntamente com as verbas destinadas a entidades assistenciais de Campina Grande para o ano de 1959:

Núcleo Rural de Massaranduba, cem mil cruzeiros; Casa do Estudante Pobre, vinte mil cruzeiro; Sociedade Odontológica, trinta mil cruzeiros; Escola profissional Francisco Leandro, vinte mil cruzeiro; Instituto Pax, cinquenta mil cruzeiros (...) Casa do menino, cem mil cruzeiros; Colégio Imaculada Conceição, cem mil cruzeiros; Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, cem mil cruzeiros; Colégio Alfredo Dantas, cem mil cruzeiros (SEMANÁRIO OFICIAL, 17 mai. 1959, s/p) (grifo nosso).

Estes benefícios foram registrados no Semanário Oficial do órgão da Prefeitura de Campina Grande, criado para promover a administração do então prefeito Elpídio de Almeida. Como é possível observar, a maioria destes benefícios não era de entidades assistenciais, mas de escolas e instituições privadas. Desconhecemos se essas “doações” às escolas particulares eram destinadas às bolsas de estudos para estudantes que não tinham condições de pagar as mensalidades.

No jornal *Formação*, publicado em 1957, a questão da inatividade do CEC foi pauta de esclarecimento público e também de contraposição e conflito com as ações dos dirigentes anteriores: “essa ausência quase constante do órgão estudantil na vanguarda da classe, se deve exclusivamente à desorganização reinante até poucos dias atrás, nos quadros dirigentes do

CEC” (FORMAÇÃO, jul. 1957, ano 21, n. 01, p. 02). Com a nova direção do CEC foi também lançada uma nova edição do jornal *Formação*:

A renovação por completo dos velhos e superados métodos de conduzir a sociedade estudantil, pelo [...] bom andamento dos negócios dos centristas, Formação reaparece nos círculos estudantis e culturais de Campina Grande, dispôsto a retomar a sua verdadeira posição de porta-voz das reivindicações da classe [...] Nestas páginas singelas, desfilarão tipos topográficos, as ideias novas e renovadoras da geração que tem sobre seus ombros a responsabilidade de assegurar o futuro do Brasil (FORMAÇÃO, jul. 1957, ano 21, n. 01, p. 02).

Para isso, também justificaram os afastamentos de outros centristas e dos embates na condução da entidade:

Enquanto uma minoria trabalha dia e noite em prol dos problemas mais sérios dos estudantes, estes nem se limitam a dar a honra de suas presenças em uma de suas sessões ordinárias e extraordinárias [...]. Talvez pensem que usufruimos de vantagens materiais, talvez pensem outras coisas mais (FORMAÇÃO, jul. 1957, ano 21, n. 01, p. 02).

Nas matérias publicadas percebemos que não foi apenas Josué Sylvestre que tentou justificar suas ações como importantes e se colocar como o único que de fato “trabalhou” pelo CEC e como sujeito realmente engajado nas causas dos estudantes. Evidenciamos que essa estratégia de culpabilização ocorreu também em outros períodos de funcionamento da entidade.

Cabe ressaltar que nas histórias de vida dos cinco centristas identificados neste capítulo, todos concluíram os estudos secundários e comungaram de experiências intelectuais e políticas enquanto jovens. Entretanto, Félix Araújo, na época de sua atuação no CEC, entre os anos de 1947 e 1949, já havia concluído o curso secundário e clássico e em 1944 já era funcionário público<sup>148</sup>. Mesmo assim, participou como representante do CEC e foi considerado igualmente um centrista. Dessa curiosa experiência política, não conseguimos informações sobre a efetiva participação de Félix. Ele foi eleito junto com os outros representantes? Teriam burlado o estatuto interno da entidade estudantil apenas para favorecer o

<sup>148</sup> Félix Araújo também foi candidato a deputado federal em 1946 pelo Partido Comunista Brasileiro – PCB. Depois da derrota nas urnas, Félix se afastou do PCB e procurou outras atuações na cidade, a exemplo do CEC, e encontrou no amigo Asfora, a oportunidade de buscar outras alianças políticas, se elegendo vereador não mais pelo PCB, mas pelo PL. Sobre Félix Araújo e sua corrente política-ideológica, cf.: CAVALCANTE NETO, 2006; MELLO, 2003.

seu ingresso? É fato que naquele contexto Félix gozava da amizade com o então presidente da entidade, o centrista Raymundo Asfora.

Outro também que não era estudante secundário, mas que exerceu a função de presidente do CEC foi o próprio Josué Sylvestre, algo possibilitado por uma mudança interna no Estatuto do CEC, ficando assim modificado:

Reformas dos Estatutos - Outra resolução da Assembleia Geral do CEC foi a reforma dos seus estatutos. Entre as inovações inseridas, destacamos as seguintes: o período administrativo teve sua duração aumentada de um ano para dois anos; a admissão do estudante do curso primário como membros do CEC; o concluinte do curso secundário passou a ter o direito de sócio por mais dois anos após o término do colegial, em vez de um só, como tinha antes (EVOLUÇÃO, 02 a 08 jun. 1958, ano 01, n. 01, p. 11).

O presidente do CEC que aprovou a reforma dos estatutos foi Figueiredo Agra<sup>149</sup>, entre os anos de 1957 e 1958, na época com 22 anos de idade. Como não era mais estudante secundário, pelo estatuto anterior ele não poderia se candidatar como presidente do CEC. Desta forma, este novo estatuto possibilitou a candidatura tanto de Figueiredo Agra como de outros centristas que não eram mais estudantes secundaristas, possibilitando assim, o ingresso na direção da entidade, no final da década de 1950 e início da década de 1960.

Sobre essa questão, o então presidente Figueiredo Agra expôs no jornal *Formação* que foi na sua gestão que havia ocorrido o processo de “moralização do quadro social do Centro” (FORMAÇÃO, jul. 1957, ano 21, n. 01, p. 02), quando somente representaria o CEC “estudantes como sócios efetivos da entidade” (FORMAÇÃO, jul. 1957, p. 02), portadores das carteirinhas de sócios, que não eram matriculados em colégios da cidade e que seria “extinta a política do favoritismo” (FORMAÇÃO, jul. 1957, ano 21, n. 01, p. 02), pois distribuir tais carteirinhas imprudentemente teria sido uma atitude tomada pelos últimos dirigentes, “uma grave desonestidade que contribuía para a desorganização interna e também como base para campanhas de descrédito contra o nosso glorioso Centro” (FORMAÇÃO, jul. 1957, ano 21, n. 01, p. 02). Figueiredo Agra também tentou marcar sua passagem pelo CEC ao modificar sua organização, posicionando-se como aquele que tomou medidas que beneficiaram os estudantes após longo período de ociosidade da entidade estudantil.

---

<sup>149</sup> Antônio Figueiredo Agra (1936-1982) ocupou cargos administrativos em Campina Grande e deixou sua marca, principalmente na prática da escrita e da oratória. Poeta, escreveu várias obras, dentre as quais: *Guardo esses poemas* (1973), *Concerto de Espaços* (1973) e *Tempos da noite* (1975). Foi suplente de deputado estadual, tendo sido cassado após o golpe civil-militar por iniciativa da Assembleia Legislativa.

Por sua vez, Josué Sylvestre justificou os motivos de sua candidatura a presidente do CEC pontuando as seguintes questões: pedido de “lideranças secundaristas” e pôr em funcionamento a Casa do Estudante, que havia sido o desejo de vários centristas que atuaram antes dele. Apesar de narrar sobre o “compromisso” com a “democracia centrista” e a “tão nobre causa de terminar a construção desse abrigo para estudantes” (Josué Sylvestre, entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013), o mesmo “se aproveitou” das modificações nos estatutos do presidente anterior para se candidatar a presidente dessa entidade estudantil.

É importante observar que todos os cinco centristas pesquisados neste capítulo “entraram” não apenas no mundo das letras, escrevendo principalmente na imprensa local, mas imprimiram suas marcas de lideranças através dos mecanismos que foram possibilitados aos estudantes que participaram do CEC, indo às ruas para defender e lutar pelos direitos dos mesmos. A cidade se tornaria o palco das manifestações estudantis, onde subiram em caminhonetes improvisadas discursando para o público estudantil, o que lhes rendem o perfil de “oradores incontestáveis” (Josué Sylvestre, entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013). Assim, seja escrevendo ou discursando, ambos os centristas deixaram suas marcas na política campinense e nos meios literários, e logo após suas participações no CEC, foram escolhidos para serem representantes do povo e receberam as “glórias” que essa entidade estudantil teria proporcionado.

Desta forma, se colocando na cena pública e política campinense através das atuações empreendidas pelo CEC, criaram as representações e os discursos que os favoreceram nas suas imagens de homens que desempenharam atividades que os elegeriam para assumir cargos públicos. Esta entidade foi considerada pelos que dela participaram como ligada diretamente à formação de jovens que buscaram no CEC a ideia de “escola de líderes”, ou seja, uma entidade que “mais gerou quadros para a política local”, pois muitos deles, após a vivência com a militância estudantil, “passaram a assumir funções governamentais, mandatos legislativos e postos de direção de maior ou menor destaque na política da cidade e no Estado” (SYLVESTRE, 1982, p. 385).

Evidenciamos também que as ideias e interesses dos referidos centristas não estiveram apenas ligados à causa estudantil campinense. Pelo prestígio que ocupavam no CEC, estes estudantes encontravam bases necessárias à formação política e intelectual: prática da oratória, comícios nas ruas e praças da cidade; eleições estudantis, com formação de coligações pelos estudantes candidatos; incentivo à leitura, com a criação de grêmios estudantis fora e dentro das escolas existentes, onde se discutiam literatura e política; realizações de congressos estudantis, que pautavam assuntos relacionados à educação; e a

escrita, em que os centristas escreviam com certa frequência no jornal *Formação*, ou mesmo em outros jornais que circulavam na cidade naquele momento histórico. Entre as publicações mais recorrentes estavam poemas, crônicas e artigos de opinião.

Inseridos em redes de sociabilidades e de engajamento intelectual e político, característica da cultura letrada campinense, os centristas assim se colocaram na cena pública da cidade como aqueles envolvidos na ideia de uma cidade que se dizia/queria politizada. Desta forma, o espaço do CEC daria as representações necessárias para que estudantes “entrassem” efetivamente na política partidária local.

É evidente que este movimento estudantil campinense desenvolvido pelo CEC possui suas singularidades, em particular devido às representações e práticas políticas empreendidas. De forma mais efetiva, as narrativas produzidas, sobretudo no jornal *Formação*, operacionalizava as mediações necessárias à formação política da juventude engajada na entidade.

Nesse caso, para Raymundo Asfora, Félix Araújo, Ronaldo Cunha Lima, Juarez Farias e Josué Sylvestre, as memórias desse contexto de formações políticas e intelectuais não foram diferentes, haja vista o peso que alguns deles atribuem ao CEC na formação de suas carreiras intelectuais e políticas.

Portanto, pode-se aferir que a partir das representações que construíram dessa experiência no movimento estudantil campinense e do próprio CEC como um lugar próprio da formação política da juventude campinense, e das ideias que repercutiram no jornal *Formação*, eles viabilizaram efetivamente suas inserções como atores privilegiados da comunidade cultural e política, tanto em âmbito local como regional.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo analisamos, discutimos e historicizamos acerca da atuação dos/as centristas no espaço do CEC, que conduziu o movimento estudantil em Campina Grande-PB entre as décadas de 1930 a 1960. Na pesquisa evidenciamos o quanto este espaço de organização de estudantes foi propício ao desenvolvimento e realização de práticas: eleições, enfrentamentos e aproximações com políticos locais, lutas em favor da educação, apoios a estudantes e debates sociais diversos.

Através das memórias e das escritas de si, os/as entrevistados/as marcaram as suas atuações no CEC, evidenciaram os vestígios, através de suas lembranças e fontes, inventariaram fatos, se emocionaram, reviveram os tempos que significaram como tempos de “glórias” que esta entidade desfrutou, narrando às lutas; as passeatas; as eleições estudantis; as campanhas e viagens em busca de fundos para construção da casa do estudante pobre; de tudo aquilo, enfim, que consideraram “digno” e importante de ser lembrado/narrado.

Começamos por analisar os projetos educacionais para Campina Grande através de discussões na imprensa campinense na defesa de questões sobre educação. Isto inserida em discursos de cidade moderna e avançada culturalmente, em que a elite, intelectuais locais e estudantes, criaram espaços de sociabilidades destinados à escrita e à leitura, como os clubes literários e os jornais. Para tanto, perscrutamos as atuações dos centristas em participações em eventos de cunho educacional e cultural, e as defesas de espaços de leitura, a exemplo do empenho por melhorias na Biblioteca Pública de Campina Grande e da luta por uma biblioteca interna dentro do espaço do CEC.

Desta forma, o cerne do pensamento desses exaltava palavras como “progresso”, “civilização” e “mudança”, permitindo que a cidade pudesse viabilizar um desenvolvimento não apenas material, mas principalmente educacional. Assim, constatamos que os discursos sobre o desenvolvimento urbano para esses grupos estiveram ligados às letras e às artes, quando puderam construir seus projetos educacionais ansiados em uma política de ensino. Esses projetos perpassaram a criação do primeiro estabelecimento de ensino público secundarista, o Colégio Estadual da Prata (o Gigantão). Nesse projeto educacional, a identidade de cidade politizada foi ressaltada como um investimento intelectual e cultural, associada aos espaços de sociabilidades em que esses grupos circulavam, bem como as suas ideias de representar Campina Grande em constante dinâmica política e educacional.

Desse modo, acreditamos que a incursão de projetos educacionais inseridos em redes de sociabilidades pela elite política, intelectuais e estudantes, se constituiu em caminhos para

os discursos de formação política e cultural extraescolar desses como prioridades que ocuparam muitas discussões dos centristas. Como lugar de liderança do movimento estudantil campinense, o CEC se (re) apresentou também inserido nesses espaços de (re) produção de uma cultura política, em que as escolhas, as aproximações e os enfrentamentos dos centristas foram determinantes para os direcionamentos de quais problemas vivenciaram e enfrentaram nesse espaço.

A partir dessas constatações, problematizamos como a imprensa campinense foi se abrindo à atuação intelectual dos centristas na defesa de bandeiras educacionais, pois, a partir dessa “abertura”, tiveram a oportunidade de defender nesses impressos locais ideias e tratar de questões relacionadas ao movimento estudantil liderado pelo CEC. Na pesquisa selecionamos e catalogamos os temas relacionados à educação abordados pelos jornais pesquisados, desde as questões contra o analfabetismo às denúncias do descaso público com as bibliotecas, através de matérias de opinião, artigos, eventos e congressos estudantis e que envolvia diretamente os centristas como protagonistas das principais reivindicações em prol da *classe estudantil*.

Dentre esses temas perscrutados na imprensa, o que mais evidenciamos foram os que valorizavam aqueles espaços destinados à leitura e à escrita, colocando a Rainha da Borborema como reduto de intelectuais engajados. Contudo, a ideia de a cidade avançar culturalmente e intelectualmente foi sendo destinada a uma pequena parcela da população que poderia usufruir desses espaços de sociabilidades, considerando que mais da metade da população campinense era constituída por cidadãos analfabetos.

Desse modo, as práticas discursivas eram pensadas e destinadas aos que poderiam participar dos clubes literários e dos grêmios estudantis, dos que tinham acesso aos jornais, dos que participavam de congressos e feiras literárias. Além dos precários espaços de escolarização pública, a cultura intelectual de Campina Grande não incluía a maioria da população. Por isso, não é exagero afirmar que a “batalha” intelectual envolvia apenas um número reduzido de cidadãos da cidade.

O engajamento dos centristas em favor da educação coexistiu com as preocupações com o acesso à cultura, criando desta forma outros espaços para esse ingresso, como foi o GLMA, que também recebia subsídios de políticos e órgãos públicos para o seu funcionamento. Os apoios a esse espaço tinham como pano de fundo a ideia do investimento público na educação, haja vista que se justificava pelo acesso às várias manifestações culturais, além de se constituir num espaço pelo qual a juventude campinense teria uma formação política e intelectual extraescolar.

Interessaram-nos também os discursos dos centristas na imprensa em favor da educação, em que buscamos analisar como eles se apropriavam dos problemas educacionais para fazer frente aos debates políticos locais. A exemplo do caso emblemático da defesa da manutenção das bolsas de estudos que eram patrocinadas pelo executivo municipal, bem como das constantes reivindicações pela inauguração do primeiro colégio público secundário da cidade, temas que inevitavelmente os colocavam no cenário dos embates públicos na política partidária local.

Ao se identificarem com os interesses referentes aos problemas da *classe estudantil*, manifestaram oposição ao prefeito Plínio Lemos (1951-1955) no desejo de se representar com um grupo estudantil participativo nesses debates, em que fizeram da administração do referido gestor o principal alvo de ataques. Esse embate foi uma luta que corroborou com o envolvimento dos centristas nas disputas partidárias oposicionistas, quando o principal questionamento se referia àquela suspensão das bolsas de estudos e aos cortes nas “ajudas” financeiras para o funcionamento do CEC. Desta forma, esse exemplo de enfrentamento incidiu em manifestações de força e influência que buscavam os centristas na configuração de suas imagens de lideranças e na construção de um espaço politizado para o CEC.

Esses confrontos dos centristas com relação aos problemas educacionais também estiveram relacionados às aproximações com políticos locais de oposição ao prefeito Plínio Lemos, sendo agravadas pela morte do vereador e ex-centrista Félix Araújo. No entanto, os centristas buscaram apoios necessários para aquilo que defenderam e lutaram em favor dos estudantes, mesmo tomando posições políticas nas acaloradas disputas locais.

Todavia, os engajamentos dos centristas se concentraram também nas reivindicações locais, em que se mobilizavam com frequência nas questões referentes aos problemas da cidade, tendo como exemplos a falta d'água, o aumento das tarifas de transportes, aumento das entradas de cinema, aumento do pão. Para tanto, mostramos que os centristas apareceram na cena pública campinense não apenas para reivindicar os 50% nas meias-entradas em cinemas, mas como uma organização forte e politizada que agiu, além dos interesses dos estudantes, como um projeto fulcral de políticos campinenses.

Além de apoiar os projetos para a educação desenvolvidos naquele contexto, os centristas também empreenderam outras ações que consideraram como fundamentais e necessárias não somente para o desenvolvimento educacional, mas também para uma formação da juventude. Uma das bandeiras mais importantes foi à construção da Casa do Estudante Pobre, resultado das históricas reivindicações em favor de jovens advindos de

outras localidades do Estado e sem condições materiais para cursar os ensinos primário e secundário em Campina Grande.

Consequentemente, foi na escrita em jornais, em especial, com a criação do jornal *Formação* e na apropriação de outros jornais que circularam na cidade, através das colunas estudantis, que os centristas criaram seus espaços de lutas e disputas, fortalecendo suas visões e imagens como lideranças da educação no conjunto da sociedade campinense.

Para tanto, lutaram pela periodicidade do jornal *Formação*, onde construíram para esse espaço uma memória de luta de estudantes ligados ao CEC, principalmente nas datas comemorativas de aniversário de criação. De forma mais enfática, esse jornal foi o impresso de elevação do debate de lideranças centristas, trazendo as condições privilegiadas para os centristas se colocarem na cena política campinense, inserindo-os numa cultura política que viabilizava a expressão e divulgação das ideias e práticas daquele agrupamento juvenil. Também, através de suas fotografias, expuseram nesse impresso suas imagens de líderes estudantis, inserindo-os em uma memória impressa como sujeitos monumento que fizeram acontecer o movimento de estudantes liderado pelo CEC.

Os impressos se constituíram em lugar de memórias desse contexto político, através das celebrações de aniversário e publicações de nomes edificados como lideranças fundamentais à constituição histórica do CEC. Ou seja, sujeitos monumentos, sempre em torno dos mesmos discursos da tão ‘gloriosa’ entidade estudantil. Para isso, estabelecemos nos capítulos as relações entre as ações dos centristas, os usos do jornal *Formação* e a ascensão de alguns na política através dos discursos de ser o CEC uma escola de líderes e espaço de formação da juventude campinense.

Além disso, coube aos líderes do CEC à iniciativa de criação de outros espaços de leitura e escrita, como grêmios estudantis, espaços efetivamente utilizados para circulação de ideias e atuações intelectuais. Também buscaram institucionalizar mecanismos semelhantes aos círculos intelectuais, como: estatuto, membros, regimento, diretoria e um jornal oficial, em que buscaram apoios de todos aqueles estudantes enamorados das letras, “seduzidos” pelo movimento estudantil liderado pelo CEC, que proporcionava debates sobre literatura e política nas suas dependências.

Por meio das entrevistas e das escritas autobiográficas, evidenciamos que ex-centristas tentaram (re) construir suas memórias como “líderes” de uma época de embates e lutas em favor das causas educacionais. Porém, reconhecem que o CEC serviu não apenas para “formar” estudantes politicamente, culturalmente e socialmente, mas também propiciou a muitos a inserção na política partidária local.

Esse movimento estudantil campinense foi singular, considerando que os centristas, usando das atribuições e influências que o CEC desfrutava na sociedade, buscaram ampliar seus espaços de atuação na defesa de seus posicionamentos. Como militantes subiram em palanques improvisados para discursar para os/as outros/as estudantes sobre suas ações e também emprestaram apoio político às candidaturas e partidos na cidade.

Desta forma, a atuação dos centristas no campo político campinense girou em torno de suas representações como líderes estudantis, em que alguns se destacaram em espaços de sociabilidades, como os jornais e grêmios estudantis. Os entrevistados, a exemplo de Evaldo Gonçalves, Juarez Farias e José Lucas Filho, justificaram suas ascensões na vida pública às suas formações nos anos que estiveram no CEC, em que lembraram suas atuações como oradores, escritores e gremistas que marcaram a sua geração, hoje se conhecendo pelas suas lutas em favor dos estudantes e das posições favoráveis que conquistaram na política partidária local.

Também, a ex-centrista Auxiliadora Borba defendeu sua atuação nessa entidade, se colocando como aquela que lutou junto com os outros centristas na defesa educacional praticadas pelo CEC. Apesar de identificarmos a importância da presença feminina nesse espaço, e de como a atuação de mulheres foi uma conquista desafiadora e relevante para as que se reconheceram como também líderes estudantis e defendeu o direito dado a todos/as os/as estudantes de se candidatarem e participarem desta entidade estudantil, não escolhemos fazer uma análise mais aprofundada sobre essa participação, pois já realizamos estudos em outras pesquisas que completaram a contento essas discussões.

O CEC, como entidade estudantil forte e politizada, teria sim cumprido seu papel ao qual pretendeu: o de ser uma entidade que conduziu o movimento estudantil nas suas principais reivindicações em favor da *classe estudantil*, que funcionou como um espaço de formação intelectual e política extraescolar da juventude campinense, através da prática da leitura e da escrita. Todas as atividades e intervenções na luta em favor da educação, narradas e descritas por eles/as, fizeram com que os/as centristas marcassem suas posições na política campinense, pois foram às ruas, defenderam, acusaram e protestaram sobre aquilo que os aproximaram, mas, também, sobre aquilo que os incomodaram, como os preços considerados elevados dos ingressos dos ônibus, cinema, jogos de futebol, marcando, desta forma, diferenças e semelhanças com outros movimentos estudantis atuantes no país naquele contexto.

Assim, com este estudo buscamos problematizar a relação dos discursos sobre o CEC como uma entidade estudantil secundarista que conduziu o movimento estudantil anterior ao

golpe civil-militar de 1964 e que buscava nas suas reivindicações, lutas e ações em favor da educação, e tiveram a liberdade de se expressar nos jornais, de ir às ruas, contestar contra órgãos públicos e privados e buscar as condições necessárias para aquele contexto, sem repressões e/ou censuras. Enfim, viveram em um contexto em que o país ainda estava experimentando um período democrático.

Por fim, acreditamos que outros estudos ainda poderão ser desenvolvidos com relação às atuações dos centristas, pensando no contexto das agitações estudantis no período dos anos de 1960 na cidade de Campina Grande-PB, onde esta entidade estudantil foi identificada como pertencente a uma corrente de esquerda, partindo de questionamentos dos motivos do por que o CEC ter sido fechado e seus documentos saqueados pelas arbitrariedades do regime autoritário dos militares na ocasião do deflagrado golpe de 1964, tendo tido estudantes presos e suas atividades suspensas.

## REFERÊNCIAS

AGRA DO Ó, Alarcon. **Da cidade de pedra à cidade de papel**: Projetos de educação, projetos de cidades - Campina Grande (1959). Campina Grande-PB: EDUFPG, 2006.

AIRES, José Luciano de Queiroz. **Cenas de um espetáculo político**: poder, memória e comemorações na Paraíba (1935-1945). 2. ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2015.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE DO Ó, Alcides. **Campina Grande**: História & Política (1945-1955). Campina Grande-PB: Edições Caravela, 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado - ensaios de teoria da história. Bauru-SP: EDUSC, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos de Fronteira**: história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A necessária presença do outro, mas que outro? Reflexões acerca das relações entre história, memória e comemoração. In: CEBALLOS, Rodrigo; BEZERRA, Josineide Silva (Orgs.). **História, Memória e Comemorações**. Campina Grande-PB: EDUFPG, 2012a.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Os significados das pequenas coisas: história, prosopografia e biografemas. In: AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). **Grafia da Vida**: Reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012b.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Feira dos Mitos**: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste, 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE, José de. **Moral sexual**. Rio de Janeiro: Typo. Coelho, 1930.

ALEIXO, Ramon de Alcântara. A Construção do “novo Nordeste” no concerto do ensino superior: intelectuais, política e educação na URne. 2018. **Tese** (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

AMORIM, Agnello. **Espiando a vida**: crônicas. Campina Grande-PB: Editora e Gráfica Santa Fé, 1988.

ANDRADE, Moacir. **Vultos paraibanos**. Campina Grande-PB: RG Editora e Gráfica, 1998.

ARANHA, Gervácio Batista. Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1920). 2001. **Tese** (Doutorado em História) –

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba**: Imprensa e vida. Campina Grande-PB: Grafset, 1986.

ARAÚJO, Maria Paulo. **Memórias Estudantis**: da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação Roberto Marinho, 2007.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDINO, Tiago. Raymundo Asfora completa 30 anos de saudades para os paraibanos. **Jornal da Paraíba**, 06 mar. 2017. Disponível em: [http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida\\_urbana/raymundo-asfora-completa-30-anos-de-saudades-para-os-paraibanos.html](http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/raymundo-asfora-completa-30-anos-de-saudades-para-os-paraibanos.html)>. Acesso em: 06 jun. 2018.

BERSTEIN, Serge. Cultural política e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília [et al] (Orgs.). **Cultura Política**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011.

BORBA, Maria Auxiliadora Bezerra. **Campina Grande nos Meados do século XX**. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRESCIANI, Maria Stella; SEIXAS, Jacy A.; BREPOHL, Marion (Orgs.). **Razão e Paixão na Política**. Brasília: EDUnB, 2002.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada**: Campina Grande em imagens e histórias. Campina Grande-PB: EDUFPG, 2009.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto; EDUSP, 1988.

CARNEIRO, Renato César. **A Bagaceira eleitoral**: verba, verbo e populismo – A história do voto na Parahyba (Da “Revolução de 30” a 1965). João Pessoa: EDUFPG, 2011.

CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. O PCB Paraibano no imaginário Social: o caso Félix Araújo na fase de “Redemocratização” (1945-1953). 2006. **Dissertação** (Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Sociedade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1: Artes de fazer**. 13. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio M (Org.). **Por uma história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1994.

CHIOZZINI, Daniel F.; SCHWETER, Isis Sanfis; AQUINO, Mary Jones F. M. Impressos estudantis e redes de intelectuais: a formação de uma elite letrada nas cidades de Piracicaba e São Luís (1949-1958). In: VIEIRA, Carlos Eduardo; BOMTEMPI JÚNIOR, Bruno; OSINSKI, Dulce Regina B. (Orgs.). **História intelectual e educação: imprensa e esfera pública**. Jundiaí: Paco Editora, 2019.

COLEÇÃO MEMÓRIA SOCIAL. **Seminário Memória do Movimento Estudantil**. Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2005.

FARIAS, Juarez. Campina Grande, minha credora inesquecível. In: BORBA, Maria Auxiliadora Bezerra (Org.). **Campina Grande nos Meados do século XX**. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2008.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editora Humanitas, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In: BRESCIANE, Maria Stella; NAXARA, Márcia Regina (Org.). **Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. Da Academia ao bar: círculos intelectuais, cultura impressa e repercussões do modernismo em Campina Grande-PB. 2012. **Dissertação** (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB.

GOMES, Angela de Castro. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro; FGV, 2004.

GOMES, Angela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: BICALHO, Maria Fernanda B. [et al] (Orgs.). **Culturas políticas**: ensaios de história cultural, história políticas e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

GOMES, Angela de Castro. Jango e a República de 1945-64: da Republica Populista à Terceira República. In: SOIHET, Rachel [et al] (Orgs.). **Mitos, projetos e práticas políticas**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GONÇALVES, Evaldo. As cartas Mentem Jamais... In: BORBA, Maria Auxiliadora Bezerra (Org.). **Campina Grande nos Meados do século XX**. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2006.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: BICALHO, Maria Fernanda B. [et al] (Orgs.). **Culturas políticas**: ensaios de história cultural, história políticas e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

GUILHON, José Augusto A. **Movimento Estudantil e consciência social na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. Perrepistas e liberais disputam o poder em 1930. In: GURJÃO, Eliete de Queiroz; LIMA, Damião (Orgs.). **Estudando a História da Paraíba**. Campina Grande-PB: EDUEPB, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Vértice, 1990.

HEINZ, Flávio M. Elites rurais entre representação e política: exercício prosopográfico. In: **Por uma história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HILDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação brasileira**: leituras. São Paulo: Pioneira Thomson Leorninz, 2003.

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memórias de Histórias Femininas: memórias e experiências. **Cadernos Pagu**, Campinas-SP, n. 08/09,1997.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Rômulo Araújo. **Liberdade e radicalidade democrática em Félix Araújo**. Campina Grande-PB: Offset Marccone, 1992.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LUCAS, José Morais. Como surgiu a Faculdade de Medicina – FMCG. In: BORBA, Maria Auxiliadora Bezerra (Org). **Campina Grande nos Meados do século XX**. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2006.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. Introdução: pelos caminhos da Imprensa no Brasil. In: **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

MATTOS, André L. R. de Rossi. **Uma história da UNE (1945-1964)**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2014.

MELLO, José Baptista de. **Evolução do ensino na Paraíba**. 2. ed. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1956.

MELLO, José Octávio de Arruda. **Nos tempos de Félix Araújo**: Estado Novo, Guerra Mundial e Redemocratização (1937/47). João Pessoa: SEC-PB; IPHAEP, 2003.

MISCHE, A. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 05, 1997.

MONTENEGRO, José Benjamim. **Cabral visto de perto**. João Pessoa: A União, 2017.

MONTENEGRO, Rosilene Dias. História e Imaginário nos anos 1950, em Campina Grande. Simpósio Nacional de História, 22, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003. **Anais...** Disponível em: <<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/24-snh22>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **Culturas políticas na história**: novos estudos. Belo Horizonte: Fino Traço, 2009.

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos. A Geração Engajada: busca de espaços na velha estrutura de poder (um estudo sobre o Centro Estudantil Campinense, 1955-1960). 1990. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia Rural) – Centro de Humanidades, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande-PB.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, 1993.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio; BRANDALISE, Anna Carolina. Imprensa Periódica: “Malhadas e Remalhadas” de Raul Gomes em favor da educação e da cultura (1910-1970). In: VIEIRA, Carlos Eduardo; STRANG, Bernadette de Lourdes Streisky; OSINSKI, Dulce Regina B. (Orgs.). **História Intelectual e Educação**: trajetórias, impressos e eventos. Jundiá, Paco Editorial, 2015.

PEREIRA, Raquel. O Partido Comunista em Belo Horizonte: uma cartografia da luta política (1945-1947). In: MOTTA, Rodrigo P. S. (Org.). **Culturas políticas na História**: novos estudos. Belo Horizonte: Fino Traço, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade**: Visões Literárias do Urbano. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da Educação**: de Confúcio a Paulo Freire. São Paulo: Contexto, 2013.

RAMOS, Erica Lins. Da convivência ao despertar militante: o movimento universitário na cidade de Campina Grande/ PB (1964-1968). 2013. **Dissertação** (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

REIS, Giselle Volpato dos. Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920 – 1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque. 2006. **Dissertação** (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP.

RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE. **Raymundo Asfora**. 06 mar. 2018. Disponível em: < <http://cgretalhos.blogspot.com/2018/03/raymundo-asfora.html#.XkMB6GhKjIU>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

RIBEIRO, Ivanir. “Sem uniforme não entrar”: o uniforme escolar na Escola Técnica Federal de Santa Catarina (1962-1983). 2012. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral. Tecendo caminhos escriturísticos nas páginas da História: cartografia da escrita feminina na imprensa campinense (1950). 2010. **Monografia** (Graduação em História) – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB.

SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral. Entre Práticas e Representações: O Centro Estudantil Campinense como espaço de formação (1948-1964). 2015. **Dissertação** (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB.

SILVA, Iolanda Barbosa da. A construção do personagem político Ronaldo José da Cunha Lima. 2009. **Tese** (Doutorado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SILVA, Vivia de Melo. Por uma formação da juventude campinense: O Colégio “Gigantão da Prata” (1948-1962). 2014. **Tese** (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOUSA, Fabio G. R. B. **Territórios de confrontos**: Campina Grande, 1920-1945. Campina Grande-PB: EDUCG, 2006.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. Lazeres permitidos, Prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965). 2002. **Tese** (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SOUZA, Cristiane dos Santos; GELBCKE, Vanessa Raianna. Gazeta do povo e Diário da Tarde: Propagandas escolares como evidencia da modernidade pedagógica (1920). In: VIEIRA, Carlos Eduardo; BOMTEMPI JÚNIOR, Bruno; OSINSKI, Dulce Regina B. (Orgs.). **História intelectual e educação: imprensa e esfera pública**. Jundiaí: Paco Editora, 2019.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

SYLVESTRE, Josué. **Lutas de vida e de morte: fatos e personagens da História de Campina Grande (1945-1953)**. Brasília: Senado Federal, 1982.

SYLVESTRE, Josué. **Nacionalismo & Coronelismo: fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba (1954/1964)**. Brasília: Senado Federal; Centro Gráfico, 1988.

SYLVESTRE, Josué. **Da Revolução de 30 à queda do Estado Novo: fatos e personagens de Campina Grande e da Paraíba (1930-1945)**. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1993.

SYLVESTRE, Josué. **A trajetória interrompida de Félix Araújo**. João Pessoa: A União, 2004.

SYLVESTRE, Josué. **Meio século de vida pública sem mandado ou com? fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba (1950-2000)**. Campina Grande-PB: Latus, 2013.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (v. 03).

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: TABORDA, Marcus Aurélio (Org.). **Cinco estudos em história e historiografia da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá-PR, v. 08, n. 01, 2008.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Imprensa, educação e esfera pública: um estudo a partir dos jornais paraenses entre o final do século XIX e primeiro quartel do século XX. In: VIEIRA, Carlos Eduardo; BOMTEMPI JÚNIOR, Bruno; OSINSKI, Dulce Regina B. (Orgs.). **História intelectual e educação: imprensa e esfera pública**. Jundiaí: Paco Editora, 2019.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

## FONTES

### *Jornais*

A.E.C. (1937)  
 Evolução (1958-1959)  
 Formação (1936-1967)  
 Gazeta Campinense (1960-1961)  
 Jornal de Campina (1952-1953)  
 Jornal do Estudante (1953)  
 O Collegial (1935-1936)  
 O Globo (1952)  
 O Grêmio (1956)  
 O Líder (1963)  
 O Momento (1950)  
 O Rebate (1949-1951)  
 O Semanário Oficial (1954-1959)  
 Tribuna do Estudante (1951-1953)  
 Voz da Borborema (1938)

### *Entrevistas em ordem alfabética*

**Agnelo Amorim**, entrevista concedida à autora em: 02 dez. 2013.  
**Evaldo Gonçalves**, entrevista concedida à autora em: 11 ago. 2017.  
**José Lucas Filho**, entrevista concedida à autora em: 17 mar. 2014.  
**José Moraes Lucas**, entrevista concedida à autora em: 06 mai. 2014.  
**Juarez Farias**, entrevista concedida à autora em: 01 mar. 2018.  
**Léa Amorim**, entrevista concedida à autora em: 10 abr. 2014.  
**Maria Auxiliadora Bezerra Borba**, entrevista concedida à autora em: 21 mai. 2014.  
**Valda Freire**, entrevista concedida à autora em: 14 mai. 2014.

### *Sites Consultados*

[<http://uece.br/>](http://uece.br/)  
[<www.cicdamas.com.br>](http://www.cicdamas.com.br)  
[<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bento\\_Figueiredo>](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bento_Figueiredo)  
[<http://cpdoc.fvg.br>](http://cpdoc.fvg.br)  
[<www.mundoeducacao.com.br>](http://www.mundoeducacao.com.br)  
[<www.e-biografias.net>](http://www.e-biografias.net)  
[<www.paraibaonline.com.br>](http://www.paraibaonline.com.br)  
[<http://cgretalhos.blogspot.com.br>](http://cgretalhos.blogspot.com.br)  
[<http://aplpb.com.br>](http://aplpb.com.br)

### ***Outros documentos***

BORBA, Maria Auxiliadora Bezerra. [Carta]. Destinatário: José Moraes Lucas. João Pessoa, 03 ago. 2012.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 dez. 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília-DF.

CAMPINA GRANDE. **Decreto nº 109/1949**, autorizado pelo Prefeito Elpídio de Almeida concedendo verbas aos centristas: “Aumento da subvenção concedida ao Centro Estudantal Campinense”. Campina Grande, 1949a.

CAMPINA GRANDE. **Decreto nº 118/1949**, regulamentando a concessão de bolsas de estudo, na gestão do prefeito Elpídio de Almeida. Campina Grande, 1949b.

CAMPINA GRANDE. **Decreto nº 158/1950**, autorizado pelo Prefeito Elpídio de Almeida concedendo verbas aos centristas: “custeio das despesas da Delegação do Centro Estudantal Campinense ao Congresso Nacional de Estudantes realizado em São Paulo”. Campina Grande, 1950.

CAMPINA GRANDE. **Leis e Decretos de 1951**. Campina Grande, 1951.

GONÇALVES, Evaldo. **O Centro Estudantal Campinense**. Paraíba Online, 03 set. 2017. Disponível em: <<https://paraibaonline.com.br/colunistas/centro-estudantal-campinense/>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

LEMOS, Plínio. **AINDA PELA VERDADE**. s/l: 1955. (Livro-documentário).

LUCAS, José Moraes. **Tributo ao poeta Ronaldo Cunha Lima**. Paraíba Online, 05 mai. 2014. Disponível em: <<https://paraibaonline.com.br/colunista/morais/757-tributo-ao-poeta-ronaldo.html>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

### ***Instituições de Pesquisa***

Arquivo Biblioteca Átila Almeida (Universidade Estadual da Paraíba/Campus I)  
Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB

# **ANEXOS**

**Anexo 01** – Carteirinha de estudante emitida pelo CEC no ano de 1967  
 Fonte: Arquivo pessoal de José Edmilson Rodrigues



**Anexo 02 – Certificado emitido pelo CEC no ano de 1967**

Fonte: Arquivo pessoal de José Edmilson Rodrigues

**CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE**  
**SECRETARIA DE CULTURA**

Certificamos que o Sr. JOSE UMBELINO BRASIL

frequentou o Curso Intensivo de

C I N E M A

Ministrado pelo Prof. DORIVAN DE ARAUJO MARINHO

realizado no período de 15 DE ABRIL a 7 DE MAIO DE 1967.

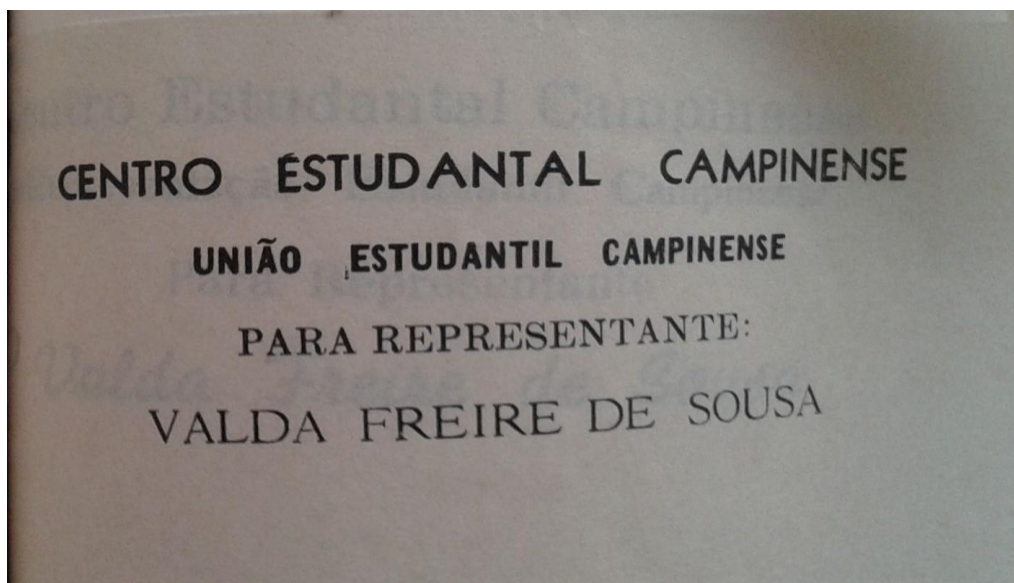
promovido pelo Centro Estudantal Campinense, em colaboração com o Departamento de Fiscalização.

  
Presidente do C. E. C.

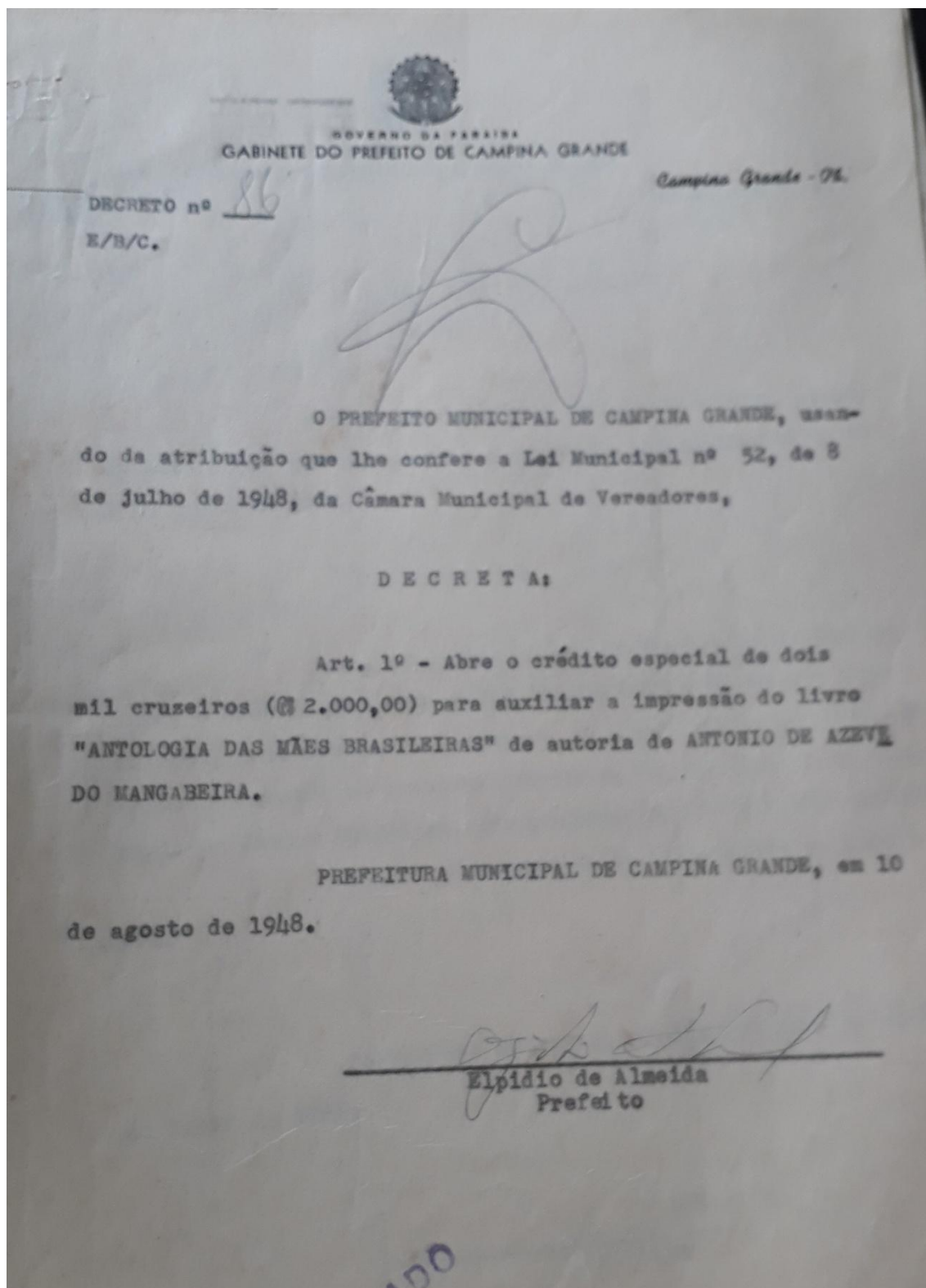
  
Diretor do Dep. Fiscalização

**Anexo 03** – “Santinho” eleitoral da candidatura de Valda Freire, concorrendo ao cargo de representante do CEC, nas eleições estudantis do ano de 1955.

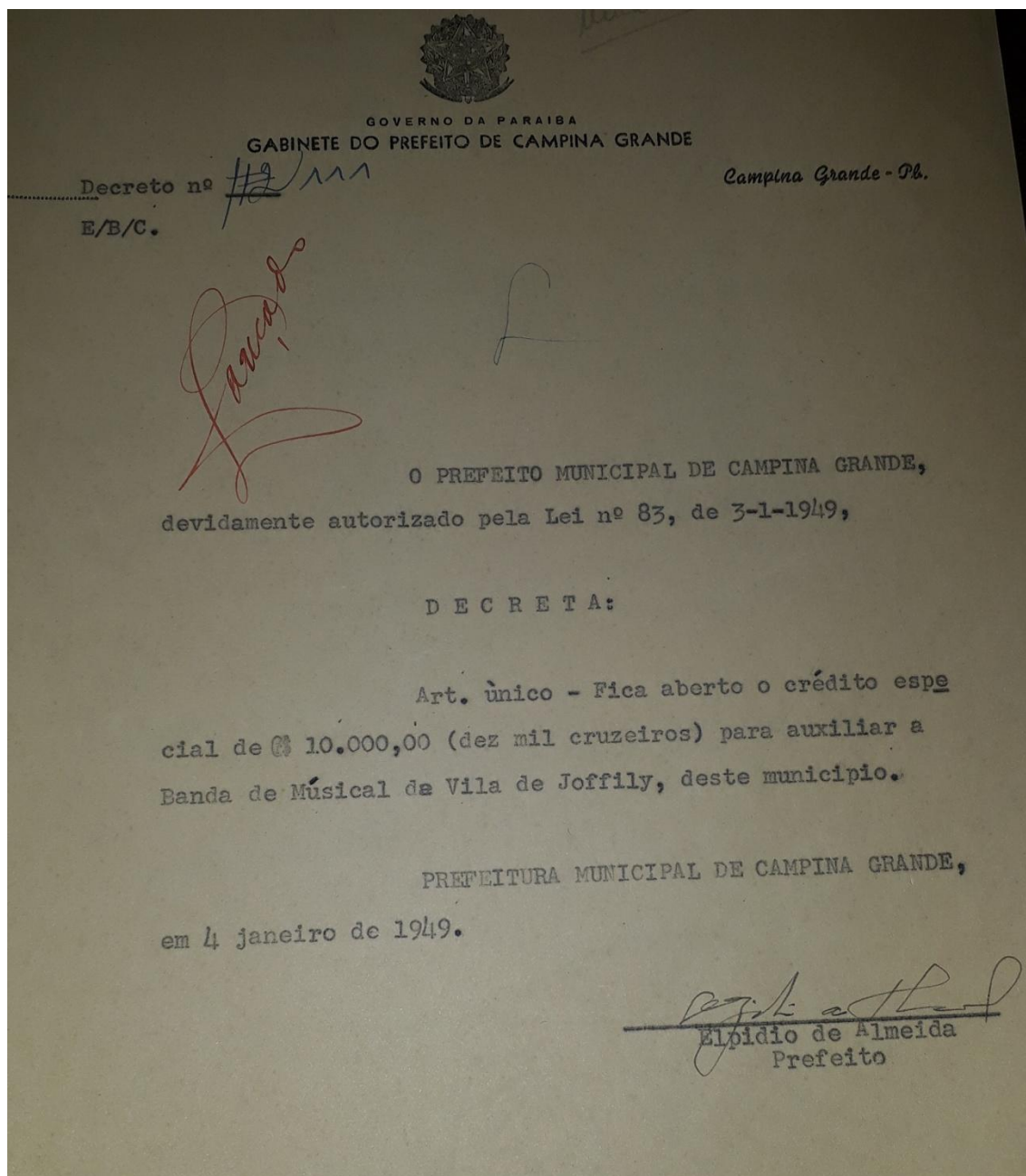
Fonte: Arquivo pessoal Valda Freire.



**Anexo 04** – Decreto nº 86/1948: auxílio à impressão do livro *Antologia das mães brasileiras*  
Fonte: Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB



**Anexo 05** – Decreto nº 112/1949: auxílio para a banda musical da Vila Joffily  
Fonte: Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB

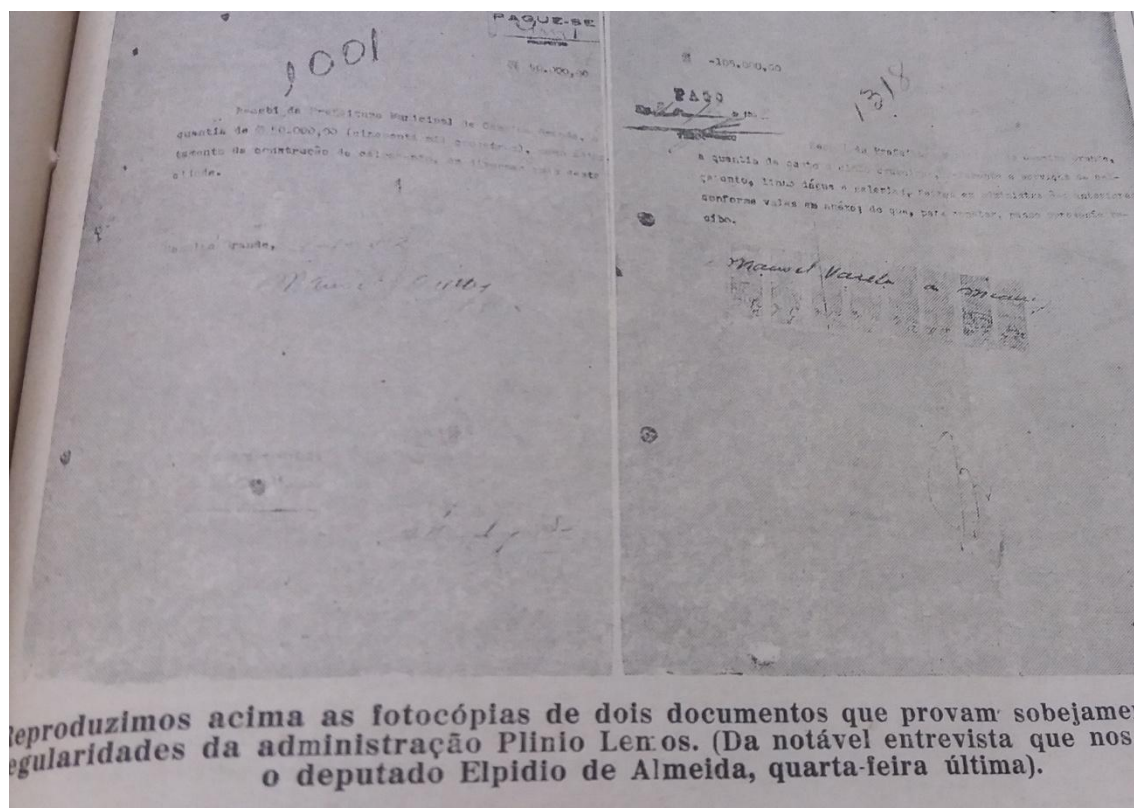


**Anexo 06** – Carteirinha de estudante emitida pelo CEC  
 Fonte: Arquivo pessoal de José Lucas Filho e José Morais Lucas



**Anexo 07** – Fotocópias de documentos que comprovariam as irregularidades da administração do prefeito Plínio Lemos

Fonte: *Jornal de Campina*, 21 jun. 1953 / Arquivo Museu Municipal de Campina Grande-PB



**Anexo 08** – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS.

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** ATUAÇÃO DO CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE: MOVIMENTO ESTUDANTIL, PROJETOS EDUCACIONAIS E CULTURAS POLÍTICAS EM CAMPINA GRANDE/PB (1945-1964)

**Pesquisador:** AJANAYR MICHELLY SOBRAL SANTANA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 28167119.9.0000.5188

**Instituição Proponente:** Universidade Federal da Paraíba

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.889.152

**Apresentação do Projeto:**

bem apresentado tornando-se um estudo que caminha entre as áreas das ciências sociais tendo como ancora maior a história.

**Objetivo da Pesquisa:**

coerente a proposta de trabalho apresentada

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

inerentes a pesquisa dessa natureza

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

manter-se na imparcialidade será um dos desafios do pesquisador "oficializar" a história sem apelações de qualquer natureza

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

atende as exigências institucionais

**Recomendações:**

nenhuma

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

nenhuma

**Endereço:** UNIVERSITARIO S/N

**Bairro:** CASTELO BRANCO

**CEP:** 58.051-900

**UF:** PB

**Município:** JOAO PESSOA

**Telefone:** (83)3216-7791

**Fax:** (83)3216-7791

**E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**Anexo 9:** Termos de consentimento livre esclarecido e carta de concessão à utilização de entrevistas para pesquisa acadêmica.

Fonte: pesquisas no Mestrado e Doutorado.

Universidade Federal de Campina Grande  
PPGH-Programa de Pós-Graduação em História

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### ESTUDO: "A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO POLÍTICA NO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM CAMPINA GRANDE (1950)"

*Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.*

Eu, JOSE MORRIS WOS, portador da Cédula de identidade, RG 479051, e inscrito no CPF 08.248.673-91, nascido(a) em 25/06/1944, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo historiográfico "A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO POLÍTICA NO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM CAMPINA GRANDE (1950)".

Declaro que obtive todas as informações necessárias,

bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O estudo se faz necessário para que possam ser elaborados relatos históricos sobre o Centro Estudantil Campinense, contextualizando-a junto ao Movimento Estudantil atuante em Campina Grande.
- II) Serão gravados depoimentos em áudio, de antigos estudantes e diretores dos jornais estudantis, assim como de redatores e jornalistas que contribuirão com estes jornais e outros;
- III) Essa (s) entrevistas(s) serão feitas apenas para uso acadêmico, sem fins lucrativos;
- IV) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- V) A exposição do meu nome no trabalho científico depende da minha aprovação;

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### ESTUDO: A participação feminina no Centro Estudantal Campinense como espaço de atuação política no Movimento Estudantil em Campina Grande (1935-1964)

*Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.*

Eu, JOSUÉ SYLVESTRE DA SILVA, portador da Cédula de identidade, RG 3133546-RJ, e inscrito no CPF/MF 005.309.804-87, nascido(a) em 16/10/1937, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo historiográfico: "A participação Feminina no Centro Estudantal Campinense como espaço de atuação política no Movimento Estudantil em Campina Grande (1935-1964)". Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O estudo se faz necessário para que possam ser elaborados relatos históricos sobre o Centro Estudantal Campinense, contextualizando-a junto ao Movimento Estudantil atuante em Campina Grande;
- II) Serão gravados depoimentos em áudio, de antigos estudantes e diretores de jornais estudantis, assim como de redatores e jornalistas que contribuirão para estes jornais;
- III) Essa (s) entrevista (s) serão feitas apenas para uso acadêmico, sem fins lucrativos;
- IV) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- V) A exposição do meu nome no trabalho científico depende da minha aprovação;

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### ESTUDO: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO POLÍTICA NO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM CAMPINA GRANDE (1950)

*Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.*

Eu, Lea Amorim, portador da Cédula de  
identidade, RG 207.853, e inscrito no CPF/MF 276.466.174 nascido(a) em  
16 / 04 / 1941, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em  
participar como voluntário(a) do estudo historiográfico “A PARTICIPAÇÃO FEMININA  
NO CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO  
POLÍTICA NO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM CAMPINA GRANDE (1950)”  
. Declaro que obtive todas as informações necessárias,  
bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O estudo se faz necessário para que possam ser elaborados relatos históricos sobre o Centro Estudantal Campinense, contextualizando-a junto ao Movimento Estudantil atuante em Campina Grande.
- II) Serão gravados depoimentos em áudio, de antigos estudantes e diretores dos jornais estudantis, assim como de redatores e jornalistas que contribuirão com estes jornais e outros;
- III) Essa (s) entrevistas(s) serão feitas apenas para uso acadêmico, sem fins lucrativos;
- IV) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- V) A exposição do meu nome no trabalho científico depende da minha aprovação;

Universidade Federal de Campina Grande  
PPGH-Programa de Pós-Graduação em História

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### ESTUDO: "A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO POLÍTICA NO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM CAMPINA GRANDE (1950)"

*Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.*

Eu, Valda de Souza Baptista, portador da Cédula de identidade, RG \_\_\_\_\_, e inscrito no CPF \_\_\_\_\_, nascido(a) em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo historiográfico "A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO CENTRO ESTUDANTAL CAMPINENSE COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO POLÍTICA NO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM CAMPINA GRANDE (1950)".

Declaro que obtive todas as informações necessárias,

bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O estudo se faz necessário para que possam ser elaborados relatos históricos sobre o Centro Estudantil Campinense, contextualizando-a junto ao Movimento Estudantil atuante em Campina Grande.
- II) Serão gravados depoimentos em áudio, de antigos estudantes e diretores dos jornais estudantis, assim como de redatores e jornalistas que contribuirão com estes jornais e outros;
- III) Essa (s) entrevistas(s) serão feitas apenas para uso acadêmico, sem fins lucrativos;
- IV) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- V) A exposição do meu nome no trabalho científico depende da minha aprovação;



Programa de Pós-Graduação em Educação



Carta de Concessão à utilização de entrevista para pesquisa acadêmica

Eu, Evaldo Guedes do Gus, brasileiro,  
residente a rua Antônio Barreto, 122,  
concedo a Ajanayr Michelly Sobral Santana, a utilização da entrevista para a pesquisa de  
doutoramento desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Educação pela  
Universidade Federal da Paraíba; sobre o Centro Estudantil Campinense no período de  
1935-1964.

Ciente que a entrevista será publicada no estudo acima mencionado,  
eu [assinatura], autorizo a plena divulgação da  
mesma.

A entrevista foi realizada no dia 11.08.17, e gravada no suporte digital  
gravador Mp3.

5-Verm, 11.08.17, PB  
[assinatura]



Programa de Pós-Graduação em Educação



Carta de Concessão à utilização de entrevista para pesquisa acadêmica

Eu, ANTONIO SUAREZ FARIAS, brasileiro, professor,  
residente a rua Deodoro F. 231 - B. 1101 - São João - PB,  
concedo a Ajanayr Michelly Sobral Santana, a utilização da entrevista para a pesquisa de  
doutoramento desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Educação pela  
Universidade Federal da Paraíba; sobre o Centro Estudantil Campinense no período de  
1935-1964.

Ciente que a entrevista será publicada no estudo acima mencionado,  
eu SUAREZ FARIAS, autorizo a plena divulgação da  
mesma.

A entrevista foi realizada no dia 10/03/15, e gravada no suporte digital  
gravador Mp3.

A. Farias, PB 10/03/2018.